

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

EDUARDO POMPERMAYER

**PROJETO TERTÚLIA MESTRE: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL NAS ESCOLAS**

**CAXIAS DO SUL
2021**

EDUARDO POMPERMAYER

**PROJETO TERTÚLIA MESTRE: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL NAS ESCOLAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador Prof. Dr. Roberto Radünz

Coorientador: Prof. Dr. Gelson Leonardo Rech

**CAXIAS DO SUL
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

P788p Pompermayer, Eduardo

Projeto Tertúlia Mestre [recurso eletrônico] : uma proposta para o ensino de história do Rio Grande do Sul nas escolas / Eduardo Pompermayer. – 2021.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

Orientação: Roberto Radünz.

Coorientação: Gelson Leonardo Rech.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. História - Estudo e ensino. 2. História - Rio Grande do Sul. 3. Aprendizagem. 4. Cultura - Rio Grande do Sul. I. Radünz, Roberto, orient. II. Rech, Gelson Leonardo, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

PROJETO TERTÚLIA MESTRE: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL NAS ESCOLAS

Eduardo Pompermayer

Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 8 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Gelson Leonardo Rech
Universidade de Caxias do Sul

Dr. José Martinho Rodrigues Remedi
Universidade Federal de Santa Maria

Dra. Terciane Angela Luchese
Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe, Cecília Camerin Pompermayer, ao meu pai, Celito Pompermayer e à minha esposa Larissa Bettoni, que sempre estiveram ao meu lado me auxiliando em todos os momentos ao longo deste curso de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por todas as conquistas que têm me permitido!

Um agradecimento especial ao professor orientador, Dr. Roberto Radünz, por ajudar em um trabalho que era desacreditado no seu início, oferecendo o caminho para o aprimoramento e por aceitar o desafio de orientar mesmo com tantas dificuldades que foram postas, principalmente nesse momento de pandemia e de distanciamento social.

Às professoras, Dra. Eliana Gasparini Xerri e Dra. Terciane Angela Luchese, pelas orientações após a apresentação da qualificação deste Mestrado, as quais foram muito úteis para dar andamento ao estudo como um todo; e ao professor coorientador, Dr. Gelson Leonardo Rech e ao professor, Dr. José Martinho Rodrigues Remedi pelas contribuições para o fechamento e versão final deste estudo.

Aos demais professores do Curso de Mestrado, o meu agradecimento pelos ensinamentos no decorrer do curso.

À Escola Mestre Santa Bárbara, que por muitos anos tem sido a minha segunda casa, pela oportunidade de desenvolver o estudo com ênfase ao Projeto Tertúlia Mestre, e tudo que envolve esse Projeto.

Agradeço especialmente a todos os alunos que eu tive o privilégio de orientar e, também, ser o conselheiro nesses anos de Projeto Tertúlia Mestre, com certeza sem o esforço desses alunos, nada disso seria possível.

Muito obrigado!

“O conhecimento humano é construído; a aprendizagem significativa subjaz essa construção”.

Joseph Donald Novak

RESUMO

O tema do estudo está relacionado ao ‘Projeto Tertúlia Mestre (PTM)’ que é desenvolvido na Escola Mestre Santa Bárbara. A realização do PTM se justifica, pois tem a finalidade de acolher o ensino da História do Rio Grande do Sul no planejamento da referida Escola como uma proposta de pesquisa histórica, no entendimento da construção da cultura e da identidade do Rio Grande do Sul; e na montagem das apresentações das coreografias, o que o torna um projeto interdisciplinar, pois alia a história, a literatura, a música e a dança. O objetivo do estudo, requisito final para a obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), foi analisar os trabalhos de pesquisa elaborados pelas turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara e que foram apresentados no evento para o Projeto Tertúlia Mestre, realizado no ano de 2016. Para atender ao objetivo foi desenvolvida inicialmente, a fundamentação teórica construindo conceitos de identidade sul-rio-grandense, memória e mito; o gaúcho e a sua resignificação; a invenção das tradições; o tradicionalismo e a cultura sul-rio-grandense; a qualificação do ensino de História; e a aprendizagem significativa. O ambiente da pesquisa foi a Escola Mestre Santa Bárbara, localizada no município de Bento Gonçalves/RS, que comporta mais de mil alunos nos três turnos. Foi identificado que o PTM foi criado no ano de 2014 e sofreu algumas modificações no ano de 2015 e é realizado a partir de março a outubro com as turmas de alunos do Ensino Médio, nas faixas etárias entre 14 a 19 anos. As atividades do PTM ocorrem tanto em sala de aula como também fora dela incentivando uma maior participação dos alunos nas pesquisas e nas apresentações das coreografias nos eventos e, também, acaba por despertar a atenção da comunidade local. Na análise do PTM de 2016 foi identificado que o grande problema está na pesquisa do material, sendo que 60% das fontes são consultadas pelos alunos em *sites* de cunho não científico e/ou historiográfico, os quais reforçam o senso comum e a memória coletiva, dentre outros aspectos. Em função disso, foi proposta a criação de um ‘Roteiro’ envolvendo os eixos temáticos centrais referentes à História do Rio Grande do Sul, intitulado **‘Roteiro para Estudos da História do Rio Grande do Sul’**.

Palavras-chave: Identidade Sul-Rio-Grandense. Ensino da História. Aprendizagem Significativa. ‘Projeto Tertúlia Mestre’.

ABSTRACT

The theme of the study is related to the 'Master Tertúlia Project (PTM)' which is developed at Escola Mestre Santa Bárbara. The realization of the PTM is justified, as it is intended to include the teaching of the History of Rio Grande do Sul in the planning of that School as a proposal for historical research, in the understanding of the construction of culture and identity in Rio Grande do Sul; and in the assembly of the performances of the choreographies, which makes it an interdisciplinary project, as it combines history, literature, music and dance. The objective of the study, the final requirement for obtaining the title of Master in History in the Postgraduate Program in History at the Universidade de Caxias do Sul (UCS), was to analyze the research papers prepared by high school classes at Escola Mestre Santa Bárbara and who were presented at the event for the Project Tertúlia Mestre, held in 2016. To meet the objective, the theoretical foundation was initially developed, building concepts of identity from Rio Grande do Sul, memory and myth; the gaucho and its resignification; the invention of traditions; the traditionalism and culture of Rio Grande do Sul; the qualification of the teaching of History; and meaningful learning. The research environment was the Escola Mestre Santa Bárbara, located in the municipality of Bento Gonçalves/RS, which holds more than a thousand students in the three shifts. It was identified that the PTM was created in 2014 and underwent some changes in 2015 and is held from March to October with classes of high school students, aged between 14 and 19 years. PTM activities take place both in the classroom and outside it, encouraging greater student participation in research and in the presentations of choreographies at events and also ends up attracting the attention of the local community. In the analysis of the 2016 PTM, it was identified that the major problem lies in the research of the material, with 60% of the sources being consulted by students on non-scientific and/or historiographical websites, which reinforce common sense and collective memory, among other aspects. As a result, the creation of a 'Roadmap' was proposed, involving the central thematic axes relating to the History of Rio Grande do Sul, entitled Roadmap for Studies in the History of Rio Grande do Sul'.

Keywords: Sul-Rio-Grandense Identity. History Teaching. Meaningful Learning. 'Projeto Tertúlia Mestre'.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da Escola Mestre Santa Bárbara.....	42
Figura 2 – Fluxograma das etapas do PTM.....	44
Figura 3 –Coreografia da Guerra Guaranítica	46
Figura 4 – Fontes de pesquisa utilizadas (%)	76
Figura 5 – Capa ilustrativa sugerida ao ‘Roteiro Proposto’	82
Figura 6 – Capa interna sugerida ao ‘Roteiro Proposto’	83
Figura 7 – Lista das ilustrações do ‘Roteiro Proposto’	84
Figura 8 – Lista de siglas do ‘Roteiro Proposto’	85
Figura 9 – Sumário sugerido ao ‘Roteiro Proposto’	86
Figura 10 – Introdução do ‘Roteiro Proposto’	86
Figura 11 – Características gerais do Rio Grande do Sul.....	88
Figura 12 – Capítulo 1 – Ocupação e Formação da População.....	91
Figura 13 – Capítulo 2 – Representações do Gaúcho.....	116
Figura 14 – Capítulo 3 – As Guerras no Território Gaúcho	128
Figura 15 – Capítulo 4 – Cultura Sul-Rio-Grandense	142
Figura 16 – Capítulo 5 – Temáticas Locais	163
Figura 17 – Lista das referências do ‘Roteiro Proposto’	168
Figura 18 –Projeto Tertúlia Mestre – Anexo A.....	193
Figura 19 – Linha do tempo da formação do Rio Grande do Sul: Anexo B	195
Figura 20 – Símbolos cívicos do Rio Grande do Sul – Anexo C	199
Figura 21 – Contracapa do ‘Roteiro Proposto’	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma dos eventos do PTM	49
Quadro 2 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2017	51
Quadro 3 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2016	52
Quadro 4 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2015	52
Quadro 5 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2014	53
Quadro 6 – Trabalhos das turmas Evento Tertúlia Mestre 2016	73
Quadro 7 – Sugestão dos Eixos Temáticos centrais e composição/temas	78
Quadro 8 – Composição do ‘Roteiro Proposto’	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Eixos temáticos dos últimos anos de evento.....	53
Tabela 2 – Temas e eixos temáticos do Evento Tertúlia Mestre 2016.....	54
Tabela 3 – Eixos temáticos e incidência no Evento Tertúlia Mestre 2016	55
Tabela 4 – Fontes de pesquisa utilizadas	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENART	Encontro de Artes e Tradição Gaúcha
FEGART	Festival Gaúcho de Arte e Tradição
FEPAM	Fundação Estadual de Proteção Ambiental
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAVIN	Instituto Brasileiro do Vinho
M	Manhã
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
N	Noite
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Plano Político Pedagógico
PTM	Projeto Tertúlia Mestre
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RS	Rio Grande do Sul
SEMA	Secretaria Estadual do Meio Ambiente
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNB	Universidade de Brasília
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CONSTRUINDO CONCEITOS E IDENTIDADE SUL-RIO-GRANDENSE..	20
2.1	MEMÓRIA E SEUS SIGNIFICADOS	22
2.2	MITO	25
2.3	O GAÚCHO E SUA RESSIGNIFICAÇÃO	27
2.4	INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES	32
2.5	TRADICIONALISMO E CULTURA SUL-RIO-GRANDENSE	34
2.6	APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O ENSINO DE HISTÓRIA	38
3	METODOLOGIA E DIRETRIZES DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE	42
3.1	AMBIENTE DA PESQUISA	42
3.2	CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE.....	43
3.3	DIRETRIZES DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE	47
3.3.1	Trabalho escrito	47
3.3.2	Apresentação do trabalho escrito.....	48
3.3.3	Catologação e distribuição.....	48
3.3.4	Criação e apresentação das coreografias e figurinos	49
3.3.5	Cronograma dos eventos do PTM.....	49
4	ANÁLISE DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE	51
4.1	TEMAS DOS EVENTOS TERTÚLIA MESTRE DE 2014 A 2017.....	51
4.2	TEMAS DOS TRABALHOS ESCRITOS: EVENTO TERTÚLIA MESTRE 2016 .	54
4.2.1	Eixo temático: escravidão	56
4.2.2	Eixo temático: Revolta Farroupilha	58
4.2.3	Eixo temático: tropeiros.....	60
4.2.4	Eixo temático: atividade econômica.....	62
4.2.5	Eixo temático: dança e música	63
4.2.6	Eixo temático: guerras	64
4.2.7	Eixo temático: imigrações.....	65
4.2.8	Eixo temático: temáticas locais	66
4.2.9	Eixo temático: costumes.....	68
4.2.10	Eixo temático: gaúcho primitivo	68

4.2.11	Eixo temático: literatura gaúcha.....	69
4.2.12	Eixo temático: povos indígenas	71
4.2.13	Eixo temático: tradicionalismo.....	71
4.3	DEPOIMENTOS DE ALUNOS SOBRE O PTM	76
5	PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE .	78
5.1	ETAPAS PROPOSTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS EVENTOS DO PTM	80
5.1.1	Capa ilustrativa	81
5.1.2	Capa interna	83
5.1.3	Listas e sumário	83
5.1.4	Introdução do ‘Roteiro Proposto’	86
5.1.5	Características gerais e mapa do Rio Grande do Sul.....	88
5.1.6	Eixos temáticos propostos ao ‘Roteiro Proposto’	90
5.1.6.1	Eixo temático: ocupação e formação da população	90
5.1.6.2	Eixo temático: representações do gaúcho	115
5.1.6.3	Eixo temático: as guerras no território gaúcho.....	128
5.1.6.4	Eixo temático: cultura sul-rio-grandense	141
5.1.6.5	Eixo temático: temáticas locais	163
5.1.7	Lista das referências utilizadas no ‘Roteiro Proposto’	168
5.1.8	Projeto Tertúlia Mestre: Anexo A	192
5.1.9	Linha do tempo da formação do Rio Grande do Sul: Anexo B.....	194
5.1.10	Símbolos cívicos do Rio Grande do Sul – Anexo C	198
5.1.11	Contracapa do ‘Roteiro Proposto’	202
5.2	DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ‘ROTEIRO PROPOSTO’	203
6	CONSIDERAÇÕES FINAISe.....	205
	REFERÊNCIAS	207
	ANEXO A - CERIMONIAL DO EVENTO TERTÚLIA MESTRE 2016.....	212
	ANEXO B – DEPOIMENTOS SOBRE O PROJETO TERTÚLIA MESTRE	224

1 INTRODUÇÃO

O estudo ambiciona realizar uma análise do Projeto Tertúlia Mestre (PTM), criado em 2014, na Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Santa Bárbara, que pertence ao município de Bento Gonçalves, situado no Estado do Rio Grande do Sul (RS). A proposta é guiada pelos princípios da denominada aprendizagem significativa.

No entendimento de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), para que ocorra a aprendizagem significativa, é necessário partir daquilo que o aluno já sabe, para que o conhecimento possa ser modificado e assimilado. Os autores afirmam ainda que, os professores devem possibilitar situações didáticas com a finalidade de descobrir tais conhecimentos para utilizá-los como ponto de partida (AUSUBEL; NOVAK, HANESIAN, 1980).

Seffner (2013) acrescenta que, a aprendizagem significativa em História tem por finalidade modificar, de alguma maneira, as impressões e as ideias que os alunos possuem em relação à situação presente. O autor exemplifica que, não há probabilidades de aprendizagem significativa se os professores ficarem limitados a disponibilizar somente um único livro didático, mesmo que se apresente como de qualidade, pois decisivamente será passada a ideia para os alunos de que toda a história estará contida somente naquele livro (SEFFNER, 2013).

Ao empregar o conhecimento prévio dos alunos sobre o processo histórico da Região Sul do Brasil, é importante iniciar a discussão do tema por meio de aulas e de palestras, por exemplo, sobre a história do Rio Grande do Sul e, também, sobre o processo de formação da cultura e a construção do ‘mito’ do gaúcho, ênfases deste estudo. Para mais tarde, por meio de pesquisas e de apresentações teóricas e artísticas de temas relacionados à história e à cultura do gaúcho, propostas pelo Projeto da Escola Mestre Santa Bárbara, os alunos possam envolver-se de forma mais profunda e participativa com o tema, construindo novos aprendizados.

No cenário do ensino de História parece oportuno um contexto que encoraje os alunos a serem mais participativos. O entusiasmo e a vontade dos alunos de participarem de um Projeto com apresentações frente a toda a comunidade escolar, aumenta a qualidade das discussões e, conseqüentemente, a possibilidade de acontecer a aprendizagem significativa.

O objetivo de estimular a participação consiste em comprometer todos os alunos, mantendo a comunicação uns com os outros acerca do tema e ajudá-los a desenvolverem os conceitos para um bom aprendizado. Esse aprendizado poderá auxiliar no processo de desconstrução do culto aos mitos históricos, o que não parece fácil de ser realizado. Esses mitos se perpetuam em livros e em uma boa parte da sociedade e isso pode ser um grande obstáculo pedagógico.

No entendimento de Bachelard (1996, p. 18), “[...] aquilo que cremos saber ofusca o que deveríamos saber”. Assim, Zorzan (2006) complementa afirmando que, os obstáculos podem ser compreendidos como resíduos de conceitos anteriores que impedem as mudanças de antigos conceitos importantes em um passado para os novos conhecimentos.

Por sua vez, os mitos presentes na sociedade apresentam-se com elementos e características, aparentemente, semelhantes e repetidos. Alguns conhecimentos históricos são esquecidos de modo a garantir certa figura idealizada sobre o acontecimento e o seu desenvolvimento e; outros detalhes ganham papel fundamental na constituição desses mitos. Esses detalhes são os que envolvem certos tipos de sentimentos e emoções pessoais.

Desse modo, essas histórias apresentadas de forma a destacar fortemente os aspectos tidos como positivos, que normalmente são os que correspondem aos conhecimentos epistemológico e científico atuais, muitos conhecimentos históricos tendem a ser deixados de lado. Eliade (1989), ao abordar, por exemplo, sobre os mitos religiosos da antiguidade, entende que o mito guarda uma estrutura simbólica, cuja função é revelar os modelos exemplares, localizados em um tempo primordial e não deveriam ser percebidos como indesejáveis, já que estão profundamente enraizados na memória coletiva.

Eliade (1989) acrescenta que, o mito pode ser reinterpretado e seu significado somente será decifrado conforme o contexto histórico, pois depende de como é reinterpretado em cada nova geração. Assim, cabe aos educadores, que carregam a função de tornar o aluno cada vez mais curioso, crítico e questionador, mostrar como e por que foram formados os mitos e de que maneira eles se tornaram presentes na memória coletiva.

No que se refere ao ensino de História do Rio Grande do Sul, é possível perceber rapidamente a carência do seu estudo nas escolas e nos currículos dos Ensinos Fundamental e Médio no Estado gaúcho. Normalmente, o ensino está enfatizado nos conteúdos de História global a nacional, mas, às vezes, é esquecida aquela que está mais próxima dos alunos: o ensino da História do Estado do Rio Grande do Sul, ou seja, o ensino da história local.

Assim sendo, pensando em uma aula de História tem-se o objetivo de aproximar os alunos do seu meio, de sua cultura e de transformá-los em cidadãos atuantes também na sociedade local. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da História está expressivamente relacionado com a memória e tem como compromisso fazer com que a próxima geração não esqueça o seu passado e as suas origens, e que venha comprometer a construção de sua identidade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003).

É indispensável citar que a memória é entendida como a capacidade humana de conservação do passado e das experiências vividas. Devido a isso, conforme ressalta Le Goff

(2003, p. 419), a memória “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Logo, o estudo da memória ganha cada vez mais importância quando o passado parece cada vez mais distante do presente, ou seja, quando as pessoas não mais identificam a sua herança, devido à perda dos antigos padrões de relacionamento social e à desintegração dos antigos laços entre as gerações.

No entendimento de Zalla (2018a, p. 30), a memória histórica que é caracterizada como uma “[...] memória pública de fatos, episódios e personagens construídos como históricos, se distingue de noções mais espontâneas de memória social devido à sua condição de objeto coletivo de investimentos políticos”. O autor complementa afirmando que “A memória histórica é, portanto, um segmento da memória nacional, mesmo que produzida para uma escala menor, como a região” (ZALLA, 2018b, p. 31). Delgado (2010, p. 16) acrescenta que “No processar da memória estão presentes as dimensões do tempo individual (vida privada – roteiro biográfico) e do tempo coletivo (social, nacional, internacional)”.

Pollak (1989, p. 9) ressalta que, a relação do homem com o passado, em meio aos conflitos entre a dimensão individual e a dimensão coletiva da memória, é de que a memória individual se produz na interação com o coletivo. Para o autor, a memória é uma “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. Na concepção de Le Goff (2003, p. 466), “[...] a questão mais relevante em relação à memória são os mecanismos para a sua preservação”. Para o autor, a memória passou a ligar-se menos aos acontecimentos históricos e mais aos comportamentos, mentalidades, imagens, ritos e festas (POLLAK, 1989).

Outro conceito citado no PCN, quanto ao ensino de História, é a construção das identidades individual e social, construção essa que está diretamente ligada à memória (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003), já que, segundo Pollak (1992), a identidade e a memória apresentam uma estreita relação. É a partir desses conceitos que se pretende analisar o Projeto que é desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Santa Bárbara, denominado ‘Tertúlia Mestre’.

O Projeto Tertúlia Mestre (PTM) foi criado no ano de 2014 com a intenção inicial de participar dos festejos farroupilha e mediante os objetivos de estimular o trabalho em equipe; estreitar os vínculos entre a direção da escola, professores e os alunos e; proporcionar as atividades de expressão corporal. Além de incentivar os estudantes a planejar e dividir as tarefas, aprender a argumentar, ouvir a opinião dos outros, respeitar e ser tolerante. Desse modo, o PTM incentiva o trabalho pedagógico por meio do estudo, da cooperação e, conseqüentemente, da

construção de conhecimentos nas diferentes áreas da aprendizagem, incluindo neste contexto, o ensino da História do Rio Grande do Sul.

Lembrando e destacando que no Rio Grande do Sul, a cultura, a memória, a tradição e a identidade às vezes se confundem com a ideia de tradição construída pelo tradicionalismo, movimento que elenca um conjunto de costumes, expressões, danças e inclusive oferece o uso do próprio gentílico ‘gaúcho’ ao povo do Estado do Rio Grande do Sul. Conceitos esses criados por alguns intérpretes da tradição gaúcha, citando como exemplos, João Carlos D’Avila Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e João Simões Lopes Neto, que acabaram se tornando conhecimentos de senso comum e poucas vezes confrontados com o conhecimento historiográfico, como será tratado na fundamentação teórica dessa dissertação.

Conforme o que foi contextualizado, o problema de pesquisa deste estudo remete ao seguinte questionamento: De que forma os temas locais poderão auxiliar no desenvolvimento do ensino de História do Rio Grande do Sul mais significativo?

Desse modo, o trabalho se justifica, pois pretende acolher o ensino de História do Rio Grande do Sul, no planejamento da Escola Mestre Santa Bárbara, por meio de uma proposta baseada na pesquisa histórica realizada pelos alunos; no entendimento da construção da cultura e da identidade sul-rio-grandense e; na montagem das apresentações teóricas e artísticas pelos alunos baseadas nas pesquisas realizadas, sendo que para este estudo é proposta uma reformulação do PTM, que se caracteriza como um projeto interdisciplinar.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo consiste em: analisar os trabalhos de pesquisa elaborados pelas turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara que foram apresentados no evento do Projeto Tertúlia Mestre realizado no ano de 2016.

Para atender ao objetivo geral são determinados os seguintes objetivos específicos: entender a cultura gaúcha por intermédio do incentivo à pesquisa; compreender o processo de invenção da tradição e a aprendizagem significativa; analisar a forma como o tradicionalismo se apropria da História do Estado do Rio Grande do Sul; difundir a história do povo gaúcho, a construção de sua identidade e as suas contribuições para a história nacional; e criar um ‘Roteiro para Estudos da História do Rio Grande do Sul’.

Para alcançar os objetivos propostos o estudo está estruturado em seis capítulos. No primeiro consta esta introdução descrevendo a contextualização do tema, a questão de pesquisa, a justificativa e a importância da realização do estudo e os objetivos propostos. No segundo capítulo é desenvolvida a fundamentação teórica contemplando a construção de conceitos e a identidade sul-rio-grandense onde é abordado primeiramente a memória e os seus significados; seguido pelos conceitos de mito; a ressignificação do termo ‘gaúcho’; a invenção das tradições;

o tradicionalismo e a cultura sul-rio-grandense. Na sequência do capítulo é realizada uma abordagem relacionada à qualificação do ensino da História e, também, o entendimento referente à aprendizagem significativa.

No terceiro capítulo é detalhada a metodologia empregada para o desenvolvimento do estudo e as diretrizes que norteiam o PTM citando inicialmente o ambiente da pesquisa, seguida pela caracterização do PTM e as suas respectivas diretrizes.

No quarto capítulo é apresentada uma análise dos resultados obtidos nos eventos realizados no período de 2014 a 2017 referentes aos temas desses eventos. Em seguida é desenvolvida uma análise específica do Evento Tertúlia Mestre realizado no ano de 2016 com a identificação dos eixos temáticos pesquisados e são apresentados três depoimentos de alunos referente ao PTM.

No quinto capítulo é apresentada uma proposta de reformulação destinada ao PTM com o detalhamento das respectivas etapas para o seu desenvolvimento. No capítulo seis são descritas as considerações finais, as limitações e as recomendações para estudos futuros.

2 CONSTRUINDO CONCEITOS E IDENTIDADE SUL-RIO-GRANDENSE

Como esclarece Woodward (2005), a redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade de uma nação. Pesavento (1993, p. 385) complementa afirmando que “Resgatando a memória, inventando o passado e atribuindo-lhe um significado, historiadores podem se constituir em artífices da construção de uma identidade nacional e regional”. Dessa forma, conhecer a história e a construção das tradições e da cultura de um local é essencial para compreender a identidade da sua população.

A formação da identidade de um povo ou indivíduo está diretamente ligada à memória que é salva por eles, sendo que essa memória se constrói a partir dos processos que são lembrados como marcos históricos, sejam os denominados ‘velhos bons tempo’, sejam mitos de origem de um grupo perfeito ou nação, sejam tradições trazidas através do tempo, enfim, o que é selecionado, reforçado, revivido como memória seletiva é a base para a formação da identidade de um povo ou indivíduo.

Por sua vez, a cultura e a História do Rio Grande do Sul são memórias constantemente revividas, reforçadas e preservadas, ainda que parte dela seja revivida por um grupo específico baseado em sentimentos de saudade, de afirmação social ou até mesmo de interesses políticos. Mesmo que controverso, em partes, ao conhecimento historiográfico, a memória cria um conjunto de lembranças coletivas que acaba influenciando na construção da identidade de boa parte do povo que com ela convive.

O papel do historiador é, portanto, o de entender o processo de formação dessa memória e como ela se tornou parte da identidade desse povo. O conflito das memórias coletivas com o conhecimento historiográfico, que deve ser realizado na escola, pode criar um aluno mais consciente da sua identidade e do seu processo de formação.

O mundo dito pós-moderno trouxe junto as suas transformações, as novas negociações e as novas perspectivas para as construções das identidades culturais. Como explica Hall (2006), as identidades se tornam híbridas, construídas socialmente, desenhando escolhas políticas dos grupos humanos. A cultura molda a identidade ao oferecer sentido à experiência e ao tornar admissível que se opte entre as várias identidades possíveis (HALL, 2006).

Os indivíduos são influenciados não apenas pela cultura e pelas representações simbólicas, mas também pelas relações sociais, podendo os sistemas simbólicos criarem as desigualdades e as divisões, tornando alguns grupos excluídos. Por exemplo, a globalização instituiu uma padronização em algumas questões de consumo e de cultura. Essa interação global modificou as antigas estruturas de Estado e as comunidades nacionais, produzindo assim, novas

identidades globais que poderão levar ao distanciamento de uma identidade e de uma cultura local. Além disso, a resistência a essa identidade e a essa cultura global, poderá reforçar as identidades nacionais e locais ou ainda criar uma nova posição quanto a elas.

O mundo pós-moderno traz consigo ainda uma crise nas identidades, devido à desestabilização do mundo globalizado e às constantes migrações e conflitos, mas o entendimento de passado e a contestação do presente exercem importante papel na criação de novas identidades. Woodward (2005) ressalta que, ao afirmar uma identidade, é possível buscar legitimá-la com referência em um suposto e autêntico passado, possivelmente glorioso, que parece real e que pode validar a identidade do indivíduo. Ainda segundo a autora, a identidade é marcada pela diferença (WOODWARD, 2005).

A identidade sul-rio-grandense, por exemplo, depende, para existir, de algo fora dela, a saber: de outra identidade, de uma identidade que ela não é, que difere da identidade rio-grandense, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. As identidades são caracterizadas pela diferença, se você é isso então, não é aquilo.

Hall (2006) complementa afirmando que, além dessa busca de uma identidade na história, na cultura partilhada e em uma unidade e verdade sobre o passado, ela é também formada no presente, reivindicando o passado e esse passado sofre transformações. O autor ressalta ainda que, a fluidez da identidade, indicando que aqueles que a reivindicam não se limitam a ser posicionados por ela e sim são capazes de se posicionar por ela e de transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Para o autor, a identidade é um processo constante formado, ao longo do tempo, por processos inconscientes, e não algo já existente na consciência humana, devido a isso ele defende que “[...] deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 39).

No entendimento de Santhiago e Magalhães (2015), a identidade poderá ser mudada conforme o passar do tempo e mediante as experiências adquiridas. Mesmo que alguns elementos sejam mantidos e assegurados ao longo da vida, a identidade é desenvolvida e se determina por caminhos que sejam traçados e escolhidos na vida das pessoas em sociedade, incluindo: a profissão, o local em que as pessoas residem, as pessoas com quem se convive, os gostos e os interesses que são partilhados, o idioma que é falado, as regras sociais seguidas, e tantos outros aspectos (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

Desse modo, a cultura e as tradições do gaúcho passam pela formação da identidade dos habitantes do Estado do Rio Grande do Sul e para entender a formação dela é essencial o estudo da memória construída pelos indivíduos que com ela convivem. É por intermédio dessa memória coletiva que se dá a noção de pertencimento a um local, a um povo e a um espaço, e

quando se consegue ver dentro dela e de um grupo que passou por processos semelhantes e chegou a um mesmo local. E, portanto, aquele lugar também é dele, por ele ser influenciado por esse mesmo movimento, ele pode então entender a importância do passado e da memória na construção da vivência do seu presente formando a identidade.

Como explica Zalla (2018b, p. 9), “Os debates sobre a chamada “identidade gaúcha” frequentam com assiduidade, direta e indiretamente, o espaço público de nosso Estado, em especial a mídia, mas também as conversas cotidianas, as discussões políticas e as salas de aula”. O autor ressalta ainda que, o pensamento fundamentalista entende que a identidade gaúcha está inserida na essência da população gaúcha, sendo considerada algo transmitido para aqueles que nasceram no Rio Grande do Sul, nutrindo por meio das gerações e das raízes dos sul-rio-grandenses, interligando o passado e o presente e, por vezes, o futuro, em um tempo cósmico contrário à história e às cronologias (ZALLA, 2018b).

O que desperta a atenção, na concepção de Zalla (2018b), é que os grupos sociais que não foram representados na identidade gaúcha acabam buscando a integração a ela. O autor cita como exemplo, os setores do movimento negro que buscam a valorização e a participação dos afrodescendentes na ‘Batalha dos Porongos’, cujo conflito aconteceu durante a Revolta Farroupilha. Como se verifica, existe o desejo de integração de outros povos reforçando o poder e a continuação da configuração da identidade gaúcha (ZALLA, 2018b).

Por sua vez, alguns estudiosos acadêmicos que estão inseridos na Antropologia e na Literatura, que continuam atacando, logicamente, sem muito sucesso junto à maioria do público, por acreditar que apresenta caráter ideológico e construído, em função de ter o papel de preservar as representações elitistas, misóginas e racistas relacionadas ao Estado do Rio Grande do Sul. Zalla (2018b, p. 9) entende que esses estudiosos, “Procuram assim, por meio de diferentes referenciais teóricos e metodológicos, “desmistificá-la”, fazendo aparecer os interesses aos quais ela estaria ligada”.

Para complementar os conceitos de identidade sul-rio-grandense, neste capítulo, são abordados os significados de memória; os conceitos de mito; a ressignificação do ‘gaúcho’; a invenção das tradições; o tradicionalismo e a cultura sul-rio-grandense, e, por último, a qualificação do ensino da História e a aprendizagem significativa.

2.1 MEMÓRIA E SEUS SIGNIFICADOS

Delgado (2010, p. 7) entende que a História, o tempo e a memória compreendem processos conectados. Entretanto, a autora esclarece que, “[...] o tempo da memória ultrapassa

o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas”. Para a autora, “A memória ativa é u recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades” (DELGADO, 2010, p. 7).

No entendimento do médico, Ivan Izquierdo, a memória quando considerada como um mecanismo cognitivo compõe-se de três etapas: aquisição, conservação e evocação. Na etapa de aquisição, tudo aquilo que afeta os sentidos passa a ser codificado e é enviado ao cérebro. Na etapa de conservação, as informações adquiridas são estruturadas e armazenadas no cérebro em diversas áreas. E, a etapa de evocação compreende a transformação das informações adquiridas em lembranças que poderão ser recuperadas (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

Como se verifica, a memória humana não compreende simplesmente um arquivo mecânico responsável pelo registro dos fatos de maneira rigorosa como foram vivenciados, pois a memória é mais dinâmica e complicada quando comparada aos registros que são armazenados nas máquinas (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015). Desse modo, os sinais exteriores são as referências e os estímulos para o surgimento das lembranças e das recordações individuais, os quais compõem o substrato do ato de lembrar, que no entendimento de Halbwachs (1990) se relacionam com os quadros sociais da memória.

A memória tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, tais como História, Psicologia, Filosofia, Estudos Culturais, Sociologia, Estudos Literários, Linguística, Arquitetura, Geografia, Arqueologia, e, também, em pesquisas desenvolvidas na Biologia, Neurologia, Bioquímica, dentre outras áreas do conhecimento de Ciências Exatas e da Saúde (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

No mesmo posicionamento, Oliveira et al. (2012, p. 77) citam que, “Como ferramenta, a memória passou a fazer parte de estudo de várias áreas como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Educação e a Geografia”. Ainda conforme os mesmos autores, “A apreensão da memória pode ser influenciada pelo meio social, político e por estímulos provocados por objetos, textos e imagens” (OLIVEIRA et al., 2012, p. 77).

A memória representa um papel crucial na sociedade, devido à função de sua propriedade de conservação das informações do passado, possibilitando, assim, abordar os problemas relacionados ao tempo e à história (LE GOFF, 2003).

Ainda conforme Le Goff (2003), no contexto da História da humanidade, a memória apresenta em sua essência quatro períodos. No primeiro, a memória oral era empregada pelos grupos que não dominavam a escrita, período configurado, sobretudo pelos mitos de origem. O segundo período ocorreu na Idade Média, considerado um período intermediário moldado pela

convivência entre as memórias oral e escrita. O terceiro período se desenvolveu na Idade Moderna, envolvendo os processos que materializaram a memória escrita por intermédio da imprensa e da alfabetização. E o quarto período foi denominado de ‘memória em expansão’, pois vários mecanismos passaram a ser empregados para perpetuar a memória, como os monumentos, as comemorações, os arquivos, dentre outros (LE GOFF, 2003).

Mais recentemente, a ascensão da *internet* vem apresentando um relevante papel para o processo de apreensão e de perpetuação da memória, porque os indivíduos passaram a selecionar os acontecimentos coletivos e/ou individuais que pretendem guardar e compartilhar virtualmente (OLIVEIRA et al., 2012). Halbwachs (2006) acrescenta que, a memória não é somente individual, pois também é compartilhada com os grupos sociais com os quais se convive, ao que se denominou de memória coletiva e se compõe dos fatos que são lembrados em conjunto com o grupo e permanece enquanto existir pessoas que a sustentem, portanto a sua existência deverá ser alimentada.

No entendimento de Santhiago e Magalhães (2015), a memória é classificada em memória individual porque se caracteriza como dinâmica e única; e memória coletiva, pois remete às experiências sociais. Para os autores, a memória compreende “[...] fonte que abastece as lembranças, que, por sua vez, fundamentam as histórias que contamos” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 37).

Nas palavras de Pollak (1992, p. 204-205), a memória consiste em “[...] elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. O autor acrescenta que, “[...] memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são [...] valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos [...]” (POLLAK, 1992, p. 204-205).

Para Halbwachs (2004), inicialmente, a memória coletiva surge em oposição à memória individual, pois não interagem e não se complementam. Conforme o autor, as “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 2004, p. 30).

Neste sentido, a memória coletiva é criada a partir dos laços que ocorrem no interior de grupos, como exemplos, na escola, nos convívios familiar ou profissional e por intermédio da interação entre o indivíduo e o grupo, crescendo, unificando, diferenciando e corrigindo (HALBWACHS, 2004).

Oliveira et al. (2012) entendem que, a partir da relação, será possível trabalhar com os alunos a percepção das conexões entre as histórias individuais e coletivas, com destaque aos aspectos relevantes dessa interligação. Para os mesmos autores, a memória individual continuamente estará vinculada à memória de um grupo (memória coletiva), porque os indivíduos não realizam as reflexões fundamentadas apenas no seu próprio referencial, porém nos diálogos com as demais pessoas que participam do mesmo grupo que eles. Assim sendo, a memória passa a ser impactada pelos fatores como a afetividade, o desejo, a inibição e a censura, dentre outros aspectos (OLIVEIRA et al., 2012).

Por sua vez, a memória regional compartilha com os mesmos princípios e mecanismos da memória nacional e o seu entendimento para os pesquisadores, se revela muito mais como uma problemática de escala do que de conteúdo. Apesar da aparente oposição entre a nação e a região, a maioria dos movimentos regionalistas contemporâneos reivindica uma nacionalidade mais amplificada, como é o caso do Estado do Rio Grande do Sul (ZALLA, 2015).

No Estado do Rio Grande do Sul, assim como em diferentes espaços construídos e designados como regiões políticas, conforme Zalla (2015, p. 906) “[...] trata-se antes de celebrar as especificidades no seio da nação do que de buscar a separação do todo”. Neste sentido, conforme o mesmo autor, existe um limite que é sempre observado entre “[...] a apologia da particularidade e o respeito à unidade maior, provocando um enquadramento da memória pública local na memória nacional” (ZALLA, 2015, p. 906).

Para complementar os significados de memória na próxima seção são apresentados os conceitos de mito, que compreende uma das maneiras que a coletividade descobre para a organização da sociedade, reunindo esforços, imprimindo direções e busca soluções para eventuais crises e conflitos. Para este estudo considera-se o mito do gaúcho sul-rio-grandense.

2.2 MITO

O mito cria um imaginário em torno dele, ou seja, gera uma sociedade e que cada elemento encontrará a sua identidade, o seu espaço na escala social, as suas responsabilidades e a sua razão de ser (ARENDRT, 2003). O mito é concebido por Brom (2010, p. 3) como “[...] um relato ou narrativa que explica os fenômenos da vida, sem compromisso com a verificação da verdade do que diz, ainda que não necessariamente seja composto apenas de inverdades”.

Conforme Barthes (2001), na sociedade contemporânea, é possível perceber que em cada mito é gerado um fenômeno da comunicação social. Os mitos se caracterizam por tipo especial da fala; por indispensável fundamento histórico; e função essencialmente deformadora.

Para Barthes (2001), o exercício do mito é definido por quatro princípios: o princípio da omissão histórica, em que se afasta a realidade no seu sentido completo, com apenas o necessário para a consolidação da ideia central do mito; o princípio da identificação, que induz a pessoa a realizar a escolha da própria imagem; princípio da constatação, em que as coisas passam a ter um sentido que lhes é atribuído sem a devida explicação, logrando alcançar os objetivos que definem a concretização do mito; e o princípio da imobilização, que se refere à detenção do tempo e do espaço na conformação de um determinado mundo (BARTHES, 2001).

Em função de ser um conhecimento socialmente produzido e difundido, o mito poderá se configurar na forma de lenda, fábula, alegoria, ideia, afirmação, estereótipo, preconceito, crença, valor social ou regra moralista. O mito poderá também carregar consigo os elementos de ocultismo, magia e do sobrenatural. Por sua vez, no terceiro milênio, o mito se cobre de numerosos disfarces e novas roupagens, mas persiste vigoroso (BROM, 2010).

Segundo Brom (2010), o mito, em última instância, disponibiliza uma sensação de conforto, porque isenta os esforços de reflexões para a sua compreensão das complicações que a realidade proporciona. Para o autor, “O mito é uma janela para a interpretação da realidade, que dispensa comprovações e explicações racionais. É, muitas vezes, de autoria anônima e de produção coletiva” (BROM, 2010, p. 4).

No regionalismo, o mito retoma um fato histórico que, a partir de um processo de analogia entre o passado e o presente, é esvaziado do seu sentido real, passando a exercer um novo sentido, tomando uma parte daquela contingência histórica e outra da realidade atual (GHISOLFI, 1985).

Por sua vez, na historiografia do Rio Grande do Sul foram criados os mitos da democracia social e racial gaúcha e, também, o mito da escravidão que não houve e o processo de elitização da figura do gaúcho, muito confundida com o mito da Revolta Farroupilha e a história das elites militares-latifundiárias luso-brasileiras (ZALLA, 2018a).

Zalla (2018a, p. 20), esclarece que, “O mito do ‘gaúcho rio-grandense’, conforme hoje sedimentado no ideário regional tradicional, é uma espécie de ‘anti-Fierro’, a despeito mesmo da obra de João Simões Lopes Neto, mais uma vez mobilizada para fundamentá-lo”. Arendt (2003, p. 114) ressalta que, “O imaginário social veiculado pelo mito do gaúcho-herói cumpriu o papel de organizar a vida coletiva dos sul-rio-grandenses do início do século XX, informando acerca da realidade, orientando suas esperanças e sugerindo, ainda, a se portarem de determinada maneira”.

Guedes (2009) acrescenta que, no Estado do Rio Grande do Sul, foi forjado o ‘mito do gaúcho’, significando o termo ‘gaúcho’, com o tempo, o gentílico dos nascidos neste Estado.

Assim sendo, o ‘mito gaúcho’ é parte integrante das manifestações do imaginário sul-rio-grandense, sendo mantido pelo culto exacerbado às tradições heroicas de uma História que ininterruptamente ‘canta os seus heróis em prosa e verso’, sendo está uma necessidade atávica de afirmação e de inculcação de um passado de glórias.

Neste sentido, foi criado o ‘orgulho de ser gaúcho’, perpetuando dessa forma como uma identidade regional, que é resultante da constituição social apaziguadora das grandes diferenças sociais que existem nos campos e nas cidades. Na próxima seção é descrito sobre a ressignificação do ‘gaúcho’ a partir da discussão sobre o mito do gaúcho sul-rio-grandense.

2.3 O GAÚCHO E SUA RESSIGNIFICAÇÃO

A figura do gaúcho passou por um grande processo de elaboração até chegar ao atual significado de habitante do Estado do Rio Grande do Sul. Olhando para a história da palavra ‘gaúcho’, sinaliza-se que ela não teve sempre esse significado heroico, de uma figura com a vida marcada pelas coisas do campo, a presença do cavalo, os conflitos da fronteira cisplatina, a bravura ao enfrentar o inimigo, a luta pela liberdade, o domínio da natureza, a virilidade, a lealdade e a honra. Imagem essa que acaba sendo oferecida ao gaúcho, especialmente na literatura e na produção tradicionalista regional. É essa visão que acaba sendo construída pela memória coletiva de boa parte da sociedade gaúcha e que o presente trabalho pretende questionar no ambiente escolar (OLIVEN, 2006).

No período colonial, segundo Oliven (2006), o habitante do Rio Grande do Sul era denominado de guasca e gaudério, termo que possui ainda um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas desertores das tropas regulares que no Estado adotaram a vida de coureadores e ladrões de gado. Eram percebidos como vagabundos e contrabandistas de gado em uma Região de Fronteira, onde essa não era bem definida devido aos constantes conflitos entre os Impérios de Portugal e de Espanha. Como se verifica nas palavras de Saldanha (1787 *apud* MEYER, 2002, p. 24), em seu diário de viagem para o Rio Grande do Sul:

[...] Gauches, palavra hespanhola uzada neste paiz para expressar aos vagabundos, ou ladroens do campo, quais vaqueiros, costumados a matar os Touros chimarroens, a sacar-lhes os couros, e a leva-los ocultamente as povoaçãoens, para sua venda ou troca por outros gêneros [...].

O termo gaúcho é e foi bastante utilizado nos países que fazem fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul, com a Argentina e com o Uruguai, e são encontrados registros do mesmo significado, pejorativos para o gaúcho ou para o gaudério. Como identificado no livro ‘*História Social del Gaucho*’, de Molas (1968, 509 *apud* DUTRA, 2017, p. 26), “[...] aqui llamamos

gauderios, gente que vive como quiere sin saber de donde viven o de qué se alimentan, pues no trabajan [...]. E, também no livro *Colonias orientales del Río Paraguay o de la Plata*, de Lastarria (1914, p. 56 *apud* DUTRA, 2017, p. 26), “[...] Estão sempre sujos, suas barbas sempre por fazer, andam descalços, e mesmo sem calças sob a completa cobertura do poncho. [...] Trabalham apenas para adquirir o tabaco que fumam e a erva-mate paraguaia que tomam [...]” (LASTARRIA 1914, p. 57 *apud* DUTRA, 2017, p. 26).

Segundo Oliven (2006), no final do século XVIII, eram denominados ‘gaúchos’ os homens que viviam à margem da sociedade, desertores e ladrões. A expressão continuou com conotação pejorativa até metade do século XIX, quando surgiram as estâncias e esse gaúcho se torna a mão de obra dentro delas, então o termo passou a significar o peão e o guerreiro, participantes dentro desse meio.

Zalla e Rossato (2012) acrescentam que, a crítica especializada, nos mais diversos segmentos, revelou que o surgimento do mito do gaúcho, caracterizado como cavaleiro errante romantizado, ocorreu somente após a sua morte como tipo social. Tal situação ocorreu na segunda metade do século XIX, quando a organização capitalista aportou nos campos do Rio Grande do Sul e nos países vizinhos, trazendo as formas tradicionais de vida, em que o gaúcho passou a ser percebido como um marco da identidade regional.

Assim sendo, como esclarecem Zalla e Rossato (2012, p. 140-141), enquanto o antigo andarilho era confundido com o novo peão das estâncias, “[...] a desmobilização da sociedade sul-rio-grandense para a guerra permitia, nas maiores cidades, os primeiros esforços intelectuais consideráveis, como a criação de periódicos e academias literárias”. Com isso, os novos escritores da província passaram a estudar a figura do gaúcho, verificada anteriormente nas crônicas dos viajantes que passaram pelo Rio Grande do Sul, oferecendo-lhe “[...] cores mais vivas e condizentes com o projeto romântico de criação da nação” (ZALLA; ROSSATO, 2012, 140-141).

Em sua tese intitulada ‘De Bota e Bombacha: Um Estudo Antropológico Sobre as Identidades Gaúchas e o Tradicionalismo’, Guilherme Howes Neto contou que no período da anexação do Reino de Portugal ao Reino da Espanha – A União Ibérica – as ‘Bandeiras Paulistas’ ingressaram em território rio-grandense, nas reduções indígenas da Companhia de Jesus (1626), para o apresamento de índios. Mas os paulistas foram expulsos por eles em 1640, na Batalha de Mbororé, o que também provocou o abandono da área pelos jesuítas (HOWES NETO, 2009).

Os padres jesuítas conduziram os índios para a margem ocidental do Rio Uruguai, deixando o gado à solta nas reduções. Com a reprodução do gado, formou-se uma reserva, conhecida por *Vacaria Del Mar*. Os padres jesuítas, mais tarde, retornaram com os índios ao

território rio-grandense e fundaram os Sete Povos das Missões, iniciando a caça ao gado xucro, a exploração de couro e a produção de erva-mate (HOWES NETO, 2009).

E assim, a economia gaúcha foi crescendo. Os denominados ‘gaudérios’ trabalhavam como empregados ou mesmo por conta própria, comercializando equinos, gado, couro, sebo, graxa e outros produtos com os espanhóis, portugueses e outros compradores locais. A vida e o trabalho do homem do campo passaram a ter a interferência do interesse Europeu, principalmente pelo gado bovino. Nesse contexto, a figura do ‘gaudério’ ficou ligada à lida do gado e ao comércio de couro, movimentando a economia sulina por quase dois séculos (HOWES NETO, 2009).

Com o início da divisão e doação de terras, surgiram os latifúndios, as estâncias, a melhora dos rebanhos, a seleção racial e a sedentarização de proprietários, trabalhadores de campo e gaudérios. Esses últimos acabaram cedendo aos proprietários de terra e tornaram-se mão de obra. Foi surgindo, assim, a figura do gaúcho como *peão de estância*, retratado como a base do tradicionalismo e dos costumes gaúchos. Os estancieiros foram empregando os gaúchos vagos, acostumados a viver em uma terra não demarcada, transformando-os em peões (HOWES NETO, 2009).

O historiador Teófilo Torriontegui defendeu que o estancieiro, ao cercar as suas propriedades, “[...] criou barreiras às campereadas livres quando gaudérios e animais cruzavam as campinas e os currais” (TORRIONTEGUY, 1994, p. 56 *apud* HOWES NETO, 2009, p. 71), ou seja, o gaudério livre tornou-se, por um instinto de proteção e de sobrevivência, um homem preso à estância, aproveitado por sua mão de obra útil e barata.

Aos poucos vai ocorrendo a delimitação dos campos e o gaudério vai se tornando mão de obra empregada, sujeito ao controle dos proprietários de terras. Segundo Torriontegui (1994 *apud* HOWES NETO, 2009), a única recompensa recebida por esse serviço foi o discurso ideológico que apontou o gaúcho como herói. Para o historiador, “Criou-se uma categoria diferente no imaginário e no discurso corrente. A categoria do guerreiro vitorioso cujo galardões de valentia o aproximavam de um semideus” (TORRIONTEGUY, 1994, p. 73 *apud* HOWES NETO, 2009, p. 72). Apesar de a figura do gaúcho ser frequentemente associada ao peão campeiro, ao longo da história o gaúcho foi adquirindo um perfil de herói:

Portanto, nessa perspectiva, gaúcho é aquele guasca dos primeiros tempos, mistura de índio, espanhol e português, que percorria a região em busca de couro e sebo. É aquele gaudério que realizava incursões em território inimigo roubando gado. É o tropeiro que abriu os caminhos e integrou o que viria a ser o Rio Grande do Sul ao Brasil. Gaúcho, também, é o guerreiro que, arregimentado pelo patrão, lutou (e serviu de bucha de canhão) em todos os conflitos que envolvera a região e o peão que ainda

hoje, em seu trabalho diário, doma a natureza (MACIEL, 2000, p. 82 *apud* HOWES NETO, 2009, p. 66).

Do ponto de vista da composição étnica do gaúcho, além dos índios, segundo Gutfreind (2006, p. 241) “[...] participaram da formação da sociedade colonial sul-riograndense brancos, negros e mestiços”. A figura heroica do gaúcho que produz representações do passado, no presente, existiu dentro de um tempo determinado. Sua constituição se deu desde meados do século XVII, com a colonização, até metade do século XX com a modernização agrária sul-brasileira, promovida pela industrialização e pela urbanização, com todos os seus desdobramentos (HOWES NETO, 2009).

O intervalo de tempo que compreendeu pouco mais de três séculos sedimentou e ancorou as representações, bem como a história e a cultura do gaúcho campeiro, do peão. Sobre esse passado, produziu-se uma identidade e sobre ela, produzem-se, atualmente, e desde então, representações sobre um passado idealizado em um mito de origem (HOWES NETO, 2009).

O cenário de guerras entre os séculos XVII e XX contribuiu para a formação da identidade do gaúcho como um bravo guerreiro, marcado pelos sentimentos do regionalismo e do nacionalismo (HOWES NETO, 2009).

O Rio Grande do Sul foi marcado por uma história de guerras, começando com os conflitos de fronteira entre Portugal e Espanha, nos séculos XVII e XVIII; com os conflitos entre Brasil e Uruguai, no período de anexação do seu território até a sua separação do território brasileiro; com a participação na Guerra do Paraguai (1864-1870) e, principalmente, com a Revolta Farroupilha que durou entre os anos de 1835 a 1845; e que foi o grande marco tradicionalista para a imagem do gaúcho guerreiro, corajoso e livre.

É imprescindível também tratar de outros aspectos que contribuíram para moldar a figura do gaúcho. A literatura e a poesia retratam o período em que o Rio Grande do Sul foi cenário de guerras de fronteira como uma época de glória, de grandes batalhas e de um tipo social guerreiro, honrado, livre e sempre montado a cavalo pelo Pampa.

Como é possível verificar na obra ‘O Gaúcho’, de José de Alencar, em que o autor romântico retrata o gaúcho de forma idealizada e mitificada, denominando-o de ‘Centauro dos Pampas’, sem nunca ter ao menos viajado para o Estado do Rio Grande do Sul, pois nasceu em Fortaleza no Ceará e residiu também no Rio de Janeiro (ALENCAR, 1998). Outro exemplo de como a literatura contribuiu para a construção do arquétipo do habitante do sul do país foi o poema ‘*Payada*’, escrito por Jayme Caetano Braun, que retratou o habitante nativo, anterior à chegada dos padres jesuítas no território gaúcho, já como esse personagem heroico e livre:

Primeiro era o campo aberto, descampado, sem divisas... Com fronteiras imprecisas, mundo sem longe nem perto. Eu era o índio liberto, barbaresco e peleador. Rei de mim mesmo, senhor da natureza selvagem. A religião da coragem e o sol de bronze na cor. Um dia veio o jesuíta a este rincão do planeta, vestindo a sotaina preta da catequese bendita. Foi mais do que uma visita à minha pampa morena. Bombee por trás da melena, olhos nos olhos do irmão e gravei no coração a Santa Cruz de Lorena (BRAUN, 2000, p. 58 *apud* HOWES NETO, 2009, p. 67).

Zalla e Rossato (2012) complementam afirmando que, “[...] a escolha do gaúcho como tipo folclórico representativo da região não foi pacífica, gerando sérias implicações ao longo de todo o processo de consolidação e atualização do mito”. No século XIX, o gaúcho era caracterizado como um bandido social, causando suspeitas não apenas no centro do Brasil, mas também entre a população urbana local. Gomes (2009) acrescenta que, o gaúcho foi considerado inicialmente ‘antípoda do sul-rio-grandense’. Porém, devido às mudanças sociais e o investimento significativo efetuado pelos intelectuais, gradativamente, o termo gaúcho acabou passando por um processo de positivação, o que culminou no século XX, na adoção definitiva do termo gaúcho com o adjetivo gentílico (GOMES, 2009).

Nos dias atuais, os debates sobre a identidade gaúcha no Estado são pautados mais pelo mito ‘gaúcho’, ou seja, persiste a percepção idealizada do gaúcho, mais do que pela figura histórica que o inspirou (ZALLA; ROSSATO, 2012).

Zalla e Rossato (2012, p. 141) ressaltam que, os habitantes do Rio Grande do Sul herdaram “[...] o regionalismo romântico um arquétipo bastante forte e difícil de contornar. Quais são, então, suas formas e seus conteúdos mais usuais?”. Para os autores, o gaúcho se caracteriza como “[...] cavaleiro que goza de grande liberdade de ir e vir, percorrendo longas distâncias pelas coxilhas sulinas, deserto verde sem cercas e limites precisos, no trato com o gado” (ZALLA; ROSSATO, 2012, p. 141).

A faina campeira confere-lhe atributos quase sobre-humanos, como força, bravura e coragem extremadas. Daí sua predisposição à guerra: peão habilidoso com os instrumentos de carnação, também o é com as armas brancas. Mas é nobre, acima de tudo. Segue rigorosa moral forjada na vida da fronteira: é leal aos chefes e aos companheiros, preferindo a morte à desonra. Também é hospitaleiro, recebendo bem sem olhar a quem; sempre há espaço para o repouso do viajante no galpão da estância, com fogo de chão e chimarrão para afugentar o frio. Churrasco é sua comida diária, e o apreço pela carne é distintivo (ZALLA; ROSSATO, 2012, p. 141-142).

Como identificado, o gaúcho tornou-se um herói sem nome, e segundo Zalla e Rossato (2012, p. 142) representou “[...] uma coletividade que, mesmo excedendo sua realidade primária, compartilharia com ele um jeito de ser. Indo além dessa casta social imaginária, o *ethos* gaudério seria reconhecível em todo habitante do estado”.

É nessa visão criada, ressignificada e heroica do gaúcho que o tradicionalismo achou as suas bases, buscando evocar esse personagem e preservar seus costumes e conquistas. Com

isso, o tradicionalismo encontrou forças e seguidores para existir. O modelo que é construído quando se fala em gaúcho e tradicionalismo é de um passado que teria existido na região pastoril da campanha, no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura idealizada do gaúcho. É em torno dessas questões que giram os debates sobre a identidade gaúcha. Na próxima seção é realizada uma breve abordagem sobre a invenção das tradições.

2.4 INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES

Ao entender que as tradições compreendem as coisas articuladas no passado e comunicadas até as pessoas mediante uma cadeia de interpretações, segundo Ricouer (1997, p. 38) é necessário que se acrescente “[...] uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionemos”.

Por sua vez, o termo ‘tradição inventada’ foi criado por Eric Hobsbawm, em sua obra ‘A invenção das tradições’, no ano de 1984, cuja obra foi organizada pelo referido autor e por Terence Ranger (HOBSBAWM; RANGER, 2006).

A tradição inventada, conforme Hobsbawm e Ranger (2006) compreende um conjunto de práticas que geralmente, são reguladas pelas regras tácitas ou são claramente aceitas, sendo que as práticas de natureza ritual ou por meio de símbolos apresentam a finalidade de impor certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando, de maneira automática uma continuidade em relação ao passado, estabelecendo-se quando possível a continuidade com um passado histórico adequado.

Ainda conforme os autores, os processos de invenção de tradições populares necessitam do emprego de elementos antigos, ainda que sejam utilizados aos propósitos novos, conferindo-lhes a credibilidade e a legitimidade. Para os autores, a função da tradição inventada “[...] é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 2006, p. 10).

Hobsbawm e Ranger (2006) acrescentam ainda que, as tradições inventadas são classificadas em três categorias: (1ª) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; (2ª) aquelas que estabelecem ou legitimam as instituições, o *status* ou as relações de autoridade e; (3ª) aquelas cujo propósito principal consiste na socialização, na inculcação de ideias, nos sistemas de valores e nos padrões de comportamento.

De acordo com Hobsbawm e Ranger (2006), na obra ‘A Invenção das Tradições’, o fenômeno da invenção das tradições, exemplificado pela presente proposta de ensino, ocorreu com maior intensidade no período de trinta a quarenta anos antes da Primeira Guerra Mundial. Foi realizado, oficialmente, por meio de Estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou, não oficialmente, por intermédio de grupos sociais sem organização formal.

Por questões de conveniência, as transformações da sociedade no século XIX passaram a demandar novas políticas de governo e essa invenção de tradições passou a ser adotada por instituições que possuíam objetivos políticos. Com isso, os grupos sociais passaram a ter mais contato com os governantes. A intervenção do cidadão, na política, passou a ser mais significativa (HOBSBAWM; RANGER, 2006).

A ampliação da democracia e a aparição da política de massas, segundo Hobsbawm e Ranger (2006, p. 275), “[...] dominaram a invenção das tradições oficiais no período de 1870-1914”. Nesse período, já existia uma certa forma de sufrágio amplo em países como Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Reino Unido e Estados Unidos. A ideologia liberal passava por um momento de êxito econômico e social e as práticas autoritárias deixavam de ser aceitas pela sociedade.

Por sua vez, no Rio Grande do Sul, são publicadas as obras de João Simões Lopes Neto (1865-1946) que foi considerado o maior escritor regionalista do Estado do Rio Grande do Sul, e, também, o precursor do modernismo na região, sendo um dos criadores do mito do gaúcho pampiano e um militante pioneiro do tradicionalismo gaúcho. A sua imagem atual, portanto, oscila entre a exaltação das qualidades estritamente artísticas e/ou literárias e a adesão ao gauchismo cultural; entre seu projeto estético formal e o conteúdo nele representado; entre a história literária e a história das tradições gaúchas no Brasil (ZALLA, 2010).

Nesse contexto global é que começa a ser construída ao que foi denominada de ‘tradição gaúcha’, baseada na cultura do campo, mais especificamente da Região da Campanha do Rio Grande do Sul e, na figura do gaúcho, o homem livre, trabalhador, dominador da natureza, honrado e guerreiro, como já discutido anteriormente neste trabalho, na seção 2.3.

É com a decadência do domínio econômico da Região da Campanha e a migração da população a outras regiões do Estado que iniciou o processo de ressignificação do gaúcho. Na próxima seção é realizada uma abordagem sobre o tradicionalismo e a cultura sul-rio-grandense para completar os demais tópicos do aporte teórico.

2.5 TRADICIONALISMO E CULTURA SUL-RIO-GRANDENSE

Ao abordar sobre o tradicionalismo, é preciso compreender a diferença entre os termos: nativismo e tradicionalismo; e folclorismo e tradicionalismo. Mendonça (2009, p. 42) esclarece que “[...] o nativismo gaúcho não é uma entidade e sim um movimento cultural cuja união está na identificação pessoal e na semelhança de produção artística de seus membros”. O autor ao abordar sobre as semelhanças e as diferenças entre o tradicionalismo e o nativismo ressalta que “[...] enquanto o tradicionalismo estuda o folclore e a tradição, o nativismo está mais voltado para a manifestação folclórica” (MENDONÇA, 2009).

De acordo com Konflanz (2013, p. 94), o folclore compreende “[...] as manifestações não institucionalizadas da população [...] saber do povo ou cultura popular constituída pelas credices, tradições e superstições expressas pelas camadas populares”.

Brum (2009) ressalta a relevância de se realizar uma análise da relação que os tradicionalistas estabeleceram com o folclore e com a História do Rio Grande do Sul. Foi em função disso, que os tradicionalistas extraíram e extraem os seus materiais direcionados às suas representações, em que se consideram como os herdeiros dos seus antepassados se propondo a dar continuidade a uma história gloriosa, identificando e produzindo as representações do ‘verdadeiro gaúcho’ nas danças; nas músicas (cantos); nas poesias; nos desfiles na Semana Farroupilha; nos bailes; nas cavalgadas; e tantos outros usos e costumes culturais.

Para Konflanz (2013, p. 94), o folclore é composto por “[...] lendas, contos, causos, músicas, artesanatos, jogos, brincadeiras, métodos e técnicas e sabedoria em geral”. Já, o tradicionalismo segundo o mesmo autor, está relacionado “[...] ao culto às práticas próprias do Movimento Gaúcho”.

Brum (2009, p. 777) complementa afirmando que o tradicionalismo é “[...] um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante”. Konflanz (2013, p. 22) acrescenta que, o tradicionalismo gaúcho, é definido como “[...] um Movimento cultural originado no Rio Grande do Sul que expressa o apego de parte da população do Estado pelas coisas do campo e por episódios históricos mitificados da região”.

Historicamente, na metade do século XIX, a imagem do gaúcho marginal estava praticamente extinta, como descrito na seção 2.3. Neste sentido, o gaúcho estava apto, então, a ressurgir como o novo meio de sustentação ideológica para o povo do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, no ano de 1868, foi criado, em Porto Alegre, o Partenon Literário, sociedade de intelectuais e letrados, que objetivou unir os modelos culturais europeus com a visão da

oligarquia positivista rio-grandense, por meio da exaltação da temática regional gaúcha. Como esclarece Gonzaga (1980, p. 41).

[...] cabe aos integrantes do Partenon Literário o esforço para a louvação dos tipos representativos mais caros à classe dirigente. Sedimenta-se ali o início da apologia a figuras heroicas, alçadas a condição de símbolos da grandeza do povo rio-grandense. Encontra-se na sedição farroupilha os paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornariam inerentes ao futuro mito do gaúcho, dissolvendo-se os motivos econômicos e as diferenças entre as classes envolvidas no conflito.

No ano de 1898 foi criado, por João Cezimbra Jacques, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, entidade voltada às tradições mediante a realização de festas, cavalgadas e palestras, com o objetivo de organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos do Rio Grande do Sul. Enquanto, o Partenon Literário era o responsável pela exaltação da temática gaúcha pelos literários, o Grêmio Gaúcho era considerado a primeira agremiação tradicionalista. Para Oliven (2006), nas duas associações se encontra como pano de fundo um Estado que inicia a transformação, no qual a tensão entre o passado e o presente começa a se fazer sentir.

Em 1948 foi criado também, em Porto Alegre, o 35 CTG, primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), cujo nome foi inspirado na Revolta Farroupilha de 1835, e serviu como modelo base aos demais CTG's criados até os dias atuais. Os seus fundadores foram, na maioria, estudantes provenientes das áreas rurais onde predominava a pecuária em grandes latifúndios (OLIVEN, 2006).

Além do 35 CTG, esses mesmos jovens criaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde, naquele ano, organizaram a primeira 'Semana Farroupilha', denominada à época de 'Ronda Gaúcha', organizada entre outros por João Carlos D'Avila Paixão Côrtes, mais conhecido no Estado como Paixão Côrtes, o grande nome do tradicionalismo gaúcho, era folclorista, compositor, radialista e pesquisador gaúcho (OLIVEN, 2006).

Os fundadores do 35 CTG, embora cultuassem os valores ligados ao latifúndio rural, segundo Oliven (2006), não apresentavam origem na oligarquia rural e o tradicionalismo era, desde o começo, um movimento urbano que buscava evocar os valores rurais do passado e os mesmos fundadores contam que no início do movimento reuniam-se para tomar mate (chimarrão) e imitar os hábitos do interior e as conversas que os peões costumavam ter nos galpões das estâncias.

Com a criação do 35 CTG, a expansão do tradicionalismo se espalhou, mais pelo interior do que pela própria cidade de Porto Alegre, que ainda ficava um pouco desconfiada dos peões, andando de trajes típicos e montados a cavalo pela capital, como contava Lessa (1985).

No ano de 1954, aconteceu em Santa Maria, o I Congresso Tradicionalista, reunindo, a partir daí, anualmente, os CTG's para serem apresentadas as teses, feitas as deliberações e aprovadas as monções (OLIVEN, 2006).

No VIII Congresso Tradicionalista, em Taquara, em 1961, foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista; e durante o XII Congresso Tradicionalista, sediado em Tramandaí, no ano de 1966, foi oficialmente criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), órgão que agrega a maior parte das entidades tradicionalistas e é o catalisador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados (OLIVEN, 2006).

Desse modo, o tradicionalismo se expandiu também para a legislação do Estado e para os órgãos públicos do governo. Em 1954, o governo do Estado criou dentro da Secretaria de Cultura e Educação, o Instituto de Tradições e Folclore. No ano de 1964 foi aprovada a Lei Estadual que oficializou a realização da Semana Farroupilha entre os dias 14 e 20 de Setembro de cada ano. No ano de 1966, outra Lei foi aprovada, oficializando o hino farroupilha como Hino do Rio Grande do Sul e Luiz Carlos Barbosa Lessa era o Secretário da Cultura, Desporto e Turismo. Em 1988 foi aprovada a lei estadual que instituiu o ensino de folclore nas aulas de Estudos Sociais de todas as escolas do Estado. Mais tarde, em 1989, a pilcha (conjunto de vestes típicas dos antigos gaúchos, compreendendo bombachas, botas, lenço e chapéu) foi aceita como traje de honra e de uso preferencial no Estado (OLIVEN, 2006).

O tradicionalismo se difundiu também pela sociedade civil e até pela Igreja Católica, que criou uma liturgia inspirada na temática gauchesca, denominada de 'missa crioula'. Os casamentos com tema tradicionalista também passaram a ser comuns. Foram instituídos, também, em diversas cidades do Estado, os rodeios festivos, onde é revivida a lida campeira das estâncias, com competições de laço e de habilidade como cavaleiro; e o MTG costuma promover, anualmente, o concurso de 'Peão' e 'Prenda' do Estado (OLIVEN, 2006).

Em 1971, na cidade de Uruguaiana, localizada na região da Campanha, aconteceu a primeira Califórnia da Canção Nativa. Um festival de música nativista que é realizado nos dias atuais anualmente e; que inspirou os demais festivais existentes nas demais regiões do Estado. Esses festivais costumam reunir milhares de pessoas e as músicas evocam a vida campeira e os símbolos da identidade regional gaúcha. No ano de 1986, o MTG realizou a primeira edição do que atualmente é conhecido como Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (ENART), que antes era denominado Festival Gaúcho de Arte e Tradição (FEGART) (OLIVEN, 2006).

O ENART compreende um concurso de manifestações artísticas tradicionalistas, realizado anualmente e com o objetivo de preservar a arte e a cultura popular do Rio Grande do

Sul. Nesse concurso participam os CTG's de todas as regiões do Estado e é percebido como o maior evento do gênero tradicionalista (OLIVEN, 2006).

O MTG, apesar de toda a influência que exerce sobre o tradicionalismo, não consegue controlar todas as expressões culturais do Estado e nem difundir com predominância as suas mensagens e regras. No entendimento de Oliven (2006, p. 192), “[...] os tempos são outros, existem diversas formas de ser gaúcho que não necessariamente passam pelos CTG's. O mercado de bens simbólicos ampliou-se e novos atores passaram a disputar segmentos dele”.

Acrescenta-se neste contexto, as danças tradicionalistas, que são comumente apresentadas como danças folclóricas do Rio Grande do Sul. Como esclareceu Jocelito Zalla em entrevista concedida à Necchi (2016, p. 8) as danças tradicionalistas compreendem as composições coreográficas autorais elaboradas por Paixão Côrtes e Luiz Carlos Barbosa Lessa, as quais seguem o Manual de Danças Gaúchas (CÔRTEZ; LESSA, 1997), que fora criado em 1956, “[...] verdadeiras bricolagens de passos, versos e arranjos musicais provenientes das mais diversas fontes orais e bibliográficas, além do engenho criativo dos coreógrafos e músicos tradicionalistas” (ZALLA *apud* NECCHI, 2016, p. 8)

Como explica Oliven (2006), o tradicionalismo gaúcho movimenta, em torno de dois milhões de pessoas e o MTG contabiliza mais de 1.400 centros de tradição, considerando-se o maior movimento popular do mundo. Nesse contexto e com a influência que o tradicionalismo exerce sobre parte da população gaúcha, ele acaba por envolver-se, também com o ambiente escolar.

No entendimento de Brum (2009), os CTG's, são percebidos como o território de ‘transmissão cultural’ e de formação dos próximos gaúchos tradicionalistas, com o seu ensino baseado no culto de mitos e de rituais; enquanto a escola, para os tradicionalistas, não deve limitar-se somente à ciência, mas também pode constituir-se em território de disseminação do tradicionalismo, por meio do ensino formal de história do Rio Grande do Sul, da cultura gaúcha e de outras atividades.

A influência do tradicionalismo na escola, para Brum (2009) é demonstrada por intermédio de incentivos aos alunos como a permissão para se vestirem a caráter durante o mês de setembro, por exemplo, quando se observa a força da sua representação no meio escolar. Assim, os alunos vivenciam o que é típico, na visão tradicionalista e presente na memória coletiva da sociedade. A escola e o professor, por sua vez, precisam ter cuidado com o tradicionalismo na escola. Eles precisam envolver-se com o processo para poder mediar a discussão entre a historiografia e o tradicionalismo.

O CTG se aproxima da escola, também com o interesse de formar os seus grupos de dança e de que seus peões e prendas possam realizar os projetos ligados ao tradicionalismo, oferecendo assim, um caráter científico ao tradicionalismo. Dessa forma, o CTG tem como missão, ensinar aos alunos sobre a vivência da tradição gaúcha dentro da escola. Como se verifica no texto de Brum (2009, p. 792):

O CTG, nesse sentido, é percebido como uma instituição que se aproxima da escola para formar seus quadros de dança e para que os jovens tradicionalistas (peões e prendas) possam desenvolver seus projetos, sem que haja uma preocupação efetiva com o desenvolvimento e rumos do tradicionalismo na escola como instituição educacional.

Brum (2008) analisa também as relações estabelecidas entre o tradicionalismo como movimento cultural organizado e a escola como instituição educacional. Apesar de ambos, escola e CTG, lidarem com o tradicionalismo, os dois possuem objetivos próprios. Afinal, a escola deve analisar o tradicionalismo por meio do ensino formal e auxiliar na reconfiguração de identidades dos alunos, fazendo com que eles entendam a influência do gauchismo na sua formação. Por sua vez, o avanço da *internet*, cada vez mais presente nas escolas, acabou contribuindo para a disseminação do tradicionalismo e, a escola não deve negar a sua existência ou sua influência no âmbito escolar.

Como se verifica cada vez mais o tradicionalismo assume *status* como conhecimento histórico, porém a escola, por intermédio de pesquisa e da troca de aprendizagens, deve mostrar aos alunos que o tradicionalismo não é conhecimento histórico, e devem ser buscadas diferentes fontes para a formação de conceitos históricos dentro da formação formal. Para complementar o estudo, na sequência é descrito sobre a qualificação do ensino da História e, é realizada uma abordagem sobre a aprendizagem significativa.

2.6 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Com base no trabalho em conjunto, pode-se pensar no papel do professor como o mediador para propor e desafiar, a fim de que os conceitos prontos, estabelecidos e estanques, sejam percebidos com possibilidade de olhares diferentes. Dessa forma, o aluno pode vislumbrar a construção dos conceitos, conteúdos e contextos.

Por sua vez, o princípio norteador da teoria de Ausubel, Novak e Hanesian (1980; 1986) baseia-se na ideia de que, para que ocorra a aprendizagem, é necessário partir daquilo que o aluno já sabe. Para os autores, “O fator isolado mais importante que influencia a

aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigue isso e ensine-o de acordo” (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980; 1986, p. 137).

Ausubel, Novak e Hanesian (1980; 1986) preconizam que os professores/educadores devem criar as situações didáticas com a finalidade de descobrir esses conhecimentos, designados como conhecimentos prévios. Os conhecimentos prévios seriam os suportes em que o novo conhecimento se apoiaria. Esse processo, Ausubel, Novak e Hanesian(1980; 1986) designaram como ‘ancoragem’.

No entendimento de Moreira (2011, p. 14), “A aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo”. Ausubel (1968, p. 19) complementa afirmando que , aprendizagem significativa “[...] ocorre quando os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui”.

Como se verifica, na aprendizagem significativa, o aluno tem que confrontar os seus conhecimentos com os conhecimentos adquiridos em etapas anteriores; a formulação de estratégias que buscam solucionar o problema proposto, bem como a coleta de informações que possam convergir para o confronto com os conhecimentos e as situações vivenciadas em situações pessoais, no sentido de construir pontes que possam oferecer as condições que auxiliem a busca pela solução da atividade proposta.

Para uma aprendizagem significativa, é necessário que o professor e o aluno caminhem juntos nessa busca constante em ressignificar o saber. Para isso, existem diferentes meios de se apresentar a História, mas é preciso interpretá-los (PELIZZARI et al., 2002).

A aprendizagem significativa ocorre para organizar o processo de aprendizagem e a estrutura em torno da aprendizagem por descoberta e/ou aprendizagem receptiva, se referindo à forma como os alunos receberão os conteúdos que deverão aprender. Desse modo, quanto mais os alunos se aproximarem do polo de aprendizagem por descoberta, mais os conteúdos serão recebidos e de maneira não completamente acabada, porque os alunos deverão defini-los e/ou descobri-los antes de assimilá-los. Ao contrário, quanto mais se aproxima do polo da aprendizagem receptiva, mais os conteúdos a serem aprendidos são oferecidos aos alunos em forma final, ou seja, já acabada (PELIZZARI et al., 2002).

Logicamente, nem todos os estudantes estão preparados para uma aprendizagem significativa, mesmo que tal requisito seja basilar para que se tenha êxito. “É preciso que ele se identifique de alguma maneira com o conteúdo proposto, seja para questionar suas ideias ou, ainda, para reformulá-las” (GOMES et al., 2016, p. 9).

Cita-se como exemplo, a História do Rio Grande do Sul, sendo que normalmente, o aluno chega ao Ensino Médio apresentando conceitos formados a partir da ideia presente na sociedade, pelo pouco que foi trabalhado o referido tema no Ensino Fundamental, pelo que é passado para ele mediante história pública, meios de comunicação e fontes em geral encontradas na *internet*. Pensando no processo de aprendizagem significativa são utilizados esses conceitos trazidos por ele para a sala de aula, e a partir desse conhecimento prévio, e é preciso conflitar essas informações com fontes de pesquisa confiáveis de origem acadêmica e historiográfica. A pesquisa dessas novas fontes e o conflito com as informações antigas, por vezes consultadas em fontes não confiáveis, poderão então criar a aprendizagem significativa.

Então, para que ocorra a aprendizagem significativa, é necessário que a nova informação se relacione com um aspecto relevante já existente na estrutura de conhecimento dos alunos, sendo essa estrutura específica, definida por Ausubel (1963) como conceito ‘Subsunçor’. No entendimento de Ausubel (1982), o conhecimento se constrói também com e a partir do interesse do aluno em assimilar o conteúdo proposto, podendo estabelecer relações fecundas e significativas. Assim, acompanhar o trabalho autônomo implica a redefinição do papel e das tarefas do professor, ou seja, a substituição de uma postura transmissiva dos saberes para a criação de condições que favoreçam a aprendizagem do aluno, por si próprio.

Neste sentido, para o aluno ser capaz de realizar as tarefas de forma autônoma, é necessário adotar certas atitudes. Uma delas é evitar recorrer ao professor sempre que tiver dúvidas e saber procurar diferentes alternativas de auxílio. Assim, compete ao professor, criar as condições para que o aluno, progressivamente, crie autonomia na sala de aula, dentre elas têm-se: a elaboração de guias de trabalho; a consulta de materiais de apoio; a criação de momentos autônomos de trabalho; a planificação das tarefas e; a construção dos instrumentos reguladores de aprendizagem, como exemplos, as listas de verificação; as fichas de autocorreção; dentre outras.

A proposta de apresentação teórica e artística de temas culturais, na linha da construção de conhecimentos, parece algo que se apresenta como boa possibilidade de se produzir significados marcantes nos processos científicos e humanos, relacionados com a ciência e a sua essência de busca e investigação.

Acrescenta-se que, também é possível notar as contribuições valiosas para o processo de aprendizagem, quando o professor apresenta situações adequadas de aprendizagem que despertam, assim, a motivação do aluno, sua curiosidade e interesse pelo objeto de estudo. O desafio talvez seja aquilo que mais coloca à prova as capacidades desses alunos fazendo com que eles avancem em direção à aprendizagem significativa. Uma situação em que o desafio e o

incentivo, entrelaçados, atuam, podendo permitir a transformação pessoal. Cada desafio, como docentes, é uma oportunidade para estimular alunos capacitados, habilitados e críticos.

Assim sendo, a proposta de apresentações teóricas e artísticas para a comunidade escolar objetiva provocar reações de motivação para o estudo dos conceitos e da História do seu Estado e do seu povo. Além do caráter ‘sedutor’ que a utilização desse recurso possui, ele pode também captar os mais diversos públicos de alunos, propondo situações de aprendizagens que visem uma postura ativa e crítica do discente.

Para Ausubel, Novak e Hanesian (1980; 1986), a interação entre as novas informações e os conhecimentos prévios pressupõe que os conceitos *subsunçores* constituam-se enquanto tais e potencializem a aprendizagem, apresentando como característica a capacidade de abrangência, disponibilidade, estabilidade e clareza, atuando no ambiente escolar, sobretudo, por meio da aprendizagem de conceitos e de proposições.

Como se verifica, a mediação do professor é parte importante no processo de ensino, valendo-se de estratégias para abarcar as concepções prévias dos alunos, organizando os conteúdos e os conhecimentos, propondo e tentando estabelecer relações, provocando discussões e interagindo conceitualmente, socialmente e despertando aspectos críticos. Nesse sentido, a modificação da estrutura cognitiva não é apenas uma atividade interna do sujeito, mas resulta também da sua interação com o outro, o coletivo, o social (GOWIN, 1981; NOVAK; GOWIN, 1999). Então, é determinante a mediação do professor no processo de aprendizagem (AUSUBEL, 2000; 2003).

Neste sentido, o processo de aprendizagem significativa desencadeia um processo de assimilação mais amplo e inclusivo dos alunos, que é detalhado na Teoria da Assimilação. Essa teoria explica como as novas ideias, potencialmente significativas, estabelecidas e presentes no material instrutivo se relacionam e interagem de forma seletiva com as ideias relevantes e mais gerais, estáveis e inclusivas do formato cognitivo.

Ao encontro do pensamento de Ausubel (2000; 2003, p. 8), entende-se que o produto dessa interação é para o aprendiz um “[...] significado das ideias de instrução acabadas de introduzir. Estes novos significados emergentes são, depois, armazenados (ligados) e organizados no intervalo de retenção (memória) com as ideias ancoradas correspondentes”.

Com a apresentação dos conceitos de identidade sul-rio-grandense; memória; mito; ressignificação do gaúcho; invenção das tradições; tradicionalismo e a cultura sul-rio-grandense e; a qualificação do ensino da História mediante a abordagem da aprendizagem significativa, no próximo capítulo é apresentada a metodologia contemplando a descrição do ambiente da pesquisa e; a caracterização do PTM e as suas respectivas diretrizes.

3 METODOLOGIA E DIRETRIZES DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE

Neste capítulo é descrito inicialmente o ambiente da pesquisa, cujo objeto de estudo é a Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Santa Bárbara de Bento Gonçalves/RS. Na sequência é apresentada a caracterização do Projeto Tertúlia Mestre (PTM) e, por último, as diretrizes que norteiam o PTM.

3.1 AMBIENTE DA PESQUISA

A Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Santa Bárbara está situada na cidade de Bento Gonçalves, no Estado do Rio Grande do Sul (RS), como indicado na Figura 1, sendo que para este estudo será utilizada a denominação de Escola Mestre Santa Bárbara. A referida Escola está localizada em um bairro de classe média da cidade, sendo formada atualmente por 1.024 alunos entre os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Figura 1 – Imagem da Escola Mestre Santa Bárbara



Fonte: Imagem cedida pela Escola Mestre Santa Bárbara (2019).

Os alunos matriculados na Escola Mestre Santa Bárbara são, na sua maioria, oriundos da classe média. A referida Escola, segundo o Plano Político Pedagógico (PPP), tem como princípio uma educação democrática e humanística e a construção de aprendizagens significativas, para a formação de cidadãos críticos, participativos, conscientes, capazes de interagir e intervir na sociedade e no mundo do trabalho.

As avaliações, segundo o regimento da Escola Mestre Santa Bárbara, são realizadas por objetivos, trabalhados pelos professores durante os três trimestres em que o calendário é dividido. Os objetivos são elencados pelos professores em seus planos de estudo e em

consonância com o PPP da Escola. Quanto ao componente do ensino da História, a Escola Mestre Santa Bárbara apresenta em seu currículo previsto dois períodos, no primeiro e no segundo ano, do Ensino Médio e; três períodos no terceiro ano. Os conteúdos trabalhados são os previstos pela base curricular nacional, o que acaba não permitindo que se ofereça a atenção necessária ao ensino de História do Rio Grande do Sul.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE

O Projeto Tertúlia Mestre (PTM) foi criado no ano de 2014 e a partir daí passou a ser realizado anualmente, objetivando a interação da comunidade escolar por meio da realização de pesquisas histórica, social e cultural sobre o RS, incluindo também a realização de apresentações. Essas pesquisas são norteadas pela direção e demais professores, que acompanham e orientam as turmas na escolha dos temas que deverão ser desenvolvidos para a construção dos trabalhos de pesquisa. Em função de o PTM fazer parte do calendário escolar zela pelo aprendizado integral dos alunos, ou seja, o seu crescimento em termos pedagógicos, culturais e sociais. Assim sendo, buscando oferecer um sentido pedagógico ao referido Projeto foram realizadas alterações no seu formato.

A partir de 2015, a Escola Mestre Santa Bárbara incluiu ao PTM, a elaboração de uma pesquisa em diversos sentidos (historiográfico, social, cultural, político e literário), para que os alunos pudessem, além da participação em uma apresentação artística, se envolver em pesquisas sobre a História do Rio Grande do Sul. A inclusão teve a intenção de incentivar os alunos a conhecer o processo de formação da cultura; da apropriação de conceitos como o tradicionalismo e o gauchismo; da formação do gaúcho gentílico pelo qual se reconhecem; da literatura gaúcha e; demais temas que pudessem ser trabalhados nesse sentido.

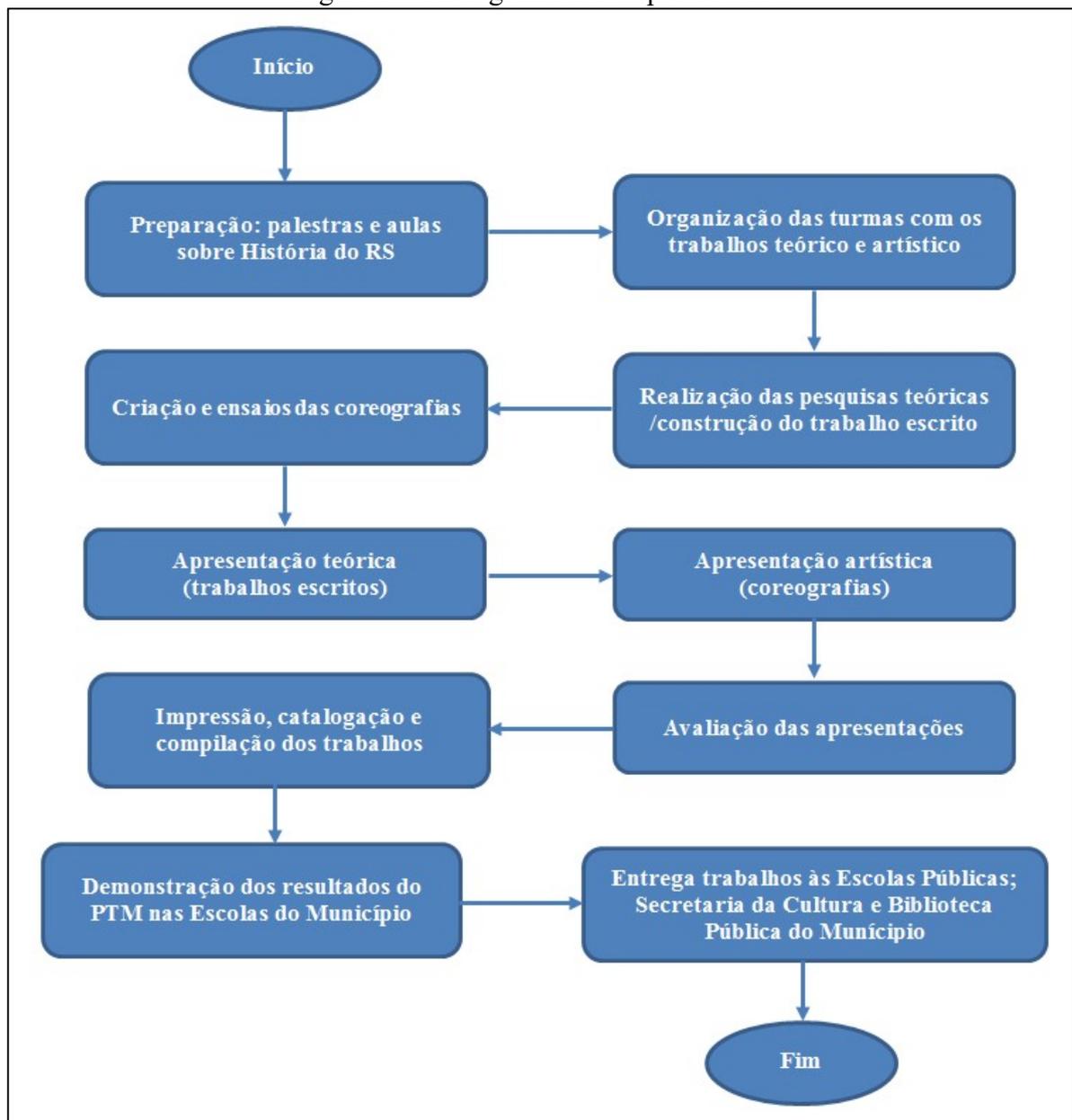
No período de 2014 a 2017 durante a realização do PTM foram observados avanços na participação e no empenho dos alunos, que inicialmente era composto apenas por uma apresentação artística dos alunos, enfatizada na temática tradicionalista. Como se verifica, o PTM tem a pretensão de oportunizar a imersão dos alunos em um contexto de aprendizagem mútua e de organização conjunta, além de promover o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade por intermédio do envolvimento e do entendimento da cultura sul-riograndense, possibilitando a busca e a construção do conhecimento e da descoberta.

O PTM é desenvolvido com as turmas do Ensino Médio, envolvendo os alunos na faixa etária entre 14 a 19 anos. O professor de História é o responsável em ministrar como parte do Projeto, algumas aulas e palestras incluindo os temas da História do RS e do processo de

construção da tradição. A partir dessas aulas e palestras, os alunos escolhem um tema de pesquisa relacionado à cultura do Estado do RS para a realização dos trabalhos.

No que tange aos aspectos técnicos, à escrita e à organização dos trabalhos propostos, os alunos contam com o apoio da equipe diretiva e dos demais professores da Escola. Na Figura 2 consta o fluxograma do PTM com a indicação das etapas que são desenvolvidas, as quais estão detalhadas na sequência.

Figura 2 – Fluxograma das etapas do PTM



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Como identificado na Figura 2, o PTM inicia com um período de preparação onde são propostas algumas aulas e palestras sobre os temas da História do Rio Grande do Sul e do processo de construção da cultura sob a responsabilidade do professor de História. A partir dessas aulas, os alunos escolhem um tema de pesquisa relacionado à cultura do Estado.

Visando consolidar a relação de troca e de intercâmbio entre a Escola e a cultura sul-rio-grandense, o PTM oferece em sua essência a proposta de inserir no ambiente escolar, o estudo da História do Rio Grande do Sul e de sua cultura e; também, busca despertar nos educandos o desejo de conhecer, de se apropriar, de pertencer e de entender a História e a identidade sul-rio-grandense.

Nesse sentido, partindo da premissa de conhecer a História do Estado do RS, os alunos das turmas do Ensino Médio são instigados a escolher um tema da História e da cultura sul-rio-grandense para desenvolver uma pesquisa que os conduzirá na construção de trabalhos escritos e; posteriormente, deverão realizar a apresentação oral desses trabalhos em um evento didático e específico para a mostra de resultados, que acontece anualmente no mês de setembro, denominado Evento Tertúlia Mestre.

Quanto à escolha dos temas que norteiam as pesquisas e as apresentações artísticas, os alunos contam com o auxílio dos professores da Escola, principalmente dos professores das áreas com as quais os seus trabalhos mais se aproximam. Durante o desenvolvimento do Evento Tertúlia Mestre, os alunos contam também com o auxílio dos seus professores conselheiros tais como os coordenadores do projeto e do professor de História, sendo este último o responsável pela orientação de pesquisa e tem a incumbência de preparar uma aula específica para cada turma, relacionada aos temas escolhidos. Desse modo, cada turma escolhe um tema distinto, referente ao Rio Grande do Sul e desenvolve um trabalho escrito que engloba as pesquisas histórica, cultural e social referentes àquela temática escolhida.

O professor de História é o responsável pela indicação de referências bibliográficas para serem utilizadas nas pesquisas dos alunos, bem como pela orientação do desenvolvimento dos trabalhos.

Vale ressaltar que paralelo à realização dos trabalhos e utilizando as informações dos temas pesquisados, cada turma deverá criar as coreografias e os figurinos que retratarão o assunto escolhido e a pesquisa desenvolvida a partir desse ponto e que nortearão a concepção das apresentações cênicas para o Evento Tertúlia Mestre. Além de abordar as questões culturais e as questões históricas rio-grandenses no ambiente da Escola, o PTM visa incentivar o trabalho pedagógico por meio do estudo, da cooperação e, conseqüentemente, da construção do conhecimento e fortalecimento de uma identidade.

Na Figura 3 consta a ilustração de uma coreografia, representando a Guerra Guaranítica, que fora apresentada pelos alunos na Escola, durante um dos eventos do PTM, mais precisamente no ano de 2015.

Figura 3 –Coreografia da Guerra Guaranítica



Fonte: Acervo da Escola Mestre Santa Bárbara (2015).

Salienta-se que, algumas turmas são convidadas a divulgar os seus trabalhos externamente, quando obtêm a melhor pontuação, no Evento Tertúlia Mestre, mediante avaliação dos jurados convidados. As apresentações normalmente são realizadas para os alunos de Escolas do município de Bento Gonçalves/RS e até mesmo para os municípios vizinhos mediante prévio agendamento não apenas para a comunidade escolar, mas também para outros jovens de outros municípios, a fim de divulgar a História do Rio Grande do Sul, incluindo as duas versões do entendimento do termo ‘gaúcho’: aquele gaúcho errante relativo ao século XIX e; a história do mito do gaúcho heroico.

A avaliação das turmas que participam do PTM é realizada em dois momentos. Primeiro, durante as apresentações das pesquisas e das coreografias, com a presença de uma banca de avaliação formada por professores de História, e pelas autoridades convidadas; essa mesma banca se faz presente no dia da apresentação teórica e no dia da apresentação artística. Em um segundo momento de avaliação, ela é realizada entre o professor responsável pelas turmas e os alunos em forma de consenso e auto avaliação. O PTM conta como um dos objetivos estabelecidos para o ano no regimento da Escola Mestre Santa Bárbara e nos planos de estudo e de trabalho.

Os trabalhos de pesquisa finalizados são compilados, catalogados e ficam à disposição para consulta na Biblioteca da Escola. Além disso, são entregues cópias dos trabalhos finalizados e melhor avaliados para a Biblioteca Pública de Bento Gonçalves/RS, para a Secretaria de Cultura do Município e para as Escolas Públicas do Município.

Cabe destacar que, os alunos são convidados a participar dos Eventos Tertúlia Mestre, mas eles têm a liberdade de escolha em participar ou não, indicando os argumentos, cuja situação é administrada pela direção e pelos professores da Escola, portanto nenhum aluno é obrigado a participar dos eventos, pois se caracteriza como um projeto democrático. Os alunos que não participam dos eventos são direcionados a realizar somente os trabalhos escritos para que possam ser avaliados no trimestre.

Acrescenta-se que, alguns pais criticam o PTM, pois nem todos disponibilizam de verbas para a compra das vestimentas gaúchas; alguns alunos não apresentam identificação; e em outros casos a própria família não permite a participação dos alunos por também não ter identificação ou ainda devido às questões financeiras como mencionado anteriormente.

Logicamente que esse aspecto tem sido observado e trabalhado pela direção e pelos professores da Escola Mestre Santa Bárbara, sendo que uma das alternativas encontradas pelo professor de História tem sido a busca de parcerias financeiras por meio de patrocínios em empresas locais, e, também, a busca pelos apoios do município de Bento Gonçalves e do Estado, por meio dos incentivos à cultura.

3.3 DIRETRIZES DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE

Nesta seção são apresentadas as principais diretrizes que norteiam os eventos desenvolvidos no PTM, citando como são desenvolvidos os trabalhos escritos; a apresentação dos trabalhos escritos; a catalogação e a distribuição desses trabalhos; a criação e a apresentação das coreografias e dos figurinos e; o cronograma geral dos eventos no PTM.

3.3.1 Trabalho escrito

No PTM por intermédio da pesquisa dos contextos histórico, social e cultural do tema escolhido, as turmas organizam os trabalhos e entregam em cinco vias à direção da Escola Mestre Santa Bárbara.

O professor conselheiro de cada turma recebe previamente um modelo com os aspectos que são contemplados nos trabalhos escritos. Todos os alunos envolvem-se na construção dos

trabalhos e devem possuir conhecimento do tema. Para a elaboração dos trabalhos escritos são exigidas as normas padronizadas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Os trabalhos escritos deverão apresentar a seguinte estrutura:

- a) introdução;
- b) desenvolvimento com os seguintes tópicos: contexto histórico, fato histórico da época, espaço geográfico, situação política, outras características da época e relevância do tema para a cultura gaúcha;
- c) conclusão;
- d) lista das referências utilizadas.

3.3.2 Apresentação do trabalho escrito

Os trabalhos escritos são apresentados pelos alunos oralmente, de forma clara e criativa, com a participação de no mínimo seis e no máximo dez alunos integrantes da turma. A apresentação é realizada para uma banca de convidados que avalia a qualidade da escrita e a apresentação oral dos trabalhos escritos e; cada turma tem vinte (20) minutos para a apresentação dos trabalhos. As apresentações iniciam com as turmas de 1º ano; na sequência, o 2º ano e; por último, as turmas de 3º ano. A ordem de apresentação é definida por sorteio, com a presença dos líderes de cada turma.

Na avaliação do trabalho escrito são observados os seguintes critérios na produção escrita e na apresentação dos trabalhos: justificativa do tema escolhido, apontando a relação com a história e a cultura gaúcha; contexto histórico e cultural do tema; domínio e clareza do conteúdo apresentado; coerência da apresentação com o tema proposto; e a veracidade das informações e os fatos relatados.

3.3.3 Catalogação e distribuição

Os trabalhos escritos considerados aptos pela banca examinadora são catalogados, compilados e encadernados em uma única obra e passam a fazer parte do acervo de Pesquisa da Biblioteca da Escola, preservando a memória desses trabalhos na instituição de ensino.

Acrescenta-se que, são entregues cópias dos trabalhos de pesquisa das turmas para a Biblioteca Pública, à Secretaria de Cultura, além de Escolas Públicas do município de Bento Gonçalves/RS, no intuito de disponibilizar a consulta para a comunidade em geral; e para despertar o interesse pela História do Rio Grande do Sul.

3.3.4 Criação e apresentação das coreografias e figurinos

Com a finalização dos trabalhos escritos, o próximo passo compreende a apresentação das propostas de coreografias e figurinos baseados na temática escolhida, a partir das referências históricas, culturais e sociais de que se apropriam os alunos durante a pesquisa. Essas coreografias e figurinos criados durante a execução do PTM são demonstrados ao público nas apresentações artísticas do Evento Tertúlia Mestre.

Na criação e construção das coreografias, os alunos podem solicitar auxílio aos instrutores de dança e cada apresentação tem uma duração de no máximo seis (6) minutos. Os critérios de avaliação para as apresentações artísticas são: fidelidade ao tema; criatividade; caracterização do cenário e figurino; interpretação; e desenvolvimento da coreografia.

3.3.5 Cronograma dos eventos do PTM

No Quadro 1 consta o cronograma que serve de base, para o desenvolvimento dos eventos anuais do PTM, indicando: as etapas já ilustradas na Figura 3; as atividades que são desenvolvidas; os responsáveis pelas atividades e; o período de realização das atividades.

Quadro 1 – Cronograma dos eventos do PTM

Projeto Tertúlia Mestre – Cronograma			
Etapas	Atividades	Responsável	Período
1 ^a	Preparação de aulas e palestras sobre a História do RS e o processo de construção da cultura.	Professor de História	Março
2 ^a	Aulas dos temas específicos de cada turma para orientação de pesquisa.	Professor de História	Março e Abril
3 ^a	Realização da pesquisa e dos trabalhos escritos.	Alunos	Abril a Agosto
4 ^a	Criação de coreografias e figurinos.	Alunos	
5 ^a	Apresentação oral dos trabalhos de pesquisa.	Alunos	Agosto
6 ^a	Catálogo e compilação dos trabalhos de pesquisas realizados pelos alunos.	Professores	Agosto e Setembro
7 ^a	Impressão e encadernação dos projetos de pesquisa organizados e compilados.	Professores/ Alunos	Setembro
8 ^a	Mostra das coreografias e dos figurinos criados durante o PTM.	Alunos	Setembro
9 ^a	Demonstração dos resultados do PTM em Escolas do Município.	Professores/ Alunos	Setembro
10 ^a	Entrega de cópias dos projetos para as Escolas Públicas, à Secretaria de Cultura e à Biblioteca Pública Municipal de Bento Gonçalves/RS.	Professores/ Alunos	Outubro

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Como identificado no Quadro 1, os eventos do PTM ocorrem anualmente, iniciando a partir do mês de março e são finalizados no mês de outubro. O PTM como mencionado anteriormente é um trabalho que abrange todas as turmas do Ensino Médio, a direção, a supervisão, e boa parte dos professores e envolvendo toda a Escola e durante todo o ano e as etapas vão acontecendo conforme o que está previsto no cronograma dos eventos detalhado no Quadro 1.

É preciso salientar que, a partir do ano de 2020, o Evento Tertúlia Mestre foi temporariamente cancelado pela direção da Escola Mestre Santa Bárbara, em função da ocorrência da pandemia do Coronavírus (Covid-19), no intuito de evitar aglomerações e para preservar vidas.

Aqui cabe destacar que, na proposta do PTM, a realização da pesquisa e dos trabalhos escritos pelos alunos bem como as apresentações artísticas (coreografias e figurinos) estão atrelados na busca pelo conhecimento da História do Rio Grande do Sul, porque não dizer o conhecimento da História Local.

Como explica Macedo (2017), o conhecimento da História Local passou a ser um dos pré-requisitos para se compreender os processos históricos regional nacional e global. Ainda conforme a autora, a História Local tem por finalidade contribuir para o fortalecimento das identidades dos indivíduos naqueles locais onde eles nasceram e/ou habitam (MACEDO, 2017).

No próximo capítulo é desenvolvida uma análise do PTM no que se refere aos temas dos Eventos Tertúlia Mestre realizados no período entre os anos de 2014 a 2017 e, em especial dos temas e trabalhos de pesquisa referentes ao evento realizado no ano de 2016 e ao final são apresentados três depoimentos de alunos sobre o PTM.

4 ANÁLISE DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE

Neste capítulo é realizada a análise do Projeto Tertúlia Mestre, iniciando pela avaliação dos temas dos eventos realizados em 2014 a 2017. Em seguida são analisados os temas e os trabalhos de pesquisa desenvolvidos no Evento Tertúlia Mestre do ano de 2016, e são apresentados três depoimentos de alunos sobre o PTM.

4.1 TEMAS DOS EVENTOS TERTÚLIA MESTRE DE 2014 A 2017

Nos eventos do PTM realizados, no período de 2014 a 2017, foram retratados diversos temas, os quais foram classificados para o desenvolvimento da análise, nos seguintes eixos temáticos: Atividade Econômica; Costumes; Dança e Música; Escravidão; Formação da População; Gaúcho Primitivo; Guerras; Imigrações; Influência Cultural; Literatura Gaúcha; Povos Indígenas; Revolta Farroupilha; Temáticas Locais; Tradicionalismo e; Tropeiros.

Os temas estão relacionados nos Quadros 2, 3, 4 e 5, os quais foram apresentados pelas turmas de Ensino Médio, pertencentes ao turno da Manhã (M) e como fonte foram empregados os cerimoniais dos eventos apresentados (ver Anexo A), no período compreendido entre os anos de 2014 a 2017.

Quadro 2 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2017

Turma	Tema	Eixo Temático
11M	Primeiro carro a motor no Rio Grande do Sul	Atividade Econômica
12M	Guerra da Cisplatina	Guerras
13M	História do acordeão	Dança e Música
14M	A contribuição da cultura francesa na formação do RS	Influência Cultural
15M	História da chula	Dança e Música
16M	Homem e cavalo	Atividade Econômica
17M	Racismo/escravidão	Escravidão
18M	Imigração Russa	Imigrações
21M	Festa da Uva – Primeira transmissão em cores	Temáticas Locais
22M	Revolta Farroupilha	Revolta Farroupilha
23M	Francisco Sanchez – Paco	Gaúcho Primitivo
24M	A influência da Argentina na cultura gaúcha	Influência Cultural
25M	A influência da cultura espanhola na formação do RS	Influência Cultural
31M	O Tempo e o vento (Continente – invasão do casarão)	Literatura Gaúcha
32M	Festival de culturas	Influência Cultural
33M	História de Anita e Giuseppe Garibaldi	Revolta Farroupilha

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 3 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2016

Turma	Tema	Eixo Temático
11M	Imigração italiana	Imigrações
12M	Lenda do “Queixinho da Merência”	Literatura Gaúcha
13M	Escravos na senzala e no saladeiro	Escravidão
14M	Tropeiros	Tropeiros
15M	Sentimento gaúcho/ gauchismo	Tradicionalismo
16M	Criação de gado	Atividade Econômica
21M	<i>Camiluchos</i> /bandoleiros	Gaúcho Primitivo
22M	Bailes da alta classe em Pelotas	Temáticas Locais
23M	Revolta Farroupilha	Revolta Farroupilha
24M	Tropeiros	Tropeiros
31M	Origem do sapateio – Revolução Industrial	Dança e Música
32M	Liberdade – Abolição da escravidão/racismo	Escravidão
33M	Tropeiros	Tropeiros
34M	Estrada de ferro em Bento Gonçalves	Temáticas Locais
35M	Invasão ao Forte de Rio Pardo	Guerras
36M	Índios Charruas	Povos Indígenas

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 4 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2015

Turma	Tema	Eixo Temático
11M	Costumes campeiros	Costumes
12M	Escravos de estância	Escravidão
13M	Danças tradicionais	Tradicionalismo
14M	Costumes do litoral do Estado	Costumes
21M	Conflito entre portugueses e espanhóis contra os índios	Guerras
22M	Origens da população do Estado	Formação da População
23M	Chama crioula e cultura gaúcha	Tradicionalismo
24M	Agricultura e cultivos	Atividade Econômica
25M	Mortos na guerra	Guerras
26M	A mulher nos costumes campeiros	Costumes
27M	Encontro de raças	Formação da População
28M	Jogos de carta e truco	Costumes
31M	Gaúchos bandoleiros	Gaúcho Primitivo
32M	Guerra Guaranítica	Guerras
33M	Galpões e costumes do campo	Costumes
34M	Influência da cultura espanhola	Influência Cultural

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 5 – Temas do Evento Tertúlia Mestre 2014

Turma	Tema	Eixo Temático
11M	Senzalas do litoral gaúcho	Escravidão
12M	Contrabandistas de couro	Gaúcho Primitivo
13M	Danças tradicionais	Tradicionalismo
14M	Laçador/Paixão Côrtes	Tradicionalismo
15M	Contos, lendas e cantigas	Literatura Gaúcha
16M	Gaúchos fazendeiros	Gaúcho Primitivo
21M	Batalha do Seival	Revolta Farroupilha
22M	Batalha de Laguna – Anita e Garibaldi	Revolta Farroupilha
23M	O Tempo e o vento	Literatura Gaúcha
24M	Lenda – Negrinho do Pastoreio	Escravidão
25M	Anita e Giuseppe Garibaldi	Revolta Farroupilha
26M	Casa das sete mulheres	Literatura Gaúcha
31M	Imigração italiana	Imigrações
32M	Bumbo Leguero	Dança e Música
33M	Gaúchos bandoleiros	Gaúcho Primitivo
34M	Evolução das vestimentas do gaúcho	Tradicionalismo

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na Tabela 1 consta uma síntese dos resultados obtidos, indicando os eixos temáticos; a incidência dos temas e; os anos em que os temas apareceram nos eventos de 2014 a 2017.

Tabela 1 – Eixos temáticos dos últimos anos de evento

Eixos Temáticos	Incidência do Tema	Incidência por Ano
Atividade econômica	4	2015, 2016, 2017
Costumes	5	2015
Dança e música	4	2014, 2016, 2017
Escravidão	6	2014, 2015, 2016, 2017
Formação da população	2	2015
Gaúcho primitivo	6	2014, 2015, 2016, 2017
Guerras	5	2015, 2016, 2017
Imigrações	3	2014, 2016, 2017
Influência cultural	5	2015, 2017
Literatura gaúcha	5	2014, 2016, 2017
Povos indígenas	1	2016
Revolta Farroupilha	6	2014, 2016, 2017
Temáticas locais	3	2016, 2017
Tradicionalismo	6	2014, 2015, 2016
Tropeiros	3	2016

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Como identificado na Tabela 1, os temas que mais apareceram nas apresentações dos eventos foram: a escravidão e o gaúcho primitivo com um total de 6 vezes em todos os anos. Após estavam os temas do tradicionalismo e da Revolta Farroupilha com 6 vezes, porém apenas em três anos; com incidência de 5 vezes e em três anos diferentes estavam os temas das guerras no RS e relacionados à literatura gaúcha. Com incidência de 5 vezes em dois anos apenas apareceram os temas das influências culturais externas na cultura do RS e; 5 vezes também, mas apenas no ano de 2015, os temas relacionados aos costumes no Estado do RS.

4.2 TEMAS DOS TRABALHOS ESCRITOS: EVENTO TERTÚLIA MESTRE 2016

Neste estudo, para realizar a análise das pesquisas optou-se em considerar os trabalhos entregues pelas turmas participantes do Evento Tertúlia Mestre realizado no ano de 2016, sendo que o cerimonial do evento está detalhado no Anexo A. Na Tabela 2 constam as turmas que estiveram envolvidas, no Evento Tertúlia Mestre 2016, listando os temas desenvolvidos e os respectivos eixos temáticos.

Tabela 2 – Temas e eixos temáticos do Evento Tertúlia Mestre 2016

Turma	Tema	Eixo Temático
11M	Reencontro de guerreiros e família	Guerras
12M	Lenda do ‘Queixinho da Merência’	Literatura Gaúcha
13M	Escravos na senzala e no saladeiro	Escravidão
14M	Tropeiros	Tropeiros
15M	Sentimento gaúcho e gauchismo	Tradicionalismo
16M	Criação de gado	Atividade Econômica
17M	Revolta Farroupilha	Revolta Farroupilha
18M	Escravidão no Rio Grande do Sul	Escravidão
11N	Pedro Raimundo: divulgação da música gaúcha	Dança e Música
12N	Curandeira Jacobina Mentz Maurer	Temáticas Locais
21M	<i>Los Camiluchos</i> e Bandoleiros	Gaúcho Primitivo
22M	Alta classe em Pelotas e Charqueadas	Atividade Econômica
23M	Revolta Farroupilha	Revolta Farroupilha
24M	Tropeiros	Tropeiros
21N	Revolta Farroupilha	Revolta Farroupilha
22N	Imigração italiana	Imigrações
31M	Origem do Sapateio e Revolução Industrial	Dança e Música
32M	Liberdade, abolição da escravidão e racismo	Escravidão
33M	Tropeiros	Tropeiros
34M	Estrada de ferro em Bento Gonçalves	Temáticas Locais
35M	Invasão ao Forte de Rio Pardo	Guerras
36M	Índios Charruas	Povos indígenas
31N	Imigração italiana	Imigrações
32N	Gaúcho e o cavalo	Costumes

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Como se verifica na Tabela 2 participou do Evento Tertúlia Mestre que foi realizado no ano de 2016, um total de vinte e quatro (24) turmas pertencentes ao Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara, sendo que deste total, dezoito (18) turmas eram do turno da Manhã (M) e; seis (6) turmas pertenciam ao turno da Noite (N).

Na Tabela 3 estão listados os eixos temáticos em ordem alfabética e a respectiva incidência dos temas, sendo que para os eixos ‘formação da população’ e ‘influência cultural’ não foram elaborados trabalhos no Evento Tertúlia Mestre 2016.

Tabela 3 – Eixos temáticos e incidência no Evento Tertúlia Mestre 2016

Eixos Temáticos	Incidência do Tema
Atividade Econômica	2
Costumes	1
Dança e Música	2
Escravidão	3
Formação da População	0
Gaúcho Primitivo	1
Guerras	2
Imigrações	2
Influência Cultural	0
Literatura Gaúcha	1
Povos Indígenas	1
Revolta Farroupilha	3
Temáticas Locais	2
Tradicionalismo	1
Tropeiros	3

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Como identificado na Tabela 3, no ano de 2016, os temas que mais apareceram nos trabalhos escritos pelos alunos das turmas participantes foram os relacionados aos eixos temáticos da escravidão, Revolta Farroupilha e tropeiros com o desenvolvimento de três trabalhos cada; e com dois trabalhos os eixos temáticos: atividade econômica; dança e música; guerras; imigrações e; temáticas locais.

Para realizar a análise dos resultados, indicados nas Tabelas 2 e 3, foi considerada a sequência dos treze (13) eixos temáticos, conforme a incidência dos trabalhos escritos pelas turmas, mediante a seguinte ordem: Escravidão (3); Revolta Farroupilha (3); Tropeiros (3); Atividade Econômica (2); Dança e Música (2); Guerras (2); Imigrações (2); Temáticas Locais (2); Costumes (1); Gaúcho Primitivo (1); Literatura Gaúcha (1); Povos Indígenas (1) e; Tradicionalismo (1), os quais estão apresentados e analisados nos próximos itens.

4.2.1 Eixo temático: escravidão

No eixo temático ‘escravidão’ foram desenvolvidas três pesquisas, pelas Turmas 13M, 18M e 32M. As três turmas abordaram a importância do trabalho escravo para o Brasil e para o Estado do RS; a forte presença do africano no RS; as contribuições do africano para a economia e para a cultura do Estado e até para o tradicionalismo e; a presença do africano no trabalho do campo constantemente relacionado à imagem do gaúcho.

A Turma 13M enfatizou a pesquisa nos escravos do saladeiro e nas charqueadas, apresentando a situação do escravo no Brasil e no Estado do RS, o sofrido trabalho com o charque em contraponto com as estâncias e os castigos dados aos escravos. O estudo também abordou as heranças deixadas pelos africanos nas culturas gaúcha e brasileira, ressaltando as religiões afro-brasileiras incluindo o batuque, a umbanda, a linha cruzada e o candomblé.

Foi mencionado também no trabalho da Turma 13M que, a economia do Brasil Colônia era comandada pelo Império de Portugal que mantinha a exclusividade dos negócios com a Colônia, sendo que a evolução da economia do Brasil à época estava interligada ao aumento do capitalismo mercantil.

No trabalho da Turma 13M foi descrito também que, as técnicas agrícolas empregadas ainda eram rudimentares e proporcionavam o esgotamento das terras, em que a produção estava centralizada na monocultura, latifúndio e no uso de numerosa mão de obra escrava, inicialmente indígena e depois africana. O tráfico de negros foi um dos mais vantajosos negócios do comércio colonial e os lucros foram direcionados para o Reino, sendo que a Coroa Portuguesa autorizava cada senhor de engenho, a aquisição de até 200 escravos por ano.

Quanto ao escravo no RS, a Turma 13M levantou a exclusão do escravo da História do Estado, pois os historiadores acreditavam que havia sido pequena a contribuição dos africanos na etnia do Rio Grande do Sul. O interesse estava em não mostrar a presença de trabalhadores africanos e os senhores de escravos na Região Sul criado pela historiografia em épocas passadas, mas que já foram e continuam sendo realizadas diversas pesquisas para mudar essa concepção ultrapassada.

Um dos aspectos latentes identificados no trabalho da Turma 13M foi a lembrança de que os escravos (negros) no território gaúcho eram direcionados a trabalhar arduamente na agricultura e nas charqueadas e, também, atuavam como pedreiros, carpinteiros, matadores dos animais, salgadores, curtidores e eram os responsáveis pelo trabalho doméstico das fazendas e; se não completassem as atividades eram açoitados e na maioria das vezes presos nas senzalas. Como descrito no trabalho da Turma 13M, no Rio Grande do Sul, os escravos eram humilhados

e forçados a trabalhar duramente, sendo que por vezes alguns escravos desesperados não suportavam tamanha carga de trabalho e acabavam cometendo o suicídio.

Como destaque do trabalho da Turma 13M foi verificada a preocupação em abordar o surgimento do Dia Nacional da Consciência Negra que é comemorado no Brasil em 20 de novembro, conforme lei e se tornou obrigatório nas escolas o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira.

As fontes utilizadas no trabalho da Turma 13M foram: a realização de pesquisa em *sites* em geral na *internet*; vídeos assistidos no *site* do *youtube.com* e; apenas um artigo científico foi consultado no *site* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), portanto carecendo de uma pesquisa mais qualificada, científica e historiográfica.

A pesquisa da Turma 18M também trabalhou sobre a presença dos escravos nas charqueadas, descrevendo a escravidão no Brasil e no Rio Grande do Sul e; ainda o funcionamento e a participação das charqueadas na economia do Estado. O que despertou a atenção na pesquisa da Turma 18M foi que os escravos temiam o trabalho nas charqueadas, pois o sal utilizado para realizar o trabalho ardia muito quando em contato com os vários ferimentos que os escravos tinham, devido aos maus tratos dos seus senhores.

Assim como no trabalho da Turma 13M, na pesquisa da Turma 18M foi mencionado que os escravos por vezes acabavam cometendo o suicídio e, também, eram castigados e torturados. A Turma 18M também citou a resistência ao escravismo e a fuga dos escravos para a constituição dos quilombos, que eram as comunidades independentes do poder do senhor de engenho e que acabavam procurando outros engenhos para trabalhar.

O trabalho de pesquisa desenvolvido pela Turma 18M apresentou menos informações e fontes do que o trabalho anterior, sendo que as fontes utilizadas foram em sua maioria obtidas nos *sites* em geral da *internet* e um artigo científico da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), e, portanto poucas referências qualificadas em termos científicos e historiográficos.

A ênfase específica da pesquisa realizada pela Turma 32M foi a participação dos escravos na Revolta Farroupilha. Na referida pesquisa foi tratada como ‘Revolução Farroupilha’, termo questionado pela comparação ao conceito de revolução e reforçado pelo tradicionalismo.

A pesquisa da Turma 32M abordou a presença do escravo na guerra; o exército de lanceiros negros e; a motivação de luta pela liberdade, porém não apresentou as formas de recrutamento dos escravos, as condições do escravo na guerra e a denominada traição de Porongos, golpe aplicado aos lanceiros negros ao final da guerra. O trabalho da Turma 32M mencionou também a luta dos escravos por liberdade, fazendo uma pequena cronologia da luta

pela abolição culminando com a Lei Áurea de 1888, incluindo: o contexto histórico da escravidão no Brasil; o espaço geográfico; o período histórico; a situação político-econômica; a relevância do tema para a cultura gaúcha e; finaliza com a Lenda do Negrinho Pastoreio.

Em síntese, a preocupação da Turma 32M esteve em mencionar que o negro foi parte integrante da História do Rio Grande do Sul, mesmo que ainda pouco reconhecida, sendo uma população mais sofrida e que sustentava o Estado fornecendo a sua mão de obra, mesmo que tratados como escravos.

As fontes para o desenvolvimento do trabalho da Turma 32M foram provenientes de *sites* da *internet* em geral; *sites* de apoio escolar; *sites* de fontes jornalísticas e; apenas um artigo científico foi obtido no *site* da UFRGS, portanto uma pesquisa pouco qualificada em termos científicos e sem pesquisa na historiografia.

Como se verifica nos trabalhos realizados pelos alunos das Turmas 13M, 18M e 32M, a maioria das fontes utilizadas não apresentou um caráter científico e historiográfico. Assim, identifica-se de fato que, a reformulação proposta do PTM se justifica e deverá passar pela indicação de fontes de pesquisa mais qualificadas (científicas e historiográficas) para auxiliar as turmas na elaboração dos trabalhos para os próximos eventos do PTM.

4.2.2 Eixo temático: Revolta Farroupilha

No eixo temático ‘Revolta Farroupilha’ foram elaboradas três pesquisas referentes ao tema pelas Turmas 17M, 21N e 23M. As três turmas abordaram essencialmente o conflito da Revolta Farroupilha indicando os ícones envolvidos no conflito e; as principais consequências da Revolta Farroupilha, que teve a duração de dez anos, ocorrida no período entre os anos de 1835 a 1845.

O trabalho elaborado pela Turma 17M tratou da Revolta Farroupilha, sendo que no estudo foi tratada como ‘Revolução Farroupilha’ ou também conhecida como ‘Guerra dos Farrapos’ no Estado do Rio Grande do Sul, que foi considerado como um dos maiores movimentos revolucionários da História do Brasil; sendo caracterizado como um conflito regional contrário ao governo imperial e apresentava caráter republicano.

Na pesquisa da Turma 17M foi caracterizado que a Revolta Farroupilha fora promovida pela classe dominante do Rio Grande do Sul, que era composta por estanceiros, donos de grandes propriedades rurais utilizadas para a criação do gado, que estava revoltada com a cobrança elevada dos impostos territoriais cobrados e; em função das expressivas taxas sobre as exportações de charque, couro e outros.

Desse modo, o trabalho de pesquisa da Turma 17M se preocupou em apresentar as causas da Revolta Farroupilha, a evolução histórica do conflito, citando também os personagens da História do Rio Grande do Sul dentre eles: Giuseppe Garibaldi, Bento Gonçalves da Silva, Luís Alves de Lima e Duque de Caxias.

As fontes pesquisadas para a elaboração do trabalho da Turma 17M foram retiradas de *sites* em geral da *internet* e; contou com a utilização da obra de Moacyr Flores, intitulada ‘Modelo Político dos Farrapos: as ideias políticas da Revolução Farroupilha’.

A pesquisa desenvolvida pela Turma 21N iniciou enfatizando o contexto histórico do Rio Grande do Sul na América Latina até chegar ao conflito de 1835, que foi caracterizado pelos movimentos separatista e republicano.

A Turma 21N também incluiu no trabalho uma abordagem sobre o índio e os burgueses que habitavam a América Latina e; a imigração de italianos, citando o atual município de Bento Gonçalves/RS. Porém, o que despertou a atenção foi a falta de apresentação científica do trabalho desenvolvido, pois não foram levadas em consideração as orientações oferecidas pelo professor responsável. O trabalho da referida turma apresentou menos fontes se comparado aos trabalhos anteriores, fato notado na maioria dos trabalhos desenvolvidos pelas turmas que estudam no turno da noite. Os alunos da Turma 21N utilizaram apenas um *site* da *internet* para obter as informações, carecendo de fontes mais qualificadas e historiográficas.

Por sua vez, o trabalho realizado pela Turma 23M retrata a influência da Revolta Farroupilha para a composição do Hino Rio-Grandense ou também conhecido como ‘Hino Farroupilha’ e; foram citados também os ícones do conflito Farroupilha. O trabalho foi realizado com a utilização de dois livros e; mediante a consulta em um *site* da *internet*, sendo, portanto diferente dos demais trabalhos, pois a turma 23M se preocupou em consultar fontes de pesquisa mais qualificadas e historiográficas.

Como verificado nas pesquisas das Turmas 17M, 21N e 23M foram utilizadas como fontes de pesquisa, a consulta em *sites* da *internet* em geral, com a exceção de uma das turmas que consultou literatura historiográfica, utilizando duas obras didáticas sobre o tema em pauta, o que denota a preocupação em desenvolver um trabalho com fontes científicas e historiográficas. Neste sentido, fica nítida a necessidade de se fazer uma reformulação do PTM, no intuito de qualificar as pesquisas que são desenvolvidas pelas turmas participantes dos eventos realizados na Escola Mestre Santa Bárbara. Assim sendo, entende-se que é necessário indicar referências de historiadores que realizam pesquisas para contar a História do RS, por intermédio de livros de História e de artigos científicos que são publicados em *sites* oficiais de pesquisa, com ênfase na historiografia.

4.2.3 Eixo temático: tropeiros

Os trabalhos sobre o eixo temático ‘tropeiros’ foram desenvolvidos pelas Turmas 14M, 24M e 33M. Com a análise dos trabalhos foi possível perceber pontos em comum nas três pesquisas, tais como: o cotidiano dos tropeiros; a sua alimentação; as suas vestimentas; as condições das viagens e; os serviços prestados. A questão da abertura de estradas e de caminhos para a Região Sul foi citada também nos três trabalhos; bem como a importante fonte de comunicação; o tropeiro como o portador das notícias e; o fluxo comercial gerado pelos tropeiros também apareceram nas pesquisas.

Foi possível identificar que, nas três pesquisas existiu a preocupação com a contextualização do período histórico em que a ação dos tropeiros foi registrada, como solicitado pela Escola Mestre Santa Bárbara nas orientações para a elaboração dos trabalhos. As turmas apresentam também, a herança deixada por esses comerciantes de mulas e de gado para os costumes apontados como tradições gaúchas. Como exemplos, nas vestimentas, nos costumes alimentares e nos lazeres. Além disso, as turmas também se preocuparam em disponibilizar algumas imagens que retratassem as características dos tropeiros no Rio Grande do Sul, enriquecendo os trabalhos escritos.

A Turma 14M apresentou o trabalho de maneira científica conforme as instruções das orientações oferecidas pelo professor responsável, estruturando-o em capítulos, iniciando pela introdução, seguida pelo capítulo seguinte que abordou o tropeirismo, descrevendo sobre a formação dos acampamentos; a organização das tropas; as expedições estrangeiras; a situação política; o primeiro tropeiro; a relevância histórica à cultura gaúcha e; o Passo de Santa Vitória (localizado no Rio Pelotas – passagem entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina). O trabalho da Turma 14M também descreveu a vida dos tropeiros incluindo a indumentária tropeira, citando o vestuário utilizado pelos tropeiros, os acessórios tropeiros e a alimentação.

Os alunos da Turma 14M utilizaram mais referências consideradas científicas e qualificadas, em que foram consultados vários livros de historiadores que abordassem sobre o tropeirismo no Rio Grande do Sul e, também, foram utilizados artigos científicos sobre a referida temática. A Turma 14M inovou ao realizar uma entrevista pessoal com Assunta De Paris e Maria de Fátima Dill Silveira Zardom para obter as informações do município de Bento Gonçalves, a qual foi aplicada em 02 de agosto de 2016.

A Turma 14M também se preocupou em encadernar em espiral o trabalho, o que contribuiu para a sua melhor apresentação. Além disso, a referida Turma se preocupou em desenvolver um glossário com os termos que foram utilizados ao longo da pesquisa para melhor

explicar os seus conceitos e, anexaram ao trabalho o ‘Mapa do Tropeirismo’ e uma lista das rotas tropeiristas nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Por sua vez, o trabalho da Turma 24M também seguiu as orientações solicitadas apresentando uma introdução; o desenvolvimento que contemplou os contextos históricos descrevendo os fatos históricos, o período histórico, a situação política e a relevância do tema para a cultura gaúcha e, também, foi apresentado o mapa dos ‘caminhos das tropas’.

No trabalho da Turma 24M foram consultados em sua maioria vários *sites* da *internet* não científicos e; foi utilizada uma dissertação de mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade publicado pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

A Turma 33M seguiu as orientações para a elaboração do trabalho de maneira científica estruturando-o em oito capítulos. Iniciando com a introdução, seguido pela abordagem do tropeirismo indicando o dia a dia, as vestimentas com as características do trajar da época e a alimentação que era consumida durante as viagens. O trabalho também descreveu o espaço geográfico, o período histórico, a situação política na Europa e no Brasil; apresentou a relevância do tema e a conclusão do trabalho.

As referências utilizadas pela Turma 33M foram todas consultadas em *sites* da *internet*, tendo como ressalva a consulta em uma Dissertação de Mestrado em Direito publicado pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), porém não foram utilizadas obras literárias de historiadores, o que qualificaria melhor o estudo desenvolvido. O que despertou a atenção foi que ao final, foram colocadas algumas imagens em anexo que remeteram a temática do tropeirismo no Rio Grande do Sul, incluindo imagens da viagem tropeira, das as vestimentas e da alimentação que era consumida em tais viagens.

Nos trabalhos desenvolvidos pelas Turmas 14M, 24M e 33M, quanto às fontes utilizadas, percebeu-se facilmente a consulta realizada em *sites* variados da *internet*; alguns *sites* relacionados à educação e à História do RS; alguns *sites* da *internet* referentes ao tradicionalismo; outros relacionados especificamente às cidades que ligavam a sua história local com a passagem dos tropeiros. Além disso, em todos os trabalhos apareceram pelo menos um artigo ou dissertação acadêmica como fonte de pesquisa e; consulta em alguns livros didáticos específicos sobre a temática em questão.

Aqui cabe salientar que em alguns *sites* de pesquisa oficiais e científicos é possível encontrar artigos científicos que poderão qualificar os trabalhos futuros que serão desenvolvidos pelas turmas participantes dos próximos eventos. O que remete a reformulação do PTM, em que se propõe a indicação de *sites* científicos confiáveis e historiográficos que retratem os eixos temáticos que serão apresentados nos próximos eventos do PTM.

4.2.4 Eixo temático: atividade econômica

Os trabalhos do eixo temático ‘atividade econômica’ foram desenvolvidos pelas Turmas 16M e 22M. Os trabalhos abordaram os temas sobre a importância do tropeiro e a criação de gado para a economia do Rio Grande do Sul; indicaram ainda o contexto e o período histórico; o espaço geográfico e; foram apresentadas também as características das charqueadas, as quais foram consideradas como impulsionadoras para o desenvolvimento do município de Pelotas e, conseqüentemente, para a economia do Estado do RS.

O estudo elaborado pela Turma 16M se preocupou em realizar uma abordagem sobre o tropeiro e a atividade da criação do gado, como indicativos influenciadores da História do Rio Grande do Sul e apresentaram os impactos desta atividade para a economia gaúcha. O trabalho da Turma 16M também apresentou as rotas traçadas pelos tropeiros, as quais modificaram a configuração das regiões consolidando a expansão comercial do país e do Estado do RS.

As fontes de pesquisa utilizadas pela Turma 16M foram dois livros didáticos; um artigo científico e; em sua maioria, a consulta de *sites* em geral provenientes da *internet* e; foram consideradas as orientações indicadas pela Escola, o que caracterizou o trabalho cientificamente.

O trabalho da Turma 22M destacou a atividade das charqueadas no município de Pelotas como impulsionadora da economia daquele município e, também, do Estado do RS, enfatizando ainda a aristocracia e indicou que a principal atividade econômica do Rio Grande do Sul, no século XIX, estava voltada para a agropecuária e o comércio e; as charqueadas também propiciaram o enriquecimento cultural do Estado do RS.

O que despertou a atenção no trabalho da Turma 22M foi a sua estrutura, pois fugiu um pouco das orientações padronizadas solicitadas, mas que não prejudicou a forma de apresentá-lo, muito pelo contrário poderá servir de modelo para os próximos trabalhos do PTM.

Para a elaboração do trabalho da Turma 22M foram utilizadas em sua maioria fontes de pesquisa obtidas em *sites* em geral da *internet*; uma Tese de Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americana, publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); um artigo científico e; um trabalho de graduação do Curso de História publicado pela UFRGS, os quais qualificaram o estudo, porém carente de obras literárias e historiográficas.

Como percebido no estudo desenvolvido pela Turma 16M foram considerados todos os critérios estabelecidos nas orientações. No trabalho da Turma 22M os alunos foram criativos e fugiram um pouco dos padrões estabelecidos, o que contribuiu para um novo pensar para a realização dos próximos trabalhos dos eventos do PTM. Porém, as turmas poderiam pesquisar

mais em livros didáticos de historiadores e, também, mais artigos científicos específicos em historiografia do Rio Grande do Sul que abordassem a temática em questão, o que qualificaria ainda mais as pesquisas.

4.2.5 Eixo temático: dança e música

No eixo temático ‘dança e música’ foram desenvolvidos dois trabalhos, pelas turmas 11N e 31M. O trabalho da Turma 11N enfatizou a música regionalista, indicando a importância de Pedro Raimundo, como um dos pioneiros da divulgação da música regional no país e no Estado do RS. O referido músico regionalista ficou conhecido em todo o país como um músico gaúcho devido às suas vestimentas e seus costumes, porém nasceu no Estado de Santa Catarina.

No trabalho da Turma 11N não foi indicada a fonte consultada para o seu desenvolvimento e, também, não foram seguidas as orientações solicitadas pela Escola para a elaboração do trabalho escrito. Todavia, a Turma 11N se preocupou em colocar as imagens de Pedro Raimundo e da capa do disco e, também, transcreveu uma das canções de Pedro Raimundo, ‘Adeus Mariana’, que foi difundida e conhecida em todo o país.

Por sua vez, no trabalho da Turma 31M foi realizada uma abordagem sobre a Revolução Industrial e a arte da dança do sapateado que é proveniente da Espanha, a qual foi disseminada para todo o Estado do RS, oferecendo a formação das danças tradicionais conhecidas nos dias de hoje, as quais são partes integrantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O trabalho escrito da Turma 31M também não seguiu o padrão das orientações recomendadas para a elaboração do trabalho escrito, mas dividiu-o em introdução, desenvolvimento, conclusão e citou as referências utilizadas.

Para a elaboração do trabalho escrito da Turma 31M foram utilizados em sua maioria *sites* da *internet*; um dicionário da Língua Portuguesa e; consultadas duas obras literárias: a ‘História das Cavernas ao Terceiro Milênio’ que foi publicada por Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braicke; e a obra ‘Manual de Danças Gaúchas’ que fora elaborado por Paixão Cortês e Barbosa Lessa.

Como se percebeu no trabalho da Turma 11N não houve a preocupação em citar as fontes utilizadas para o seu desenvolvimento e, também, não foram empregadas as orientações da Escola para a sua elaboração, o que o torna pouco científico. Porém, a Turma 11N se preocupou em buscar imagens que retratassem o tema e apresentou uma das letras criadas pelo músico Pedro Raimundo, sendo, portanto criativos. No trabalho da Turma 31M houve a preocupação de estruturar o trabalho em capítulos para uma melhor apresentação e, também,

foram citadas as fontes utilizadas. Desse modo, é preciso repensar e reformular o PTM para que todos sigam uma padronização tanto para a elaboração dos trabalhos escritos como para a realização da pesquisa em fontes de historiografia do Rio Grande do Sul e em artigos científicos pesquisados em *sites* oficiais de História do RS.

4.2.6 Eixo temático: guerras

O eixo temático ‘guerras’ foi desenvolvido em dois trabalhos pelas Turmas 11M e 35M, sendo que foi realizada uma abordagem sobre a Revolução Federalista e sua importância para a cultura gaúcha; a importância da mulher na guerra; a retomada do Forte Jesus Maria José (atual município de Rio Pardo) e as suas influências sobre a cultura sul-rio-grandense.

No estudo da Turma 11M foi enfatizada inicialmente, a Revolução Federalista que eclodiu no período de 1893 a 1896 e, em seguida, foram indicados o período histórico e o espaço geográfico; foram abordadas ainda a relevância da mulher na guerra e a importância do tema para a cultura gaúcha.

O estudo desenvolvido pela referida Turma contou apenas com a consulta de artigos não científicos em *sites* obtidos na *internet*, mas no trabalho foram acrescentadas algumas imagens ilustrativas de algumas lideranças da Revolução Federalista.

No estudo da Turma 11M foi possível verificar que, a Revolução Federalista também conhecida como ‘Revolta da Degola’ que ocorreu pós-proclamação da República, considerada como uma guerra civil gaúcha entre os federalistas (maragatos) cujo líder foi Júlio de Castilhos e; os republicanos comandados por Gaspar Silveira Martins, sendo uma das mais violentas e sangrentas revoltas da Região Sul do Brasil, e envolveu também os Estados de Santa Catarina e Paraná. Neste contexto de guerra, as mulheres passaram a ocupar um papel que até então era somente dos homens, pois tiveram que dar conta do cuidado da propriedade, dos filhos e das lidas do campo e ainda manter os negócios para sustentar a família.

As fontes de pesquisa utilizadas no trabalho elaborado pela Turma 11M foram consultadas apenas em *sites* da *internet*, sem base científica. No entanto, a Turma 11M estruturou o trabalho em capítulos pontuais, contendo uma introdução, desenvolvimento com a divisão de cinco títulos e, também, descreveu a conclusão e listou as referências utilizadas, porém faltaram as obras literárias historiográficas e científicas para melhor qualificar o estudo.

Na pesquisa realizada pela Turma 35M foi enfatizada a retomada do Forte Jesus Maria José, sendo que houve a preocupação da referida Turma em ilustrar o estudo com algumas imagens sobre o tema abordado, o que auxiliou no entendimento do contexto histórico. O

trabalho da Turma 35M apresentou inicialmente uma introdução e, em seguida, uma fundamentação teórica muito consistente abordando primeiramente a história de Rio Pardo, seguida pela abordagem dos principais aspectos geográficos; foi citada a história da Fortaleza Jesus Maria José e; as influências culturais provenientes dos Impérios da Espanha e de Portugal.

No estudo da Turma 35M foi possível identificar que, os conflitos ocorreram entre os portugueses e os espanhóis, motivados pela ocupação de terras no Rio Grande do Sul, principalmente nas proximidades da Fortaleza Jesus Maria José (localização atual da cidade de Rio Pardo). A Fortaleza Jesus Maria José foi construída para fins de proteção dos portugueses (Forte) e para o acampamento dos padres jesuítas e foi atacada várias vezes pelos espanhóis. Os conflitos entre os europeus somente cessaram com a assinatura do Tratado de Ildefonso, o que garantiu a Espanha o domínio sobre a Colônia do Sacramento e para Portugal ficou o domínio sobre o Forte de Jesus Maria José.

O trabalho da Turma 35M utilizou várias fontes de pesquisa, sendo que do total das referências consultadas vinte (20) fontes foram obtidas em *sites* da *internet* incluindo alguns artigos científicos; uma dissertação de mestrado em História publicada pela UFRGS; *sites* oficiais de pesquisa tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) e Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM); e cinco fontes eram obras literárias que retratavam o tema do trabalho, o que mostrou a dedicação da Turma 35M em buscar fontes que qualificassem o estudo desenvolvido em contraponto ao trabalho escrito e desenvolvido pela turma 11M.

4.2.7 Eixo temático: imigrações

No eixo temático ‘imigrações’, duas turmas realizaram as pesquisas, as Turmas 22N e 31N. Ambas abordaram a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, salientando: o modo como os imigrantes italianos vieram para cá; as condições que encontraram quando chegaram tais como alimentação escassa e péssimos abrigos; a dificuldade para se estabilizar e; as contribuições culturais. As pesquisas mencionaram também a situação da Itália e do Brasil anterior à imigração, enfatizando os motivos da imigração e o porquê da drástica diminuição.

No trabalho da Turma 22N foi enfatizado principalmente, o instrumento musical gaita, como um símbolo do Estado do RS, sendo aprovado por lei pela governadora Yeda Crusius, herança cultural deixada pelos imigrantes que, no Rio Grande do Sul se fizeram presentes.

O trabalho escrito pela referida Turma estava estruturado com uma breve introdução, desenvolvimento, conclusão e referências utilizadas em apenas duas páginas e uma capa,

totalizando três páginas de trabalho e utilizadas apenas duas fontes provenientes de *sites* não qualificáveis para o desenvolvimento de trabalhos científicos.

No Trabalho da Turma 31N também foi realizada uma abordagem sobre a gaita sendo considerada como o símbolo musical do Rio Grande do Sul. A pesquisa da Turma 31N tratou também da imigração dos italianos no Brasil, no Rio Grande do Sul e no município de Bento Gonçalves. Foi relatado ainda o cultivo da uva e a produção do vinho, inicialmente para o consumo próprio e, em seguida, para a comercialização. Assim, utilizando primeiramente, o princípio das trocas comerciais para sobreviver e; com o desenvolvimento do plantio, foram criadas as cantinas e, posteriormente, foram construídas as vinícolas. As referências utilizadas no Trabalho da Turma 22N foram dois *sites* consultados na *internet* não caracterizados como científicos para o desenvolvimento de um trabalho científico.

Por sua vez, no trabalho da Turma 31N ao contrário buscou fontes mais qualificadas, mediante a consulta em quatro obras literárias e; uma Tese de Doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB), o que o caracteriza como um trabalho mais científico e qualificado. Além disso, foram utilizadas fontes variadas de acesso virtual, como as ligadas ao jornalismo e aos símbolos da cidade de Bento Gonçalves/RS.

A Turma 31N também se preocupou em adicionar alguns dados sobre a comercialização de vinhos no Estado do RS, os quais foram consultados no *site* oficial do Instituto Brasileiro do Vinho (IBRAVIN) e, também, acrescentou algumas imagens sobre a fabricação de acordeões e; também, apresentou a letra da música italiana, o 'xote' *Quattro Passi*, que passou a figurar como uma das danças tradicionais obrigatórias do ENART.

4.2.8 Eixo temático: temáticas locais

O eixo que relata as temáticas locais apresentou dois trabalhos desenvolvidos pelas Turmas 12N e 34M. O trabalho da Turma 12N abordou em sua pesquisa a história dos *Muckers* de Jacobina Metz Maurer, na região do Ferrabrás (atualmente município de Sapiranga).

Na pesquisa da Turma 12N foi citado que, já jovem, a menina Jacobina Metz Maurer realizava os trabalhos para a igreja protestante juntamente com a sua família, no entanto, por sofrer de sonambulismo e desmaiar frequentemente, foi percebida como alguém com poderes sobrenaturais. No estudo da Turma 12N foi mencionado também que, Jacobina Metz Maurer acabou por liderar um grupo de seguidores, até ser acusada de heresia pela igreja católica. Foi presa, e após ser solta, acreditava no final do mundo, assim ordenou massacres aos seus seguidores, entrou em conflito com o Império e acabou morta.

O trabalho de pesquisa realizado pela Turma 12N apresentou poucas informações, fazendo mal uso de suas fontes, estas não historiográficas, tais como o *site Wikipédia* (enciclopédia livre *online*) e; o *site* de apoio didático escolar, InfoEscola, e, também, foi insuficiente na apresentação, não considerando as orientações solicitadas pela Escola, e foi organizado com introdução, desenvolvimento, conclusão e bibliografia.

Dando sequência ao eixo de temáticas locais, a Turma 34M abordou os progressos trazidos pela construção de uma ferrovia na cidade de Bento Gonçalves/RS, salientando o contexto histórico e as mudanças trazidas para a referida cidade. Foi destacada também a mudança proveniente da evolução do Distrito Tuiuty pertencente ao atual município de Bento Gonçalves que após a sua criação recebeu as construções de uma escola, igreja, enfermarias e de armazéns.

A pesquisa da Turma 34M citou ainda a necessidade da cidade de Bento Gonçalves/RS receber a ferrovia para poder desenvolver-se economicamente, até a sua instauração efetiva no ano de 1919. O trabalho da referida Turma mencionou também a participação do 1º Batalhão Ferroviário, responsável pela construção da ferrovia, que foi a responsável pelo crescimento da população do município, tendo as suas casas situadas na localidade conhecida como Km 2, no Distrito de Tuiuty.

A Turma 34M se preocupou em salientar sempre os progressos consequentes da linha ferroviária, que atualmente é oferecida como uma atração turística e utilizada como passeio para os turistas na região, e é denominada ‘Maria Fumaça’.

Como referências para a pesquisa, a Turma 34M utilizou três livros literários do próprio município contendo relatos reais vivenciados e escritos pelos moradores de Bento Gonçalves/RS e foi consultado o *site* do 1º Batalhão Ferroviário. Além disso, os alunos da Turma 34M seguiram as orientações solicitadas pela Escola e; inclusive fizeram uma encadernação em espiral, o que mostrou a dedicação da Turma para uma apresentação do trabalho escrito mais formal. No referido trabalho os alunos colocaram em anexo algumas ilustrações alusivas à construção da estação férrea em Bento Gonçalves e; imagens do Batalhão Ferroviário, valorizando a construção da estação férrea naquele município e a participação do 1º Batalhão Ferroviário.

Como identificado nos trabalhos das Turmas 12N e 34M, enquanto a primeira Turma buscou apenas *sites* da *internet* para realizar o trabalho, a outra Turma foi mais dedicada e buscou livros literários da própria região para atender a temática do estudo. Verifica-se que, não se tem uma padronização para a consulta de material para a elaboração dos trabalhos apresentados nos eventos do PTM, surgindo uma oportunidade para a sua reformulação.

4.2.9 Eixo temático: costumes

No eixo temático ‘costumes’, foi desenvolvido o trabalho pela Turma 32N enfatizando a história da inserção dos cavalos e a sua utilização para o transporte. O estudo da referida Turma relatou a importância dos cavalos para o crescimento da economia do país e do Estado do Rio Grande do Sul, pois facilitou o transporte de mercadorias e de pessoas de um lugar a outro, mediante custos menores e; os cavalos também foram utilizados nas guerras em função da sua resistência às condições climáticas locais e outros aspectos inerentes à sua robustez.

A Turma 32N se preocupou em ilustrar o trabalho escrito com algumas imagens relacionadas aos cavalos quando foram empregados para auxiliar nas guerras e; para o transporte de mercadorias e de pessoas.

Como identificado no estudo da Turma 32N, os cavalos foram trazidos pelos espanhóis a partir de 1493, período de colonização do Brasil, para auxiliar no transporte nas guerras; transportar as mercadorias e; auxiliar no transporte das pessoas para a conquista de territórios. À época a quantidade de cavalos era numerosa fazendo com que muitos fossem soltos. Os cavalos selvagens foram domados principalmente pelos índios nativos. Na América do Sul, o cavalo foi introduzido em meados de 1500 por Cristóvão Colombo e; atualmente o cavalo crioulo passou a ser considerado um símbolo do Estado do RS. O cavalo crioulo é considerado como o animal-símbolo do Estado do RS, conforme disposto no artigo 1º, da Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002 (RIO GRANDE DO SUL, 2002).

Para o desenvolvimento do trabalho escrito, a Turma 32N consultou apenas quatro *sites* da *internet*, sendo consideradas fontes não científicas e; não foram consultados livros que tratassem sobre o tema pesquisado, no entanto o trabalho apresentou a estrutura solicitada nas orientações da Escola para a participação no evento do PTM: introdução; desenvolvimento (contexto histórico, fatos históricos da época, espaço geográfico, período histórico, situação política, outras características da época e relevância do tema para a cultura gaúcha); conclusão; referências e foram adicionadas em anexo imagens ilustrativas do cavalo utilizado para o transporte nas guerras e no transporte de mercadorias e pessoas.

4.2.10 Eixo temático: gaúcho primitivo

O eixo temático ‘gaúcho primitivo’ foi contemplado pela elaboração de um trabalho escrito pela Turma 21M, que enfatizou os elementos da população, destacando as características físicas e culturais dos bandoleiros que se instalaram no Estado do Rio Grande do Sul.

Como descrito no trabalho da Turma 21M, os bandoleiros eram caracterizados como autônomos, nômades e praticantes de assaltos e roubos. Neste contexto, o ‘gaúcho histórico’ era tratado como um marginal, uma pessoa que não se ajustava à vida em sociedade, era miserável e desempregado e, portanto, deveria ser excluído e/ou seria útil apenas nas guerras. Ao longo da história esse ‘gaúcho histórico’ deixou de existir, notadamente pós-guerras e devido à delimitação de territórios e passou a ser incorporado como um peão nas estâncias e, também, surgiu a denominação de *camiluchos*, notadamente na ‘Região do Pampa’ ou ‘Campos do Sul’ ou ainda ‘Campos Sulinos’.

O que despertou a atenção no trabalho da Turma 21M foi a utilização da obra do historiador, Mário Maestri, intitulada, ‘Uma História do Rio Grande do Sul’, pois a maioria dos trabalhos analisados anteriormente não se preocuparam em consultar obras historiográficas. Outro aspecto importante verificado é que todas as referências utilizadas pela Turma 21M foram consultadas em obras da literatura gaúcha, o que tornou o estudo mais científico e qualificado.

Acrescenta-se que, o trabalho da Turma 21M torna-se um modelo de pesquisa quando comparado aos demais trabalhos escritos pelas outras turmas, pois se preocupou em buscar fontes científicas e historiográficas do Rio Grande do Sul, sendo que foram utilizadas sete obras que tratavam da História do Rio Grande do Sul.

A Turma 21M também seguiu as orientações da Escola para desenvolver o trabalho escrito estruturando-o com a introdução; desenvolvimento que abordou os contextos históricos, fato histórico da época, espaço geográfico, período histórico, situação política, outras características da época e a relevância do tema para a cultura gaúcha; a conclusão e; foram listadas as referências utilizadas.

Ao analisar o trabalho da Turma 21M é oportuno mencionar que este é um dos propósitos que se pretende sugerir para este estudo. Desse modo, pretende-se mostrar às turmas que participam dos eventos do PTM, a importância de utilizar as fontes de obras historiográficas confiáveis, consultando livros didáticos que remetam a História do Estado gaúcho, agregando valor ao ensino da História do Rio Grande do Sul nas escolas.

4.2.11 Eixo temático: literatura gaúcha

A Turma 12M optou por relatar a lenda do ‘Queixinho de Merênciã’, adentrando assim no eixo temático de literatura gaúcha. Como referido no trabalho da Turma 12M, a lenda se passou no período de transição da Monarquia para o Brasil República, em que foram abordados os conflitos e as transições do período, e como se encontrava a população à época. É relatada

também, a ‘Guerra dos Farrapos’, assim denominada pela Turma 12M (Revolta Farroupilha), ocorrida em 1835 e o processo de colonização do Estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa realizada pelos alunos da Turma 12M contou com uma lista datada de acontecimentos históricos ocorridos na cidade de Rosário do Sul e; foram apresentadas as características geográficas, esta que deu origem ao tema selecionado.

Como relatado pela Turma 12M, a Lenda do ‘Queixinho de Merênciã’ é baseada no patriarcalismo da época, onde uma jovem pobre apaixonou-se pelo filho de um estancieiro. Desse modo, quando o estancieiro descobriu o romance proibido, enviou o filho para uma viagem, e mandou assassinar a jovem brutalmente, que se chamava ‘Merênciã’, sobrando apenas o seu queixo, dali o nome da Lenda ‘O Queixinho de Merênciã’. Assim, em sinal de devoção à menina, o queixo da jovem foi passado de casa em casa. Atualmente, passa-se uma capela com a imagem de uma santa pelas casas, continuando o costume.

A Lenda do ‘O Queixinho de Merênciã’ por ser uma lenda de pouco conhecimento, apresenta poucas fontes bibliográficas. Desse modo, foram consultados pelos alunos da Turma 12M o *site* do *Wikipédia* (fonte não científica) e os ambiente virtuais do município de Rosário do Sul e do Estado do Rio Grande do Sul. Contanto, a referida Lenda foi descrita pelos alunos da Turma 12M diretamente por uma das moradoras de Rosário do Sul, com a aplicação de uma entrevista informal. O trabalho da referida Turma também contou com a demonstração de algumas ilustrações que foram importantes para compreender o cenário do tema.

Cabe destacar que mesmo sem um material bibliográfico mais científico e qualificado os alunos da Turma 12M resolveram realizar uma entrevista informal, o que é pouco comum nos trabalhos escritos para o Evento Tertúlia Mestre. Assim sendo, uma maneira criativa de contar e/ou transcrever a história que muitos desconhecem e não vivenciaram. O que despertou a atenção no trabalho da Turma 12M foi a criatividade em colocar uma mensagem relativa à temática desenvolvida, antes do sumário e, também, ao final do trabalho foi citada a lenda ‘O Queixinho de Merênciã’ na sua íntegra.

A apresentação e a estrutura do trabalho escrito pela Turma 12M primaram por seguir as orientações e as normas da ABNT, distribuídos os capítulos em introdução; desenvolvimento (contextos históricos e período histórico; fatos históricos da cidade de Rosário do Sul e as cidades que ofereceram origem ao tema); espaço geográfico, período histórico, situação política no Brasil e no Estado do RS, escolha do tema e relevância na cultura gaúcha; a conclusão; foram listadas as referências utilizadas e, por último, foram anexadas algumas imagens relacionadas à temática pesquisada.

4.2.12 Eixo temático: povos indígenas

Os índios charruas foram apresentados no eixo temático ‘povos indígenas’, onde a Turma 36M, por meio de sua pesquisa descreveu sobre a adaptação e o choque dos índios à colonização. O estudo relatou que o povo escolhido para ser trabalhado por eles não possuíam muitos relatos, sendo atribuídos como ‘bárbaros e demoníacos’ por escritas de padres jesuítas.

Em análise ao trabalho da Turma 36M notou-se alguns pontos relacionados aos índios charruas, tais como: onde se localizavam geograficamente; o seu modo de sobrevivência; a alimentação; o seu nomadismo baseado nas estações do ano; o seu contato com outras tribos; e a ocorrência dos diversos conflitos e disputas.

O trabalho da Turma 36M também mostrou a preocupação em descrever as características físicas dos integrantes da tribo dos índios charruas; foi salientada ainda a hierarquia interna; a importância oferecida por eles à família; o modo diferenciado de enterrar os seus integrantes, salientando a crença na vida após a morte. Além disso, no trabalho foram analisadas as ferramentas utilizadas para a alimentação e para as batalhas, salientando sempre o contexto histórico que estavam vivenciando, e ainda a herança cultural por eles deixada.

Os dados utilizados pelos alunos da Turma 36M eram provenientes de dois artigos de pesquisa publicados pela UFRGS sobre o povo charrua; um livro que disserta sobre a herança deixada por tribos indígenas de Basile Becker, referente à obra ‘Os índios charruas e minuanos na antiga Banda Oriental do Uruguai’ e, também, foram consultados em *sites* que disponibilizassem informações sobre os primeiros habitantes do RS, porém não científicos.

O trabalho da Turma 36M foi estruturado em introdução, desenvolvimento, conclusão e referências, portanto adequado às normas da ABNT e ao que se espera de um trabalho científico.

4.2.13 Eixo temático: tradicionalismo

O eixo temático ‘tradicionalismo’ foi pesquisado pela Turma 15M que relatou sobre o Hino Rio-Grandense e a Bandeira, símbolos conhecidos por todos os gaúchos, devido à tradição que passou de geração a geração. Por sua vez, o Movimento Farroupilha é lembrado pelos gaúchos por meio das homenagens em que os monumentos, praças e ruas levam o nome dos personagens que participaram desse processo histórico do Rio Grande do Sul.

A Turma 15M apresentou os fatos históricos que remontaram a criação das composições do Hino, sendo que houve em seu total três versões até ser oficializado no ano de

1966, como Hino Farroupilha ou também conhecido como Hino Rio-Grandense, mediante promulgação da Lei nº 5.213 de 05 de janeiro de 1966 (RIO GRANDE DO SUL, 1966), sendo que foi transcrita a letra da última versão do Hino no trabalho.

A Turma 15M realizou também uma abordagem sobre a Bandeira Rio-Grandense, que foi oficializada em 1966 pela lei citada anteriormente, mencionando o significado dos elementos que compõem a Bandeira, as cores e os escudos de armas (Brasão de Armas), e a pesquisa foi complementada com as ilustrações da Bandeira e do Brasão de Armas.

O trabalho da Turma 15M também seguiu uma estrutura composta por introdução, desenvolvimento, conclusão e referências conforme sugere as normas da ABNT. Porém, no trabalho desenvolvido pela Turma 15M foram utilizados apenas *sites da internet* e não houve a preocupação em buscar fontes historiográficas e/ou obras da literatura gaúcha que fizessem alusão ao tema trabalhado, o que por vezes desqualifica o trabalho escrito.

No Quadro 6 estão listados todos os trabalhos desenvolvidos pelas turmas da Escola Mestre Santa Bárbara apresentados no Evento Tertúlia Mestre 2016, detalhando a turma que elaborou o trabalho; o título utilizado no trabalho e as fontes que foram utilizadas para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa.

Verifica-se no Quadro 6 que, na maioria dos estudos desenvolvidos foram utilizadas fontes não científicas para o desenvolvimento dos trabalhos escritos; poucas turmas se preocuparam em consultar obras literárias que abordassem a temática estudada; outras turmas realizaram uma pesquisa mais apurada indicando algumas dissertações e teses de doutorado, artigos científicos, obras historiográficas, dentre outros.

Os resultados apresentados nesta seção indicaram a necessidade da reformulação do Projeto Tertúlia Mestre da Escola Santa Bárbara, no intuito de oferecer uma lista de fontes científicas e de obras historiográficas para a composição das referências bibliográficas e referências virtuais para serem pesquisadas pelos alunos para que possam desenvolver os trabalhos escritos direcionados ao Eventos Tertúlia Mestre, como detalhado no capítulo 5 desta dissertação de mestrado.

Quadro 6 – Trabalhos das turmas Evento Tertúlia Mestre 2016

(continua)

Eixo Temático: Escravidão		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
13M	Conhecendo Nossas Histórias Negro do Saladeiro	3 <i>sites</i> não científicos 2 vídeos <i>YouTube</i> 1 artigo científico (UFRGS)
18M	Conhecendo Nossa História Escravidão no Rio Grande do Sul	4 <i>sites</i> não científicos 1 artigo científico (FURG)
32M	Conhecendo Nossa História: Escravidão na Revolução Farroupilha	10 <i>sites</i> não científicos 1 <i>site</i> de apoio escolar 1 <i>site</i> de fonte jornalística 1 artigo científico (UFRGS)
Eixo Temático: Revolta Farroupilha		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
17M	Revolução Farroupilha: O Conflito	4 <i>sites</i> não científicos 1 obra literária
21N	Conhecendo Nossa História O Contexto Histórico do Rio Grande do Sul na América Latina	1 <i>site</i> não científico
23M	“Conhecendo Nossa História” Batalha de Rio Pardo – Surgimento do Hino Rio-Grandense	2 obras literárias 1 <i>site</i> não científico
Eixo Temático: Tropeiros		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
14M	Conhecendo Nossa História Tropeirismo	7 obras literárias 3 artigos científicos 6 <i>sites</i> não científicos Entrevista pessoal
24M	Conhecendo Nossa História Os Tropeiros	8 <i>sites</i> não científicos 1 Dissertação de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS)
33M	Conhecendo Nossa História Tropeirismo	18 <i>sites</i> não científicos 1 Dissertação de Mestrado em Direito (UNISC)
Eixo Temático: Atividade Econômica		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
16M	Conhecendo Nossa História: O Tropeiro e o Gado na História do Rio Grande do Sul	2 obras literárias 1 artigo científico 3 <i>sites</i> não científicos
22M	“Aristocratas em Pelotas”	7 <i>sites</i> não científicos 1 Tese de Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (PUC-RS) 1 artigo científico 1 Trabalho de Graduação do Curso de História (UFRGS)

(continuação)

Eixo Temático: Dança e Música		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
11N	Gaúcho Largado	Não foram citadas.
31M	Conhecendo Nossa História: Revolução Industrial e a Arte da Dança Sapateada	1 Dicionário de Língua Portuguesa 2 obras literárias 4 <i>sites</i> não científicos
Eixo Temático: Guerras		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
11M	“Conhecendo Nossa História”: O Reencontro	4 <i>sites</i> não científicos
35M	Conhecendo Nossa História Retomada do Forte Jesus Maria José	16 <i>sites</i> não científicos 1 Dissertação de Mestrado em História (UFRGS) 3 <i>sites</i> oficiais de pesquisa: IBGE, SEMA e FEPAM 5 obras literárias
Eixo Temático: Imigrações		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
22N	Conhecendo Nossa História (Enchendo os Olhos de Campo)	2 <i>sites</i> não científicos
31N	A Gaita, o Vinho e a Festa	4 obras literárias 1 Tese de Doutorado em Antropologia (UNB) 1 <i>site</i> de fonte jornalística Ambiente virtual da prefeitura de Bento Gonçalves/RS
Eixo Temático: Temáticas Locais		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
12N	Jacobina Metz Maurer	<i>Site Wikipédia</i> <i>Site InfoEscola</i>
34M	O Apito na Estrada de Ferro: O Prenúncio do Desenvolvimento	3 obras literárias 1 <i>site</i> não científico
Eixo Temático: Imigrações		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
32N	Conhecendo Nossa História História da Vinda dos Cavalos e o seu Uso	4 <i>sites</i> não científicos
Eixo Temático: Gaúcho Primitivo		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
21M	Conhecendo Nossa História: <i>Los Camiluchos</i>	8 obras literárias
Eixo Temático: Literatura Gaúcha		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
12M	Lenda Queixinho de Merênciã	<i>Site Wikipédia</i> Ambientes virtuais: Rosário do Sul e do Rio Grande do Sul Entrevista informal

(continuação)

Eixo Temático: Povos Indígenas		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
36M	Conhecendo Nossa História Os índios Charruas	2 artigos científicos (UFRGS) 1 obra literária 2 <i>sites</i> não científicos
Eixo Temático: Tradicionalismo		
Turma	Título do Trabalho	Fontes de Pesquisa
15M	Projeto Tertúlia: Conhecendo Nossa História O Hino Rio-Grandense e a Bandeira	8 <i>sites</i> não científicos

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

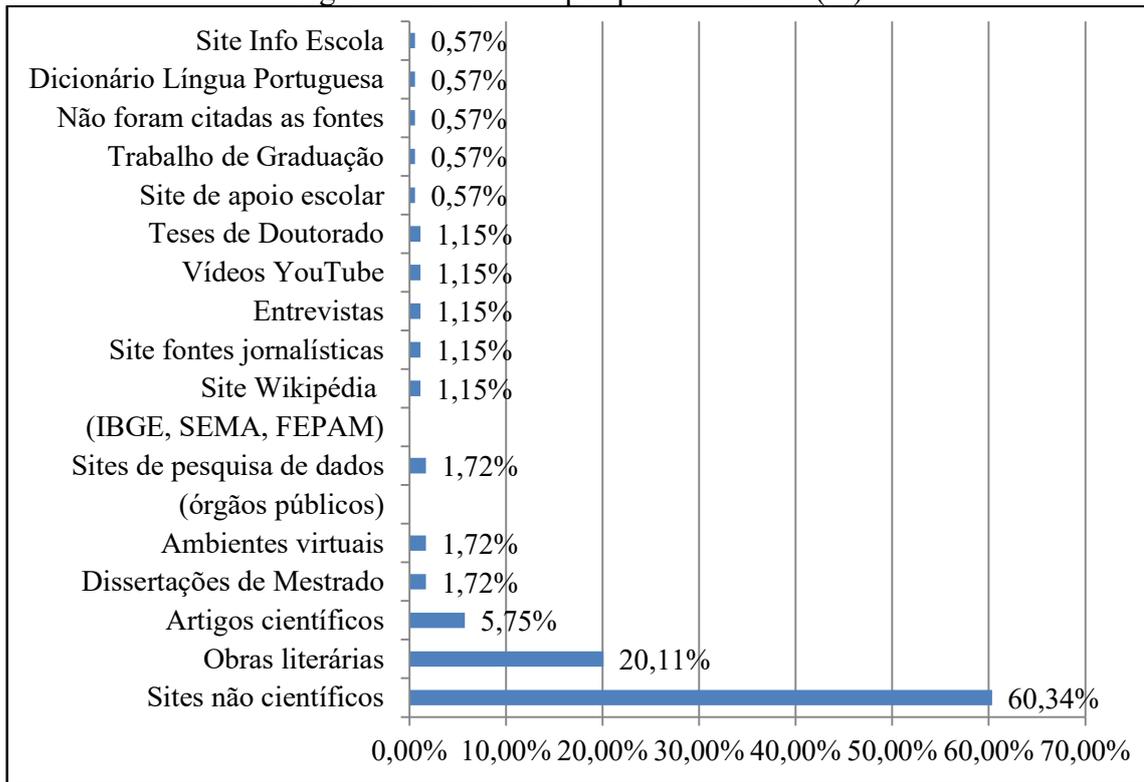
Na Tabela 4 e na Figura 4 estão apresentadas as fontes de pesquisa utilizadas pelos alunos das turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara, para a realização das pesquisas dos eixos temáticos que compuseram os trabalhos escritos desenvolvidos e destinados ao Evento Tertúlia Mestre, referente ao ano de 2016.

Tabela 4 – Fontes de pesquisa utilizadas

Fontes de Pesquisa	Quantidade	Percentual
<i>Sites</i> não científicos	105	60,34%
Obras literárias	35	20,11%
Artigos científicos	10	5,75%
Dissertações de Mestrado	3	1,72%
Ambientes virtuais (órgãos públicos)	3	1,72%
<i>Sites</i> oficiais de pesquisa de dados (IBGE, SEMA, FEPAM)	3	1,72%
<i>Site Wikipédia</i>	2	1,15%
<i>Site</i> de fontes jornalísticas	2	1,15%
Entrevistas	2	1,15%
Vídeos <i>YouTube</i>	2	1,15%
Teses de Doutorado	2	1,15%
<i>Site</i> de apoio escolar	1	0,57%
Trabalho de Graduação	1	0,57%
Não foram citadas as fontes	1	0,57%
Dicionário de Língua Portuguesa	1	0,57%
<i>Site</i> Info Escola	1	0,57%
Total	174	100,00%

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Figura 4 – Fontes de pesquisa utilizadas (%)



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Como identificado na Figura 4, do total das fontes consultadas alunos: 60,34% foram obtidas em *sites* não científicos; 20,11% foram realizadas mediante a leitura de obras literárias; 5,75% em artigos científicos; com um percentual de 1,72% cada, as dissertações de mestrado, os ambientes virtuais de órgãos públicos e os *sites* oficiais de pesquisa de dados; com uma participação de 1,15% o *site Wikipédia*, os *sites* de fontes jornalísticas, as entrevistas, os vídeos publicado no *YouTube* e as Teses de Doutorado e; com uma participação de apenas 0,57% cada: o *site* de apoio escolar, trabalhos de graduação, o dicionário de língua portuguesa, o *site* Info Escola e, também, com 0,57% não foram citadas as fontes utilizadas nos trabalhos escritos.

Na próxima seção são apresentados três depoimentos de alunos referentes ao Projeto Tertúlia Mestre, no intuito de enriquecer esse estudo.

4.3 DEPOIMENTOS DE ALUNOS SOBRE O PTM

Para complementar a análise do Projeto Tertúlia Mestre referente ao Evento Tertúlia Mestre realizado em 2016 foram obtidos os depoimentos de três alunas pertencentes ao Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara, os quais estão transcritos literalmente no Anexo B e sintetizados pelo pesquisador na sequência.

A 'Aluna I' comentou que o objetivo do PTM consiste na expansão das apresentações artísticas e auxilia na compressão e no ensino dos alunos em relação à cultura gaúcha. Ela indicou que o PTM permite interação e integração das turmas participantes durante a realização dos trabalhos teóricos e com as apresentações artísticas, os quais expandem os conhecimentos sobre a História do Rio Grande do Sul, sua cultura e seus costumes. Uma das críticas da 'Aluna I' incidiu no fato de ser um processo muito competitivo e; que o tempo destinado, por vezes ultrapassa o desejado e se sobrepõe aos estudos e aos demais afazeres (ALUNA I).

A 'Aluna II' argumentou que o PTM tem sido uma oportunidade de aprimoramento dos conhecimentos sobre a cultura gaúcha contribuindo para a formação escolar. Ela explicou o funcionamento do PTM que, como já mencionado anteriormente, é composto por duas apresentações: uma teórica e outra artística em que são demonstrados para uma banca de jurados que realiza a avaliação conforme os critérios definidos no PTM (ALUNA II).

A 'Aluna II' comentou ainda que em alguns casos fica complicado chegar a um consenso no grupo de alunos, pois as ideias são diversas e diferentes personalidades entre os alunos e apenas com o auxílio dos professores é possível contornar a situação chegando-se a um consenso. Para 'Aluna II' com tal situação é possível aprender a respeitar as opiniões dos demais alunos auxiliando no crescimento pessoal e; citou ainda que o sentimento que fica com a experiência da participação no PTM é a gratidão e satisfação à Escola, aos professores e demais envolvidos no Projeto que possibilita uma vivência enriquecedora (ALUNA II).

A 'Aluna III' indicou que o PTM propicia o aprendizado sobre a História verdadeira do Rio Grande do Sul. Ela relatou o funcionamento do PTM e indicou como benefícios do PTM a possibilidade de enriquecer os conhecimentos sobre o Rio Grande do Sul mediante as informações e aprendizados pesquisados em obras literárias e artigos científicos, dentre outros, o que proporciona o aprimoramento dos saberes dos alunos oferecendo novas concepções sobre o Rio Grande do Sul. Ela citou também que o PTM demanda tempo, dedicação e esforço de todos os envolvidos, mas oportuniza uma nova visão da História do Rio Grande do Sul, cultura, ensino e promove a união de todos os participantes do evento (ALUNA III).

Ao considerar os depoimentos das Alunas I, II e III pode-se observar que o PTM se configura como um projeto interdisciplinar. Como explica Fazenda (2008) na interdisciplinaridade do contexto escolar, as noções, as finalidades, as habilidades e as técnicas têm por finalidade o favorecimento, especialmente, do processo de aprendizagem, em que são respeitados os saberes dos estudantes e a sua respectiva integração na escola, no âmbito familiar e na comunidade em geral.

5 PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO TERTÚLIA MESTRE

Com a análise dos trabalhos escritos e desenvolvidos pelas Turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara e apresentados no Evento Tertúlia Mestre de 2016, já detalhados no Capítulo 4, foi identificada a necessidade de reformulação do PTM.

Para tanto é sugerida a reclassificação dos quinze eixos temáticos existentes no referido Projeto, naquele período, para a atualização dos Eventos Tertúlia Mestre que serão realizados a partir do ano de 2022. A configuração proposta para os Eventos Tertúlia Mestre do PTM da Escola Mestre Santa Bárbara, a serem realizados a partir do ano de 2022 está listada no Quadro 7, com o detalhamento dos eixos temáticos centrais sugeridos e as respectivas composições dos temas.

Quadro 7 – Sugestão dos Eixos Temáticos centrais e composição/temas

(continua)

Nº	Eixo Temático Central	Composição/Temas
1	Ocupação e Formação da População	• Povos Indígenas
		• Ocupação Luso-Espanhola
		• Reduções Jesuíticas
		• Presença Africana e Comunidades Quilombolas
		• Escravidão no Território Gaúcho
		• Imigração Europeia
		✓ Imigração alemã
		✓ Imigração italiana
		✓ Imigração polonesa
2	Representações do Gaúcho	• Gaúcho Primitivo
		• Tropeiros
		• Tradicionalismo
		• Dança
		• Música
3	As Guerras no Território Gaúcho	• Guerra Guaranítica (1753 – 1756)
		• Guerra da Restauração de Rio Grande (1763 – 1776)
		• Guerra da Cisplatina (1825 – 1828)
		• Revolta Farroupilha (1835 – 1845)
		• Guerras contra Aliança Oribe-Rosas e Aguirre (1848 – 1865)
		• Guerra do Paraguai (1865 – 1870)
		• Revolta Federalista (1893 – 1895)

(continuação)

Nº	Eixo Temático Central	Composição/Temas
4	Cultura Sul-Rio-Grandense	• Costumes
		✓ Chimarrão
		✓ Churrasco
		✓ Pilcha
		• Outros símbolos culturais do Rio Grande do Sul
		• Influências culturais
		• Manifestações religiosas
		• Movimentos religiosos: Muckers e Monges Barbudos
		• Literatura gaúcha
5	Temáticas Locais	• Ferrovia de Bento Gonçalves
		• Bento Gonçalves: aspectos gerais

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A reclassificação dos eixos temáticos direcionados ao PTM, sugerida no Quadro 7, permitirá uma padronização dos temas para cada eixo temático central, o que facilitará o desenvolvimento dos próximos trabalhos escritos pelos alunos das Turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara.

Como indicado no Quadro 7, na reformulação do PTM propõe-se a configuração de cinco (5) eixos temáticos centrais contra os treze (13) eixos temáticos existentes no Evento Tertúlia Mestre em 2016, dentre eles têm-se: (1º) Ocupação e Formação da População; (2º) Representações do Gaúcho; (3º) As Guerras no Território Gaúcho; (4º) Cultura Sul-Rio-Grandense; e (5º) Temáticas Locais, mediante composição proposta dos temas listados no Quadro 7.

Cabe salientar que, ao surgirem temas diferentes dos listados no Quadro 7 serão classificados nos eixos temáticos centrais correspondentes. Neste sentido, serão realizadas revisões e atualizações contínuas na versão que será oferecida no ambiente virtual (*E-book*) sob a responsabilidade dos professores de História da Escola Mestre Santa Bárbara.

Os resultados da pesquisa de campo também mostraram que na maioria dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos das Turmas do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara foram utilizadas fontes de pesquisa que não são consideradas científicas e/ou historiográficas, ou seja, foram consultados em *sites* de pesquisa considerados pouco confiáveis no contexto historiográfico, representando 60,34%, como foi demonstrado na Figura 4.

Diante dos resultados apresentados na análise dos trabalhos escritos relacionados ao Evento Tertúlia Mestre 2016, verifica-se a necessidade da criação de um roteiro de pesquisa

confiável e; que contemple fontes de pesquisa de historiadores; obras da literatura do Rio Grande do Sul; dentre outros. É o que está sugerido na próxima seção, em que são apresentadas as etapas da proposta a partir das experiências dos Eventos Tertúlia Mestre que foram realizados anualmente na Escola Santa Barbara até o momento.

5.1 ETAPAS PROPOSTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS EVENTOS DO PTM

Para este estudo foi sugerida a elaboração de um ‘Roteiro’ contemplando os eixos temáticos centrais relacionados à História do Rio Grande do Sul, já listados no Quadro 7. O ‘Roteiro Proposto’ será disponibilizado mediante a opção de versão digital.

A versão digital do ‘Roteiro Proposto’ será disponibilizada como um *E-Book* em que os alunos poderão consultar mediante a utilização de dispositivos eletrônicos com acesso à *internet* tais como: celular, *tablet*, computador e outros equipamentos eletrônicos que permitam o acesso *on-line* do ‘Roteiro Proposto’ sem a necessidade de impressão do material.

No ‘Roteiro Proposto’ serão indicadas também as fontes historiográficas que deverão ser utilizadas para o desenvolvimento dos trabalhos escritos pelos alunos das Turmas que participarem dos próximos Eventos Tertúlia Mestre, evitando que os alunos utilizem os *sites* da *internet* considerados não confiáveis, não científicos e/ou não historiográficos. Desse modo, o ‘Roteiro Proposto’ apresentará a estrutura indicada no Quadro 8.

Quadro 8 – Composição do ‘Roteiro Proposto’

(continua)

Estrutura	Descrição
Capa Ilustrativa	Abertura visual do Roteiro desenvolvida pelo pesquisador, apresentando o título na parte superior, uma imagem do Rio Grande do Sul ao centro e o nome do autor na parte inferior.
Capa Interna	Primeira página do Roteiro contendo o título, uma imagem da Escola Mestre Santa Bárbara ao fundo, o nome do autor, o nome da escola, o local de publicação e o ano da primeira edição.
Lista de Ilustrações	Listagem das imagens que compõem o Roteiro e a respectiva paginação para indicar onde estão apresentadas.
Lista de Siglas	Listagem das siglas utilizadas ao longo do Roteiro.
Sumário	Indicação dos títulos que farão parte da obra com a respectiva paginação.
Introdução	Indicação dos motivos que incentivaram a elaboração da obra, bem como os objetivos e as expectativas do autor e pesquisador em relação à obra proposta e é descrita a composição do ‘Roteiro Proposto’ indicando os conteúdos de cada capítulo.

(continuação)

Estrutura	Descrição
Características Gerais do Rio Grande do Sul	Principais características do Rio Grande do Sul.
	Mapa da população absoluta de 2020.
	Notas de referências
	Leitura recomendada.
Capítulos da Obra (Eixos Temáticos)	Composição de cinco capítulos contendo: conceitos dos temas do eixo temático central; imagens ilustrativas que remetam às temáticas para retratar o contexto histórico; lista das notas de referências de autores e das obras historiográficas utilizadas em cada tema descrito e lista de obras literárias e historiográficas para leitura recomendada em cada tema para despertar a atenção do leitor, no intuito de aprofundar a História Rio Grande do Sul conforme cada eixo temático.
Lista das Referências	Listagem em ordem alfabética de todos os autores e obras que foram utilizados na obra proposta.
Anexo A Projeto Tertúlia Mestre	Descrição das principais características do Projeto Tertúlia Mestre, tais como: funcionamento, período de realização, participantes e dados da organização em geral.
	Cronograma do Projeto Tertúlia Mestre.
Anexo B Linha do Tempo do Rio Grande do Sul	Principais acontecimentos históricos ocorridos no período compreendido entre os anos de 1501 a 1930, que caracterizaram a formação do Estado do Rio Grande do Sul.
Anexo C Símbolos Cívicos do Rio Grande do Sul	Hino Rio-Grandense.
	Bandeira oficial.
	Brasão de Armas e a sua composição.
Contracapa	Descrição da composição da obra apresentando os conteúdos sintetizados de cada capítulo, para despertar a atenção do leitor.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

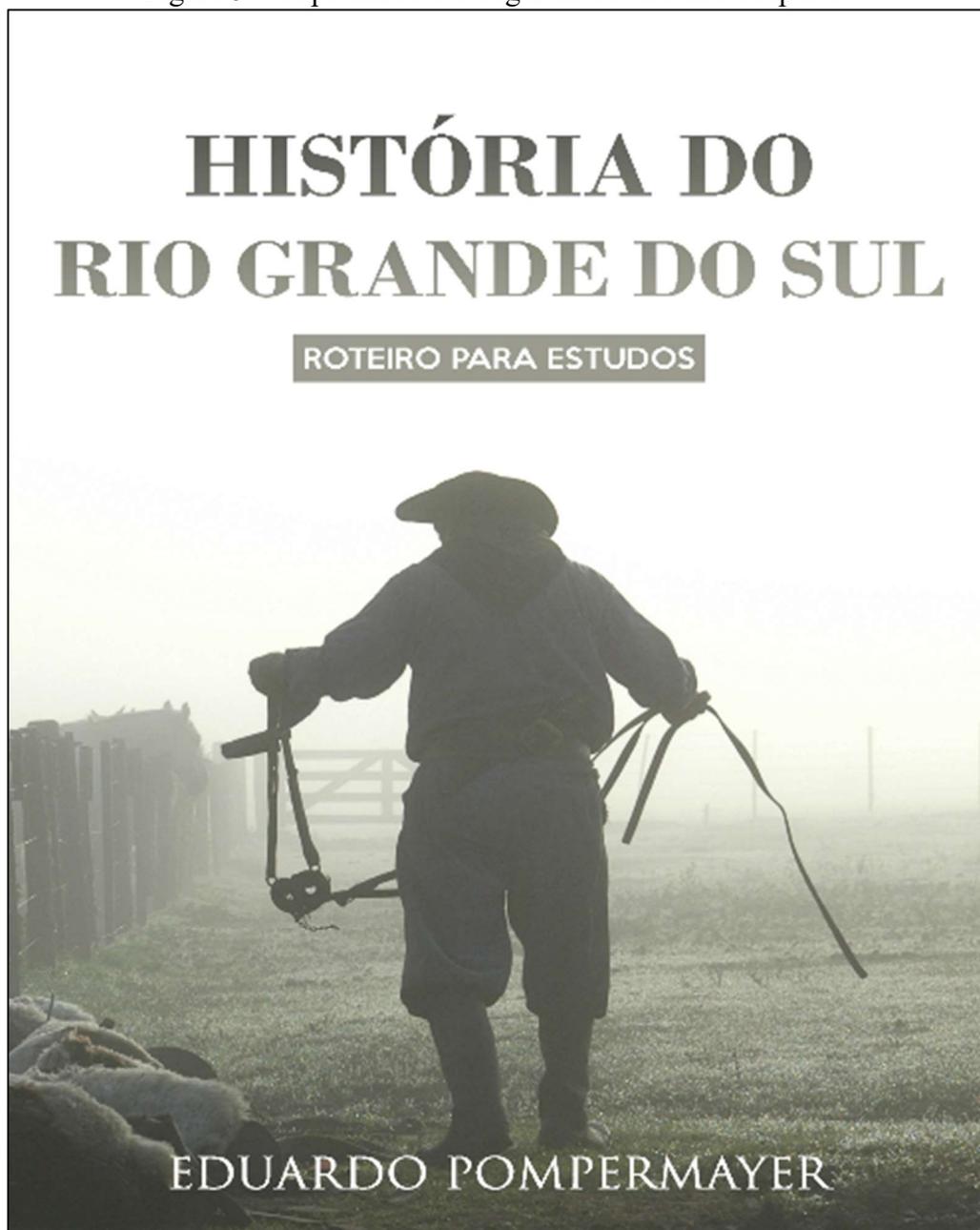
Nas próximas seções está detalhada a estrutura do ‘Roteiro Proposto’. Acredita-se que, será um material de grande valia para a consulta dos alunos da Escola Mestre Santa Bárbara, em especial, para a elaboração dos trabalhos escritos direcionados aos Eventos Tertúlia Mestre do Projeto Tertúlia Mestre a serem realizados a partir do ano de 2022. O ‘Roteiro Proposto’ também permitirá que os alunos acessem os conteúdos da referida obra em qualquer hora do dia de maneira *online*; os alunos poderão realizar pesquisas nas obras indicadas ao longo do Roteiro, promovendo um aprofundamento dos conhecimentos relacionados à História do Rio Grande do Sul e; também poderão utilizar o Roteiro nas aulas do ensino de História.

5.1.1 Capa ilustrativa

Na Figura 5 está apresentada a capa ilustrativa sugerida do ‘Roteiro Proposto’, a qual foi desenvolvida pelo pesquisador. O título sugerido para a obra proposta é: **‘Roteiro para**

Estudos da História do Rio Grande do Sul, pois se apresenta adequado ao estudo da História do Rio Grande do Sul.

Figura 5 – Capa ilustrativa sugerida ao ‘Roteiro Proposto’



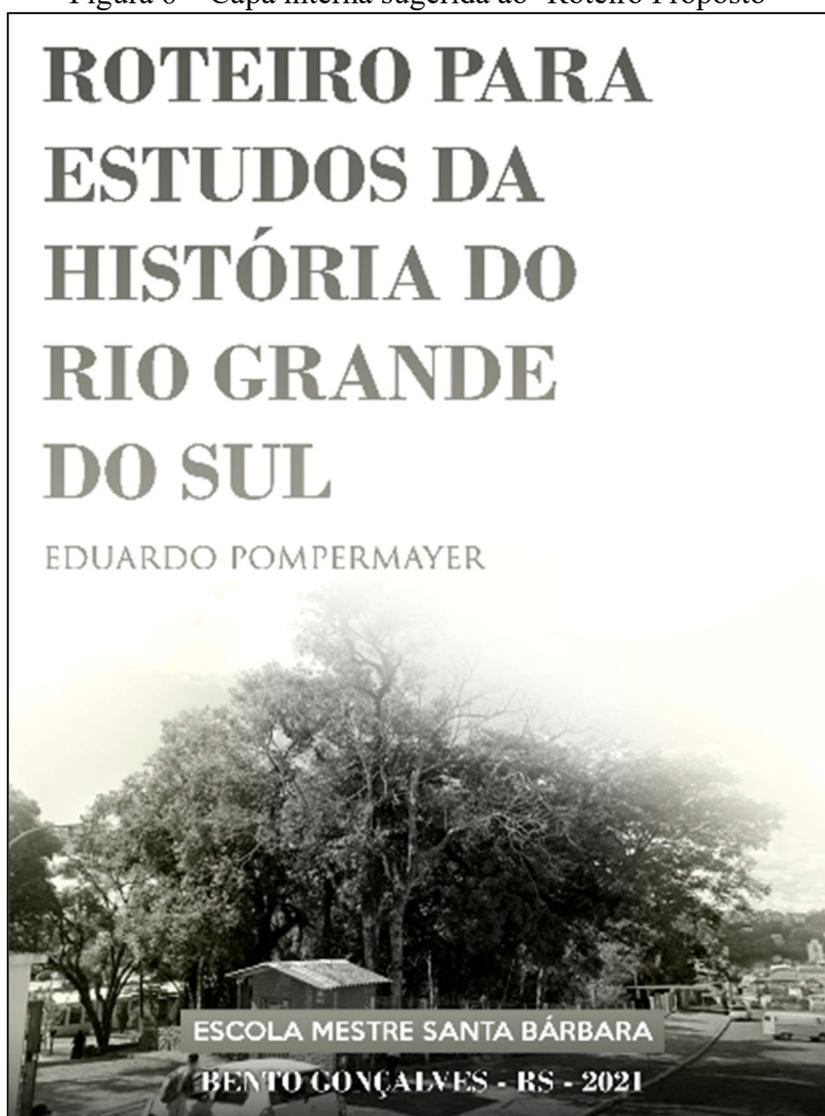
Fonte Elaborada pelo autor (2021).

Na Figura 5, para compor o centro da imagem da capa principal do ‘Roteiro Proposto’ optou-se em colocar uma ilustração de um ‘gaúcho’ em sua indumentária tradicional segurando alguns utensílios que são empregados nas lidas de campo e, também, uma imagem de um cavalo, que é considerado um dos símbolos culturais do Estado; e ao fundo uma paisagem composta pela neblina e/ou cerração, típica do clima do Rio Grande do Sul.

5.1.2 Capa interna

Na Figura 6 está ilustrada a capa interna sugerida para o ‘Roteiro Proposto’ que foi criada pelo pesquisador. A capa interna da obra proposta conterá o título; o nome do autor; uma imagem ilustrativa da Escola Mestre Santa Bárbara cedida pela referida Escola; o nome da instituição de ensino; o local de publicação da obra; e a data da primeira edição.

Figura 6 – Capa interna sugerida ao ‘Roteiro Proposto’



Fonte Elaborada pelo autor (2021).

5.1.3 Listas e sumário

Para melhor orientar os leitores foi sugerida uma lista de todas as ilustrações que farão parte da obra, indicando o título da imagem e a respectiva página onde se encontrará, como ilustrado na Figura 7.

Figura 7 – Lista das ilustrações do ‘Roteiro Proposto’

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES	
Figura 01 – População absoluta de 2020	08
Figura 02 – Mapa do processo de ocupação do território gaúcho.....	10
Figura 03 – Divisão do território gaúcho em 1809	12
Figura 04 – Mapa de áreas indígenas no século XVIII	14
Figura 05 – Linha do Tratado de Madri em 1750	17
Figura 06 – Região das Missões	19
Figura 07 – Ruínas de São Miguel	20
Figura 08 – Presença africana	21
Figura 09 – Representação das comunidades quilombolas	23
Figura 10 – Debret e a representação do cotidiano escravo	25
Figura 11 – Campos de secagem da carne nas charqueadas	26
Figura 12 – Imigrantes europeus.....	28
Figura 13 – Desembarque dos imigrantes alemães em São Leopoldo em 1824.....	30
Figura 14 – Imigração italiana	32
Figura 15 – Colônias polonesas no interior do Rio Grande do Sul	33
Figura 16 – Gaúcho primitivo	35
Figura 17 – Tropeiros	37
Figura 18 – Os caminhos do gado	38
Figura 19 – Tradicionalismo: dança e música	39
Figura 20 – Dança tradicional gaúcha	42
Figura 21 – Música gaúcha	44
Figura 22 – Evolução do trajar tradicional do gaúcho (1720-2016)	46
Figura 23 – Carga de cavalaria farroupilha	48
Figura 24 – Local da Guerra Guaranítica	49
Figura 25 – Situação geral no período de 1763 a 1776	51
Figura 26 – Comandâncias militares durante a Guerra da Cisplatina	53
Figura 27 – Revolta Farroupilha (1835 a 1845)	54
Figura 28 – Guerra Oribe-Rosas	56
Figura 29 – Guerra do Paraguai	58
Figura 30 – Revolução Federalista	59
Figura 31 – Cultura gaúcha	61
Figura 32 – Chimarrão e churrasco	62
Figura 33 – Chimarrão: bebida-símbolo do Rio Grande do Sul	64
Figura 34 – Churrasco à gaúcha: prato típico do Rio Grande do Sul	65
Figura 35 – Pilcha gaúcha: traje típico do Rio Grande do Sul	66
Figura 36 – Museus no Rio Grande do Sul	71
Figura 37 – Manifestações da religiosidade indígena.....	73
Figura 38 – Jacobina Mentz Maurer	76
Figura 39 – Monges presos e cercados por militares.....	77
Figura 40 – Ponto de encontro dos associados do Partenon Literário.....	78
Figura 41 – Mapa histórico do Rio Grande do Sul	82
Figura 42 – Estação Ferroviária de Bento Gonçalves	83
Figura 43 – Maria Fumaça	84
Figura 44 – Pipa Pórtico em homenagem ao centenário da imigração italiana.....	86

Fonte Elaborada pelo autor (2021).

Para o ‘Roteiro Proposto’ é sugerida também uma lista das siglas em ordem alfabética que serão utilizadas ao longo da obra proposta, como ilustrado na Figura 8.

Figura 8 – Lista de siglas do ‘Roteiro Proposto’

LISTA DE SIGLAS	
ABCCC	Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos
CBTG	Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha
CTG´s	Centros de Tradições Gaúchas
ENART	Encontro de Arte e Tradição Gaúcha
Fenavinho	Festa Nacional do Vinho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IUGTF	Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
PIB	Produto Interno Bruto

Fonte Elaborada pelo autor (2021).

A lista de siglas apresentada na Figura 8 compreende a relação das siglas listadas em ordem alfabética, utilizadas ao longo do texto do ‘Roteiro Proposto’ seguidas das palavras ou expressões por extenso, sendo que na primeira vez que aparecerem no texto do ‘Roteiro Proposto’ estarão escritas por extenso e a partir disso aparecerão apenas as siglas, no intuito de não poluir o texto e evitar repetições.

Na Figura 9 está detalhado o Sumário sugerido para o ‘Roteiro Proposto’, o qual contribuirá para a busca dos eixos temáticos com maior facilidade pelos leitores (alunos, professores e outros), compreendendo os cinco eixos temáticos centrais, que correspondem aos Capítulos 1, 2, 3, 4 e 5, pois será indicada a respectiva paginação. No Sumário é sinalizada ainda a numeração de cada uma das partes que compõem a obra.

O Sumário também auxiliará os alunos na busca do Eixo Temático de seu interesse para a realização do trabalho escrito a ser entregue nos próximos eventos do Projeto Tertúlia Mestre, no entanto, isso não quer dizer que o aluno não possa utilizar o ‘Roteiro Proposto’ como material de leitura para aprofundar os conhecimentos sobre a História do Rio Grande do Sul, realizando também a leitura do material historiográfico recomendado ao longo do ‘Roteiro Proposto’ indicado ao final de cada eixo temático, passando a ser também um material de consulta para o desenvolvimento de trabalhos escritos solicitados na disciplina de História.

Figura 9 – Sumário sugerido ao ‘Roteiro Proposto’

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	06
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO RIO GRANDE DO SUL	08
CAPÍTULO 1 – OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO	10
CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DO GAÚCHO	35
CAPÍTULO 3 – AS GUERRAS NO TERRITÓRIO GAÚCHO	48
CAPÍTULO 4 – CULTURA SUL-RIO-GRANDENSE	61
CAPÍTULO 5 – TEMÁTICAS LOCAIS	82
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO A – PROJETO TERTÚLIA MESTRE	111
ANEXO B – LINHA DO TEMPO DO RIO GRANDE DO SUL	113
ANEXO C – SÍMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL	117

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.4 Introdução do ‘Roteiro Proposto’

Na Figura 10 está transcrita a Introdução sugerida que fará parte do ‘Roteiro Proposto’, cujo título está escrito e enfatizado em letras verdes e sombreadas para diferenciar-se do texto.

Figura 10 – Introdução do ‘Roteiro Proposto’

(continua)

INTRODUÇÃO
<p>A ideia de compor esta obra intitulada, Roteiro para Estudos da História do Rio Grande do Sul, surgiu durante a realização da Dissertação de Mestrado em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) sob orientação do professor, Dr. Roberto Radünz.</p> <p>O referido estudo mostrou que os alunos do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara, situada no município de Bento Gonçalves/RS, normalmente, não utilizavam as obras historiográficas e literárias da História do Rio Grande do Sul, para a elaboração dos trabalhos de pesquisa destinados ao Evento Tertúlia Mestre (ver Anexo A), optando pela facilidade da consulta em <i>sites</i> de pesquisa prontos e/ou <i>sites</i> não científicos.</p> <p>A obra pretende auxiliar os alunos do Ensino Médio da Escola Mestre Santa Bárbara e demais alunos de outras escolas, no intuito de propiciar a leitura dos conceitos que são fundamentais para a compreensão da maioria dos temas apresentados nos programas do ensino de História. Neste sentido, a ênfase desta obra está no ensino da História do Rio Grande do Sul, cuja temática é ainda pouco explorada nas escolas do Estado do Rio Grande do Sul.</p>

(continuação)

A obra apresenta os Eixos Temáticos da História do Rio Grande do Sul com a respectiva composição e/ou temas, os quais fazem parte do Evento Tertúlia Mestre que é coordenado pelo professor de História e conta com o apoio e a organização dos demais educadores de outras disciplinas da Escola Mestre Santa Bárbara. Na obra são apresentados os conceitos e algumas imagens para ilustrar a História do Estado.

Os temas que os alunos trabalharam nas edições do Evento Tertúlia Mestre até o momento são mais abrangentes do que esse Roteiro se propõe a apresentar. Para essa publicação na realidade optou-se pela seleção de conteúdos mais generalistas, portanto essa produção não é a totalidade do que existe e, sim, um recorte da História do Rio Grande do Sul.

Neste sentido, espera-se que o **Roteiro para Estudos da História do Rio Grande do Sul** seja um instrumento de valorização da História do Rio Grande do Sul, para que os alunos possam estar envolvidos de maneira mais profunda e participativa, construindo novos aprendizados mediante trabalho conjunto com os educadores do ensino de História.

A obra inicia com a apresentação das características gerais do Rio Grande do Sul, indicando a localização; a quantidade de municípios; a extensão; os limites e as fronteiras; o mapa da população absoluta no ano de 2020; o relevo; os indicadores sociais e; a produção econômica. Na sequência, a obra está estruturada em cinco capítulos que correspondem aos Eixos Temáticos do Evento Tertúlia Mestre da Escola Mestre Santa Bárbara: Ocupação e Formação da População (Capítulo 1); Representações do Gaúcho (Capítulo 2); As Guerras no Território Gaúcho (Capítulo 3); Cultura Sul-Rio-Grandense (Capítulo 4) e; Temáticas Locais com ênfase ao município de Bento Gonçalves/RS (Capítulo 5).

Ao final de cada temática são indicadas as referências de historiadores e obras historiográficas e literárias relacionadas ao ensino de História do Rio Grande do Sul e; também é recomendada uma leitura de outras obras historiográficas, no intuito de instigar os leitores a buscarem o aprimoramento contínuo dos estudos do ensino da História do Rio Grande do Sul.

Nas partes finais da obra estão listadas todas as referências que foram utilizadas para o desenvolvimento da obra e os anexos complementares. No Anexo A são descritas as principais características do Projeto Tertúlia Mestre; no Anexo B é demonstrada a linha do tempo dos principais acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul para o período de 1501 a 1930 e; no Anexo C são apresentados os símbolos oficiais do Rio Grande do Sul: Hino Rio-Grandense; Bandeira; e o Brasão de Armas.

A obra é dedicada à Escola Mestre Santa Bárbara, representada pelos seus educadores e alunos, que oportunizou a utilização das informações do Projeto Tertúlia Mestre para a sua efetiva reformulação, o que culminou na elaboração desta obra.

Eduardo Pompermayer

2021

A Introdução descrita na Figura 10 foi elaborada pelo pesquisador e será inserida no ‘Roteiro Proposto’ depois do Sumário. A finalidade da Introdução consiste na descrição dos motivos que levaram a criação da obra proposta; citando também os objetivos; as expectativas; a estrutura que fará parte da obra; e a obra é dedicada à Escola Mestre Santa Bárbara que apoiou o estudo e a elaboração da obra.

5.1.5 Características gerais e mapa do Rio Grande do Sul

Na obra proposta são descritas as principais características do Estado do Rio Grande Sul, indicando: a localização; a extensão territorial; a população; o relevo; o clima; os principais indicadores sociais; e a produção econômica do Estado, bem como as notas de referências e a leitura recomendada, como demonstrado na Figura 11.

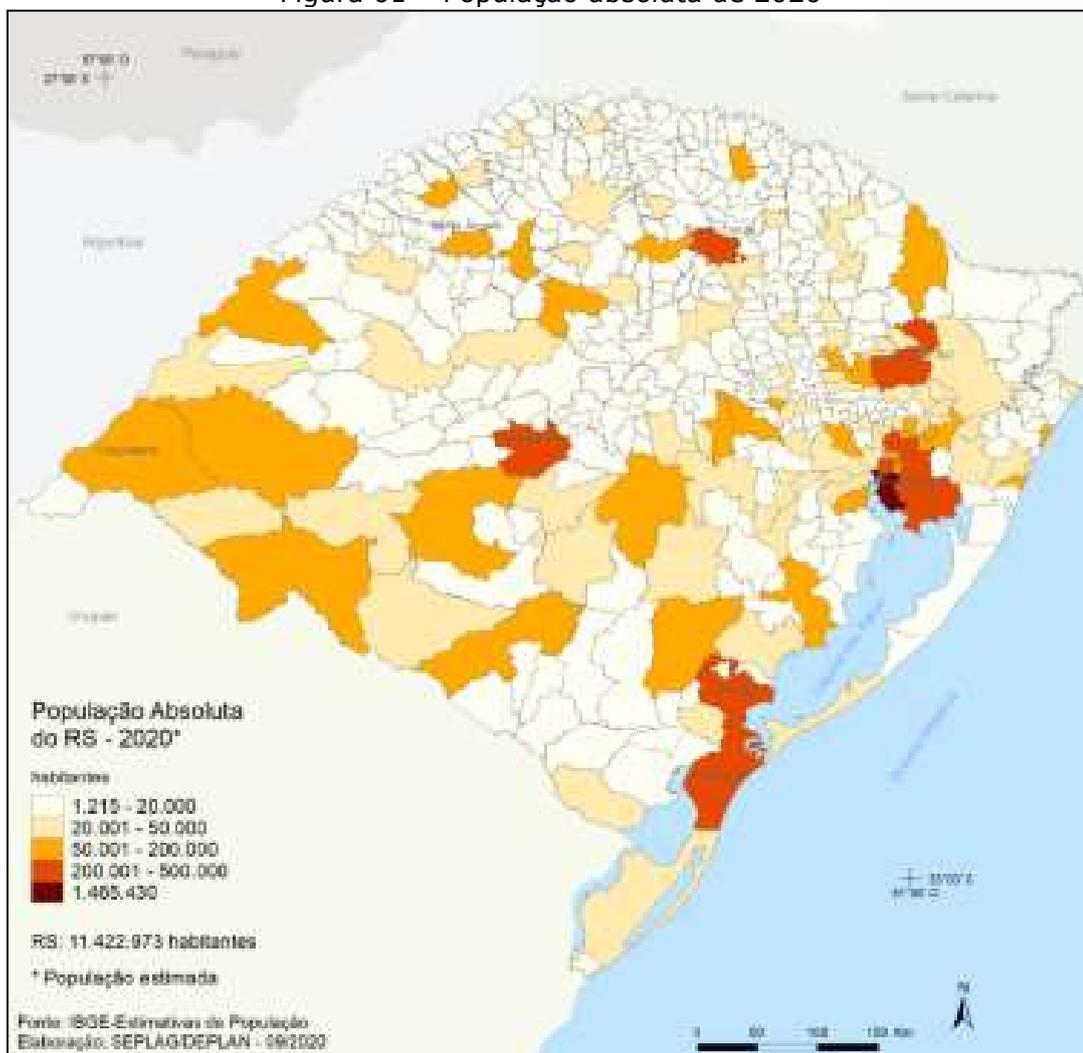
Figura 11 – Características gerais do Rio Grande do Sul

(continua)

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO RIO GRANDE DO SUL
<p>O Estado do Rio Grande do Sul localiza-se ao extremo sul do Brasil e está dividido em 497 municípios, apresentando área total de 281.707,15 km², incluindo as áreas das Lagunas dos Patos e Mirim, conforme divulgação do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul atualizado no mês de julho de 2020.¹</p> <p>Os limites e as fronteiras do atual Estado do Rio Grande do Sul são: ao Norte e Nordeste do Estado de Santa Catarina, separados pelo Rio Uruguai; ao Sul e Sudoeste pelo Uruguai, distanciados pelos Rios Quaraí e Jaguarão; a Leste pelo Oceano Atlântico e a Oeste e Noroeste pela Argentina, intervalados pelo Rio Uruguai.²</p> <p>No Rio Grande do Sul estima-se uma população de 11.422.973 habitantes, conforme as projeções da ‘População 2020’, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como mostrado na Figura 01, equivalente a 5,4% da população brasileira, sendo considerado o quarto Estado mais populoso do Brasil.³</p> <p>O Estado do Rio Grande do Sul apresenta grande diversidade cultural e de paisagens, cuja formação étnica é destacada por descendentes de povos indígenas, presença de africanos, pela imigração de europeus, dentre outras etnias (ver Capítulo 1).⁴</p> <p>O relevo gaúcho apresenta altitudes que exibem variações de até 1.398 metros; o clima é subtropical caracterizado pelas baixas temperaturas e por vegetação diversificada, inclusive com áreas remanescentes da Mata Atlântica; campos que configuram a denominada ‘Campanha Gaúcha’; e ainda pelas terras altas do Planalto Meridional.⁵</p>

(continuação)

Figura 01 – População absoluta de 2020



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2021, p. 60).⁶

O Rio Grande do Sul se apresenta diferenciado quanto aos indicadores sociais, quando comparado aos demais Estados do País com baixos índices de mortalidade infantil (próximo de 10 óbitos por mil habitantes); maior expectativa de vida, superior a 78 anos; e taxa de alfabetização superior a 95%, o que coloca o Estado no patamar privilegiado no que se refere à qualidade de vida no Brasil.⁷

A produção econômica gaúcha também é destaque e representava 6,3% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, no ano de 2017, conforme as Contas Regionais divulgadas pelo IBGE, o que lhe conferiu o 4º lugar entre os Estados brasileiros à época; e o PIB *per capita* se apresentava próximo a R\$ 37.000/ano.⁸

Notas de referências

1. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020a. p. 1.

(continuação)

2. MOREIRA. 2007. p. 8.
3. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 10.
4. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 10.
5. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 10.
6. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 60.
7. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 10.
8. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 10.
Leitura recomendada
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA ESTATÍSTICA – FEE. RS em números . Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/20170918rs-em-numeros-2017.pdf >. Acesso em: 21. out. 2021.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Rio Grande do Sul : panorama. 2021. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama >. Acesso em: 21 out. 2021.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.6 Eixos temáticos propostos ao ‘Roteiro Proposto’

Neste item estão descritos os temas que irão compor os Eixos Temáticos sugeridos para a reformulação do Projeto Tertúlia Mestre da Escola Mestre Santa Barbara. O ‘Roteiro Proposto’ será composto por cinco Eixos Temáticos contra os treze eixos temáticos que existiam no Evento Tertúlia Mestre avaliado neste estudo, referente ao ano de 2016.

Os cinco Eixos Temáticos corresponderão respectivamente aos Capítulos, 1, 2, 3, 4 e 5 do ‘Roteiro Proposto’. Desse modo serão descritos cada tema dos eixos temáticos sendo acompanhados com ilustrações, notas de referências (autores e obras); e a leitura recomenda (autores e obras) para ampliar os conhecimentos dos leitores (alunos, professores e outros leitores) sobre a História do Rio Grande do Sul, como detalhado nos próximos subitens.

5.1.6.1 Eixo temático: ocupação e formação da população

O primeiro Eixo Temático corresponderá ao ‘Capítulo 1 e se refere à ‘Ocupação e Formação da População’ que será composto pelos seguintes temas: povos indígenas; ocupação luso-espanhola; reduções jesuítas; presença africana, comunidades quilombolas e escravidão no território gaúcho; e a imigração europeia representada pelos imigrantes alemães, italianos e poloneses, principais migrações ocorridas à época, como detalhados na Figura 12.

Figura 12 – Capítulo 1 – Ocupação e Formação da População

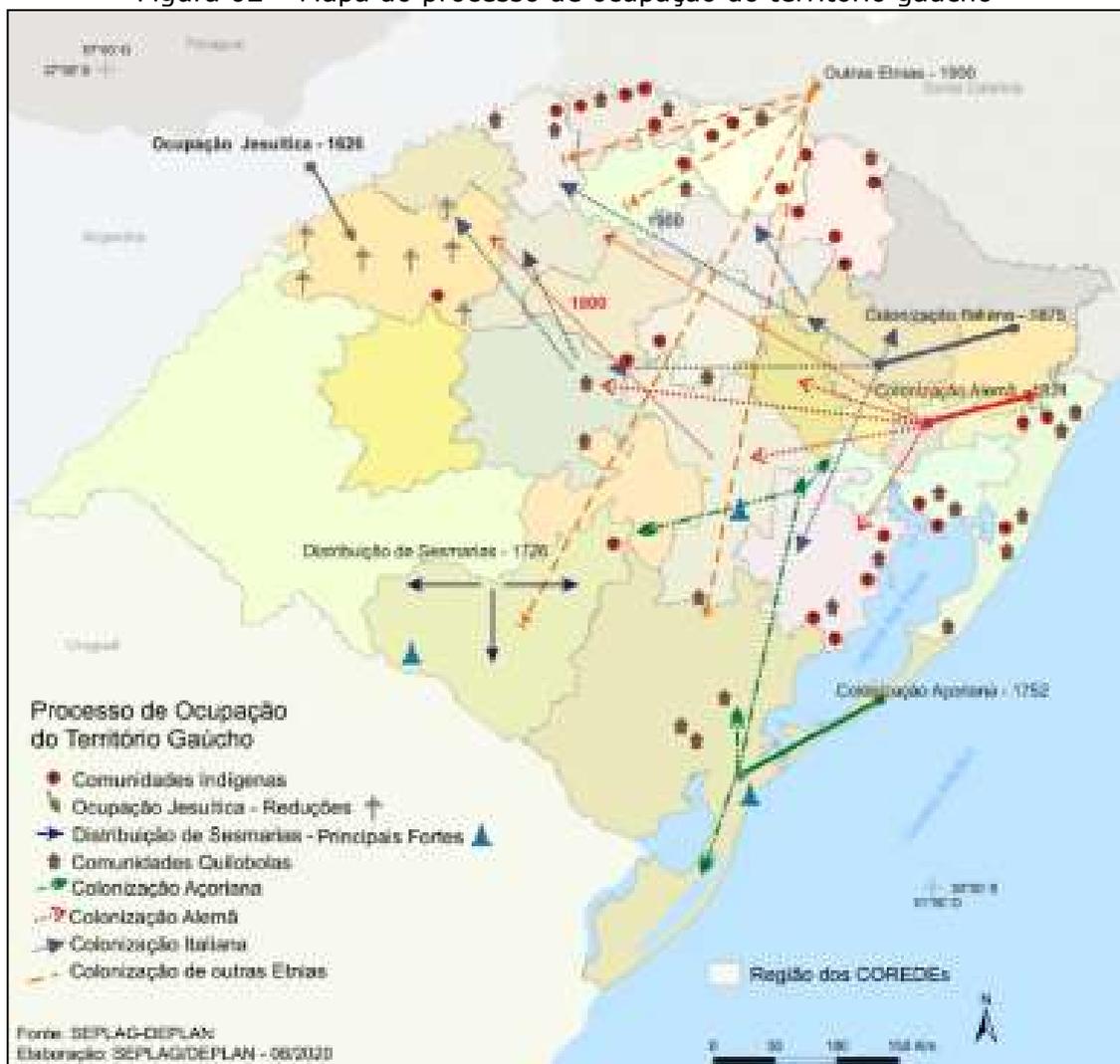
(continua)

CAPÍTULO 1 – OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO

A origem da ocupação e da formação da população do Rio Grande do Sul explica, em parte, as diferenças de distribuição atual da população. Na região ao sul, a população concentra-se nas cidades de porte médio, em função da predominância da atividade extensiva das grandes propriedades que geraram espaços rarefeitos e uma rede urbana dispersa. Nas regiões de pequenas propriedades, ao norte do Estado, a divisão da terra suscitou uma estrutura político-administrativa mais espalhada. Tal distribuição fundiária resultou na maior densidade urbana ao norte se comparada ao sul.⁹

Na Figura 02 consta o mapa do processo de ocupação do território gaúcho, divulgado pelo Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, cujo detalhamento está apresentado na sequência deste capítulo.

Figura 02 – Mapa do processo de ocupação do território gaúcho



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2020b, p. 1).¹⁰

(continuação)

No processo de ocupação e de formação do território gaúcho, diversos eventos históricos ocorreram para a divisão das terras, dentre os principais tem-se: o Tratado de Tordesilhas (1494); a descoberta do Brasil (1500); a União das Coroas Ibéricas (1580/1640); o estabelecimento da jurisdição do Bispado do Rio de Janeiro até o Rio da Prata (1676); a fundação da Nova Colônia do Santíssimo Sacramento (1680); o Tratado de Lisboa (1681); o Tratado de Utrecht (1715); a fundação da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul (1737); o Tratado de Madri (1750); a Guerra Guaranítica (1754/1756); o Tratado de El Pardo (1761); a invasão espanhola e a ocupação de parte do Rio Grande do Sul pelos espanhóis (1763/1777); o Tratado de Santo Ildefonso (1777); e o Tratado de Badajoz (1801).¹¹

A história da ocupação e do povoamento do Rio Grande do Sul foi demarcada pela questão fronteiriça, isto é, Região-limite entre dois Impérios – espanhol e português –, conforme o Tratado de Tordesilhas, assinado no ano de 1494. Assim, o Império espanhol foi sediado em Buenos Aires no Rio da Prata e; o Império português se instalou no Rio de Janeiro, o denominado Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, sendo que desde o século XVII foi continuamente disputado pelas duas Coroas Ibéricas.¹²

Em função disso, a ocupação e o povoamento do território gaúcho ocorreram em etapas distintas. As reduções jesuíticas foram fundadas a partir de 1626 (ver Figura 02), ponderados como os primeiros povoados organizados, além da ocupação inicial das tribos indígenas. Em 1640, os padres jesuítas cruzaram o Rio Uruguai em direção à atual Argentina. Porém, após quarenta anos voltaram ao território gaúcho e fundaram os 'Sete Povos das Missões' formando os centros econômicos com a fabricação da erva-mate, extração de couro, realização das atividades criatórias, dentre outras atividades.¹³

A Coroa Portuguesa, a partir do século XVIII, instalou os acampamentos militares, construiu fortes e presídios e distribuiu Sesmarias às pessoas nobres e aos militares, no intuito de garantir a posse e para defender as terras do extremo sul do Brasil. Até a metade do século XIX, foi desenvolvida a pecuária direcionada à produção de charque, ciclo que ofereceu prosperidade ao sul do território gaúcho e das atuais cidades de Bagé, Pelotas e Rio Grande, dentre outras; e teve a presença africana.¹⁴

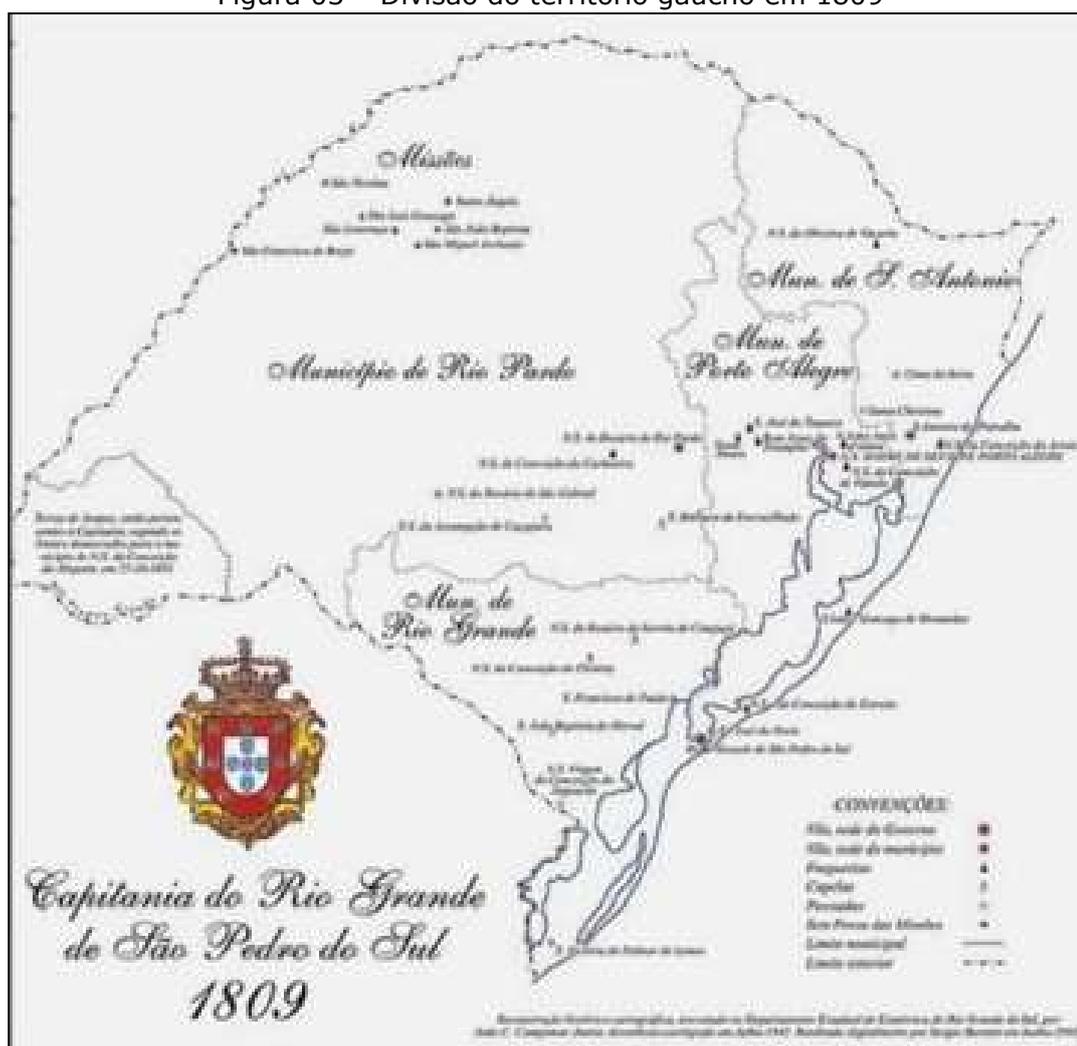
A partir de 1752, chegaram os açorianos ocupando os atuais municípios: Rio Grande, Mostardas, São José do Norte, Taquari, Santo Amaro (proximidades de Rio Pardo), Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira do Sul e Osório (antiga Conceição do Arroio). À época foram desenvolvidas as atividades agrícolas, como a produção de trigo para abastecer a Colônia Portuguesa, oferecendo origem às propriedades rurais de menor porte.¹⁵

No período de 1763 a 1776 ocorreu a ocupação luso-espanhola em Rio Grande. Já, no século XIX aconteceu a ocupação dos imigrantes europeus, com a chegada de alemães no ano de 1824 e dos italianos em 1875, os quais se instalaram principalmente na Região Nordeste do Estado (ver Figura 02), e despertou a atenção e a vinda de outros grupos étnicos.¹⁶

(continuação)

Por sua vez, a formação dos municípios do Rio Grande do Sul está atrelada intimamente à história da sua ocupação e povoamento, sendo que, a distribuição das Sesmarias e a ocupação dos núcleos açorianos propiciaram o processo de divisão territorial em áreas administrativas. No ano de 1809 ocorreu a primeira divisão do território gaúcho, como ilustrado na Figura 03, separando a Província de São Pedro em quatro grandes municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, expandindo até chegar aos atuais 497 municípios.¹⁷

Figura 03 – Divisão do território gaúcho em 1809



Fonte: Andrade (2016, p. 16).¹⁸

Na sequência do capítulo é apresentado um panorama síntese das principais correntes migratórias que vieram para o Rio Grande do Sul, a partir do século XIX. Lembrando que a base original de povoamento foram os diversos grupos indígenas, seguidos pela sobreposição dos colonizadores portugueses que trouxeram os africanos e dos colonizadores espanhóis. Pós-colonização, o Brasil abriu os caminhos para a entrada de imigrantes europeus.¹⁹ No Anexo B consta a Linha do Tempo referente aos principais antecedentes históricos, considerando-se o período entre os anos de 1500 e 1930.²⁰

(continuação)

Para melhor entender o processo de ocupação e a formação da população no território gaúcho optou-se em apresentar as seguintes temáticas: povos indígenas; ocupação luso-espanhola; reduções jesuíticas; presença africana, comunidades quilombolas e escravidão no território gaúcho; e a imigração europeia com a vinda de alemães, italianos e poloneses.

Notas de referências

9. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

10. ATLAS SOCIOECONÔMICA DO RIO GRANDE DO SUL. 2020b. 2021. p. 1.

11. GIORGIS. 2019. p. 4-5.

12. LUVIZOTTO. 2009. p. 15.

13. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

14. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

15. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

16. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

17. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 14.

18. ANDRADE. 2016. p.16.

19. KÜHN. 2004. p.12.

20. FAGUNDES. 1995. p. 1-6.

Leitura recomendada

CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS>. Acesso em: 06 ago. 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2014.

GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (org.). **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MAESTRI, Mário. (organizador). **Peões, gaúchos, vaqueiros, cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. v. 1. Passo Fundo: UPF, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/11344497/...v_1>. Acesso em: 23 out. 2021.

SANTOS, Corcino Medeiros dos. **Economia e sociedade do Rio Grande do Sul: século XVIII**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/428/1/379%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997. (Coleção Ciências Sociais). Disponível em <<https://www.academia.edu/2109944>>. Acesso em: 23 out. 2021.

(continuação)

Povos indígenas

O local onde está situado o atual Estado do Rio Grande do Sul já estava habitado por tribos indígenas que vieram da Patagônia, em torno de nove mil anos antes, e essas tribos eram formadas por índios charruas/minuanos.²¹ O fato é que a história da ocupação no território gaúcho ocorreu antes da chegada dos europeus, sendo que a terra era visualizada como a 'terra de ninguém', mas na verdade já estava povoada à época pelos povos indígenas, primeiros habitantes da região.²²

Na Figura 04 é ilustrado o mapa com a demonstração das áreas indígenas no Rio Grande do Sul para o século XVIII.

Figura 04 - Mapa de áreas indígenas no século XVIII



Fonte: Laroque (2011, p. 17).²³

(continuação)

Os índios estavam subdivididos em tribos, inicialmente, havia o 'grupo jê' que pertencia à tribo dos tapuias que habitavam as regiões Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul, derivando os índios guaianás subdivididos em ibiraiara, caaguá, arachã, carijó, tape e, depois os caingangues. Além disso, surgiu outro grupo indígena denominado de mbaias, cuja tribo era dividida em seis nações indígenas: charrua, minuano, guenoa, yaro, mboane e chaná, ocupando as Regiões Sul e Sudeste do Estado.²⁴

Apesar de toda a opressão e perseguição que enfrentaram à época, os povos indígenas durante o período colonial e mesmo que tenham sido dizimados milhares, ainda existem pequenos grupos que habitam as reservas de Nonoai, Iraí e Tenente Portela e outros locais no Estado, os quais buscam a manutenção das suas identidades, tais como as tribos mbyás-ghraranis e os caingangues.²⁵

Os indígenas deixaram contribuições na formação étnica e cultural do Estado, principalmente na região das campinas. As tribos charruas se compunham de índios cavaleiros habitantes da Região Sudoeste que se alimentavam de carne assada no espeto e usavam indumentária em couro, constituindo o principal contingente, cuja mão de obra era recrutada para desenvolver as atividades de pecuária na região. A influência indígena pode ser observada com maior significância nas regiões de Ibicuí Coroados, Itaimbé e numerosos nomes referentes aos habitantes originais do Estado.²⁶

Notas de referências

21. LEAL. 2016. p. 4.

22. LUVIZOTTO. 2009. p. 17.

23. LAROQUE. 2011. p. 25.

24. ZATTERA. 1995a. p. 26.

25. LUVIZOTTO. 2010. p. 20.

26. MOREIRA. 2007. p. 30.

Leitura recomendada

FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecilia Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena**. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro>. Acesso em: 03 ago. 2021.

NEUMANN, Eduardo Santos. **O trabalho guarani missioneiro no Rio da Prata colonial, 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. **Aldeamentos kaingang no Rio Grande do Sul: século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Indígenas no Rio Grande do Sul. In: FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecilia Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena**. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), p. 43-63. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro-brasil-1>. Acesso em: 23 out. 2021.

STEFANELLO, Belair Aparecida; MATTE, Dulci Claudete; LUCKMANN, Sandro. **Povos indígenas no Noroeste do Rio Grande do Sul: 2015-2016**. In: Exposição itinerante pluralidade Cultural. Publicado em: 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.unijui.>>. Acesso em: 01 out. 2021.

Ocupação luso-espanhola

A ocupação luso-espanhola no Rio Grande do Sul ocorreu com a chegada dos portugueses e espanhóis para colonizar o Brasil. No ano de 1501 chegaram as primeiras caravelas portuguesas nas costas gaúchas e em seguida foram as caravelas espanholas, mas não houve desembarque no litoral gaúcho à época. Em 1531, os navegantes portugueses, Martim Afonso de Souza e Pero Lopes, não desembarcaram nas praias gaúchas, mas denominaram o lugar de Rio Grande de São Pedro. O local serviu posteriormente para a passagem dos navios entre o Oceano Atlântico e a atual Laguna dos Patos.²⁷

A presença do gado foi o principal atrativo para a ocupação e a fixação de imigrantes portugueses nas terras gaúchas. A Coroa Portuguesa garantia aos imigrantes a propriedade de um pequeno terreno, ao que se denominava de 'Sesmarias', porém não oferecia a subsistência.²⁸

Por sua vez, os espanhóis ocuparam quatro regiões distintas e se concentraram no território gaúcho em forma de 'L' invertido, inserindo-se na Fronteira Sul e na Região Metropolitana parte do Delta do Jacuí com proximidades à região carbonífera, incluindo Porto Alegre.²⁹

A ocupação dos espanhóis no Rio Grande do Sul apresentou como principal finalidade a realização da operação, da reprodução e da manutenção dos territórios fronteiriços guiados por motivos políticos, econômicos, sociais e territoriais.³⁰ Em 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento situada às margens leste do Rio da Prata, considerado o marco inicial das contendas diplomáticas e bélicas na região.³¹

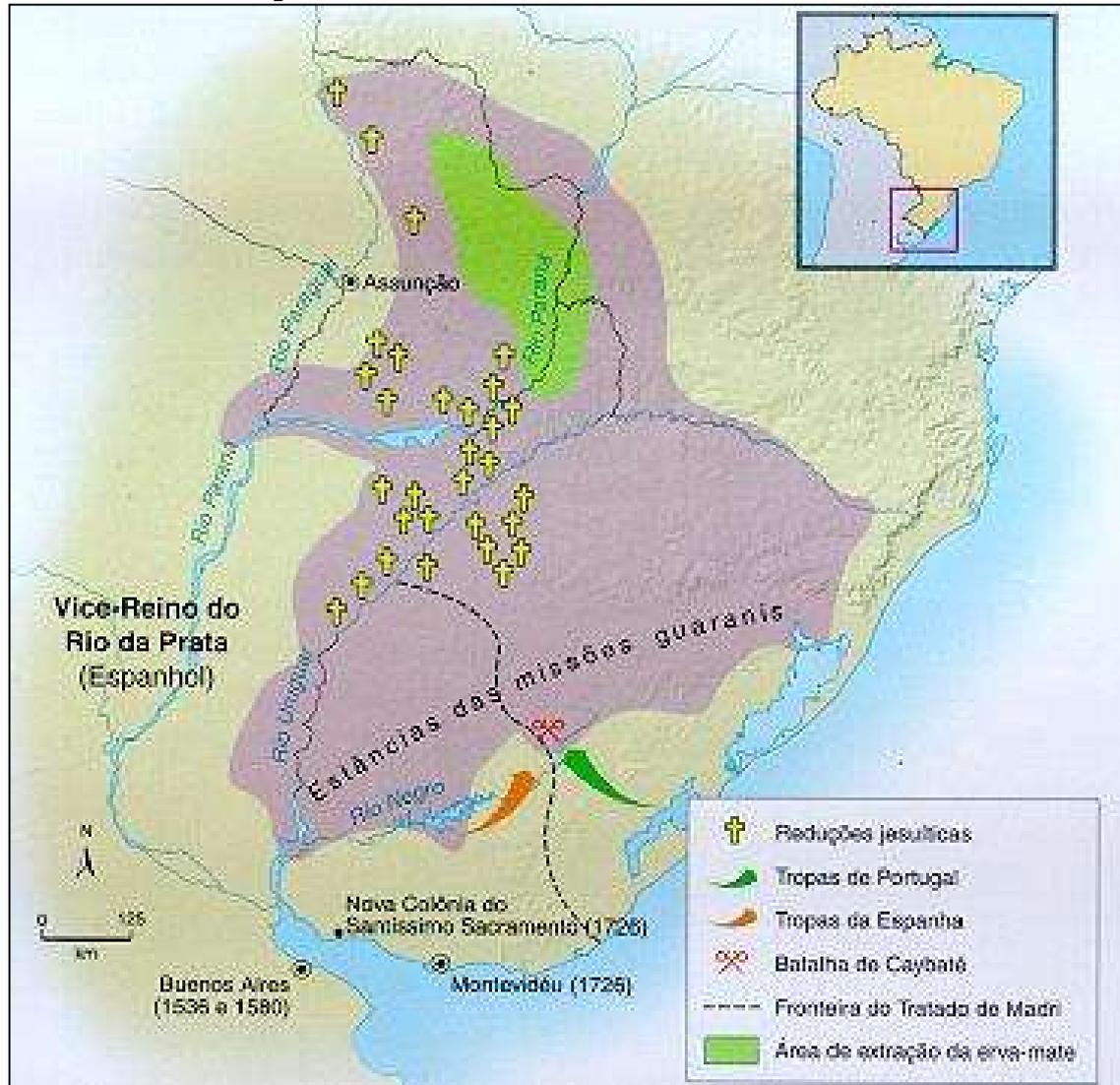
No ano de 1737, o povoamento oficial do território gaúcho iniciou com a fundação do forte e/ou presidio que originou o atual município de Rio Grande e foi considerado o núcleo irradiador da ocupação do território, sendo que o governo português percebeu a necessidade de garantir a posse das terras em disputa com os platinos devido à ocupação em bases estáveis por meio do uso agrícola do solo, assim, foi proibida a vinda de habitantes dos Açores, arquipélago localizado no Oceano Atlântico, que atualmente pertence a Portugal.³²

No Tratado de Madri foi estabelecido, como condição para a vigência da paz entre Portugal e Espanha, que a Colônia do Sacramento passasse a ser de domínio espanhol e em troca, o território Norte do Ibicuí onde se situava a Região das Missões Jesuíticas-Guaranis passaria a pertencer aos portugueses.³³

Para representar a ocupação luso-espanhola, o mapa da Figura 05 apresenta a situação da área do Rio Grande do Sul e as adjacências em função do início da década de 1750, quando ocorreu a assinatura do Tratado de Madri, sendo que a linha tracejada indica a linha demarcatória do Tratado de Madri e o atual município de Rio Pardo, que havia surgido à época.

(continuação)

Figura 05 – Linha do Tratado de Madri em 1750

Fonte: Giorgis (2019, p. 20).³⁴

No ano de 1751 diversos casais de açorianos foram distribuídos para habitar a Região Sul do Brasil pela Coroa Portuguesa, e cada casal recebeu um lote de terra para o cultivo e o intuito era povoar a região de Rio Grande. Os açorianos participaram ativamente na criação de povoados, vilas e cidades no litoral e na Depressão Central (faixa de terras que separava o planalto Norte-Rio-Grandense, localizado ao norte, do escudo cristalino que ficava ao sul e estava incluído na Região da Campanha) compreendendo primeiramente São José do Norte, Tavares, Mostardas, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha e Osório e; depois Triunfo, General Câmara, Rio Pardo e Cachoeira do Sul, apresentando influências na arquitetura naqueles locais.³⁵

Os açorianos deixaram como legado, além do tipo de construção, vários costumes e tradições que estão presentes em algumas comunidades das áreas colonizadas, como por exemplo, o sotaque característico e o linguajar do litoral, sendo, portanto, uma herança cultural dos ilhéus.³⁶

(continuação)

Outro marco histórico ocorreu no ano de 1770 com a chegada de milhares de imigrantes açorianos à província para habitar a Região das Missões e em função das dificuldades do transporte inicialmente eles se fixaram na região onde está situada a atual cidade de Porto Alegre. As atividades praticadas pelos açorianos à época eram a agricultura e a pecuária.³⁷

Notas de referências

27. FAGUNDES. 1995. p. 1.

28. LUVIZOTTO. 2009. p. 17-18.

29. UEBEL; PAULI. 2015. p. 156-157.

30. UEBEL; PAULI. 2015. p. 166.

31. GIORGIS. 2019. p. 4.

32. MOREIRA. 2007. p. 34.

33. TORRES. 2004. p. 179.

34. GIORGIS. 2019. p. 20.

35. MOREIRA. 2007. p. 34-35.

36. MOREIRA. 2007. p. 35.

37. LUVIZOTTO. 2010. p. 23.

Leitura recomendada

ALVES, Francisco da Neves; TORRES, Luiz Henrique. **Textos do século VIII para o estudo da ocupação lusitana no Brasil Meridional**. CLEPUL: Biblioteca Rio-Grandense. Lisboa/Rio Grande,, 2016.

CAMANI, Emanuele Bitencourt Neves. **"Peleia" luso-castelhana e os efeitos de sentidos em o linguajar do gaúcho brasileiro de Dante de Laytano**. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9874/...y>>. Acesso em: 01 out. 2021.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e história: a imigração espanhola recente em Porto Alegre**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra...>. Acesso em: 23 out. 2021.

Reduções jesuíticas

A ocupação do território gaúcho pelos europeus iniciou com a chegada dos padres jesuítas provenientes do Paraguai que se instalaram na margem oriental (leste) do Rio Uruguai para catequizar os índios, e fundaram diversas aldeias ou povoados denominados de missões ou reduções.³⁸

No ano de 1626, depois do ataque dos paulistas nas reduções jesuíticas no Paraguai, os padres jesuítas se instalaram no território que atualmente está localizado o Rio Grande do Sul e fundaram a Redução de São Nicolau (Zona de Tape) reunindo diversas tribos guaranis. Em 1641 os jesuítas foram combatidos e expulsos pelos bandeirantes levando consigo os índios catequizados, mas deixaram o gado, que se tornou selvagem e bravo formando uma reserva denominada de Vacarias del Mar.³⁹

(continuação)

No ano de 1682, os padres jesuítas retornaram ao Rio Grande do Sul fundando na região dos Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, e nos países da Argentina e Paraguai, as Missões Jesuíticas as quais eram formadas também por índios guaranis. No Rio Grande do Sul os padres jesuítas ocuparam a Região Noroeste do Estado criando os 'Sete Povos das Missões', cuja base econômica era a criação do gado, a extração do couro e, posteriormente, o cultivo da erva-mate.⁴⁰

Os Sete Povos das Missões eram formados pelos atuais municípios:

- São Nicolau (1626);
- São Miguel (São Miguel Arcanjo – 1632);
- São Borja (São Francisco de Borja – 1682);
- São Luiz Gonzaga (1687);
- São Lourenço (São Lourenço Mártir – 1690);
- São João Batista (1697);
- Santo Ângelo (Santo Ângelo Custódio – 1706).⁴¹

A área fundada pelos padres jesuítas passou a ser denominada de 'Região das Missões', como ilustrado na Figura 06, constituindo como citado anteriormente os 'Sete Povos das Missões'.

Figura 06 – Região das Missões



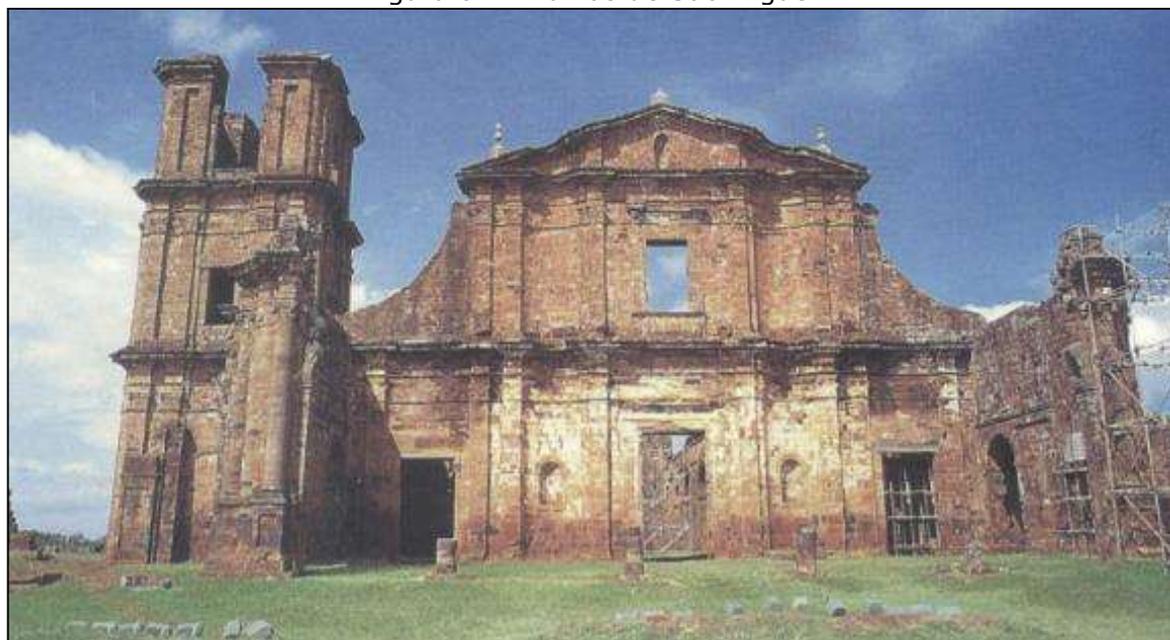
Fonte: Moreira (2007, p. 29).⁴²

(continuação)

O legado dos padres jesuítas que influenciou a História da Região das Missões foram os grandes rebanhos de bovinos e de cavalos que foram criados soltos nas pradarias gaúchas. Em 1750, o Tratado de Madri entre Portugal e Espanha estabeleceu que a Região das Missões fosse de Portugal, culminando no encerramento das atividades dos padres jesuítas naquela região.⁴³ Mais precisamente no ano de 1768, os padres jesuítas definitivamente saíram do Rio Grande do Sul.⁴⁴

Na Figura 07 é possível observar o detalhe das ruínas de São Miguel, no interior do atual município com a mesma denominação, as quais se configuram como testemunho histórico da atuação dos padres jesuítas no território gaúcho.

Figura 07 – Ruínas de São Miguel



Fonte: Moreira (2007, p. 30).⁴⁵

Notas de referências

38. MOREIRA. 2007. p. 27.

39. LUVIZOTTO. 2010. p. 22.

40. LUVIZOTTO. 2010. p. 22.

41. DAMIANI. 2019. p. 3-4.

42. MOREIRA. 2007. p. 29.

43. LUVIZOTTO. 2010. p. 22-23.

44. MOREIRA. 2007. p. 30.

45. MOREIRA. 2007. p. 30.

(continuação)

Leitura recomendada

BRUM, Ceres Karan. **"Esta terra tem dono"**: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Santa Maria: UFSM, 2006.

DOMINGUES, Beatriz Helena. As missões jesuíticas entre os guaranis no contexto da ilustração. **Revista História**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 44-69, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/znv4fFBMQX6r7jYqxZbpPYR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 out. 2021.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 10 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2018.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Trabalho indígena na dinâmica de controle das reduções de Maynas no Marañón do século XVII. **Revista História**, v. 25, n. 1, p. 15-43, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/MNyYqDNbtkLqdWhHDGXXKZbx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 2021.

TORRES, Luiz Henrique. **Historiografia sul-rio-grandense**: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975). 1997. 211 f. Tese (Doutorado História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19115>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Presença africana e comunidades quilombolas

Os africanos e os seus descendentes estiveram presentes e participaram da formação da população do Rio Grande do Sul, com as finalidades de defender as suas fronteiras; trabalhar na criação do gado e na produção de charque (bases da economia gaúcha no século XIX); e exercerem as mais variadas atividades nas áreas urbanas⁴⁶, como ilustrado na Figura 08.

Figura 08 – Presença africana



Fonte: Amaral (2021, p. 1).⁴⁷

(continuação)

A presença dos africanos e de seus descendentes no extremo sul do Brasil foi identificada antes mesmo da fundação do Rio Grande lusitano. Os africanos escravizados já estavam presentes nas lutas por territórios entre os portugueses e os espanhóis, no ano de 1680, quando foi criada a Colônia de Sacramento nas margens do Rio da Prata.⁴⁸

Os africanos realizavam as atividades de carregadores para os bandeirantes e tropeiros e, também, eram serviçais domésticos nas fazendas, mas foi com o desenvolvimento da atividade das charqueadas que ocorreu o ingresso mais significativo de africanos no Rio Grande do Sul. Desse modo, a expansão se dá com a criação do polo charqueador na atual cidade de Pelotas, que propiciou a entrada de muitos trabalhadores negros escravizados na referida região.⁴⁹

Para atuar na atividade das charqueadas foram trazidas grandes e sucessivas quantidades de africanos, estimando-se em torno de 80 mil no ano de 1860, distribuídos na Região da Campanha e na Região da Depressão Central caracterizando-se em dois eixos com base no atual município de Rio Grande. No primeiro eixo, os africanos eram levados para os atuais municípios de Pelotas, Canguçu, Piratini e Jaguarão e; no segundo para São José do Norte, Viamão, Triunfo e Taquari.⁵⁰ Acrescenta-se que, a presença dos africanos no Rio Grande do Sul influenciou na formação étnico-cultural no que se refere ao esporte, à música e de maneira especial na religião.⁵¹

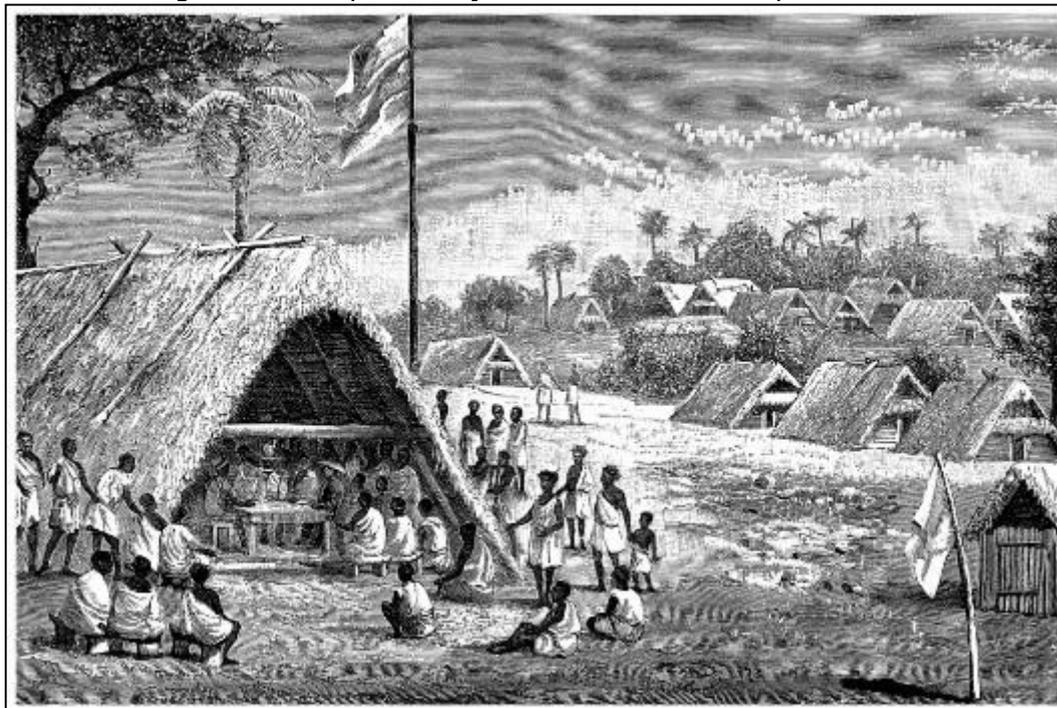
Os afrodescendentes lutaram pela liberdade e formaram os quilombos, pois a escravidão foi marcada por lutas pela liberdade dos trabalhadores negros escravizados, sendo que tais lutas conduziram para a morte e castigos cruéis próprios ao sistema escravista à época. No Rio Grande do Sul houve a formação de quilombos rurais e urbanos considerando-se a localização e as instalações dos senhores e/ou conforme o tipo de atividade exercida pelos africanos, a maioria deles estava acostumada com as lides do campo e, também, buscavam as instalações nas proximidades dos centros urbanos com oportunidades de atuarem de maneira clandestina.⁵²

Os quilombos apresentavam como significado, para os escravos que fugiam, o retorno à vida que tinham no continente africano, e se configurava como um protesto contra os senhores e as respectivas imposições, contra as maneiras de repressão e de dominação.⁵³ Os quilombos formaram as comunidades quilombolas sendo descendentes de africanos escravizados que lutavam pela manutenção das tradições culturais africanas e manifestações religiosas e, também, pela subsistência durante séculos. No período da escravidão, as lutas foram constantes e após a promulgação da Lei Áurea, em 1888⁵⁴, a escravidão ainda se fez presente por alguns anos, além da perpetuação do racismo estrutural.⁵⁵

As comunidades quilombolas abrigaram vários africanos livres, os quais objetivavam a manutenção da cultura africana. Na maioria dos casos, os escravos libertos foram para os centros urbanos, comercializando sua mão de obra, o que culminou na formação de grande camada pobre que viveu às margens da sociedade.⁵⁶ Na Figura 09 é ilustrada uma imagem das comunidades quilombolas.

(continuação)

Figura 09 – Representação das comunidades quilombolas

Fonte: Paula (2015, p. 1).⁵⁷

Para conhecimento geral, as comunidades quilombolas atualmente estão instaladas nos países da Colômbia, Equador, Suriname, Honduras, Belize, Nicarágua e no Brasil. Na legislação brasileira é reconhecido o direito às terras tradicionais para as comunidades quilombolas, cujos direitos estão assegurados pela 'Convenção nº 169 Sobre Povos Indígenas e Tribais da Organização Internacional do Trabalho' que é ratificada pelo Brasil e por vários países da América Latina.⁵⁸

No Brasil, de acordo com os dados divulgados pelo governo federal, estima-se que existam mais de 3.000 comunidades quilombolas que estão distribuídas nas regiões brasileiras, totalizando em torno de 2,2 milhões de pessoas. No Rio Grande do Sul existem 146 comunidades quilombolas e deste total 90% estão certificadas pela Fundação Palmares.⁵⁹

Notas de referências

46. RAMOS; SMANIOTTO. 2014. p. 218.

47. AMARAL. 2019. p. 1.

48. ASSUMPCÃO. 2011. p. 139.

49. MOREIRA. 2007. p. 34.

50. MOREIRA. 2007. p. 34.

51. MOREIRA. 2007. p. 34.

52. RAMOS. SMANIOTTO. 2014. p. 217-218.

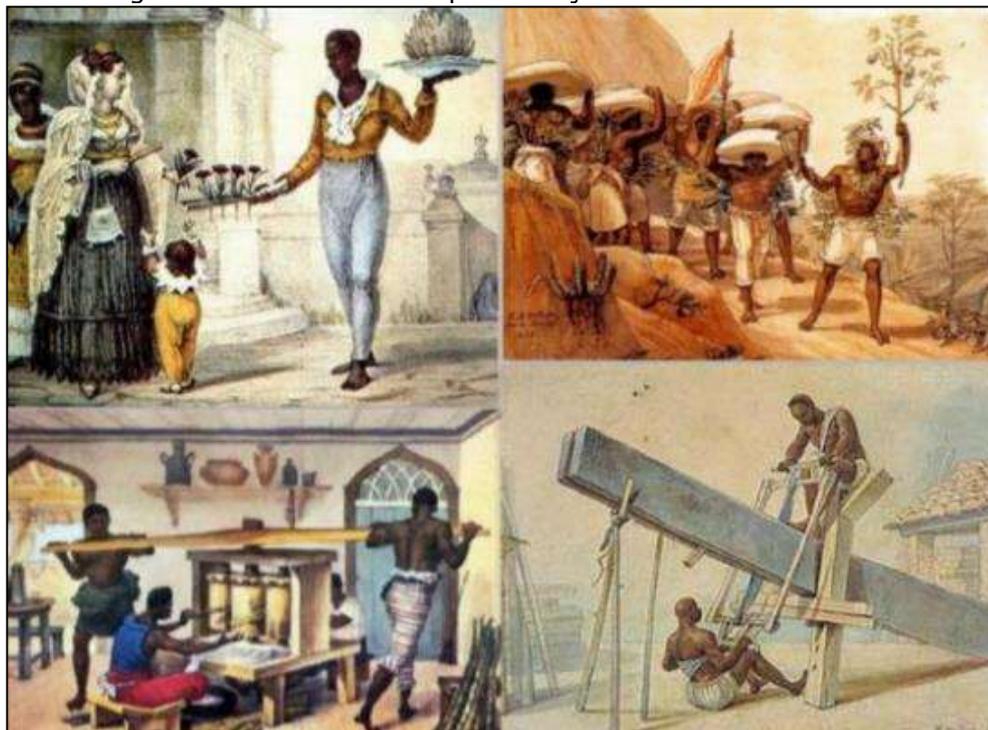
53. MATTOSO. 1988. p. 58.

(continuação)

54. BRASIL. 1888. p. 1.
55. RAMOS; SMANIOTTO. 2014. p. 218-219.
56. RAMOS; SMANIOTTO. 2014. p. 219.
57. PAULA. 2015. p. 1.
58. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020c. p. 1.
59. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020c. p. 2.
Leitura recomendada
BERUTE, Gabriel Santos. Dos escravos que parte para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10917/000602867.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 23 ago. 2020.
CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
CHALHOUB, Sidney. A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.
GUTIERREZ, Jaína Funes; FERREIRA, Paulo Amaro; GIRON, Loraine Slomp. Negros na Serra gaúcha. In: XVIII Encontro de Jovens Pesquisadores. Universidade de Caxias do Sul, 21-23 set. 2010. Disponível em: < https://www.uces.br/ucs/tplJovensPesquisadores_2010/pesquisa/jovens_pesquisadores2010/resumos/resumo/humanas/Jaina%20Funes%20Gutierrez_419.pdf >. Acesso em: 23 out. 2021.
MAESTRI, Mário. Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 297-331.
RADÜNZ, Roberto; GIRON, Loraine Slomp. (organizadores). Negros: da África à Serra Gaúcha. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
SCHWARCZ,, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (organizadores). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: < https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/SCHWARCZ--GOMES-2018.-Dicion%C3%A1rio-da-escravid%C3%A3o-e-liberdade.pdf >. Acesso em: 24 ago. 2020.
SILVEIRA, Alexandre Barcelos. Colônia africana e a construção do território negro em Porto Alegre. In: XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS, 11-14 ago. 2014. Disponível em: < http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/...pdf >. Acesso em: 24 out. 2021.
Escravidão no território gaúcho
<p>A escravidão, conceitualmente, é caracterizada pela sujeição de um homem ao outro de maneira completa. Desse modo, o escravo não se configura apenas como uma propriedade do senhor, mas também a sua vontade está sujeita à autoridade do seu dono e o seu trabalho, poderá ser obtido pela força.⁶⁰</p> <p>Na Figura 10 é possível identificar imagens do cotidiano escravo, a partir de um traço bastante positivado de Jean-Baptiste Debret.</p>

(continuação)

Figura 10 – Debret e a representação do cotidiano escravo

Fonte: Speroni (2018a, p. 34).⁶¹

É importante mencionar que a escravização relativa à diáspora africana se constituiu como um processo histórico sendo considerado como um acontecimento traumático, muito antigo e que na verdade não foi totalmente resolvido socialmente, pois persiste o racismo estrutural mesmo que combatido, e, portanto, se configura ainda enquanto histórias e memórias em aberto.⁶²

A diáspora africana se refere aos vários movimentos dos povos africanos e afrodescendentes fora do seu continente. Seja em função do tráfico internacional de cativos realizados por meio do Oceano Índico, do deserto do Saara e do Oceano Atlântico. Seja devido às guerras e ao colonialismo, bem como de perseguições políticas, religiosas, desastres naturais, ou ainda movimentos das grandes massas populacionais na busca por trabalho ou de melhores condições de vida fora do continente africano.⁶³

Os africanos chegaram ao Rio Grande do Sul por volta do ano de 1726, junto com a frota do português, João de Magalhães. No Rio Grande do Sul, o escravo foi a mão-de-obra indispensável para a atividade das charqueadas; e também, como voluntários e libertos lutaram nas guerras e um dos maiores líderes da marinha brasileira foi Marcílio Dias, fuzileiro negro de Rio Grande.⁶⁴

A escravidão se fez presente desde a colonização do território gaúcho, mesmo que alguns historiadores entendam que não tenha ocorrido a escravidão de fato no Estado.⁶⁵ O trabalhador escravizado foi inserido no território do Rio Grande do Sul antes de iniciar a ocupação oficial luso-brasileira do Sul, no ano de 1737 e contribuíram significativamente para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.⁶⁶

(continuação)

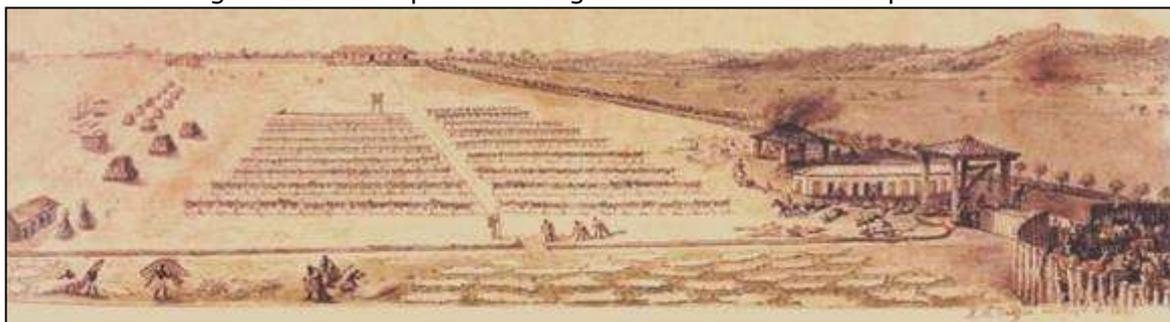
Historicamente, o cativo indígena primeiramente se fez presente no período entre 1733 a 1758, porém, foi extinto devido à dois aspectos. O primeiro deles foi a instituição da legislação indigenista no período pombalino, quando foi criado o 'Diretório dos Índios' que era um conjunto de normas instituídas pelo governo português (1758-1759), que formalizou a proibição da escravidão indígena, porém isso não ocorreu de fato e somente se consolidou mais tarde quando surgiu a mão-de-obra de negros africanos.⁶⁷

O segundo aspecto foi o surgimento do tráfico negreiro entre Angola e Rio de Janeiro, que era uma mão de obra mais barata quando comparada com a mão de obra indígena. Para exemplificar, nos Campos de Viamão, no ano de 1751, a população local era composta por mais de 42% de cativos de origem africana e 3% de cativos indígenas.⁶⁸

Acrescenta-se que, mesmo antes das 'charqueadas' já existia a propagação elevada da escravidão africana no Rio Grande do Sul. Na verdade, a atividade das charqueadas possibilitou o incremento do tráfico de cativos provenientes do Rio de Janeiro. Porém, o tráfico negreiro era realizado em pequena escala e os escravos eram trazidos junto com as mercadorias revendidas ao Rio Grande do Sul, sendo que aportavam no Porto de Laguna e o restante do percurso era realizado em via terrestre.⁶⁹

Para complementar, o charque (carne-seca como mostrado na Figura 11), e os couros foram os principais produtos exportados pela Província do Rio Grande do Sul.⁷⁰

Figura 11 – Campos de secagem da carne nas charqueadas



Fonte: Pivari (2016, p. 1).⁷¹

As primeiras charqueadas foram instaladas ao final do século XVIII devido à necessidade de prover a demanda crescente de alimentos, mediante investimentos dos comerciantes que perceberam a oportunidade de preencher a lacuna da crise de produção de charque nas Capitânicas do Piauí e do Ceará, devido às secas que impactaram aquelas regiões no início do ano de 1790.⁷²

(continuação)

As experiências laborais com o uso da mão de obra escrava no Rio Grande do Sul, além das charqueadas estavam presentes também na pecuária, nos serviços domésticos, artesanato, nas atividades da roça e lavouras, incluindo ainda os tratamentos de cura e as atividades nos transportes terrestre, fluvial e marítimo. A mão de obra escrava também foi empregada nos conflitos que ocorreram na cidade de Pelotas e na Revolta Farroupilha (1835-1845), que era composto por batalhões de 'Lanceiros Negros', grupo militar que foi ampliado durante os conflitos e que propiciou a manutenção e a resistência ao governo imperial durante os dez anos daquele conflito⁷³ (ver Capítulo 3).

Notas de referências

60. PINSKY. 2010. p. 7.

61. SPERONI. 2018a. p. 34.

62. MEINERZ. 2016. p. 10.

63. MACEDO. 2016. p. 23.

64. FAGUNDES. 1995. p. 4-5.

65. KÜHN. 2004. p. 26.

66. MAESTRI. 2010a. p. 90.

67. KÜHN. 2004. p. 28.

68. KÜHN. 2004. p. 28-29.

69. KÜHN. 2004. p. 30.

70. VARGAS; MOREIRA. 2020. p. 155.

71. PIVARI. 2016. p. 1.

72. VARGAS; MOREIRA. 2020. p. 155.

73. VARGAS; MOREIRA. 2020. p. 156.

Leitura recomendada

CHALHOUB, Sidney. O problema do tráfico africano de escravos na independência e formação do estado (Brasil, décadas de 1820 a 1840). *Iberoamericana. Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies*, v. XL, n. 1-2, p. 45-71, 2010. Disponível em: <<https://www.iberoamericana.se/articles/10.16993/ibero.53/galley/50/download/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

GIRON, Loraine Slomp. **Presença africana na serra gaúcha**: subsídios. Porto Alegre: Suliani, 2009.

LIMA, Maurício Lopes. **O mal estar de uma identidade regional**: representações do trabalhador negro escravizado e seus descendentes na historiografia Rio-grandense: Assis Brasil, Alcides Lima, Salis Goulart e Dante de Laytano. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado História). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/179/1/2014MauricioLopesLima.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MAESTTRI, Mário. **Breve histórico da escravidão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. (Série Revisão, v. 25).

MAESTTRI, Mário. **História e historiografia do trabalhador escravizado no RS**: 1819-2006. *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)*. Centro de Estudios Avanzados. Programa de Estudios Africanos, p. 53-88, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/coediciones/20100823031132/06mae.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

(continuação)

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre fronteira e liberdade: representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864/1870). **Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 6, n. 9, p. 119-149, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6208>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Seduções, boatos e insurreições escravas no Rio Grande do Sul na segunda metade dos oitocentos**. In: V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Publicado em: 10 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/moreira%20paulo%20roberto%20staudt.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; MATHEUS, Marcelo Santos. Processo e estrutura: o fim da escravidão e a persistência dos castigos físicos (Rio Grande do Sul, final do século XIX). **Revista História Unisinos**, v. 24, n. 2, p. 269-281, maio/ago., 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist...242.08/60747715>>. Acesso em: 03 set. 2021.

PESSI, Bruno Stelmach. O fim do tráfico e a organização do trabalho nas charqueadas pelotenses: ofícios e avaliação dos escravos arrolados nos inventários de charqueadores. **Revista do Corpo Discente (REDOS)**, v. 2, n. 4, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/11190/6898>>. Acesso em: 24 out. 2021.

THIESEN, Beatriz Valladão; MOLET, Claudia Daiane; KUNIOCHI, Marcia Naomi. **Charqueada e escravidão em Rio Grande**. In: V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Publicado em: 11 abr. 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/thiessen%20beatriz%20valadao_%20molet%20claudia%20daiane%20e%20kunoichi%20marcia%20naomi.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

Imigração europeia

A ascensão da ocupação europeia no Rio Grande do Sul ocorreu quando, no século XIX o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, como ilustrado na Figura 12, no intuito de formar a camada social de homens livres com habilitação profissional.⁷⁴

Figura 12 – Imigrantes europeus



Fonte: Casemiro (2021, p. 1).⁷⁵

(continuação)

No entanto, o intento não foi bem aceito pelos senhores de terras e escravos da Região Norte do país, fazendo com que os imigrantes europeus fossem direcionados para os estados da Região Sul, incluindo neste cenário o território gaúcho.⁷⁶ No Rio Grande do Sul vários grupos de imigrantes chegaram para ocupar as suas terras, dentre eles, os alemães, os italianos e os poloneses, porém, vieram em maior quantidade os imigrantes alemães e italianos.⁷⁷

A ocupação de alemães, italianos e poloneses no Rio Grande do Sul, ao longo do século XIX, foi motivada pelas mudanças econômicas e tecnológicas que estavam ocorrendo em algumas regiões europeias e, também, devido ao crescimento demográfico daquele Continente. Os europeus perceberam que havia terras em abundância no Continente Americano; possibilidades de trabalho em setores econômicos com potencial de evolução; e devido ao surgimento de políticas de incentivos à imigração nos países americanos, como foi o caso do Brasil.⁷⁸

Notas de referências

74. LUVIZOTTO. 2010. p. 23.

75. CASEMIRO. 2019. p. 1.

76. LUVIZOTTO. 2010. p. 23.

77. MOREIRA. 2007. p. 38.

78. RÜCKERT. 2013. p. 206.

Leitura recomendada

DACANAL, José Hildebrando. (organizador). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. **O sistema de parceria e a imigração europeia**. Rio Grande do Norte: Unigráfica, 2014.

KÜHN, Fábio. A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 25 n. 2, p. 91-112, dez. 1999. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/25507/14904>>. Acesso em: 14 out. 2021.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990.

Imigração alemã

A ocupação dos alemães ocorreu em três fases distintas. A 'fase de subsistência' (1824 a 1845) sendo que tais imigrantes encontraram muitos obstáculos: necessidade de pagar a dívida colonial; conflitos com os índios que já habitavam as terras gaúchas; os conflitos militares da Guerra da Cisplatina e da Revolta Farroupilha (ver Capítulo 3); e a lei orçamentária do Império que deixou de incentivar a vinda de imigrantes ao Brasil.⁷⁹

(continuação)

Os primeiros imigrantes alemães chegaram à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1824 e se instalaram no atual município de São Leopoldo, como ilustrado na Figura 13, que compreendia uma área extensa até Campo dos Bugres (região do atual do município de Caxias do Sul) e nas regiões dos atuais municípios de Montenegro e Taquara.⁸⁰

Figura 13 – Desembarque dos imigrantes alemães em São Leopoldo em 1824



Fonte: Prefeitura de Dom Pedro de Alcântara (2021, p. 1)⁸¹

A segunda fase da ocupação alemã foi denominada 'fase do comércio' iniciando a partir do ano de 1846 quando se expandiu para outras regiões além dos Vales do Rio dos Sinos e do Rio Caí, principalmente em direção aos Vales Taquari e Rio Pardo, com a fundação das colônias de Feliz, Bom Princípio, Estrela, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e São Lourenço do Sul (atuais municípios do Estado). A produção agrícola que excedia era utilizada para as trocas comerciais, surgindo a figura do comerciante de origem alemã.⁸²

Os imigrantes alemães a partir do ano de 1848 apresentavam um perfil de artesãos e assalariados urbanos e rurais que foram expulsos em função da crise da 'Era das Revoluções' ⁸³ na Europa, assim, chegaram ao Rio Grande do Sul os exilados políticos, socialdemocratas e os anarquistas alemães.⁸⁴ A terceira fase ficou conhecida como a 'fase do desenvolvimento da industrialização', iniciada a partir do ano de 1870, pois devido ao acúmulo do capital os comerciantes passaram a investir no setor industrial, surgindo vários empreendimentos, tais como: cervejarias; fábricas de calçados; olarias; curtumes; construção naval; dentre outros.⁸⁵

Notas de referências

79. KÜHN. 2004. p. 36.

80. KÜHN. 2004. p. 36-37.

81. PREFEITURA DE DOM PEDRO DE ALCÂNTARA. 2016. p. 1.

(continuação)

82. KÜHN. 2004. p. 37.
83. HOBSBAWM. 1996. p. 88.
84. LUVIZOTTO. 2010. p. 24.
85. KÜHN. 2004. p. 37-38.
Leitura recomendada
AMSTAD, Theodor. Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924 . São Leopoldo: Edunisinos, 1999.
CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (org.). Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação . Santa Maria: UFSM, 2003.
DREHER, Martin Norberto Igreja e germanidade: um estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil . São Leopoldo/Porto Alegre/Caxias do Sul: Sinodal/EST/EDUCS, 1984.
MEDINA, Ricardo Teles Sival. Saga: retrato das colônias alemãs no Brasil . São Paulo: Terra Virgem, 1997.
MOELLMANN, Leatrice. As migrações dos séculos XIX e XX, parte I - os alemães. Revista Ágora , n. 35, p. 9-26. Publicado em: 23 maio 2011. Disponível em: < https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/download/224/pdf/793 >. Acesso em: 24 out.2021.
PIASSINI, Carlos Eduardo. Imigração alemã e política: os deputados provinciais Koseritz, Kahlden, Haensel, Brügggen e Bartholomay . Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: < http://www2.al.rs.gov.br/ >. Acesso em: 25 out. 2021.
ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul . Vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1969.
WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Disponível em: < http://brasilianadigital.com.br/obras/.../pagina/11/texto > Acesso em: 15 set. 2021.
WITT, Marcos Antônio. Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul - Século XIX) . Tese (Doutorado História). 2008. 428 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2008. Disponível em: < http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2546/1/397526.pdf >. Acesso em: 24 out. 2021.
Imigração italiana
<p>A ocupação dos italianos no Rio Grande do Sul aconteceu meio século após a imigração alemã, motivada pela crise econômica que se encontrava a Itália à época, principalmente do Norte da Itália. No período de 1875 a 1914, o Rio Grande do Sul acolheu em torno de 84 mil imigrantes italianos, e o mais forte elemento de coesão cultural fornecido foi a religião católica.⁸⁶</p> <p>No Rio Grande do Sul, no período entre 1870 a 1875, foram demarcadas todas as primeiras colônias denominadas de Conde D´Eu (Garibaldi); Dona Isabel (Bento Gonçalves) e; Campo dos Bugres (Caxias do Sul). Já, no ano de 1884 foram organizadas as colônias contiguas à Caxias do Sul, tais como: São Marcos, Nova Pádua e Antônio Prado. Nessa demarcação estavam alocados os imigrantes italianos que receberam lotes menores se comparados aos alemães e a partir de 1850 tiveram que pagar pelas terras ofertadas.⁸⁷</p>

(continuação)

Com as sobras de capital da comercialização dos produtos agrícolas os italianos iniciaram os investimentos no setor industrial, cita-se, por exemplo, que no ano de 1890 existiam em torno de 235 pequenas industriais e seis casas comerciais em Caxias do Sul.⁸⁸ À época foi formado um eixo básico de industrialização no Rio Grande do Sul ligando os atuais municípios de Porto Alegre e Caxias do Sul, surgindo um intercâmbio entre os imigrantes alemães e italianos.⁸⁹

A principal atividade dos imigrantes italianos à época foi a produção agrícola, iniciando pelas plantações de milho e trigo, seguido pela cultura da uva e produção do vinho⁹⁰, como ilustrado na Figura 14.

Figura 14 – Imigração italiana



Fonte: Piazzetta (2018, p. 1).⁹¹

Notas de referências

86. KÜHN. 2004. p. 40-41.

87. KÜHN. 2004. p. 41

88. KÜHN. 2004. p. 41-42.

89. LUVIZOTTO. 2010. p. 25.

90. LUVIZOTTO. 2010. p. 25-26.

91. PIAZZETTA. 2018. p. 1.

Leitura recomendada

BACCA, Ademir Antônio (org.). **150 anos imigração italiana Rio Grande do Sul**: Volume 1, II e III. Rio Grande do Sul: Proyecto Cultural Sur Brasil, 2020.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração italiana no Rio Grande do Sul – Brasil**. In: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, 13-15, p. 1-24. 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/File/16340/4241L>> Acesso em: 12 out. 2021.

(continuação)

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/UCS, 1979.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa. **Colônia**: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GIRON, Loraine S.; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.

IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: FROSI, Vitalina Maria; MISTURINI, Bruno (organizadores). **Imigração italiana**: estudos e pesquisas. São Leopoldo: Oikos, 2016.

IOTTI, Luiza Horn. **Os estados brasileiros e italiano e a imigração italiana no RS**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, p. 1-11, jul. 2011. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299600613_ARQUIVO_textoanpuhsaopaulo.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

MAESTRI, Mário. A região colonial italiana do Rio Grande do Sul: a construção da memória. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C.. (organizadores). **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2010b. Disponível em: <https://www.academia.edu/11555338/A_Regi%C3%A3o_Colonial_Italiana_do_Rio_Grande_do_Sul_A_Constru%C3%A7%C3%A3o_da_Mem%C3%B3ria>. Acesso em: 03 abr. 2020.

RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Imigração e sociedade**: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil. Caxias do Sul: EducS, 2015.

Imigração polonesa

No século XIX, à similaridade com outros países europeus, como a Itália e Alemanha, a Polônia estava vivenciando uma grave crise econômica, política e social, obrigando milhares de pessoas a entrar no processo migratório. Os primeiros imigrantes poloneses ocuparam o Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, por volta do ano de 1875⁹², como ilustrado na Figura 15.

Figura 15 – Colônias polonesas no interior do Rio Grande do Sul



Fonte: Vilani (2021, p. 1)⁹³

(continuação)

O assentamento inicial dos poloneses ocorreu com predomínio nas áreas em que os outros grupos já estavam em maioria como foi o caso dos núcleos de imigração italiana. Posteriormente, os poloneses se distribuíram em outros locais tais como na região sul de Porto Alegre (nas colônias de Dom Feliciano e Mariana Pimentel), bem como em Guarani das Missões, Ijuí, Erechim e São Marcos.⁹⁴

As colônias de poloneses eram formadas pelos descendentes das tribos eslavas, as quais se instalaram no norte do Estado, a partir do ano de 1875, em um fluxo migratório que se expandiu até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).⁹⁵

Notas de referências

92. WENCZENOVICZ. 2020. p. 137.

93. VILANI. 2021. p. 1.

94. GERTZ. , 2011. p. 245.

95. GRZYBOVSKI; PEREIRA. 2013. p. 124.

Leitura recomendada

SARMENTO, Érica; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. (eds.). **Brazil-Poland: Focus on Migration**. 1. ed. Niterói, RJ: ASOEC-UNIVERSO; Warsaw: ASC-UW, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/-Dadalto/publication/337821763_...pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

SOCOLOSKI, Thaimon da Silva; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Cultura e território da imigração polonesa no município de Áurea/RS. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 32, p. 196-209, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/44128/28557>>. Acesso em: 06 maio 2021.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. 2. ed. Porto Alegre: EST/UCS. Caxias do Sul, 1999.

WEBER, Regina, WENCZENOVICZ, Thaís J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. **Revista História UNISINOS**. São Leopoldo, RS, v. 16, n. 1, p. 159-170. jan./abr., 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165076/000850534.pdf?1>>. Acesso em: 15 set. 2021.

WEBER, Regina. Imigração polonesa no Brasil meridional em quatro temas. In: REWERA, Witold; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. (organizadores). **Polscy Brazylijczycy/Brasileiro-Poloneses**. 1 ed. Lublin (Polônia): Wydawnictwo UMCS, p. 65-84, 2021.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.6.2 Eixo temático: representações do gaúcho

As ‘Representações do Gaúcho’ compreenderá o segundo Eixo Temático do ‘Roteiro Proposto’, que corresponderá ao ‘Capítulo 2’, sendo que será subdividido nos seguintes temas: gaúcho primitivo; tropeiros; tradicionalismo; dança; música; e ressignificação do termo gaúcho, como apresentado na Figura 13.

CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DO GAÚCHO

Para abordar as representações do gaúcho, são descritas as denominações do gaúcho primitivo; apresentado também o período dos tropeiros; o tradicionalismo; a dança; a música e a ressignificação do gaúcho.

Gaúcho primitivo

A palavra 'gaúcho' compreendia um homem livre dos campos, e tal palavra foi utilizada, primeiramente, para definir um tipo de pessoa arredia, e que era nômade do Pampa, sendo que por vezes, era tido como um desertor e desobediente das leis e da ordem, e normalmente cavalgava sem rumo em uma área ampla e na maioria das vezes estava procurando gado domesticado ou xucro.^{96; 97} Na Figura 16 são ilustradas imagens de representações do gaúcho e da gaúcha com vestimentas mais primitivas e com ares indígenas.

Figura 16 – Gaúcho primitivo



Fonte: Zattera (1995b, p. 26).⁹⁸

No período colonial, o habitante do Rio Grande do Sul era denominado de guasca e gaudério, termo que possuía um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas desertores das tropas regulares que no território gaúcho adotaram a vida de coureadores e ladrões de gado. Eram percebidos como vagabundos e contrabandistas de gado em uma Região de Fronteira, onde essa não era bem definida devido aos constantes conflitos entre os Impérios de Portugal e Espanha.⁹⁹

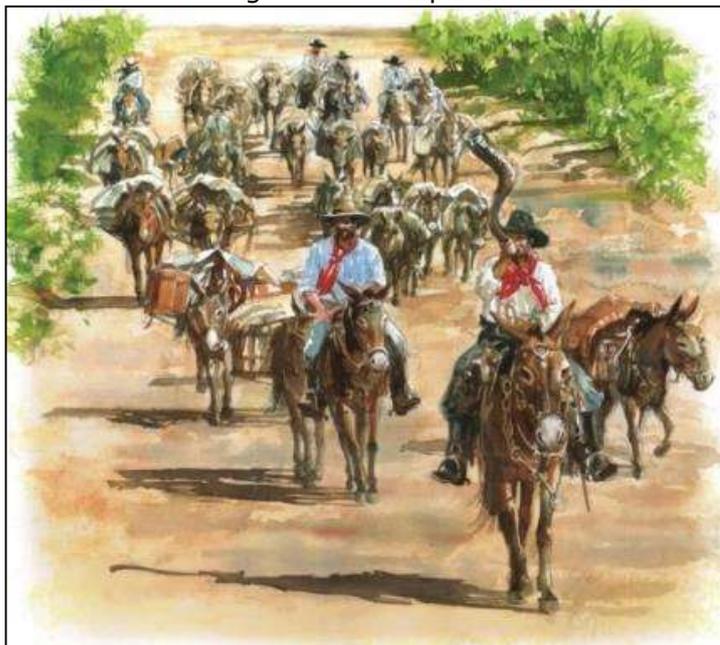
(continuação)

Notas de referências
96. LUVIZOTTO. 2009. p. 23.
97. OLIVEN. 2006. p. 97.
98. ZATTERA. 1995b. p. 26.
99. FONTANA. 2007. p. 73-74.
Leitura recomendada
CAMPOS, Antonio Evaristo Zanchin de. De andarilho a herói dos Pampas: história e literatura na criação do gaúcho herói . 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/331/Dissertacao%20Antonio%20E%20Z%20de%20Campos.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 13 out. 2021.
LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande . 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2002.
LOVE, Joseph L. O regionalismo gaúcho . São Paulo: Perspectiva, 1975.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Ensaio FEE , Porto Alegre, v. 14, n. 2. p. 383-396, 1993. Disponível em: < https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/1617/1985 >. Acesso em: 13 out. 2021.
ZALLA, Jocelito. A conquista do "País da Solidão": Luiz Carlos Barbosa Lessa e a invenção do Rio Grande do Sul. Revista de História e Estudos Culturais , v. 7., Ano VII, n. 1, p. 1-21, jan./abr., 2010a. Disponível em: < https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/download/245/230/ >. Acesso em: 13 out. 2021.
ZALLA, Jocelito. O gaúcho de José de Alencar e a nação como projeto: "romantismo político" à brasileira?. Revista Nau Literária , v. 6, n. 2, jul./dez., 2010b Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/16084/11864 >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZALLA, Jocelito; ROSSATO. Maíra Suertegaray Para repensar a região: uma proposta de ensino integrado de Geografia e História. Cadernos do Aplicação , v. 25, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/37238/29300 >. Acesso em: 07 abr. 2020.
Tropeiros
<p>O termo 'tropa' é derivado do francês <i>troupe</i> que significa um bando de pessoas ou animais. A palavra tropa, na etimologia, compreende a reunião de uma quantidade de animais de montaria e/ou transporte, envolvendo equinos, muares e asininos, que são tocados pelos tropeiros. Já, o termo tropeiro deriva do espanhol <i>tropero</i> e passou a ser pronunciado no idioma português como 'tropeiro', sendo que estes termos eram encontrados na América Meridional, principalmente na Região do Rio da Prata.¹⁰⁰</p> <p>No dicionário de Língua Portuguesa: o termo 'tropeiro' tem o significado de condutor das tropas; homem que viaja com cavalgadas de cargas, e caminha, onde não existem vias férreas e/ou fluviais. O tropeiro é o negociante que compra e vende as tropas de animais.¹⁰¹</p>

(continuação)

Neste sentido, os tropeiros são definidos como os financiadores e os trabalhadores, qualificados ou não, que desempenhavam o transporte de uma grande quantidade de animais, incluindo muares, cavalos e bovinos, de uma região para outra, por meio de longas distâncias.¹⁰², como ilustra a Figura 17.

Figura 17 – Tropeiros

Fonte: Bauer (2012, p. 3).¹⁰³

O tropeirismo compreende uma atividade que surgiu na época em que o principal meio de transporte era a tração animal, pois só havia trilhas em lugar de estradas e a produção dos agricultores deveria ser transportada para os centros consumidores distantes.¹⁰⁴

No Rio Grande do Sul, o ciclo do tropeirismo foi iniciado por Cristóvão Pereira de Abreu, conhecido como um dos primeiros estanceiros e sesmeiros, e foi o primeiro tropeiro a transportar as tropas para o mercado das minas de ouro do centro do Brasil. Ele fez sociedade com o catarinense, Francisco de Sousa Faria, para abrir caminhos entre a Serra, desde o Morro dos Conventos, em Araranguá (Santa Catarina) até Sorocaba (São Paulo), passando pelos campos de Vacaria no Rio Grande do Sul e Lages (Santa Catarina), em 1727.¹⁰⁵

O tropeirismo faz parte da formação do Rio Grande do Sul, pois permitiu a integração da Região Sul com a economia do país, mediante a comercialização de mulas para o transporte das cargas e mercadorias, ao final do século XVII. Mais tarde com a exploração e a comercialização de bovinos que eram transportados entre as Regiões da Campanha e Litoral Gaúcho para São Paulo.¹⁰⁶

A tarefa principal dos tropeiros era a condução do gado dos campos rio-grandenses para ser comercializado na Região Sudeste do Brasil, sendo que as tropas eram conduzidas a pé e levavam meses até que chegassem ao destino, como representado na Figura 18.¹⁰⁷

(continuação)

Figura 18 – Os caminhos do gado

Fonte: Moreira (2007, p. 32).¹⁰⁸**Notas de referências**

100. MAESTRI. 2010a. p. 78.

101. SILVA. 1877. p. 58.

102. MAESTRI. 2010a. p. 78.

103. BAUER. 2012. p. 3.

104. FLORES. 1998. p. 5.

105. BARBOSA. 2013. p. 61-62.

106. BARBOSA. 2013. p. 62.

107. MOREIRA. 2007. p. 32.

108. MOREIRA. 2007, p. 32.

Leitura recomendadaALVES, Luiz Antônio; ALVES, Sandra Maria Schmith. **Cidades tropeiras: Região Sul do Brasil.** Porto Alegre: Evangraf, 2018.BARROSO, Véra Lucia Maciel, O tropeirismo na formação do Sul. In: OLIVEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coordenadores). **História geral do Rio Grande do Sul.** Passo Fundo: Méritos, 2006.

(continuação)

KNECHT, Vianeí. **A atividade tropeiro em Nova Bréscia/RS (1930-1960)**. 2014. 36 f. Monografia (História). Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/705/1/2014....pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.

SATHLER, Evandro Bastos. **Tropeiros & outros viajantes**. Niterói: PPGSD-UFF, 2003. 370 p. (Série Pesquisas n.º 1).

SILVA, Adriana Fraga da. **Estratégias materiais e espacialidade**: uma arqueologia da paisagem do tropeirismo nos Campos de Cima da Serra/RS. Jaguarão/RS: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2010. Disponível em: <https://books.google.com/books/about/Estrat%C3%A9gias_materiais_e_espacialidade_u.html?id=fehoEOJevAYC>. Acesso em: 18 set. 2020.

THOMÉ, Nilson. Caminhos de tropeiros nos séculos XVIII e XIX como fatores pioneiros de desbravamento do Contestado. **Revista DRd – Desenvolvimento Regional em Debate**, Ano 2, n. 1, p. 5-30, jul., 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/174>>. Acesso em: 17 set. 2020.

ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro. **Biribas**: a contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio Sul-rio-grandense. Sorocaba: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1991.

Tradicionalismo

O movimento cultural do tradicionalismo apresenta em suas expressões culturais próprias representadas pela música, dança, indumentária e pelos trajes, como ilustrado na Figura 19, bem como pelos jogos, gosto pelo cavalo e pelas atividades campeiras e ainda em várias expressões que são inspiradas no contexto rural antigo e ressignificadas no Tempo Presente.¹⁰⁹

Figura 19 – Tradicionalismo: dança e música



Fonte: Konflanz (2013, p. 2)¹¹⁰

(continuação)

O tradicionalismo gaúcho conceitualmente é descrito como um movimento cultural com origem no Rio Grande do Sul expressando o apego de parte da população pelas coisas do campo e em função dos episódios históricos que foram mitificados, trazendo como representação simbólica o antigo *gauches* que se configura como um tipo social do 'Pampa' e, também, é considerado como uma representação mítica dos habitantes do Estado e tal manifestação por vezes é denominada de gauchismo.¹¹¹

O tradicionalismo é considerado um movimento popular que tem por finalidade, segundo seus articuladores, ajudar o Rio Grande do Sul na execução do bem coletivo, por meio de ações que a sua população pratica, reforçando o seu núcleo cultural.¹¹²

A tradição gaúcha e as suas manifestações apresentam características festivas, comemorativas e, também, competitivas. Nos rituais têm destaque os festivais e os encontros de tradição gaúcha com a apresentação dos mais variados elementos que celebram a cultura e as tradições gaúchas.¹¹³

A criação do tradicionalismo, como um movimento cultural, aconteceu a partir da segunda metade do século XX, quando foi criado o '35 Centro de Tradições Gaúchas', em Porto Alegre, em 1948, época em que foram constituídos espaços e momentos específicos para o culto das tradições gaúchas inserido em um cenário urbano, ressignificando o gaúcho nas suas vestimentas, *habitat*, trabalho, alimentação e lazer.¹¹⁴

No Rio Grande do Sul, o evento da Semana Farroupilha foi oficializado por meio da Lei nº 4.850, de 07 de novembro de 1964^{115;116} (atualizada pela Lei nº 13.600, de 30 de dezembro de 2010)¹¹⁷, sendo que as comemorações antecedem o dia 20 de setembro, o qual foi definido pela Constituição Estadual como a data magna do Estado do Rio Grande do Sul.¹¹⁸

Os participantes das festividades da Semana Farroupilha são as escolas de 1º e 2º graus das redes estadual, municipal e particular de ensino; as unidades ou contingentes da Brigada Militar; os CTG's; as Associações de Piquetes e as entidades associativas, particulares, culturais e desportivas que queiram participar.¹¹⁹

A Semana Farroupilha, comemorada no período de 14 a 20 de setembro, é considerada uma das maiores festas populares sul-rio-grandenses e foi criada com as seguintes finalidades: divulgar os símbolos do Estado do Rio Grande do Sul, os quais projetam a identidade gaúcha (ver Anexo C); incentivar as pessoas a entoarem o Hino Rio-Grandense (ver Anexo C); e promover ações para incentivar a busca pelos conhecimentos da História do Rio Grande do Sul, no intuito de fortalecer os traços identitários.¹²⁰

No Rio Grande do Sul existem algumas entidades que são as responsáveis pela manutenção do tradicionalismo no Estado: o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG): (Paixão Côrtes foi o idealizador, Barbosa Lessa era o intelectual e Glaucus Saraiva foi o organizador do movimento); os Centros de Tradições Gaúchas (CTG's); a Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha (CBTG); e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IUGTF).¹²¹

(continuação)

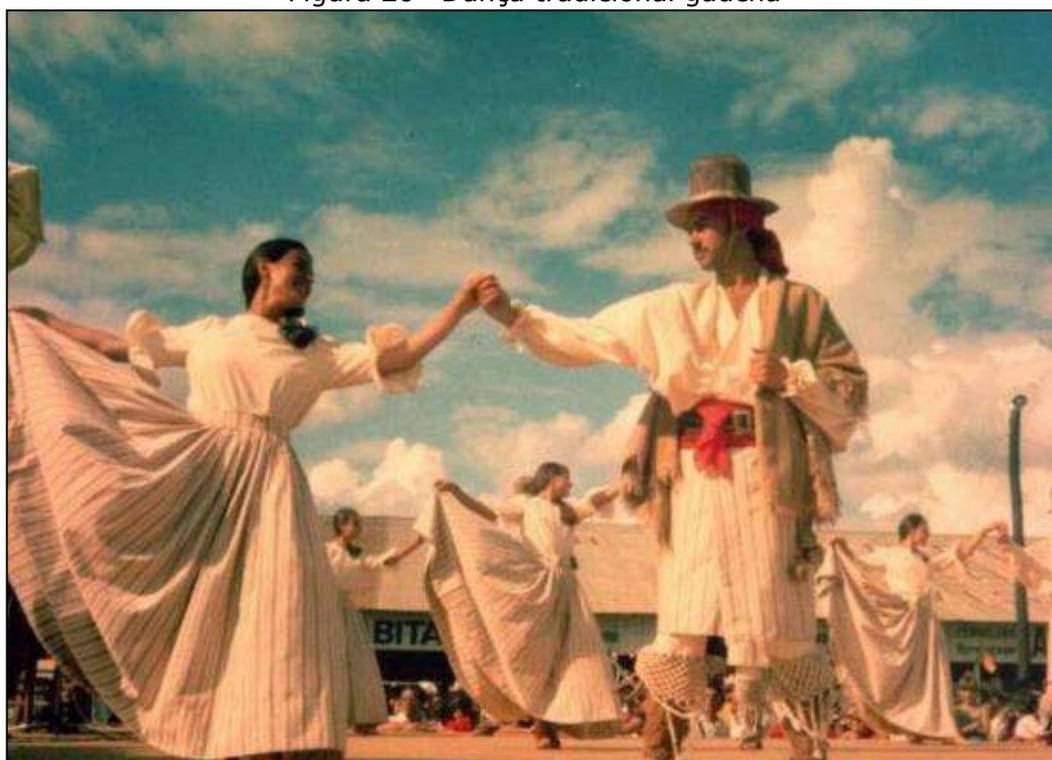
Notas de referências
109. KONFLANZ. 2013. p. 22-23.
110. KONFLANZ. 2013. p. 23.
111. KONFLANZ. 2013. p. 22.
112. LESSA, . 1999. p. 79.
113. LUVIZOTTO. 2010. p. 81.
114. BRUM. 2009. p. 779.
115. CIRNE. 2011. p. 265.
116. RIO GRANDE DO SUL. 1964.
117. RIO GRANDE DO SUL. 2010a. p. 1.
118. SPADA. 2013. p. 11.
119. RIO GRANDE DO SUL. 1964. p. 2.
120. GOMES; BERG. 2013. p. 728.
121. BRUM. 2009. p. 783-784.
Leitura recomendada
BRUM, Ceres Karam. "Educar para ser gaúcho" : breves apontamentos sobre as relações entre o movimento tradicionalista gaúcho e a escola. In: IX Congresso Argentino de Antropologia Social. <i>Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008a</i> . Disponível em: < https://cdsa.academica.org/000-080/145.pdf >. Acesso em: 23 ago. 2021.
BRUM, Ceres Karam. Em busca de um novo horizonte : o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do tradicionalismo. <i>Revista Horizontes Antropológicos</i> , Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 311-342, jul./dez. 2013, Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/ha/v19n40/a12v19n40.pdf >. Acesso em: 22 out. 2021.
CALVI, Francis. Tradicionalismo : relações entre cultura gaúcha e a cultura de descendentes de italianos em Encantado/RS. 2015. 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2015. Disponível em: < https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/840/1/2015FrancisCalvi.pdf >. Acesso em: 13 out. 2021.
MACIEL, Maria Eunice de Souza. Gauchismo, tradição e tradicionalismo. Cadernos IHU Ideias , n. 87, 2007. Disponível em: < http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/087_cadernosihuideias.pdf >. Acesso em: 06 abr. 2020.
SPADA, Anaize; GASTAL, Susana. Turismo e tradicionalismo gaúcho : os festejos farroupilhas. In: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS). 16-17 nov. 2012. Disponível em: < https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/02_Spada_Gastal.pdf >. Acesso em: 13 out. 2021.
ZALLA, Jocelito. Política do mito: debate e apropriação na elaboração do projeto tradicionalista gaúcho de Luiz Carlos Barbosa Lessa. Revista Esboços , Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 176-202, dez. 2010c. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p176 >. Acesso em: 03 abr. 2020.
ZALLA, Jocelito. Quando a literatura fala à história: a ficção de Barbosa Lessa e a memória pública no Rio Grande do Sul. Revista História Historiografia , n. 16, p. 37-54, dez., 2014. Disponível em: < https://professor.ufrgs.br/jocelizozalla/files/800-texto_do_artigo-3347-1-10-20141228.pdf >. Acesso em: 23 out. 2021.

(continuação)

Dança

A primeira apresentação pública de dança gaúcha, pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) aconteceu no dia 22 de agosto de 1950, em função das comemorações da III Semana Nacional de Folclore, que fora realizada em Porto Alegre e organizada pela Comissão Gaúcha de Folclore.¹²² Na Figura 20 é ilustrada uma imagem de uma dança tradicional gaúcha.

Figura 20 –Dança tradicional gaúcha



Fonte: Lorscheider (2020, p. 1).¹²³

O Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (ENART) é um evento criado pelo MTG que é realizado anualmente no mês de novembro, no município de Santa Cruz do Sul, e tem por finalidade disseminar a cultura gaúcha por intermédio de concursos nas modalidades artísticas.¹²⁴ No ano de 1956, João Carlos Paixão Cortes e Barbosa Lessa realizaram uma pesquisa sobre um conjunto de danças, o que desencadeou na elaboração do Manual de Danças Gaúchas com alterações posteriores.¹²⁵

No referido Manual as danças gaúchas classificam-se em três blocos: danças de roda, danças de fila e danças de pares independentes e existem quatro ciclos: ciclo do fandango, ciclo do minueto, ciclo da contradança e ciclo das danças de pares enlaçados, cada um apresentando características individuais distintas, que servem para orientar sobre os períodos históricos aos quais as referidas danças se manifestaram cujas classificações são utilizadas como base para as avaliações no ENART.¹²⁶

(continuação)

No Rio Grande do Sul, a Lei nº 12.372, de 16 de novembro de 2005¹²⁷, reconheceu as 'Danças Tradicionais Gaúchas' e as respectivas músicas e letras, como integrantes do patrimônio cultural imaterial do Estado, e em seu artigo 2º, foi estabelecido que as obras publicadas e adotadas pelo MTG são as fontes de definição do conjunto de temas explorados pela sociedade.¹²⁸

Conforme o parágrafo único da Lei nº 12.372/2005, são consideradas danças tradicionais gaúchas: o Anu, o Balaio, a Cana Verde, o Caranguejo, o Chico Sapateado ou Chiquinho, a Chimarrita, a Chimarrita Balão, o Chote Carreirinho, o Chote de Sete Voltas, o Chote de Duas Damas, o Chote de Quatro Passi, o Chote Inglês, a Havaneira Marcada, o Maçanico, a Meia Canha (polca de relação), o Pau de Fitas, o Pezinho, a Queromana, a Rancheira de Carreirinha, o Rilo, a Roseira, o Sarrabalho, o Tatu, o Tatu de Volta no Meio e a Tirana do Lenço.¹²⁹

Notas de referências

122. MACEDO; GOELLNER. 2017. p. 298.

123. LORSCHIEDER. 2020. p. 1.

124. QUADROS. 2017. p. 3-4.

125. QUADROS. 2017. p. 4

126. QUADROS. 2017. p. 4-5

127. RIO GRANDE DO SUL. 2005. p. 1.

128. ANTUNES. 2019. p. 31.

129. RIO GRANDE DO SUL. 2005. p. 1.

Leitura recomendada

AZEREDO, Flávio Antônio de. **Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2720/1/Heran%3%a7a%20a%3%a7oriana%20nas%20dan%3%a7as%20radicionais%20do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

BIANCALANA, Gisela Reis. Danças tradicionalistas riograndenses, gênero e memória. **Revista Conceição/Concept**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 23-33, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/7/224>> Acesso em: 13 out. 2021.

CÔRTEZ, Paixão; LESSA Barbosa. **Manual de danças gaúchas**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.

RODRIGUES, Karen Domingues. **Danças tradicionais gaúchas**: (de) compndo sua movimentação. 2016. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/TCC-Karen-Domingues-Rodrigues-FINAL-em-CD-15-de-Julho-UFPEL.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

SANTOS, Lisiane; ISSE, Silvane Fensterseifer. Coreografias de entrada e seus cruzamentos. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/406/398>>. Acesso em: 16 out. 2021.

Música

Os primeiros registros relacionados à música e aos costumes gaúchos ocorreram a partir do ano de 1870, já as primeiras gravações fonográficas foram realizadas no ano de 1913.¹³⁰ Na Figura 21 é possível visualizar a imagem de dois artistas cantando e tocando a música gaúcha utilizando violão e gaita.

Figura 21 – Música gaúcha



Fonte: Kegles (2017, p. 1).¹³¹

Por sua vez, o processo de urbanização da música regional no Rio Grande do Sul ocorreu por meio de programas veiculados pelo rádio, a partir da década de 1950, e devido a propagação dos Centros de Tradições Gaúchas, na década de 1960, em que foram multiplicados os conjuntos musicais de bailes.¹³²

Na década de 1970 surgiram os festivais de música nativista, com destaque ao evento da Califórnia da Canção Nativa realizado no município de Uruguaiana. Desse modo, o movimento da música regional no Estado se expandiu na década de 1980 sendo apoiado pelo espaço ampliado nos meios de comunicação, o que fez surgir duas opções de escolha: a música nativista e a música tradicionalista.¹³³

Notas de referências

130 DIAS. 2009. p. 41.

131. KEGLES. 2017. p. 1.

132. DIAS. 2009. p. 48.

133. DIAS. 2009. p. 52.

(continuação)

Leitura recomendada

ABOTT, Milena de Oliveira. **Música, nativismo e regionalismo na literatura sul-riograndense**. 2011. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português e Espanhol) Universidade Federal do Pampa. Bagé, 2011. Disponível em: <<https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/...pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O Pampa na cidade**: o imaginário social da música popular gaúcha. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/272#:~:text=...>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ARGENTON, Silmara. **No badalar dos cincerros**: léxico e representação da cultura tropeira na música regionalista gauchesca. 2015. 112 f. Dissertação Mestrado (Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1157/Dissertacao%20Silmara%20Argenton.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LORENSI, Deise Caroline Trindade. **Geografia cultural e música gaúcha**: a construção da paisagem cantada da 13ª Região Tradicionalista do Rio Grande do Sul. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14366/...=y>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SANTI, Álvaro, **Canto livre?** O nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. 1999. 288 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura). Programa de Pós-Graduação e, Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/93345>>. Acesso em: 20 set. 2020.

Ressignificação do termo gaúcho

Historicamente o termo gaúcho até o século XVIII se apresentava com um sentido pejorativo e foi somente, a partir do século XIX, que o termo passou a ser utilizado para denominar o peão, o guerreiro e o homem da estância.¹³⁴ Assim, o termo 'gaúcho' adquiriu um significado novo e positivado, quando transformado em símbolo de identidade regional do Rio Grande do Sul.¹³⁵

A identidade do termo gaúcho apresenta a resignificação a partir do contato com as outras culturas e, também, ao longo do contexto histórico, o que resultou na personificação que na atualidade é reconhecida do gaúcho, sendo uma pessoa que nasce no Estado do Rio Grande do Sul.¹³⁶

Neste sentido, como uma das formas de manter a identidade gaúcha e cultivar as tradições, os Centros de Tradições Gaúchas são o destaque enquanto espaços direcionados a esse processo de resignificação do termo gaúcho.¹³⁷ O Movimento Tradicionalista desenvolveu a resignificação do gaúcho baseando-se na ideia de continuidade do passado, lhe conferindo a autenticidade e o valor da verdade aos rituais e aos elementos que compõem a tradição.¹³⁸

No ano de 1991, a Lei nº 9.405¹³⁹ instituiu a data de 20 de setembro como sendo o 'Dia do Gaúcho' e a data passou a ser considerada como feriado no Estado do Rio Grande do Sul, data comemorativa que é marcada pelos desfiles cívicos a cavalo e em carros alegóricos e que reúnem tradicionalistas, escolas, Brigada Militar, dentre outros.¹⁴⁰

(continuação)

Na Figura 22 são ilustradas as representações da evolução do trajar tradicional do gaúcho (peão) e da gaúcha (prenda) para o período de 1720 a 2016, por meio de pinturas de Vasco Machado e outros artistas que retrataram o trajar do gaúcho ao longo dos séculos.

Figura 22 – Evolução do trajar tradicional do gaúcho (1720-2016)



Fonte: Zattera (2016, p. 38).¹⁴¹

Notas de referências

134. OLIVEIRA. 2019. p. 7.

135. MICHELIN; TEIXEIRA. 2017. p. 110.

136. BARCELOS. 2009. p. 39.

137. LUVIZOTTO. 2010. p. 131-132.

138. LUVIZOTTO. 2010. p. 132.

139. RIO GRANDE DO SUL. 1991. p. 1.

140. BRUM. 2009. p. 782.

141. ZATTERA. 2016. p. 38.

Leitura recomendada

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Revista Educação**, Ano XXVII, v. 2, n. 53, p. 263-281, maio/ ago., 2004. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/382/279>>. Acesso em: 18 set. 2020.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (organizadores). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

(continuação)

JOHANN, Natália Martins dos Santos. **A representação do gaúcho nos livros didáticos: a influência do tradicionalismo na educação.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/205508>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Dario Luiz da; MOURA FILHO, José Luiz de; TELLES, Cassiano. O surgimento da identidade gaúcha no contexto do platino e disputa cultural. **Revista Gestão Universitária.** Publicado em: 06 maio. 2014. Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-surgimento-da-identidade-gaucha-no-contexto-do-platino-e-disputa-cultural>>. Acesso em: 16 out. 2021.

TATSCH, Juliane. O discurso regional na constituição da identidade do gaúcho. **Revista Escrita,** n. 19. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23762/23762.PDF>>. Acesso em: 14 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. **O centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018a. Disponível em: <<http://livraria.ufrgs.br/produto/15277/o-centauro-e-a-pena-barbosa-lessa-e-a-invencao-das-tradicoes-gauchas>>. Acesso em: 23 out. 2021.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.6.3 Eixo temático: as guerras no território gaúcho

O terceiro Eixo Temático ou ‘Capítulo 3’ do ‘Roteiro Proposto’ sugerido está relacionado ‘As Guerras no Território Gaúcho’, que será composto pelos seguintes temas: Guerra Guaranítica; Guerra da Restauração de Rio Grande; Guerra da Cisplatina; Revolta Farroupilha; Guerras contra Aliança Oribe-Rosas e Aguirre; Guerra do Paraguai; e a Revolução Federalista, cujos temas estão detalhados na Figura 14.

Figura 14 – Capítulo 3 – As Guerras no Território Gaúcho

(continua)

CAPÍTULO 3 – AS GUERRAS NO TERRITÓRIO GAÚCHO

O Rio Grande do Sul desde a sua origem foi palco de disputas militares entre os portugueses e os espanhóis, e, também, de guerras e de arranjos diplomáticos, uma área conflituosa que se estendeu dos finais do século XVII até o século XIX.¹⁴²

Para este Roteiro são detalhadas as guerras que tiveram mais repercussão no contexto histórico do Rio Grande do Sul, dentre elas: a Guerra Guaranítica; Guerra da Restauração de Rio Grande; Guerra da Cisplatina; Revolta Farroupilha; Guerras contra Aliança Oribe-Rosas e Aguirre; Guerra do Paraguai; e Revolução Federalista.

Na Figura 23 é possível visualizar uma imagem de carga da cavalaria farroupilha pertencente ao acervo do Museu Júlio de Castilhos.

Figura 23 – Carga de cavalaria farroupilha



Fonte: Fernandes (2012, p. 1)¹⁴³

Notas de referências

142. LUVIZOTTO. 2009. p. 15-16.

143. FERNANDES. 2012. p. 1

Leitura recomendada

POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIERA.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 308-344, 1991. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/836/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

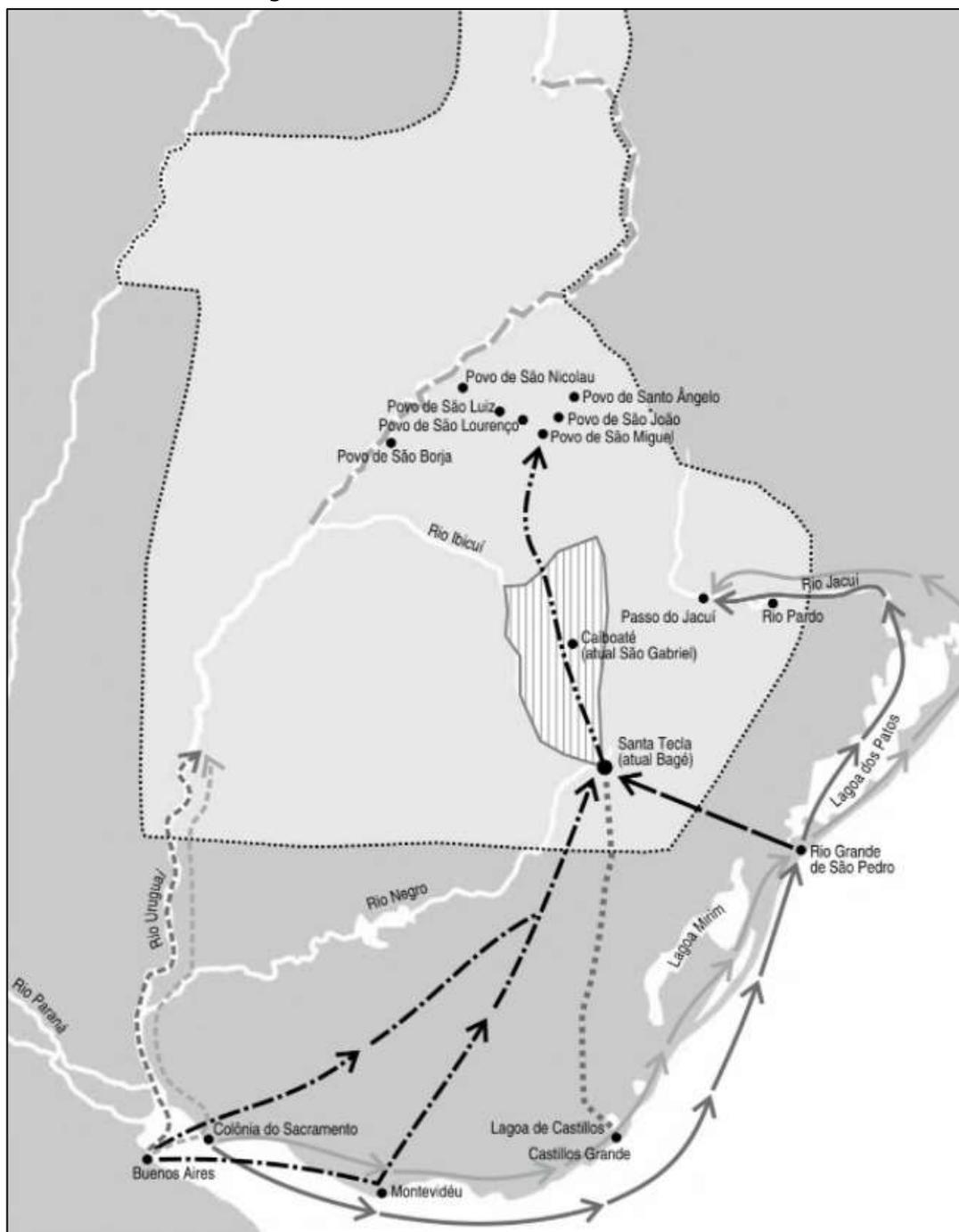
Guerra Guaranítica (1753 – 1756)

No ano de 1750 ocorreu a assinatura do Tratado de Madri entre os Impérios de Portugal e Espanha, com a divisão de terras: a Colônia do Sacramento passou a pertencer aos espanhóis e a Região das Missões aos portugueses. No entanto, os padres jesuítas espanhóis e os índios missionários (guaranis) não aceitaram de maneira cordial o Tratado de Madri. Tal situação desencadeou o conflito denominado 'Guerra Guaranítica', conhecida também como 'Guerra das Missões' e 'Guerra dos Sete Povos'.¹⁴⁴

Na Figura 24 está ilustrado e demarcado o local onde eclodiu a Guerra Guaranítica.

(continuação)

Figura 24 – Local da Guerra Guaranítica

Fonte: Golin (2014, p. 6).¹⁴⁵

Na Guerra Guaranítica, a expedição militar era composta por tropas luso-espanholas coloniais que lutaram contra os índios guaranis, habitantes das Reduções Jesuíticas, cuja guerra aconteceu no período de 1753 a 1756.¹⁴⁶ O local da guerra foi a fronteira sudeste da Província, onde estavam os Sete Povos das Missões, como ilustrado na Figura 24. Nas operações militares referentes aos anos de 1753, 1754 e 1756, os índios guaranis foram derrotados depois da batalha de Caiboaté. As tropas ibéricas criaram dois planos de guerra: um executado parcialmente em 1754 e, o outro plano foi vitorioso em 1756.¹⁴⁷

(continuação)

Acrescenta-se, que na batalha Caiboaté ocorreram muitas baixas de índios guaranis, pelos espanhóis e portugueses, fazendo com que os padres jesuítas se retirassem das Missões, carregando tudo o que podiam e incendiaram as lavouras, as casas e as Igrejas à época.¹⁴⁸ A Guerra Guaranítica foi o tema mais trágico que compôs a história dos missionários jesuítas em função das ações bélicas e pelos seus impactos que definiram o término da experiência com as propriedades dos povos jesuítas, sendo que milhares de indígenas passaram a ser subalternos e escravizados na sociedade colonial.¹⁴⁹

Notas de referências

144. FAGUNDES. 1995. p. 1-2.

145. GOLIN. 2014. p. 6.

146. GOLIN. 2010. p. 54.

147. GOLIN. 2010. p. 54

148. FAGUNDES. 1995. p. 2.

149. GOLIN. 2010. p. 54.

Leitura recomendada

ACRUCHE, Hevelly Ferreira. **Uma disputa por súditos**: indígenas, portugueses e espanhóis nos espaços da fronteira sul (1750 - 1761). In: Anais do I Encontro Fronteiras e Territorialidades. Rio de Janeiro: GT Fronteiras e Territorialidades da ANPUH, p. 108-122, 2019. Disponível em <<https://d1w qtxts1xzle7.cloudfront.net/...>>. Acesso em: 14 out. 2021.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. **Revista Navigator**, v. 7, n. 14, p. 46-58, 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/442/423>>. Acesso em: 14 out. 2021.

QUEVEDO, Júlio R. A Guerra Guaranítica: a rebelião colonial das missões. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XX, n. 2, p. 5-26, dez., 994. Disponível em: <<https://revistas eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/28934/16058/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo A. (organizadores). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: UFFS, 2015. Disponível em: <<https://d1 wtxts1xzle7.cloudfront.net/48893824/...page=73>>. Acesso em: 14 out. 2021.

VIEIRA, Alexandre. **Pensamento político na guerra guaranítica justificação e resistência ao absolutismo ibérico no século dezoito**. 2005. 180 f. Tese Doutorado (Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102712/230079.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 out. 2021.

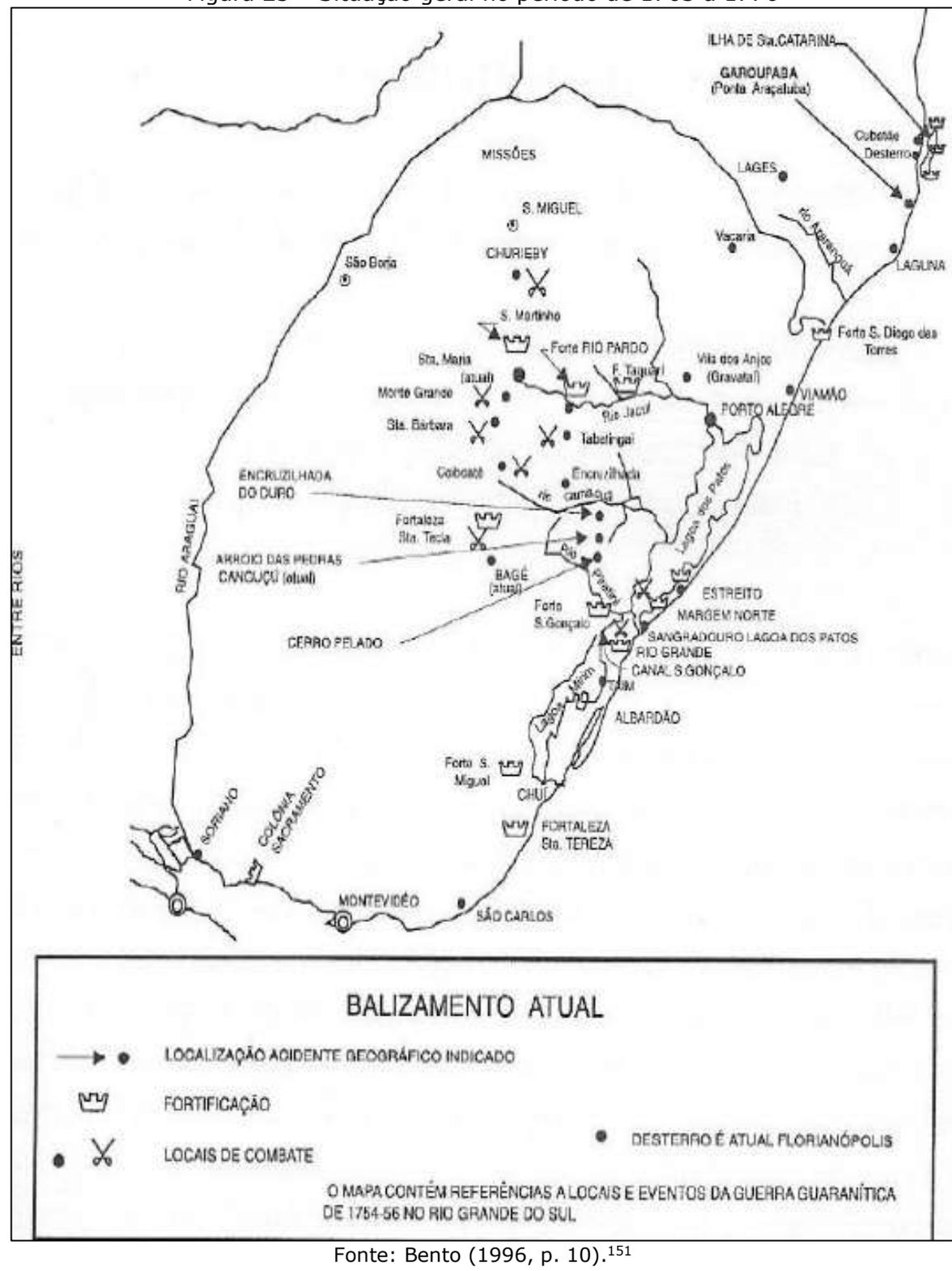
Guerra da Restauração de Rio Grande (1763 – 1776)

O período compreendido entre os anos de 1763 a 1776 se tornou crucial para os rumos históricos do Rio Grande do Sul, sendo que os enfrentamentos entre portugueses e espanhóis foram acirrados pelo controle das terras gaúchas. No ano de 1763, os espanhóis se apossaram da Vila de Rio Grande e em 1776 ocorreu a retomada luso-brasileira, mas o local do conflito estava em péssimas condições e alguns fortes estavam ainda em chamas, sendo que os espanhóis ao se retirarem levaram todos os animais e as carretas e deixaram as pontes danificadas.¹⁵⁰

(continuação)

A Figura 25 ilustra a situação geral do Rio Grande do Sul para o período entre os anos de 1763 a 1776.

Figura 25 – Situação geral no período de 1763 a 1776



Em síntese, no ano de 1763, as tropas espanholas invadiram o território sulino, nas atuais cidades de Rio Grande e São José do Norte, se apropriando do Forte de Santa Tereza, porém passou a pertencer ao Uruguai e os espanhóis foram expulsos em 1776.¹⁵²

Notas de referências

150. TORRES. 2008. p. 21-22.

151. BENTO. 1996. p. 10.

152. FAGUNDES. 1995. p. 2.

Leitura recomendada

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **Cartografia e combate naval na reconquista do Rio Grande**: 19 de fevereiro de 1776. In: V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://popa.com.br/acervo/_2014/DIVERSOS/1776-02-19-cartografia-e-combate-naval-tau-golin_1378738038.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

VALDEZ, Luísa Caiaffo. **Desertores portugueses no Rio Grande de São Pedro Espanhol: Análise de casos em uma região de fronteira (1763-1776)**. In: Anais do VII Encontro Internacional de História Colonial, p. Mossoró – RN: EDUERN, p. 25-43, 2018. Disponível em: <<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67260892/2018...>>. Acesso em: 14 out. 2021.

Guerra da Cisplatina (1825 – 1828)

No ano de 1815, as tropas brasileiras e portuguesas se apropriaram de Montevidéu, anexando o Uruguai ao Brasil, que passou a ser a Província Cisplatina.¹⁵³

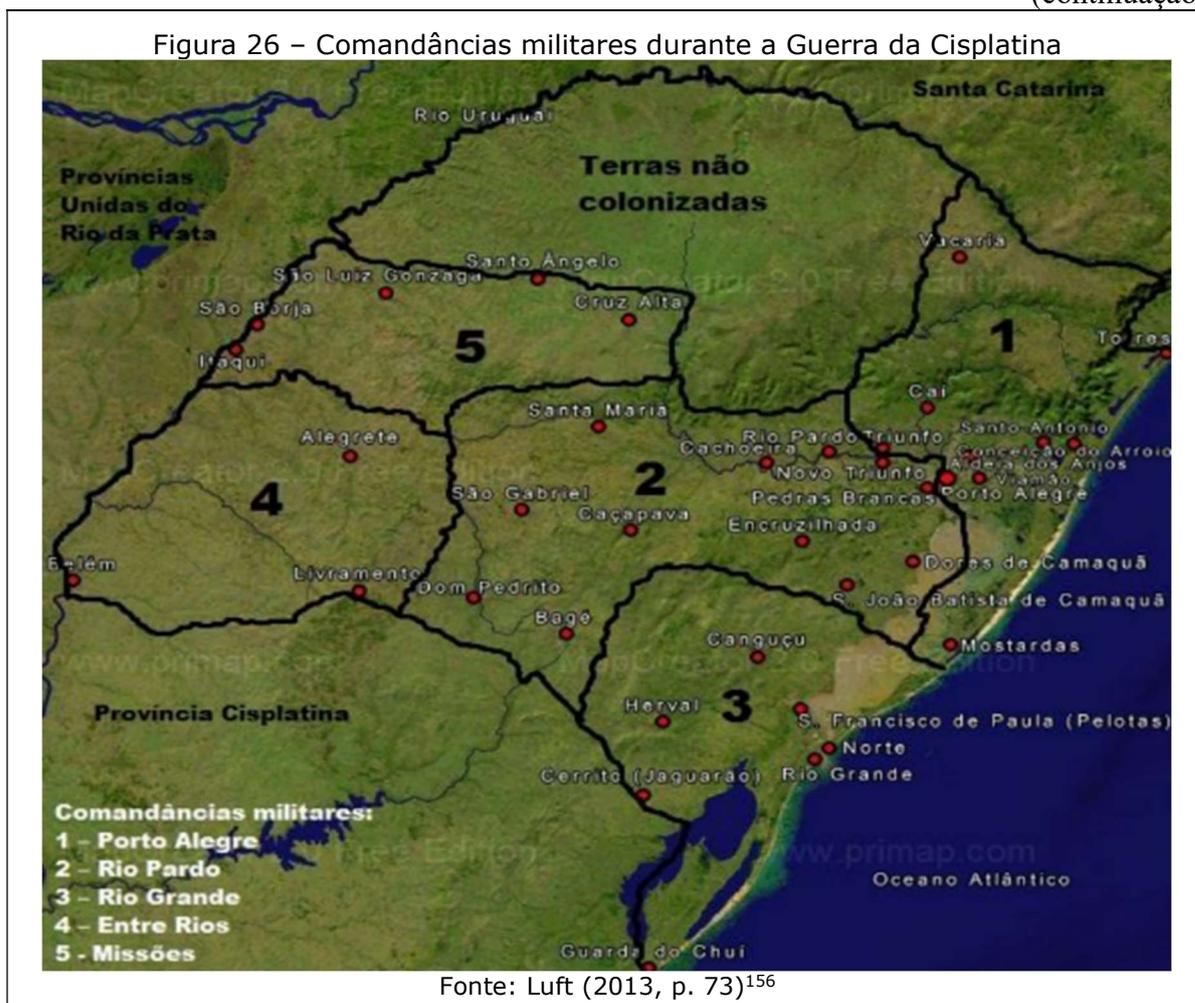
Em 1825, a Banda Oriental em desacordo com a anexação do Uruguai ao Brasil se movimentou para buscar a sua independência e teve o apoio da Argentina, no intuito de reincorporar a Banda Oriental às Províncias Unidas do Rio da Prata. Essa movimentação fez com que o Império Brasileiro declarasse guerra à Argentina, o que deu início à Guerra da Cisplatina pela posse da Banda Oriental, mobilizando o Rio Grande do Sul para uma intensa campanha militar que durou até o ano de 1828.¹⁵⁴

No período da Guerra da Cisplatina foi formado o 'Exército do Sul' na Província para lutar na Banda Oriental. No ano de 1828 foi assinado o acordo de paz com a mediação inglesa, assim o Uruguai passou a ser uma nação independente. Para o contexto gaúcho, a perda da Província Cisplatina foi o gado uruguaio que não foi mais utilizado nas charqueadas e ficou com os saladeiros platinos.¹⁵⁵

Na Figura 26 estão representadas as comandâncias militares, que são os atuais municípios de Porto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande, Entre Rios e a Região das Missões, durante a Guerra da Cisplatina, com duração no período compreendido entre os anos de 1825 a 1828.

(continuação)

Figura 26 – Comandâncias militares durante a Guerra da Cisplatina



Notas de referências

153. FAGUNDES. 1995. p. 2.

154. PESAVENTO. 2014. p. 15-16.

155. PESAVENTO. 2014. p. 16.

156. LUFT. 2013. p. 73.

Leitura recomendada

CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. Série 5., v. 246. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/332/1/246%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MIRANDA, Marcia Eckert, **Fiscalidade e Guerra**: o Rio Grande do Sul e o Brasil na Guerra da Cisplatina. In: IX Encontro Estadual de História. 2008. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1210594110_ARQUIVO_Artigo-IXEEHANPUH-2008.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

SANTOS, Pedro H. Soares. **Nos rastros da mudança**: o Exército de cidadãos no contexto da Guerra da Cisplatina (1825-1828). 2012. 53 f. Mestrado (História). Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4532/1/2012_PedroHenriqueSoaresSantos.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

(continuação)

Revolta Farroupilha (1835 – 1845)

No Rio Grande do Sul, a Revolta Farroupilha ou Guerra Civil-Farrapa (1835 a 1845), é considerada como uma revolta das elites charqueadoras contra as imposições imperiais. O conflito dividiu a Província e trouxe uma grande instabilidade política.¹⁵⁷ A Figura 27 ilustra uma imagem que representa a Revolta Farroupilha.

Figura 27 – Revolta Farroupilha (1835 a 1845)



Fonte: Machado (2018, p. 1)¹⁵⁸

A Revolta Farroupilha que foi deflagrada no dia 20 de setembro de 1835, foi considerada uma guerra civil que proporcionou a separação e a independência de uma parte do Rio Grande do Sul do Brasil, ocorrendo a Proclamação da República Rio-Grandense.¹⁵⁹ A origem da Revolta Farroupilha foi o descontentamento dos estancieiros gaúchos referente à política exercida pelo governo central, que submetia as províncias em situação de subordinação, era um regime de centralismo político que retirava boa parte das rendas geradas na Região e que não retomavam como investimentos àquela região.¹⁶⁰

A Revolta Farroupilha foi imprenchível para a constituição da própria identidade do Rio Grande do Sul que favoreceu vários elementos que na atualidade compõem o imaginário político gaúcho, sendo que os valores estavam atrelados à liberdade, ao caráter guerreiro e à independência no que se refere ao poder central.¹⁶¹

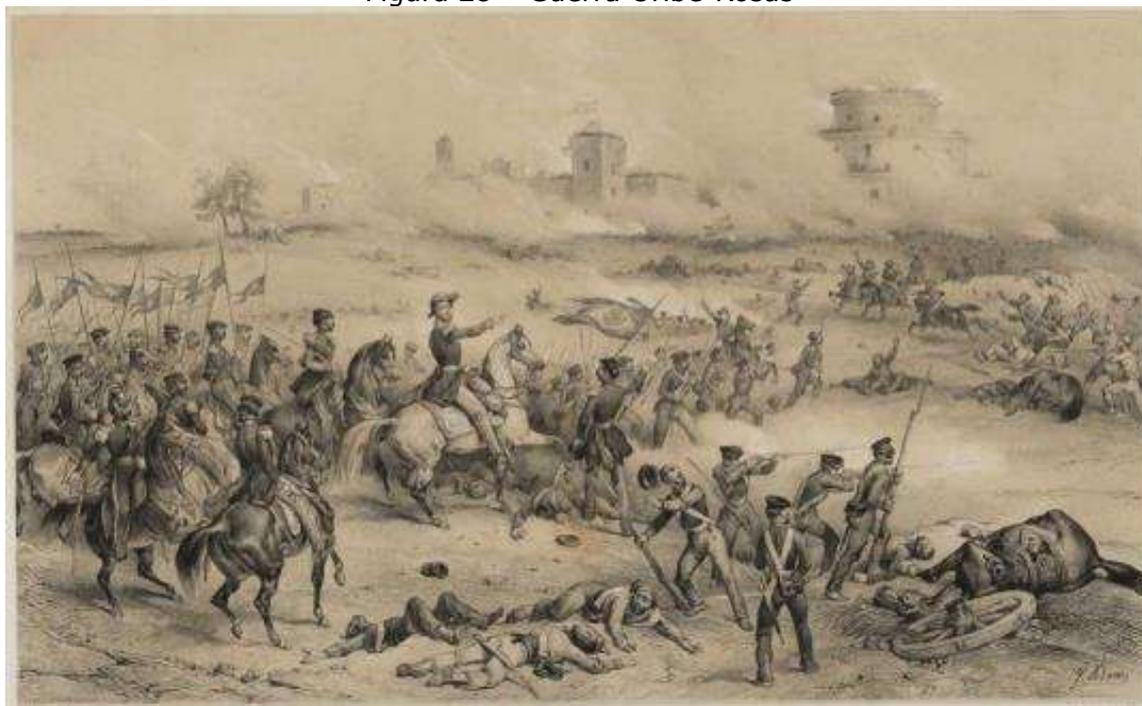
No ano de 1845, em 28 de fevereiro de março, foi celebrado o acordo de paz entre o governo imperial e os farroupilhas, ao que se denominou 'Ponche Verde' estabelecendo o final da Revolta Farroupilha, ocorrendo a reintegração do Rio Grande do Sul ao Império brasileiro.¹⁶² Os principais representantes e os acontecimentos oriundos da Revolta Farroupilha têm se mantido na memória do povo sul-rio-grandense a partir de uma ressignificação do passado patrocinada, principalmente, pelos movimentos ligados à cultura gaúcha.¹⁶³ (ver Anexo C).

(continuação)

Notas de referências
157. GOMES; SCHWARCZ. 2010. p. 454.
158. MACHADO. 2018. p. 1.
159. BRUM. 2009. p. 782.
160. LUVIZOTTO. 2009. p. 60.
161. KÜHN. 2004. p. 28.
162. PESAVENTO. 2014. p. 32.
163. GOMES; BERG. 2013. p. 722.
Leitura recomendada
CARRION, Raul. Revolução Farroupilha . 6. ed. Rio Grande do Sul: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: < http://www.raulcarrion.com.br/publicacoes/caderno_rev_farroupilha.pdf >. Acesso em: 27 out. 2021.
DORNELLES, Laura de Leão. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais (RBHCS) , v. 2, n. 4, dez., 2010. Disponível em: < https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/download/10409/6755/30540 >. Acesso em: 14 out. 2021.
MAESTRI, Mário. Guerra Farroupilha: história e mito. Revista Espaço Acadêmico , Ano II, n. 21, fev. 2003. Disponível em: < https://www.academia.edu/27571735/Guerra_Farroupilha_Hist%C3%B3ria_e_Mito_REA_n_21_fevereiro_de_2003 >. Acesso em: 23 out. 2021.
MESSIAS, Talita Alves de. A guerra grande e a Província de São Pedro (1839-1852). Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – RIHGRGS , Porto Alegre, n. 154, p. 89-114, jul. 2018. Disponível em: < https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewfile/84238/49031 >. Acesso em: 14 ago. 2021.
PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Revolução Farroupilha . São Paulo: Brasiliense, 2003.
VENÇO, Andressa. Diferentes abordagens historiográficas sobre a escravidão negra durante a “Revolução Farroupilha” (1835-1845) . 2015. 66 f. Monografia (Licenciatura em História). Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: < https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/836/1/2015Andressa.pdf >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZALLA Jocelito; MENEGAT. Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. Revista Brasileira de História , v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/rbh/a/xxQSzmDf7tjMc67ZN7... >. Acesso em: 23 out. 2021.
Guerras contra Aliança Oribe-Rosas e Aguirre (1848 – 1865)
<p>No ano de 1848 foi formado no Rio Grande do Sul o ‘Exército Libertador’ para lutar no conflito entre Uruguai (Manuel Oribe) <i>versus</i> Brasil, que se aliou aos membros do partido colorado uruguaio e às forças argentinas de Justo José de Urquiza, denominada de ‘Guerra contra a Aliança Oribe-Rosas, ocorrida na Região do Prata.¹⁶⁴</p> <p>Em 1851 eclodiu a guerra contra Manuel Oribe, mas foi iniciado o conflito contra o governador de Buenos Aires, o argentino Juan Manuel de Rosas e foi anulada a concorrência uruguaia com o charque rio-grandense.¹⁶⁵ Na Figura 28 consta uma imagem da Guerra contra aliança Oribe-Rosas.</p>

(continuação)

Figura 28 – Guerra Oribe-Rosas

Fonte: Sapiencia (2017, p. 1)¹⁶⁶

A Guerra contra a Aliança Oribe-Rosas foi considerada à época como um instrumento de política externa do Império do Brasil, no intuito de retirar Oribe e Rosas do poder e para garantir a soberania da Banda Oriental do Uruguai e da República do Paraguai.¹⁶⁷

As razões para a inserção do Brasil no referido conflito foram a defesa dos interesses dos brasileiros residentes no Uruguai; a intervenção do Império no Uruguai para barrar a expansão de Rosas; garantir a navegação nos rios da Região do Prata; garantir o Uruguai como aliado; e resolver o problema dos limites entre os dois países.¹⁶⁸ Na década seguinte, o Brasil ingressou no conflito contra o Presidente Atanásio Cruz Aguirre, denominado de Guerra contra Aguirre ou Guerra do Uruguai, que, no Uruguai, se opunha ao governo de Venâncio Flores, nos anos de 1864 e 1865.¹⁶⁹

No período entre os anos de 1864 e 1865, os estancieiros rio-grandenses que residiam no Uruguai se aliaram com Venâncio Flores para o combate dos *blancos* que haviam implantado uma política contrária aos interesses de tais estancieiros. Os *blancos* adotaram medidas para elevar a contribuição direta sobre o gado e terras; não renovaram os acordos realizados ainda em 1851, o que gerou um ambiente hostil aos seus interesses e os grandes proprietários riograndenses pressionaram o Império do Brasil para a intervenção no Estado Oriental novamente, culminando na guerra contra Aguirre, e ainda em 1865 foi deflagrada a Guerra do Paraguai como descrito no próximo item.¹⁷⁰

Salienta-se que nos dois conflitos mencionados, o Rio Grande do Sul atuou como guardião das fronteiras fornecendo contingentes militares para auxiliar em tais conflitos.¹⁷¹

(continuação)

Notas de referências
164. PESAVENTO. 2014. p. 45.
165. PESAVENTO. 2014. p. 45.
166. SAPIENTIA. 2017. p. 1.
167. SILVA. 2019. p. 5.
168. FERTIG. 2010. p. 131.
169. PESAVENTO. 2014. p. 48.
170. FERTIG. 2010. p. 140.
171. PESAVENTO. 2014. p. 49.
Leitura recomendada
CHRISTILLINO, Cristiano Luís. A guarda nacional sul-rio-grandense e a aplicação da lei de terras: expressão de uma política de negociação. In: POSSAMAI, Paulo (organizador). Gente de guerra e fronteira : estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIEIRA.pdf >. Acesso em: 22 out. 2021.
GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. Revista Topoi , v. 10, n. 19, p. 70-89. jul./dez., 2009. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/topoi/a/QMDfcXgHHQN3yTFSrm5Q3Yr/?lang=pt&format=pdf >. Acesso em: 14 out. 2021.
SOARES, Álvaro Teixeira. Diplomacia do Império no Rio da Prata (até 1865) . 2. Ed. ver. Brasília: FUNAG, 2021. Disponível em: < http://funag.gov.br/biblioteca/download/diplomacia_do_imperio_no_rio_da_prata_ate_1865.pdf >. Acesso em: 14 out. 2021.
Guerra do Paraguai (1865 – 1870)
<p>A Guerra do Paraguai ocorreu no período entre os anos de 1865 a 1870 em que as fronteiras do extremo sul do Brasil foram delimitadas, e foram estabelecidos os territórios de cada Estado Nacional.¹⁷²</p> <p>No ano de 1865 o ditador paraguaio, Francisco Solano Lopes, declarou guerra ao Brasil invadindo a atual cidade de São Borja/RS, o que deu início a Guerra do Paraguai. Foi formada a Tríplice Aliança, entre Brasil, Argentina e Uruguai, que cercaram os paraguaios invasores, na atual cidade de Uruguaiana. A Guerra do Paraguai terminou no ano de 1870 com a morte do ditador paraguaio, Francisco Solano Lopes e; em torno de 1/3 das tropas brasileiras era formada por gaúchos.¹⁷³</p> <p>Na Figura 29 está representado o detalhe do quadro 'Batalha do Avaí', óleo de Pedro Américo sobre um dos últimos episódios da Guerra do Paraguai, ocorrido em 11 de dezembro de 1868, disponível no Museu de Belas Artes/Reprodução.</p>

(continuação)

Figura 29 – Guerra do Paraguai

Fonte: Morais (2014, p. 1).¹⁷⁴

A historiografia mais recente consolidou a concepção de que a Guerra do Paraguai marcou um momento de integração do Rio da Prata na economia mundial sob a hegemonia inglesa. Por sua vez, a Argentina, o Brasil e o Uruguai se opuseram à auto suficiência do Paraguai, e as nações da região se organizaram conforme os parâmetros das potências hegemônicas.¹⁷⁵

As diversas dimensões da Guerra do Paraguai indicadas pelos historiadores, professores, diplomatas e estudiosos deram conta da complexidade dos momentos em que os interesses estrangeiros, notadamente dos ingleses para o fortalecimento de sua malha imperial – se interligavam com as formas do expansionismo e dos conflitos locais.¹⁷⁶

Notas de referências

172. MOREIRA. 2010. p. 177.

173. FAGUNDES. 1995. p. 3.

174. MORAIS. 2014. p. 1.

175. MOTA. 1995. p. 245.

176. MOTA. 1995. p. 248.

Leitura recomendada

LIMA, Luiz Octavio de. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Planeta, 2016.

MAESTRI, Mário. **A intervenção do Brasil no Uruguai e a Guerra do Paraguai: a missão Saraiva**. In: *V Encuentro sobre las Operaciones Belicas Durante la Fuerra de la Triple Alianza*. República del Uruguay, Montevideo, 23-25 out. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/10994719/A_...>. Acesso em: 23 out. 2021.

(continuação)

MAESTRI, Mário. **O plano de Guerra Paraguaio em uma guerra assimétrica**: 1865. In: IV Encontro Internacional de História sobre a Guerra da Tríplice Aliança, Corrientes, Argentina, 8-10 nov. 2012. Disponível em: < https://www.academia.edu/10966036/O_...>. Acesso em: 23 out. 2020.

MAESTRI, Mário. **As espadas do império. a Guerra do Paraguai e a gênese de um exército nacional profissional**. Diálogos – Revista do Departamento de História, v. 19, n. 3, p. 981-1016, set./dez., 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305543302005>>. Acesso em: 23 out. 2021.

MENEZES, Alfredo de Mota. **Guerra do Paraguai**: como construímos o conflito. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.

MILANESI, Dálcio Aurélio. Sobre a Guerra do Paraguai. **Revista Urutágua**, v. 2, n. 5, p. 1-11, dez./jan./fev./mar. 2021. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53505661/06his_milanesi-with-cover-page-v2.pdf...>. Acesso em: 15 out. 2021.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. Invasão paraguaia no Rio Grande do Sul: aspectos navais. **Revista Navigator**, v. 11, n. 22, p. 70-74, 2015. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/574>>. Acesso em: 14 out. 2021.

Revolução Federalista (1893 – 1895)

A Revolução Federalista ocorreu no período entre 1893 a 1895, tratada como um fato regional, mas alcançou as fronteiras internas e internacionais do estado sulino. No mês de fevereiro de 1893, os federalistas inicialmente conquistaram o atual município de Dom Pedrito/RS. O exército participou ativamente, sendo que os oficiais considerados como fiéis à causa republicana foram cedidos pelo governo gaúcho, e postos como comandantes de brigadas e batalhões.¹⁷⁷ As batalhas da Revolução Federalista em sua maioria ocorreram nas planícies do Rio Grande do Sul, é o que está representado na Figura 30.

Figura 30 – Revolução Federalista



Fonte: Westin (2015, p. 1).¹⁷⁸

(continuação)

A motivação da Revolução Federalista ocorreu em função dos diferentes ideais políticos. De um lado, os 'maragatos' ou 'gasparistas' que eram identificados pelo uso do lenço vermelho, representavam os federalistas, sendo liderados por Gaspar Silveira Martins, os quais acusaram o Estado de tirano e reclamavam da manutenção de um regime de perseguição. De outro lado, havia os 'pica-paus' ou 'castilhistas' que representavam os republicanos e eram liderados por Júlio de Castilhos e, inicialmente, eram identificados devido ao uso do lenço verde e, posteriormente, usavam o lenço branco.¹⁷⁹

A Revolução Federalista se estendeu até o ano de 1895, ultrapassando os limites do território gaúcho, chegando aos Estados de Santa Catarina e do Paraná, deixando as marcas da derradeira violência cometida nos campos de batalha, como exemplo a execução de prisioneiros por meio da degola.¹⁸⁰

Notas de referências

177. GASPAR. 2018. p. 116-117.

178. WESTIN. 2015. p. 1.

179. FRANCHI. 2016. p. 97.

180. GASPAR. 2018. p. 58.

Leitura recomendada

FLORES, Moacyr (organizador). **1893-1895: a revolução dos Maragatos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REVERBEL, Carlos. **Maragatos e Pica Paus: guerra civil e degola no Rio Grande**. Porto Alegre: L&pm, 1999.

SILVA, Marcio Antônio Both da. **Notas sobre a Revolução Federalista: o norte do Rio grande do Sul entre 1893 a 1895**. In: XII Encontro Regional de história – ANPUH-RJ, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marcio%20Antonio%20Both%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.6.4 Eixo temático: cultura sul-rio-grandense

A 'Cultura Sul-Rio-Grandense' será o quarto Eixo Temático sugerido para o 'Roteiro Proposto', referente ao Capítulo 4, que descreverá os seguintes temas: os costumes; os símbolos culturais do chimarrão, do churrasco e da pilcha; outros símbolos culturais (a árvore da erva-mate; a flor brinco-de-princesa; o cavalo crioulo; a ave quero-quero; a planta macela; a gaita e; o Monumento do Laçador); as influências culturais; as manifestações religiosas; os movimentos religiosos (Revolta dos Muckers e movimento religioso dos Monges Barbudos); e a literatura gaúcha, como detalhado na Figura 15.

CAPÍTULO 4 - CULTURA SUL-RIO-GRANDENSE

A cultura do Rio Grande do Sul refere-se, nesse Roteiro, aos saberes e ao saber-fazer que são característicos das pessoas que vivem no Rio Grande do Sul, incluindo também os costumes, as influências culturais, as manifestações religiosas, os movimentos religiosos e a literatura gaúcha, os quais são perpassados de geração para geração.¹⁸¹ Na Figura 31 são ilustrados alguns aspectos da cultura sul-rio-grandense positivadas no discurso tradicionalista.

Figura 31– Cultura gaúcha



Fonte: Lorscheider (2018, p. 1).¹⁸²

Os equipamentos culturais são os elementos relevantes para preservar e disseminar a cultura no Estado. Os espaços culturais desempenham uma função essencial para valorizar as manifestações culturais e os compartilha com a comunidade gaúcha. Neste sentido, os museus, as bibliotecas, os teatros, os centros culturais, as cinematecas, as pinacotecas e as galerias de arte, os anfiteatros, as salas de música, os centros de tradições gaúchas, os pavilhões de feiras, dentre outros, são os promotores da cultura gaúcha.¹⁸³

A cultura do Rio Grande do Sul apresenta traços, símbolos e elementos que caracterizam os costumes, as práticas do dia a dia e que se fazem presentes na vida da maioria dos gaúchos e que vão muito além do representado acima. Trata-se daquilo que é peculiar do sul do Brasil.¹⁸⁴

O capítulo tem por finalidade abordar, no campo do que se pode chamar de 'gauchismo', a cultura sul-rio-grandense apresentando os costumes; os símbolos culturais que estão representados pelo chimarrão, churrasco, pilcha e outros símbolos culturais, os quais foram instituídos pela legislação do Estado do Rio Grande do Sul. Na sequência do capítulo são indicadas as influências culturais; as manifestações religiosas; os movimentos religiosos e; por fim, os principais aspectos relacionados à literatura gaúcha.

(continuação)

Notas de referências

181. MICHELIN; TEIXEIRA. 2017. p. 109.

182. LORSCHIEDER. 2018. p. 1.

183. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020d. p. 1.

184. BARCELOS. 2009. p. 27.

Leitura recomendadaFLORES, Moacyr. **Cultura sul riograndense**. EST Edições e ICP e CIPEL., 1981.PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (organizadoras). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.**Costumes**

No Rio Grande do Sul existe uma forte identidade entre os gaúchos, que é considerada uma herança cultural que está baseada nas tradições e nos costumes, os quais são transmitidos de geração para geração¹⁸⁵, como representados na imagem da Figura 32.

Figura 32 – Chimarrão e churrasco

Fonte: Wacholz(2020, p. 1).¹⁸⁶

O respeito e o apego à história, cultura e à região é o que torna o gaúcho singular quando comparado aos demais habitantes das regiões brasileiras.¹⁸⁷ Os principais símbolos culturais que caracterizam os habitantes do Rio Grande do Sul são: o chimarrão, o churrasco e a pilcha, descritos a seguir.

(continuação)

Notas de referências
185. LUVIZOTTO. 2009. p. 11.
186. WACHOLZ. 2020. p. 1.
187. LUVIZOTTO. 2009. p. 11-12.
Leitura recomendada
CAMARGO, Odalgil Nogueira de. Falando em tradição e folclore : conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. 2. ed. Passo Fundo: Méritos, 2006.
MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. Revista de Humanidades , v. 07, n. 18, p. 439-460, out./nov., 2005. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187466/000562307.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 15 out. 2021.
LAYTANO, Dante de. Folclore do Rio Grande do Sul : costumes e tradições gaúchas. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.
Chimarrão
<p>O chimarrão tem origem indígena, mas foi adotado pelo povo sul-rio-grandense nas mais diversificadas etnias com o significado de hospitalidade e de amizade do gaúcho e pode ser encontrado em outras culturas, mas com algumas variações, como exemplos, nos países da Argentina e do Uruguai, sendo que a forma de preparo é distinta.¹⁸⁸</p> <p>O chimarrão é uma prática da maioria das famílias gaúchas sendo que é tomando diariamente e, também, existem as denominadas rodas de chimarrão que são constantes nos ambientes familiares, nas escolas, no ambiente de trabalho, nas praças, dentre outros.¹⁸⁹</p> <p>O chimarrão foi instituído como bebida-símbolo pela Lei nº 11.929 de 20 de junho de 2003 e foi criado o 'Dia do Chimarrão', comemorado sempre no dia 24 de abril de cada ano, sendo incorporado no calendário de eventos do Estado do Rio Grande do Sul.¹⁹⁰</p> <p>O chimarrão tradicional é servido em cuia de 'porongo' utilizado no Rio Grande do Sul e, também, na Argentina e Uruguai para confeccionar a cuia que é o recipiente para servir o chimarrão, como ilustrado na Figura 33. O chimarrão é elaborado mediante infusão da erva-mate e sorvido por meio de uma bomba de taquara ou de metal representando a hospitalidade do gaúcho.¹⁹¹</p> <p>Na Figura 33 está ilustrada uma imagem do chimarrão que é considerado a bebida-símbolo do Rio Grande do Sul.</p>

(continuação)

Figura 33 – Chimarrão: bebida símbolo do Rio Grande do Sul

Fonte: Lorscheider (2019, p. 1).¹⁹²**Notas de referências**

188. MICHELIN; TEIXEIRA. 2017. p. 111.

189. BARCELOS. 2009. p. 27.

190. RIO GRANDE DO SUL. 2003. p. 1.

191. ECKER. 2017. p. 3.

192. LORSCHIEDER. 2019. p. 1.

Leitura recomendada

BERNARDES, Aline Dias. **O chimarrão como patrimônio imaterial gaúcho: os sentidos atribuídos ao desejo de preservação**, 2021. 66 f. Monografia (Turismo). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3409/1/MONOGRRAFIA_...pdf> Acesso em: 15 out. 2021.

NEUBERGER, Francielle; VISENTINI, Monize Sâmara; CHAGAS, Fernanda Bard. A tradição gaúcha de tomar chimarrão refletida nos hábitos de consumo de erva-mate em diferentes classes sociais. **RAIMED - Revista de Administração IMED**, v. 6, n. 2, p. 118-148, jul./dez., 2016. Disponível em: <<http://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/1299/990>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ROSA, Lilian. **A trajetória do setor ervateiro na Província do Rio Grande do Sul**. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. (UNICAMP), Campinas, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/286460/1/Rosa_Lilianda_M.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

Churrasco

O churrasco se tornou um costume regional e conhecido em todo o território nacional apresentando a sua origem relacionada com a primeira atividade econômica do Rio Grande do Sul, a pecuária que por longo período foi a base econômica dos gaúchos até a chegada dos imigrantes/colonos no século XIX que, como o minifúndio, mão de obra familiar e a policultura, implementaram um outro modelo produtivo para o Estado. O churrasco tornou-se o prato preferido para as ocasiões especiais; comemorações; e para reunir os familiares nos finais de semana.¹⁹³ Na figura 34 está representada uma imagem do churrasco à gaúcha.

(continuação)

Figura 34 – Churrasco à gaúcha: prato típico do Rio Grande do Sul

Fonte: Lorscheider (2019, p. 8).¹⁹⁴

No ano de 2003, foi promulgada a Lei nº 11.929, mais conhecida como 'Lei do Churrasco', que estabeleceu os critérios para a preparação do churrasco. A referida lei estabeleceu o churrasco como o prato típico do Rio Grande do Sul e instituiu o 'Dia do Churrasco' que é comemorado em 24 de abril de cada ano, cuja data foi incorporada ao calendário oficial de eventos do Estado. O churrasco à gaúcha compreende a carne temperada com sal grosso que é levada para assar ao calor produzido por brasas de madeira carbonizada ou *in natura*, acondicionada em espeto ou colocada em grela e mediante controle manual.¹⁹⁵

Notas de referências

193. BARCELOS. 2009. p. 27-28.

194. LORSCHIEDER. 2019. p. 8.

195. RIO GRANDE DO SUL. 2003. p. 1.

Leitura recomendada

ALBRECHT, Christian Freire. **Além da carne assada sobre brasas**: os elementos da experiência de consumo do churrasco. 2010. 154 f. Mestrado (Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25155/.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

LAYTANO, Dante de. A alimentação do gaúcho brasileiro. **Revista Ciência & Trópico**, Recife, v. 8, n. 2, p. 137-159, jul./dez., 1980. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/239/135>>. Acesso em: 15 out. 2021.

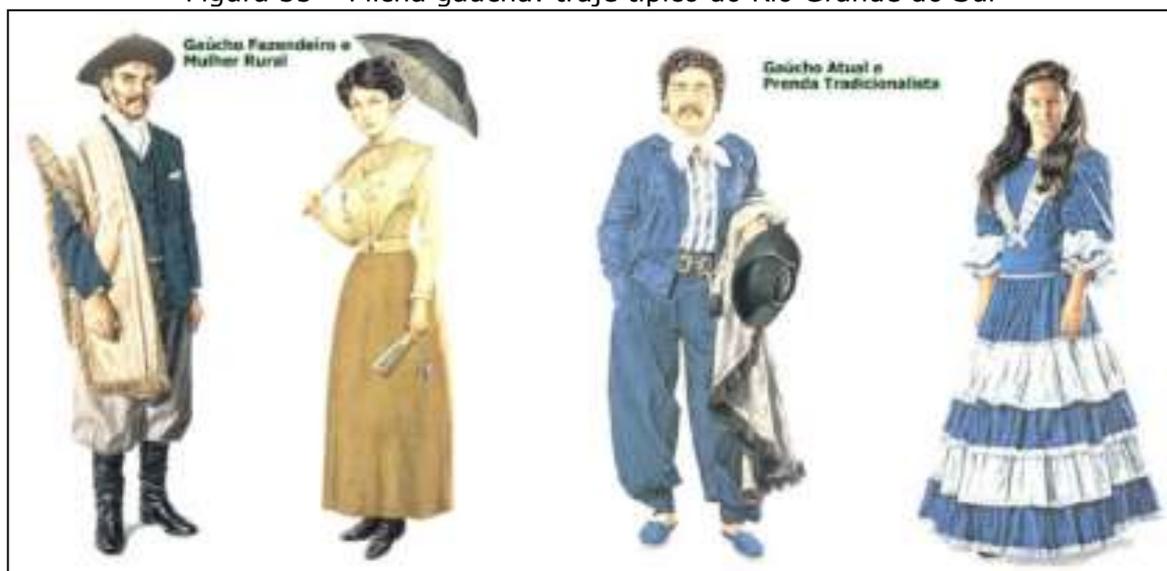
MAZOCCO, Franciele Secco. **O comportamento do consumidor de churrasco em churrascarias no Rio Grande do Sul**. 2016. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148396/001002574.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 out. 2021.

(continuação)

Pilcha

A palavra 'pilcha', ao ser adequado, tem a finalidade de recriar o passado e as suas respectivas tradições, fornecendo um certificado de autenticidade para a maneira de se vestir¹⁹⁶, como ilustrado na Figura 35.

Figura 35 – Pilcha gaúcha: traje típico do Rio Grande do Sul



Fonte: Zaparoli (2015, p. 2)¹⁹⁷

A indumentária do gaúcho apresentou mudanças ao longo da História em função da variação que ocorreu no tempo e no espaço e que passaram a fazer parte da formação da sua identidade, em que ocorreu a assimilação dos novos padrões provenientes das variadas etnias que aqui se instalaram.¹⁹⁸

A indumentária gaúcha para os homens, geralmente, compreende a bombacha, a camisa manga longa, o colete, o lenço, a guaiaca, o chapéu, as botas e a espora. Para a mulher as vestes gaúchas são formadas normalmente pelo vestido, bombachinha, meias e sapatilhas.¹⁹⁹

A Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989, em seu artigo 1º oficializou como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul, para ambos os sexos a indumentária denominada 'pilcha gaúcha', e é considerada apenas aquela que represente a autenticidade e que reproduza com elegância a sobriedade da indumentária histórica do Estado. A indumentária do gaúcho deve seguir os pareceres e as diretrizes estipuladas pelo MTG.²⁰⁰

A pilcha é considerada um elemento específico que faz parte dos costumes dos gaúchos sendo uma indumentária típica usada pelos peões de estâncias nas lidas campeiras, e na atualidade tem sido utilizada para qualquer atividade nos núcleos urbanos e, também, é utilizada nos estabelecimentos comerciais durante a Semana Farroupilha, que ocorre entre os dias 14 a 20 setembro.²⁰¹

(continuação)

A recriação do termo 'pilcha' e a utilização do verbo 'pilcha-se' consistem em designar o 'estar vestido a caráter', e está inscrito na lista dos mais variados elementos materiais e simbólicos do Rio Grande do Sul. E ainda teve-se o cuidado de agregar a este contexto a paisagem épica, simbolizada pelo pampa; o cavalo como um animal emblemático; o chimarrão como a bebida típica; e churrasco como o prato típico do Rio Grande do Sul.²⁰²

Notas de referências

196. MACIEL. 2004. p. 258.

197. ZAPAROLI. 2015. p. 2.

198. ANTUNES. 2019. p. 36.

199. ANTUNES. 2019.. p. 38.

200. RIO GRANDE DO SUL. 1989. p. 1.

201. BARCELOS. 2009. p. 28.

202. BRUM. 2009. p. 780.

Leitura recomendada

BRUM, Ceres Karam. **Indumentária gaúcha**: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In: 32º Encontro Anual DA ANPOCS GT 9 – Cultura Brasileira Modos e Estilos de Vida, 2008b. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt09-17/2360-...indumentaria/>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

DUTRA, Kelly Janaina. **Consumo, cultura e identidade**: a indumentária sul-rio-grandense. 2014. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2014. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5765/3/AP_CODEM_2014_2_10.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da. Imagens de gaúcho: modo de falar, arte de vestir. **Revista Linguagem**, v. 21, n. 13, p. 1-14, 2013. Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1320/813>>. Acesso em: 15 out. 2021.

Outros símbolos culturais do Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul outros símbolos também fazem parte da sua cultura tais como: a árvore da Erva-Mate; a Flor Brinco-de-Princesa; o Cavalo Crioulo; a ave Quero-Quero; a planta Macela; a Gaita e; o Monumento do Laçador, os quais estão amparados pela legislação do Estado.²⁰³

A erva-mate é considerada como a árvore símbolo do Rio Grande Sul pela Lei nº 7.439, de 08 de dezembro de 1980²⁰⁴, sendo uma espécie típica que se desenvolvia nas florestas de araucárias, e atualmente é a base principal para o preparo do chimarrão. Na época da colonização a erva-mate era extraída diretamente nas florestas naturais no Distrito do Erval da Palmeira, atual cidade de Cruz Alta, porém, atualmente, a erva-mate passou a ser plantada.²⁰⁵

(continuação)

A erva-mate é uma planta nativa encontrada com maior predominância nas áreas que são banhadas pelos rios Paraguai, Paraná e Uruguai. Curiosamente os pássaros foram os responsáveis pela proliferação das sementes, notadamente para as regiões das Missões, no Rio Grande do Sul, e para a Argentina. Porém, foram os padres jesuítas que criaram as técnicas do cultivo em função do potencial de comercialização da erva-mate.²⁰⁶

A Flor Brinco-de-Princesa foi oficializada como a flor símbolo do Rio Grande do Sul, conforme a Decreto Estadual nº 38.400, de 16 de abril de 1998.²⁰⁷ A flor é caracterizada por pétalas e sépalas com cores e formas diferenciadas, cujo nome científico é *Fuchsia hybrida*, fazendo referência a uma coloração fúcsia intensa e por ser híbrida de espécies de plantas sul-americanas.²⁰⁸

A planta da flor Brinco-de-Princesa em geral se caracteriza com uma ramagem pendente, porém poderá haver variações, pois algumas plantas poderão apresentar ramagem ereta ou uma combinação e ramos caídos e retos e, também, é conhecida como lágrima, fúcsia e agrado, sendo admirada pelos amantes de jardinagem para atrair os beija-flores para os jardins.²⁰⁹

A flor Brinco-de-Princesa diferentemente dos outros símbolos do Rio Grande do Sul é amplamente empregada em projetos paisagísticos, e não exhibe origem lendária e/ou fundamentada na História do Estado. A escolha como um símbolo ecológico ocorreu devido à sua beleza, facilidade no seu cultivo, e devido às propriedades medicinais diuréticas.²¹⁰

A origem do cavalo crioulo é derivada dos cavalos espanhóis trazidos pelos colonizadores no século XVI, distribuídos na Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru e Brasil. Muitos deles viveram livres e formaram manadas selvagens durante mais de quatro séculos, enfrentando temperaturas extremas e condições adversas de alimentação, o que contribuiu para que adquirissem as características de rusticidade e resistência, sendo reconhecidos mundialmente no século XX.²¹¹

No ano de 1932 foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) para preservar e difundir o cavalo crioulo no Brasil.²¹²

O cavalo crioulo é descendente dos cavalos Lusitanos e Andaluzes e a sua criação do Rio Grande do Sul iniciou no ano de 1634, principalmente nas reduções guaraníicas. Os cavalos crioulos passaram a ser domados pelos índios à época, os quais desenvolveram habilidosas técnicas de equitação.²¹³

O cavalo crioulo foi considerado como animal-símbolo do Rio Grande do Sul conforme Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002 que declarou como bem integrante do patrimônio cultural do Estado por constituírem patrimônio natural, portador de referência à identidade, à ação e à memória da sociedade rio-grandense.²¹⁴

O quero-quero foi reconhecido como a ave-símbolo do Rio Grande do Sul conforme a Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002, cuja denominação científica é *belonopterus cayennensis* sendo predominante nos campos gaúchos.²¹⁵

(continuação)

O quero-quero é uma ave moradora dos campos do Cone Sul da América sendo conhecido como sentinela dos pampas, porque ao perceber qualquer movimento próximo aos seus ninhos, fica em alerta e começa a gritar. O quero-quero cria-se em áreas abertas, com pouca vegetação e os ninhos são feitos no chão pondo entre três e quatro ovos no período de agosto até dezembro.²¹⁶

A planta medicinal da macela foi considerada oficialmente como um dos símbolos do Rio Grande do Sul pela Lei nº 11.858, de 05 de dezembro de 2002.²¹⁷ A macela ou também conhecida popularmente por 'marcela' possui o nome científico *Achyrocline satureioides* da família asteracea e consiste em uma erva da flora brasileira, que também é denominada de macela-do-campo, macelinha, macela de travesseiro, carrapichinho-de-agulha, camomila nacional, e outras denominações.²¹⁸

No Rio Grande Sul existe a tradição de realizar a colheita da macela na Sexta-Feira Santa que antecede a Páscoa, preferencialmente antes do sol nascer; porque os gaúchos acreditam que a colheita nesse dia trará mais eficiência ao chá das flores.²¹⁹ Acrescenta-se que a macela é uma planta que tem sido estudada devido as suas propriedades medicinais e é empregada na medicina popular.²²⁰

A gaita ou também conhecida como acordeom foi inserida como um instrumental típico tradicional do Rio Grande do Sul apenas com a chegada dos imigrantes alemães.²²¹ A gaita (acordeom) foi instituída como o instrumento musical símbolo do Rio Grande do Sul, conforme a Lei nº 13.513, de 08 de setembro de 2010.²²² A gaita ou acordeom em conjunto com o violão é o instrumento mais relevante para a cultura gaúcha e pode-se dizer que é o instrumento que melhor a representa, e se caracteriza com um timbre marcante e de larga utilização musical.²²³

A Estátua do Laçador foi considerada patrimônio histórico e cultural e escultura-símbolo do Rio Grande do Sul mediante Lei nº 12.992, de 13 de junho de 2008.²²⁴ A Estátua do Laçador é um monumento que representa o homem rio-grandense, caracterizado com o traje típico, segurando um laço na mão direita, cuja obra foi idealizada por Antônio Caringi, e serviu de modelo o Dr. Paixão Cortês, que foi um estudioso do folclore e das tradições gaúchas. A Estátua do Laçador foi confeccionada em bronze, medindo 4,45 metros de altura e pesa em torno de 3,8 toneladas.²²⁵ A Estátua do Laçador é a representação do gaúcho peão de estância, instalada em Porto Alegre, se inserindo nas questões da exaltação do regional, agregando-se a isso os elementos próximos ao gaúcho como uma figura que o representa.²²⁶

Notas de referências

203. GOMES. 2010. p. 68.

204. RIO GRANDE DO SUL. 1980. p. 1.

205. ECKER. 2017. p. 2-3.

206. GOMES. 2010. p. 71.

207. RIO GRANDE DO SUL. 1998. p. 1.

(continuação)

208. LORSCHIEDER. 2019. p. 3.
209. LORSCHIEDER. 2019. p. 3.
210. GOMES. 2010. p. 72.
211. GOMES. 2010. P. 72.
212. LORSCHIEDER. 2019. p. 2.
213. GOMES. 2010. p. 72.
214. RIO GRANDE DO SUL. 2002a. p. 1.
215. RIO GRANDE DO SUL. 2002a. p. 1.
216. ECKER. 2017. p. 4.
217. RIO GRANDE DO SUL. 2002b. p. 1.
218. LORSCHIEDER. 2019. p. 3.
219. LORSCHIEDER. 2019. p. 4.
220. GOMES. 2010. p. 72.
221. CESAR. 1956. p. 22.
222. RIO GRANDE DO SUL. 2010. p. 1.
223. SILVA. 2010. p. 14.
224. RIO GRANDE DO SUL. 2008. p. 1.
225. ECKER. 2017. p. 5.
226. BRUM. 2009. p. 780.
Leitura recomendada
ALVES, José Francisco. A escultura pública de Porto Alegre: história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Erva-mate: o Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de folha verde de erva-mate. 5. ed. Data de atualização: julho de 2020e. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/erva-mate >. Acesso em: 22 out. 2021.
DELFINO, Henrique C.; CARLOS, Caio J.. O guardião dos campos: um estudo sobre o comportamento do quero-quero <i>Vanellus chilensis</i> (Aves: <i>Charadriiformes</i>) no sul do Brasil. Revista Iheringia, Série Zoologia , v. 110, p. 1-9, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/isz/a/yWpVLgpTzqnbvs58CDqgc5z/?format=pdf&lang=pt >. Acesso em: 16 out. 2021.
DIAS, Maria Alice Medeiros; DILIGENTI, Marcos Pereira. O laçador: espectro de significação e identidade. Revista Paisagem e Ambiente: Ensaios , São Paulo, n. 36, p. 209-227, 2015. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/... >. Acesso em: 16 abr. 2021.
FRANCESCON, Maryanne. A gaita ponto na Região Sul do Brasil: relação dialética entre seus aspectos socioculturais e técnico musicais. 2017. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Música – Pesquisa em Música). Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: < https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3194/TCC%20-%20Maryanne%20Francescon.pdf?sequence=4&isAllowed=y >. Acesso em: 16 out. 2021.
GERHARDT, Marcos. Colonos Ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. Revista Esboços , v. 18, n. 25, p. 73-95, ago. 2011. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/2175-7976.2011v18n25p73/21533/78434 >. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra A.. Equitação no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a configuração da vertente rural. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 2, p. 155- 175, 2019. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/08/1009428/equitacao-no-rio-grande-do-sul-um-estudo.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, Dijalma Barbosa da; VIEIRA, Roberto Fontes; BRINGEL JR., João Bernardo de A.; MELO, Luis Alberto Martins P de; Alves, Rosa de Belem N. Coleta, Conservação e cultivo experimental de macela (*Achyrocline spp. – Asteraceae*), na região do cerrado. **Circular Técnica n. 94**. Brasília, nov. 2019. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1115372/1/circular9411.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, Jéssica Dalcin da. **Proposta de manutenção social dos simbolismos sul-rio-grandenses pela aplicação destes em um calçado feminino**. 2016. 100 f. Mestrado (Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11062/SILVA%2C%20JESSICA%20DALCIN%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 out. 2021.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Cavalo crioulo: o símbolo do Rio Grande do Sul**, 3. ed. Porto Alegre: Estúdio de ideias – Conteúdos e Imagens, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/analuciatrix/docs/livrocavalocrioulo_demo3>. Acesso em: 16 out. 2021.

THIESEN, Roberto. **Aspectos simbólicos do uso do acordeão na música fandangueira do Rio Grande do Sul**. 2009. 255 f. Tese doutorado (Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12681/1/TESE%20ROBERTO%20THIESEN.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

Influências culturais

O Rio Grande do Sul apresenta influências culturais que remontam às populações autóctones, ao processo de ocupação do território e à colonização, já descritas no Capítulo 1 deste Roteiro.

As peculiaridades da ocupação do extremo sul do Brasil foi um dos marcos históricos que intensificaram a cultura do Rio Grande do Sul, dentre elas, as lutas contínuas pela posse das terras; e a exploração do gado na Região do Pampa, o que desenvolveu um sentimento de nativismo baseado no respeito à terra e a tudo o que se refere à atividade pecuária, aos usos e aos costumes da vida campeira.²²⁷

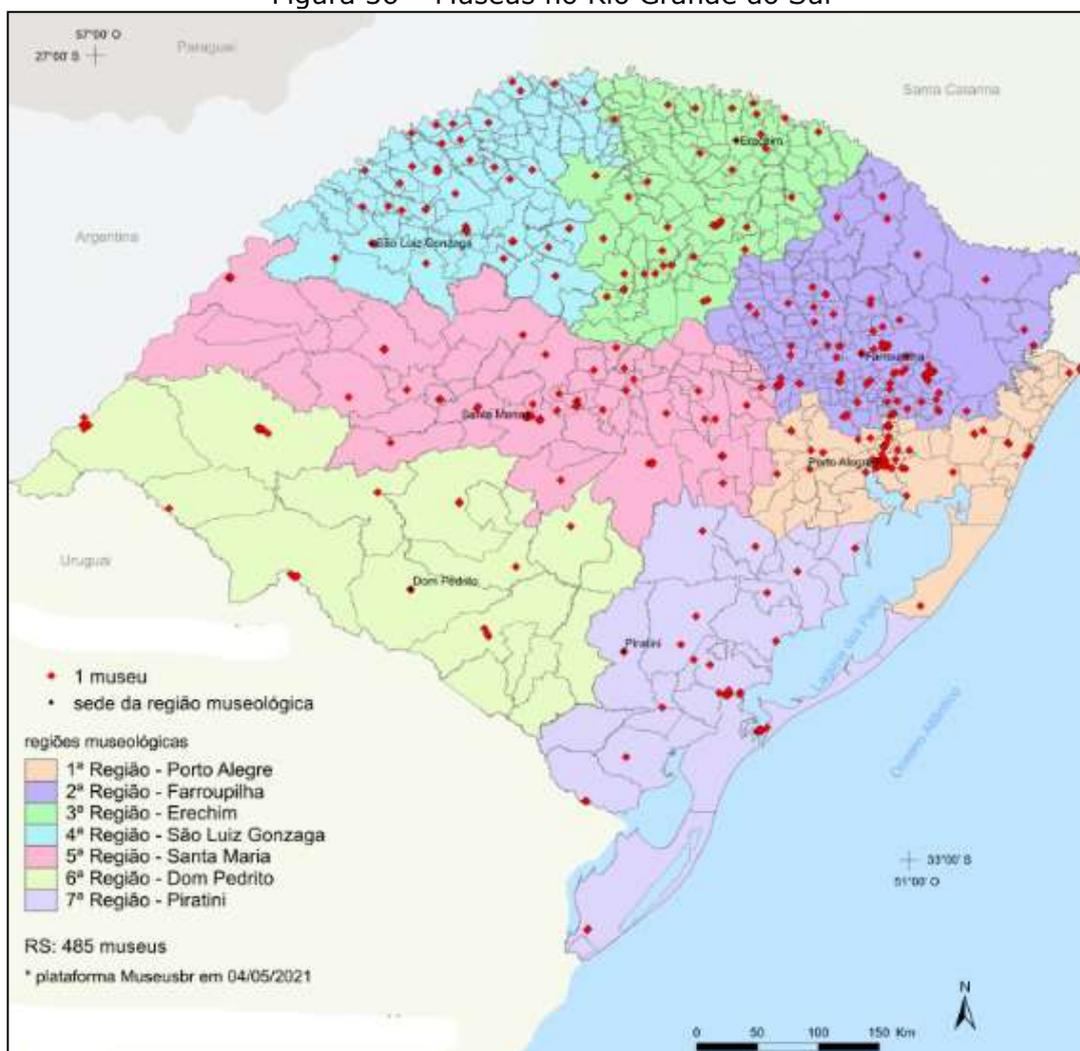
A cultura é considerada dinâmica, pois acaba sofrendo influências, tanto internas como externas. As influências internas acontecem dentro do próprio grupo social local e as influências externas são oriundas do contato com os diferentes grupos sociais de outros locais, como ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul ao longo de sua História.²²⁸

No Rio Grande do Sul para identificar as principais influências histórico-culturais externas é preciso considerar três aspectos: a inserção dos lavradores matutos que apresentavam notadamente origem açoriana (imigração portuguesa no século XVIII); os representantes dos gaúchos que compreendia a transfiguração étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis; e a formação gringo-brasileira dos descendentes de imigrantes europeus incluindo os povos germânicos, italianos e poloneses, e, também, os japoneses, libaneses e tantos outros, difundindo os traços e costumes, o que tornou o sul-rio-grandense como um povo singular.²²⁹

(continuação)

Na Figura 36 está representado um dos equipamentos culturais do Estado com a respectiva quantidade, referente ao ano de 2020, totalizando 485 museus gaúchos.²³⁰

Figura 36 – Museus no Rio Grande do Sul



Fonte: Atlas Socioeconômico Do Rio Grande do Sul (2020d, p. 2).²³¹

Notas de referências

227. LUVIZOTTO. 2010. p. 33-34.

228. BURNS. 2002. p. 92.

229. LUVIZOTTO. 2009. p. 23-25.

230. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. 2020d. p. 1.

231. ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. op. cit. 2020d. p. 2.

Leitura recomendada

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes . A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **Revista RA´EGA**, Curitiba, n. 17, p. 17-30, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11862/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

MEIRA, Ana Lúcia Goetzer. **O patrimônio histórico e artístico nacional no Rio Grande do Sul no século XX**: atribuição de valores e critérios de intervenção. 2008. 483 f. Tese de Doutorado (Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14319>>. Acesso em: 16 out. 2021.

PITANO, Sandro de Castro; ROMIG, Karen Laiz Krause. A influência da cultura pomerana na transformação do espaço geográfico no extremo sul do Rio Grande do Sul. **Revista Formação**, v. 25, n. 46, p. 109-128, 2018. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5248/4705>> Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, Luiz Carlos Borges dos. O mito fundacional na cultura gaúcha: uma interpretação à luz de Stuart Hall. **Formação de Professores em Revista**, Taquara, v. 1, n. 2, p. 108-122, jul./dez., 2020. Disponível em: <<http://seer.faccat.br/index.php/...>>. Acesso em: 16 out. 2021.

Manifestações religiosas

Uma das características próprias da população do Rio Grande do Sul está relacionada ao posicionamento em termos de identidade religiosa e de um pertencimento religioso, originado nas manifestações da religiosidade indígena²³², como representado na Figura 37.

Figura 37 – Manifestações da religiosidade indígena



Fonte: Fleck (2014, p. 1).²³³

Em razão da presença significativa das manifestações religiosas no Estado do Rio Grande do Sul são abordadas neste Roteiro: a religião católica; a religião protestante; o espiritismo; e as manifestações afro-religiosas. Essa proposta de taxinomia e/ou classificação não dá conta das manifestações religiosas existentes no Estado, haja visto a presença de tantas outras crenças religiosas, mas se fazem mais presentes na religiosidade dos gaúchos.

(continuação)

A presença da religião católica no Rio Grande do Sul é significativa em função do catolicismo presente na cultura dos colonizadores e na instituição da Igreja trazida pelos imigrantes a partir do século XIX e início do século XX, acompanhados das congregações, ordens religiosas, e a presença do Seminário que foi marcante representante do catolicismo acirrado, com perspectiva de romanizada suplantando o catolicismo mais popular e tradicional no território gaúcho.²³⁴

Na religião católica é realizada, entre outras, a missa crioula que é considerada como uma aproximação do catolicismo com a cultura do Rio Grande do Sul sendo organizada na forma de um ritual mediante apropriação dos estereótipos próprios do gaúcho e oferece uma maneira litúrgica para tal, identificando o que é ser gaúcho transferido para uma linguagem, estética e uma forma de posicionamento no mundo.²³⁵

No Rio Grande do Sul tem-se a presença significativa de adeptos à religião protestante com maior participação ao protestantismo de migração, cujas pessoas não se converteram dentro de um protestantismo de missão, no entanto quando chegaram ao Rio Grande do Sul como migrantes já eram protestantes, principalmente, os luteranos.²³⁶

A religião espírita também foi inserida no Estado, desenvolvendo-se a partir das principais cidades nas últimas décadas do século XIX, encontrando no Rio Grande do Sul, condições favoráveis, tais como a expressiva presença do positivismo, da maçonaria e da homeopatia, cujas bases se aproximavam dos princípios doutrinários da religião espírita.²³⁷

No cenário afro-religioso gaúcho tem-se a predominância de três modalidades de culto: o batuque, a umbanda e a linha cruzada.²³⁸ O Batuque ou também conhecido como Nação que é considerado como a primeira expressão afro-religiosa que foi estruturada no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX nas cidades de Pelotas e Rio Grande e foi disseminada para outras regiões do Estado.²³⁹

O culto da Umbanda foi iniciado no ano de 1926 em Rio Grande quando fundado o 'Templo Espírita de Umbanda Reino de São Jorge' pelo ferroviário Otacílio Charão; e em 1932 foi fundada a Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda, em Porto Alegre.²⁴⁰

A Linha Cruzada ou Quimbanda foi iniciada na década de 1970 e se firmou como o culto religioso predominante no contexto afro-religioso rio-grandense.²⁴¹

Notas de referências

232. STEIL. 2008. p. 1.

233. FLECK. 2014. p. 1.

234. STEIL. 2008. p. 3.

235. STEIL. 2008. p. 3.

(continuação)

236. STEIL. 2008.. p. 2-3.
237. SCHERER; WEBER. 2014. p. 36.
238. SPERONI. 2018a. p. 102.
239. SPERONI. 2018a. p. 39.
240. SPERONI. 2018a. p. 66-67.
241. ORO. 2012. p. 560.
Leitura recomendada
BORIN, Marta Rosa. (org.). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 5): as religiões protestantes: história, fontes e metodologia de pesquisa. São Paulo: ANPUH, 2017.
DILMANN, Mauro. (org.). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 4): matriz afro-brasileira. São Paulo: ANPUH, 2016.
FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ZANOTTO, Gizele. (orgs.). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 6): campo religioso sul-rio-grandense. São Paulo: ANPUH, 2018.
LUNELLI, Diego Conto. Performance e religiosidade: ritmo, canto e poesia oral nos rituais de batuque e umbanda em Caxias do Sul/RS. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3379/... >. Acesso em: 20 ago. 2021.
MEDEIROS, Saul de. Umbanda: um encontro na diversidade racial: uma instituição a serviço do bem. São Paulo: Ícone, 2011.
ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. Estudos Afro-Asiáticos , Ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. Disponível em: < https://www.scielo.br/j/aaa/a/MHgZxZM6Nw5qzMqZHyy7dQg/?format=pdf&lang=pt >. Acesso em: 23 out. 2021.
RADÜNZ, Roberto; LIA, Cristine Fortes. Luteranos como protestantes no período imperial no sul do Brasil. In: BORIN, Marta A. (org.). Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul. 1. ed. São Paulo: ANPUH, 2017, v. 5, p. 17-34.
SEIDL, Ernesto. A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul. 2003. 463 f. Tese de Doutorado (Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2003. Disponível em: < http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2677/1/FPF_PTPF_17_0027.pdf >. Acesso em: 16 out. 2021.
SPERONI, Aline. As religiões afro-gaúchas. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS)/Fox Design. Publicado em: 04 jul. 2018b. Disponível em: < https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/produto-as-religoes-afro-gauchas.pdf >. Acesso em; 15 set. 2021.
STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul. Revista Debates do NER , Ano 5, n. 5, p. 9-30, jun. 2004. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26588/000427154.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 20 ago., 2021.
WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele. (orgs.). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 2): espiritismo e religiões mediúnicas. São Paulo: ANPUH, 2013.
ZANOTTO, Gizele. (org.). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 1). São Paulo: ANPUH, 2012.

(continuação)

Movimentos Religiosos: Muckers e Monges Barbudos

Revolta dos Muckers

A Revolta dos Muckers se caracterizou com um episódio de intolerância religiosa. Neste sentido, no ano de 1874 eclodiu a 'Revolta dos Muckers' no Morro Ferrabrás com a participação de Jacobina Mentz Maurer, cuja imagem está ilustrada na Figura 38.²⁴¹

Jacobina Mentz Maurer nasceu em junho de 1841 em Hamburgo Velho, no Rio Grande do Sul, filha de André Mentz e Maria Elizabeth Müller, ambos de origem alemã, a profissão dela era dona de casa e no dia 04 de abril de 1854 foi crismada em Hamburgo Velho.²⁴²

Jacobina foi considerada uma mulher muito à frente do seu tempo, sua biografia revelou uma mulher forte e persistente como uma líder político-religiosa e, também, era dona de casa e mãe. Ela foi a líder no episódio denominado 'Revolta dos Muckers' que ocorreu no Morro do Ferrabrás, atual município de Sapiranga.²⁴⁴

Figura 38 – Jacobina Mentz Maurer



Fonte: Chaves (2017, p. 1).²⁴³

O ano de 1874 foi trágico e ocorreram muitas mortes, em torno de 150 colonos alemães, que estavam isolados que acreditavam que o mundo iria acabar, eles foram atacados pelo Exército e outros colonos mediante incentivo da Igreja e da imprensa que reagiram com violência.²⁴⁵ 'Os Muckers' após três ataques do exército brasileiro e da guarda municipal foram derrotados.²⁴⁶

(continuação)

Notas de referências
241. SANT'ANA. 2003. p. 27.
242. SANT'ANA. 2003. p. 30.
243. CHAVES. 2017. p. 4.
244. SANT'ANA, . 2003. p. 27.
245. SANT'ANA, . 2003. p. 27.
246. FAGUNDES. 1995. p. 4.
Leitura recomendada
KUNZ, Marinês Andrea. Jacobina Mentz Maurer: a representação de uma líder. Protestantismo em Revista: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) . Escola Superior de Teologia, v. 2, jan./dez. 2003. Disponível em: < http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2172/2077 >. Acesso em: 03 maio 2021.
SCHUPP, Ambrósio. Os Muckers : episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Brasília: Senado Federal, 2004. Disponível em: < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1093/710311.pdf... >. Acesso em: 03 maio 2021.
WEBER, Cátia Antonieta Brizola. Sombra do Ferrabrás : história(s) da(s) História(s). 1999. 252 f. Mestrado (História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/....pdf >. Acesso em: 16 out. 2021.
Movimento Religioso dos Monges Barbudos
<p>O Movimento dos Monges Barbudos foi protagonizado pelos trabalhadores rurais de soledade/RS que cultuavam a religiosidade com base nas práticas de cura empregando ervas medicinais, especialmente, a erva medicinal caroba e tinham como princípios a vivência comunitária pacífica e a valorização da natureza.²⁴⁷</p> <p>O Movimento Sociorreligioso dos Monges Barbudos ocorreu em Soledade, entre o período de 1935, ano da sua criação até 1938, período de repressão que foi imposta para o referido grupo religioso. A origem do movimento ocorreu depois do Santo Monge João Maria, instruir, André Ferreira França, para fundar uma nova religião, reunindo seguidores despertando a atenção da comunidade local e, também, das autoridades que usaram força militar para reprimir o referido movimento. Tal repressão resultou em um saldo de mortos e feridos e provocou o medo e a proibição da prática religiosa.²⁴⁸</p> <p>Na Figura 39 está ilustrada uma imagem representando quando os monges foram presos e cercados pelos militares, durante a participação do velório de Anastácio Izidoro Fiúza (Tácio Fiúza), um dos líderes do grupo, que morreu devido aos ferimentos durante ataque à capela pelos militares à época.</p>

(continuação)

Figura 39 – Monges presos e cercados por militares

Fonte: Kujawa (2012, p. 160).²⁴⁹

Notas de referências

247. KOPP. 2014. p. 10.

248. FILATOW. 2016a. 2021. p. 1.

249. KUJAWA. 2012. p. 160.

Leitura recomendada

CREMONESE, Dejalma. O Massacre do Fundão: memória, oralidade e resistência. Uma história de perseguição e morte na comunidade dos Monges Barbudos no Centro-Serra do Rio Grande do Sul. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

FILATOW, Fabian. **Do Sagrado à heresia**: o caso dos monges barbudos (1935-1938). 2002. 144 f. Mestrado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165946/000330694.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16. out. 2021.

FILATOW, Fabian. A heresia política dos monges barbudos no período de consolidação do Estado Novo: fontes, historiografia, contexto. **Revista História Unicap**, v. 3, n. 6, jul./dez., 2016b. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4021>>. Acesso em: 16 out. 2021.

KUJAWA, Henrique Aniceto. **Cultura e religiosidade cabocla**: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul, 1938. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo (UPF). 2001.

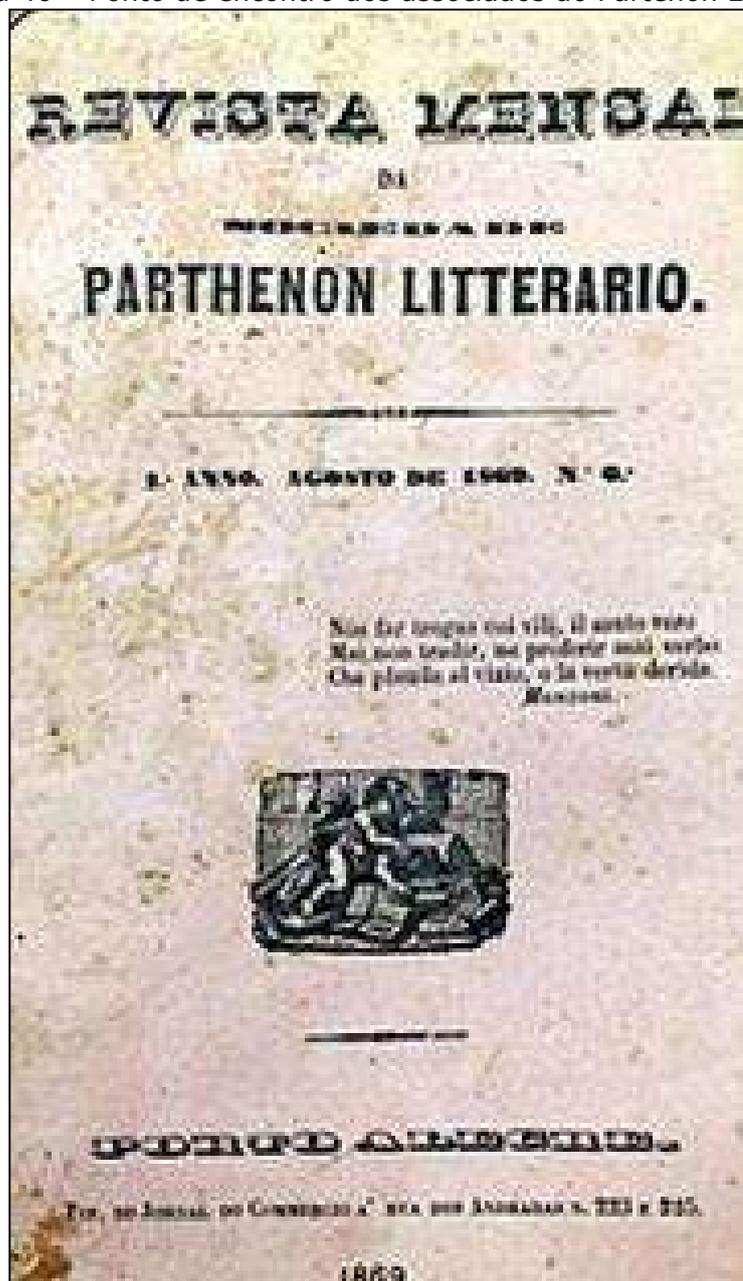
Literatura Gaúcha

No ano de 1868 foi criado o Partenon Literário, conhecido também por Sociedade Partenon Literário, que oportunizou aos poetas e aos prosadores a divulgação dos seus trabalhos em jornais e revistas, incluindo José Antônio do Vale Caldre e Fião e Apolinário Porto Alegre; e, também, havia sócios distribuídos em diversos locais do Rio Grande do Sul e funcionou plenamente até o ano de 1985.²⁵⁰

(continuação)

Na Figura 40 é possível observar uma das capas da Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário, datada de 1869.

Figura 40 – Ponto de encontro dos associados do Partenon Literário



Fonte: Moreira e Póvoas (2019, p. 5)²⁵¹

A literatura gaúcha está presente na prosa e no verso, sendo classificada em oral e escrita. Na literatura oral está a prosa moldada por mitos e lendas, causos e ditados campeiros do Rio Grande do Sul, enquanto, a literatura oral em verso compreende as trovas e as quadrinhas tradicionais. Por sua vez, a literatura escrita em verso consiste na elaboração de poesias que remetem a cidade, as quais são elaborados pelos escritores gaúchos, considerando como tema central: os usos e os costumes do Rio Grande do Sul.²⁵²

(continuação)

As poesias envolvem o soneto monarca, do escritor José Antônio do Vale Caldre e Fião, na metade do século XIX, considerada como um manancial inesgotável, que desencadeou o surgimento dos seguintes escritores: Taveira Junior, Ramiro Barcelos, Vargas Neto, Aureliano de Figueiredo Pinto, Glaucus Saraiva, Jaime Caetano Braum, dentre outros, cujas poesias, normalmente são declamadas pelos trovadores gaúchos. A literatura escrita em prosa iniciou também com os escritos de José Antônio do Vale Caldre e Fião na metade do século XIX, passou pelos escritores: João Simões Lopes Neto, Darci Azambuja e Érico Veríssimo, gaúcho nascido em Cruz Alta e que foi reconhecido em todo o território nacional.²⁵³

É preciso destacar que na literatura gaúcha, a História se desloca com facilidade para a 'estória', ou seja, os personagens históricos orientam a narrativa dos romances ou ainda são as fontes de inspiração para todos os tipos de obras literárias no contexto do Rio Grande do Sul.²⁵⁴

Neste sentido, o século XIX foi revestido de importantes ações épicas, as quais serviram de inspiração para a elaboração de várias obras da literatura gaúcha. Um exemplo foi a obra 'O tempo e o Vento', de Érico Veríssimo, que narra o confronto militar e diplomático luso-espanhol; a destruição do projeto utópico das Missões dos Padres Jesuítas; a constituição dos interesses regionais e locais que motivaram a Revolta Farroupilha, construindo a identidade do gaúcho no tenso conflito pelo território gaúcho em direção ao Rio da Prata, quando os portugueses retomam as terras gaúchas, tornando-se um marco fundamental para a compreensão da História do Rio Grande do Sul.²⁵⁵

Para exemplificar, no período entre 1868 a 1900, em Porto Alegre, foram criadas em torno de 36 associações literárias, as quais editavam as suas próprias revistas, como por exemplo, o Parthenon Literário (ver Figura 39). Nas primeiras décadas do século XX foi mantida a tendência *platinista* no discurso historiográfico direcionado à justificação do regime positivista no Estado.²⁵⁶

Ao considerar as histórias da literatura sul-rio-grandense publicadas, principalmente, a partir da década de 1940, teve destaque o escritor Mário Quintada, que iniciava a edição dos livros de poesias à época, e obteve reconhecimento nacional mais expressivo nas décadas de 1970 e 1990.²⁵⁷

Em estudo recente sobre a produção literária sul-rio-grandense contemporânea, considerando-se o período de 1976 a 2016, foi constatada a existência de 939 escritores, sendo 35 falecidos; e 904 escritores estão em atividade. Do total de 939 escritores, 334 escritores que publicaram em mais de um gênero literário; 222 escritores se dedicaram ao gênero literário da poesia; 140 escritores à Literatura Infantil/Juvenil; 90 escritores à narrativa longa (Romance/Novela); 87 escritores à narrativa curta (Conto); 62 escritores à Crônica e; 4 escritores se dedicaram aos Textos Dramáticos.²⁵⁸

Os autores rio-grandenses que se dedicaram a todos os gêneros citados anteriormente durante o período analisado foram: Caio Fernando Abreu; Walmir Ayala; e Luís Fernando Verissimo, cujos autores são reconhecidos no cenário nacional.²⁵⁹

(continuação)

Notas de referências
250. BARCELOS. 2009. p. 28.
251. MOREIRA; PÓVOAS. 2019. p. 5.
252. BASTOS. 2013. p. 4.
253. BASTOS. 2013. p. 4.
254. OLIVEIRA. 2019. p. 12.
255. TORRES. 2008. p. 25.
256. MARTINS. 2010. p. 1-2.
257. ARAÚJO. 2017. p. 8.
258. ALMEIDA; ALMEIDA; GOMES. 2019. p. 4.
259. ALMEIDA; ALMEIDA; GOMES. 2019. p. 5.
Leitura recomendada
DORNELLES, Jonas Kunzler Moreira. Viagens pelo sul em três tempos. Cadernos do Instituto de Letras , Porto Alegre, n. 58, p. 150-162. out. 2019. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/91879 >. Acesso em: 22 out. 2021.
ESTIMA, Vinícius Marquesa História da literatura do Rio Grande do Sul, de Guilhermino Cesar : o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense. 2009. 181f. Mestrado (Letras: História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande O FURG. Rio Grande, 2009. Disponível em: < http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2735/viniciusestima.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 16 out. 2021.
GHISOLFI, Alda Maria do Couto. A palavra de Erico Verissimo e a trajetória do mito do gaúcho heroico na literatura rio-grandense. Revista Travessia , v. 11, n. 9, jul./dez., 1985. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/ >. Acesso em: 22 out. 2021.
GRECCO, Gabriela de Lima. Identidade e cânone gaúcho: uma análise da construção identitária sul-rio-grandense através da obra 'Breviário das terras do Brasil' de Luiz Antônio de Assis Brasil. Cadernos do Instituto de Letras , Porto Alegre, n. 51, p. 113-133, dez., 2015. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/54979 >. Acesso em: 06 22 out. 2021.
MAESTRI, Mário. O tempo, o vento e o negro: consolidação literária do mito da democracia pastoril: o cativo, em <i>O Continente</i> , de Érico Veríssimo. Revista Espaço da Sophia , Ano II, n. 30, p. 1-17. set., 2009. Disponível em: < https://www.academia.edu/11199835/ >. Acesso em: 23 out. 2021.
PÓVOAS, Mauro Nicola. Uma história da literatura : Periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2018.
RETTENMAIER, Miguel; VERANDI, Fabiane (organizadores). Literatura gaúcha : cena contemporânea. Passo Fundo: UPF, 2021. Disponível em: < http://editora.upf.br/images/ebook/literatura_gaucha.pdf >. Acesso em: 21 out. 2021.
RUBERT, Nara Marley Aléssio. Em que espécie de homem o gaúcho se transformou? (o regionalismo nos contos gaúchos do século XX). Tese Doutorado (Literatura Brasileira). 2010. 204. f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28002/000766991.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

THESING, Neandro Vieira. **Fronteira, identidade gaúcha, essência**: a busca das origens do Rio Grande do Sul em gaúchos beduínos de Manoelito de Ornellas. 2015. 124 f. Mestrado (História). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9666/THESING%2c%20NEANDRO%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2021.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento, parte I**: O Continente 1/O Continente 2. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZALLA, Jocelito. Memória e identidade no sul do Brasil: o ensaio histórico de Simões Lopes Neto. **Revista Tempos Históricos**, v. 19, p. 208-227, 2015a. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11728>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Rio Grande da Globo: temporalidades regionalistas e edição de livros (1924-1960). **Revista História Unisinos**, v. 19, n. 3. p. 313-324, set./dez., 2015b. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.193.05/5089>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Os homens-fronteira: problemas históricos e soluções ficcionais em Erico Verissimo. **Revista Remate de Males**, v. 36, n. 2. p. 461-479, jun./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8647911/14937>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Historiadores e memória da historiografia no Rio Grande do Sul: a edição póstuma de Terra Gaúcha (1955), de Simões Lopes Neto. **Revista História da Historiografia**, n. 26, p. 148-170. jan./abr., 2018b. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1144/718>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. **A invenção de Simões Lopes Neto**: literatura e memória histórica no sul do Brasil. 2018. 522 f. Tese Doutorado (História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018c. Disponível em: <https://professor.ufrgs.br/jocelitozalla/files/tese_jocelito_zalla_final_ufrj.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.6.5 Eixo temático: temáticas locais

O quinto Eixo Temático fará parte do ‘Capítulo 5’ do ‘Roteiro Proposto’ e será denominado de ‘Temáticas Locais’ com ênfase no município de Bento Gonçalves/RS e apresentará os seguintes temas: a ferrovia em Bento Gonçalves; e os aspectos gerais de Bento Gonçalves, como detalhado na Figura 16.

Figura 16 – Capítulo 5 – Temáticas Locais

(continua)

CAPÍTULO 5 – TEMÁTICAS LOCAIS

As temáticas locais estão relacionadas aos acontecimentos que marcaram a História do Rio Grande do Sul, como representados no Mapa do Rio Grande do Sul ilustrado na Figura 41.

(continuação)

Figura 41 – Mapa histórico do Rio Grande do Sul



Fonte: Secretaria de Turismo e Comunicação do Rio Grande do Sul (2012, p. 2).²⁶⁰

As temáticas locais destacadas neste Roteiro estão relacionadas ao município de Bento Gonçalves, pois o Projeto Tertúlia Mestre (ver Anexo A) é desenvolvido pela Escola Metre Santa Bárbara, que está situada no referido município, cujo projeto é base de inspiração para a elaboração desta obra. Neste capítulo consta a construção da Ferrovia em Bento Gonçalves, marco histórico que protagonizou a trajetória da economia da região e; também são apresentados os conhecimentos gerais do município de Bento Gonçalves/RS.

Nota de referência

260. SECRETARIA DE TURISMO E COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. 2012. p. 2.

Ferrovia em Bento Gonçalves

O Rio Grande do Sul considerado como uma Província nos limites com o Rio da Prata, cuja região apresentou conflitos desde o período colonial entre os espanhóis e os portugueses, fazia com que o Império tivesse um tratamento distinto para a região. Diante disso, enquanto nas outras províncias, as linhas férreas foram construídas de acordo com os interesses particulares das elites locais não tendo qualquer plano regional e/ou viação nacional, no Rio Grande do Sul devido à sua posição estratégica para o país havia um projeto de viação.²⁶¹

(continuação)

Nas primeiras décadas do século XX, o trem propiciou ao Rio Grande do Sul o impulso para o seu desenvolvimento econômico, sendo que na Região da Serra a ferrovia passou a ser o caminho para o escoamento das produções agrícola, comercial e industrial e modificou a paisagem da referida região, pois em seu entorno foram fundadas casas de comércio, bares e pousadas.²⁶²

No ano de 1909 foi iniciada a construção da linha férrea que ligava os municípios de Carlos Barbosa, Garibaldi e Bento Gonçalves e concluída no ano de 1919, atualmente denominada popularmente de Ferrovia do Vinho.²⁶³ Na Figura 42 é apresentada a imagem da Estação Ferroviária de Bento Gonçalves.

Figura 42 – Estação Ferroviária de Bento Gonçalves



Fonte: Frazão (2019, p. 1).²⁶⁴

No ano de 1943 foi instalado em Bento Gonçalves o 1º Batalhão Ferroviário que foi o responsável pela construção do Tronco Principal Sul, ligando Porto Alegre e São Paulo², o que propiciou um impulso para o desenvolvimento econômico e cultural do município de Bento Gonçalves.²⁶⁵

Em função das características geográficas de Bento Gonçalves, o trecho foi considerado o mais desafiador para os trabalhadores, mas foram construídos em torno de 1,5 quilômetros de estradas férreas no Estado do Rio Grande do Sul até a transferência para o município de Lages em Santa Catarina, no ano de 1971.²⁶⁶

A linha férrea de Bento Gonçalves transportou passageiros até a década de 1970 e o transporte de cargas até o ano de 1990, a partir disso, passou a ser explorada para o turismo em 1992 e está ativa até os dias de hoje com a mesma atividade turística, ao que se denomina de 'Passeio de Maria Fumaça'²⁶⁷, como ilustrado na Figura 43.

(continuação)

Figura 43 – Maria Fumaça

Fonte: Zat (2010, p. 38).²⁶⁸

Notas de referências

261. RANSOLIN. 2006. p. 14.

262. ANDRADE. 2020. p. 3.

263. ANDRADE. 2020. p. 15.

264. FRAZÃO. 2019. p. 1.

265. DE PARIS. 2013. p. 40.

266. ANDRADE. 2020. p. 17.

267. ANDRADE. 2020. p. 17.

268. ZAT; PASSARIN. 2010. p. 38.

Leitura recomendada

BORGES, Vera Lúcia Bogéa; FRAGA, Carla. **Turismo e ferrovia no Brasil**: Um estudo sobre as heranças da Primeira República. p. 1-14. Publicado em: 27 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/24.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa; RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie; ECKERT, Cornelia. Etnografias DA duração e os desejos de memória ferroviária no sul do Brasil. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 11, n.1, p. 83-109, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6652/5617>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SCHINOFF, Roberto Amaral; DE BEM, Judite Sanson. A etnicidade dos imigrantes italianos representada pela Ferrovia do Vinho de Bento Gonçalves. **Revista Mouseion**, n. 38, p. 1-12, set. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/File/8249/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

Bento Gonçalves: aspectos gerais

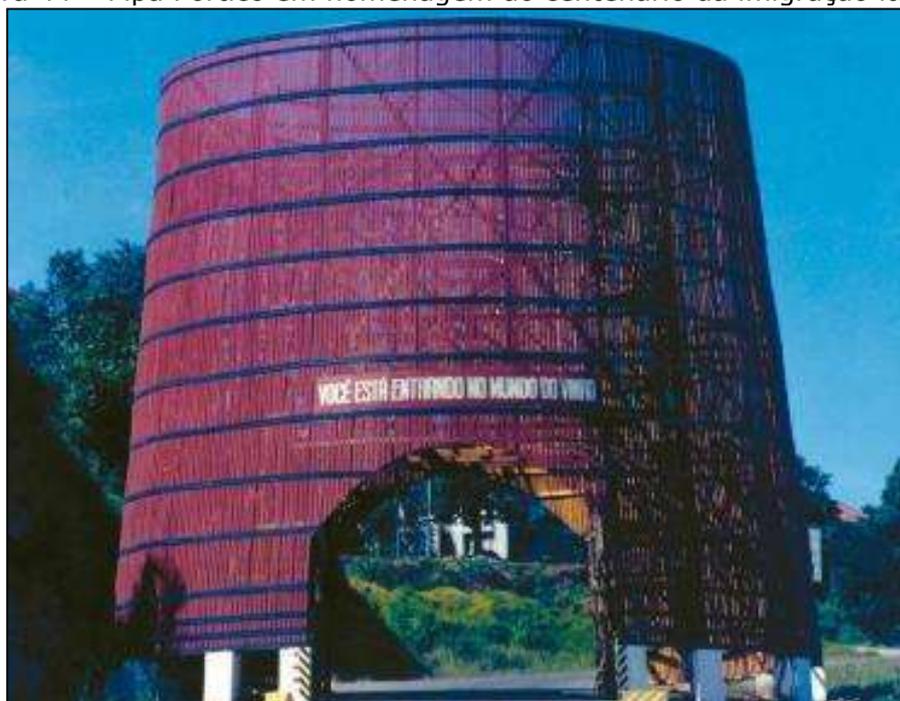
A criação de Bento Gonçalves está relacionada ao desmembramento da Colônia Dona Isabel do município de Montenegro, que foi oficializado por meio do Acto nº 474, de 11 de outubro de 1890, por Cândido Costa constituindo o atual município de Bento Gonçalves, cujo nome foi dado em homenagem ao general Bento Gonçalves da Silva, que fora o chefe da Revolta Farroupilha.²⁶⁹

Bento Gonçalves se desenvolveu de maneira rápida com a chegada dos imigrantes no século XIX e apresentou um grande impulso de desenvolvimento com a chegada da Agência do Banco Nacional do Comércio e do Banco Pelotense. No período entre os anos de 1919 e 1927 fora construída a primeira ferrovia e instalada a luz elétrica respectivamente.²⁷⁰

Fizeram parte desse processo a instalação da energia elétrica e da estação transformadora e da rede de distribuição. No ano de 1924 foi fundado o Hospital Dr. Bartholomeu Tacchini, em homenagem ao médico italiano. Em 1950, Bento Gonçalves tinha em torno de 22.600 habitantes e a principal atividade econômica era a agricultura, mas já estavam surgindo indústrias de acordoem, laticínios, móveis, curtume, fábrica de sulfato e as vinícolas.²⁷¹

O pórtico da cidade, é uma 'Pipa', símbolo do vinho em Bento Gonçalves, foi primeiramente construída em 1967 cuja inauguração ocorreu na primeira Festa Nacional do Vinho (Fenavinho). Já, no ano de 1975, foi reconstruída em tábua de madeira²⁷², como ilustrada na Figura 44, porém um vendaval a destruiu; e em 1985, durante a V Fenavinho, foi reconstruída e reinaugurada a 'Pipa Pórtico', mas desta vez foi utilizado o concreto para a sua construção.²⁷³

Figura 44 – Pipa Pórtico em homenagem ao centenário da imigração italiana



Fonte: Zat (2010, p. 29).²⁷⁴

(continuação)

Notas de referências
269. DE PARIS. 2013. p. 22.
270. DE PARIS. 2013. p. 23.
271. DE PARIS. 2013. p. 23.
272. SECRETARIA DE TURISMO DE BENTO GONÇALVES – SEMTUR. 2021. p. 1-2.
273. DE PARIS. 2013. p. 24.
274. ZAT; PASSARIN. 2010. p. 29.
Leitura recomendada
CINI, Aldo; ROCHA, Ana Augusta; DE PARIS, Assunta. Século XX: memórias de Bento Gonçalves . São Paulo: Auana, 2013. Disponível em: < http://www.memoriasdebento.com.br/download/ >. Acesso em: 22 out. 2021.
DE PARIS, Assunta. Memórias: Bento Gonçalves: RS: fundamentação histórica . Bento Gonçalves: Arquivo Histórico Municipal, 2006.
FÁVERO, Ivane Maria Remus. O planejamento do turismo e sua influência na competitividade do destino turístico: o caso de Bento Gonçalves – Serra Gaúcha . 2011. 146 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal). Bento Gonçalves, 2011. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71752/000874216.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 16 out. 2021.
SILVA, Daniel da. De colonos do vinho a agricultores do turismo: a identidade em transformação no distrito de São Pedro, Bento Gonçalves (RS) . 2019. 123 f. Mestrado (História). Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2019. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5147/Dissertacao%20Daniel%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 06 jan. 2020.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.7 Lista das referências utilizadas no ‘Roteiro Proposto’

Na Figura 17 estão listados todos os autores utilizados e as respectivas obras para a elaboração do ‘Roteiro Proposto’, contemplando o nome do autor, o título, o ano de publicação, a editora e o local de publicação e, também, os endereços eletrônicos consultados.

Figura 17 – Lista das referências do ‘Roteiro Proposto’

(continua)

REFERÊNCIAS
ABOTT, Milena de Oliveira. Música, nativismo e regionalismo na literatura sul-rio-grandense . 2011. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português e Espanhol) Universidade Federal do Pampa. Bagé, 2011. Disponível em: < https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/...pdf >. Acesso em: 13 out. 2021.
ACRUCHE, Hevelly Ferreira. Uma disputa por súditos: indígenas, portugueses e espanhóis nos espaços da fronteira sul (1750 - 1761) . In: Anais do I Encontro Fronteiras e Territorialidades. Rio de Janeiro: GT Fronteiras e Territorialidades da ANPUH, p. 108-122, 2019. Disponível em < https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/... >. Acesso em: 14 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O Pampa na cidade**: o imaginário social da música popular gaúcha. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/272#:~:text=...>>. Acesso em: 20 set. 2020.

ALBRECHT, Christian Freire. **Além da carne assada sobre brasas**: os elementos da experiência de consumo do churrasco. 2010. 154 f. Mestrado (Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25155/.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ALMEIDA, Magali Lippert da S.; ALMEIDA, Marion Mello de M.; GOMES, Júlia de Andrade. A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976 - 2016). **Revista Navegações**, v. 12, n. 2, jul./dez., 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/35605/19351>>. Acesso em: 21 out. 2021.

ALVES, Francisco da Neves; TORRES, Luiz Henrique. **Textos do século VIII para o estudo da ocupação lusitana no Brasil Meridional**. CLEPUL: Biblioteca Rio-Grandense. Lisboa/Rio Grande, 2016.

ALVES, José Francisco. **A escultura pública de Porto Alegre**: história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004.

ALVES, Luiz Antônio; ALVES, Sandra Maria Schmith. **Cidades tropeiras**: Região Sul do Brasil. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

AMARAL, Eduardo **Onde estão os negros do Rio Grande do Sul?** Publicado em: 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/especial/onde-est%C3%A3o-os-negros-do-rio-grande-do-sul-1.381578>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

AMSTAD, Theodor. **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924**. São Leopoldo: Edunisinós, 1999.

ANDRADE, Andrei. **O trem passou por aqui**: relegada ao abandono, parte da história ferroviária da Serra sobrevive nas memórias de quem a viveu. Publicado em: 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2020/04/o-trem-passou-por-aqui-relegada-ao-abandono-parte-da-historia-ferroviaria-da-serra-sobrevive-nas-memorias-de-quem-a-viveu-12319116.html>>. Acesso em: 16 out. 2021.

ANDRADE, Bárbara de. **As imigrações açorianas no Brasil**. Publicado em: 07 ago. 2016. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/3507874/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ANTUNES, Eduardo Fernandes. **A dança tradicional gaúcha como fator de mudança**: um estudo na perspectiva sociocultural. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social). Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, 2019. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2020/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-EDUARDO.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

ARAÚJO, Patrícia Vitória Mendes dos Santos; MITIDIARI, André Luis; ARENDT, João Claudio. Mario Quintana na história literária sul-rio-grandense. **Revista Interfaces**, v. 8, n. 2, ago., 2017. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/download/4808/3423>. Acesso em: 21 out. 2021.

ARGENTON, Silmara. **No badalar dos cincerros**: léxico e representação da cultura tropeira na música regionalista gauchesca. 2015. 112 f. Dissertação Mestrado (Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1157/Dissertacao%20Silmara%20Argenton.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS
ASSUMPÇÃO, Jorge Eusébio. Época das charqueadas (1780-1888). In: CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. Releituras da história do Rio Grande do Sul . Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: < https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS >. Acesso em: 06 ago. 2021.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Características gerais . 5. ed. Data de Atualização: julho de 2020a. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/caracteristicas-gerais >. Acesso em: 17 set. 2020.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Ocupação do território . 5. ed. Data de atualização: jul. 2020b. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/ocupacao-do-territorio >. Acesso em: 08 set. 2021.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Comunidade quilombolas : o Rio Grande do Sul possui 146 comunidades quilombolas. Publicado em: 01 out. 2020c. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/comunidades-quilombolas >. Acesso em: 05 ago. 2021.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Equipamentos culturais . 5. ed. Data de atualização: julho de 2020d. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/museus-e-bibliotecas-publicas >. Acesso em: 17 set. 2020.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Erva-mate : o Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de folha verde de erva-mate. 5. ed. Data de atualização: julho de 2020e. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/erva-mate >. Acesso em: 22 out. 2021.
ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Rio Grande do Sul . 6. ed. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Planejamento Governamental. Data de atualização: 22 abr. 2021. Disponível em: < https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/edicao >. Acesso em: 07 jul. 2021.
AZEREDO, Flávio Antônio de. Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul . Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. Disponível em: < https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2720/1/Heran%C3%A7a%20a%C3%A7oriana%20nas%20dan%C3%A7as%20tradicionais%20do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf >. Acesso em: 13 out. 2021.
BACCA, Ademir Antônio (org.). 150 anos imigração italiana Rio Grande do Sul : Volume 1, II e III. Rio Grande do Sul: Proyecto Cultural Sur Brasil, 2020.
BARBOSA, Fidélis Dalcin. História do Rio Grande do Sul . Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.
BARCELOS, Carolina. O mercado de bombacha : uma análise cultural para traçar o perfil do consumidor gaúcho. 2009. 105 f. Monografia (Relações Públicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2009. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22322/000739598.pdf?...1 >. Acesso em: 18 set. 2020.
BARROSO, Véra Lucia Maciel, O tropeirismo na formação do Sul. In: OLIVEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coordenadores). História geral do Rio Grande do Sul . Passo Fundo: Méritos, 2006.
BASTOS, Rogério. Os usos e costumes do gaúcho . Publicado em: 24 jun. 2013. Disponível em: < http://www.rogeriobastos.com.br/2013/06... >. Acesso em: 18 set. 2020.
BAUER, Jonei. Tropeirismo, patrimônio da humanidade . Publicado em: ago. 2012. Disponível em: < https://www.portaldorancho.com.br/portal/tropeirismo-patrimonio-da-humanidade >. Acesso em: 18 set. 2020.
BENTO, Cláudio Moreira. A guerra da restauração do Rio grande do Sul. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996. Disponível em: < http://www.ahimtb.org.br/A%20GUERRA%20DE%20RECONQUISTA%20RGS%20FINAL%20conclusao.pdf >. Acesso em: 13 ago. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Aline Dias. **O chimarrão como patrimônio imaterial gaúcho**: os sentidos atribuídos ao desejo de preservação, 2021. 66 f. Monografia (Turismo). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/bitstream/3540000/0/3409/1/MONOGRAFIA_...pdf> Acesso em: 15 out. 2021.

BERUTE, Gabriel Santos. **Dos escravos que parte para os portos do sul**: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825. 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10917/000602867.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BIANCALANA, Gisela Reis. Danças tradicionalistas riograndenses, gênero e memória. **Revista Conceição/Concept**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 23-33, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/7/224>> Acesso em: 13 out. 2021.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa; FRAGA, Carla. **Turismo e ferrovia no Brasil**: Um estudo sobre as heranças da Primeira República. p. 1-14. Publicado em: 27 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/24.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

BORIN, Marta Rosa. (org.). **Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 5)**: as religiões protestantes: história, fontes e metodologia de pesquisa. São Paulo: ANPUH, 2017.

BRASIL. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LIM&numero=3353&ano=1888&ato=25f0TPn5keVRVT6f8>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

BRUM, Ceres Karam. **"Esta terra tem dono"**: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul. Santa Maria: UFSM, 2006.

BRUM, Ceres Karam. **"Educar para ser gaúcho"**: breves apontamentos sobre as relações entre o movimento tradicionalista gaúcho e a escola. In: IX Congresso Argentino de Antropologia Social. *Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008a*. Disponível em: <<https://cdsa.academica.org/000-080/145.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2021.

BRUM, Ceres Karam. **Indumentária gaúcha**: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In: 32º Encontro Anual DA ANPOCS GT 9 – Cultura Brasileira Modos e Estilos de Vida, 2008b. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt09-17/2360-...indumentaria/>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRUM, Ceres Karam. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n138/v39n138a05.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

BRUM, Ceres Karam. **Em busca de um novo horizonte**: o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do tradicionalismo. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 311-342, jul./dez. 2013, Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v19n40/a12v19n40.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho. **Revista RA´EGA**, Curitiba, n. 17, p. 17-30, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11862/>>. Acesso em: 16 out. 2021.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração italiana no Rio Grande do Sul – Brasil**. In: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, 13-15, p. 1-24. 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16340/4241L>> Acesso em: 12 out. 2021.

BURNS, Peter. M. **Turismo e antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.

(continuação)

REFERÊNCIAS

CALVI, Francis. **Tradicionalismo**: relações entre cultura gaúcha e a cultura de descendentes de italianos em Encantado/RS. 2015. 121 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2015. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/840/1/2015FrancisCalvi.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

CAMANI, Emanuele Bitencourt Neves. **"Peleia" luso-castelhana e os efeitos de sentidos em o linguajar do gaúcho brasileiro de Dante de Laytano**. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9874/...y>>. Acesso em: 01 out. 2021.

CAMARGO, Odalgil Nogueira de. **Falando em tradição e folclore**: conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. 2. ed. Passo Fundo: Méritos, 2006.

CAMPOS, Antonio Evaristo Zanchin de. **De andarilho a herói dos Pampas**: história e literatura na criação do gaúcho herói. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/331/Dissertacao%20Antonio%20E%20Z%20de%20Campos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2021.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS>. Acesso em: 06 ago. 2021.

CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. Série 5., v. 246. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1946. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/332/1/246%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CARRION, Raul. **Revolução Farroupilha**. 6. ed. Rio Grande do Sul: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: <http://www.raulcarrion.com.br/publicacoes/caderno_rev_farroupilha.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

CASEMIRO, Tiago. **Quais são os três maiores grupos de imigrantes europeus que ocuparam a região Sul do Brasil? E em quais áreas eles se fixaram?** Publicado em: 22 out. 2019. Disponível em: <<https://pt.quora.com/...>>. Acesso em: 22 out. 2021.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1956.

CHALHOUB, Sidney. O problema do tráfico africano de escravos na independência e formação do estado (Brasil, décadas de 1820 a 1840). **Iberoamericana. Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies**, v. XL, n. 1-2, p. 45-71, 2010. Disponível em: <<https://www.iberoamericana.se/articles/10.16993/ibero.53/galley/50/download/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão**: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

CHAVES, Ricardo. **Uma mulher chamada Jacobina**. Publicado em: 14 mar. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/03/uma-mulher-chamada-jacobina-9747437.html>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. A guarda nacional sul-rio-grandense e a aplicação da lei de terras: expressão de uma política de negociação. In: POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIERA.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

CINI, Aldo; ROCHA, Ana Augusta; DE PARIS, Assunta. **Século XX**: memórias de Bento Gonçalves. São Paulo: Auana, 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasdebento.com.br/download/>>. Acesso em: 22 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

CIRNE, Paulo Roberto de Fraga. O começo do tradicionalismo gaúcho. In: CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS>. Acesso em: 11 ago. 2021.

CÔRTEZ, Paixão; LESSA Barbosa. **Manual de danças gaúchas**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.

CREMONESE, Dejalma. O Massacre do Fundão: memória, oralidade e resistência. Uma história de perseguição e morte na comunidade dos Monges Barbudos no Centro-Serra do Rio Grande do Sul. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação**. Santa Maria: UFSM, 2003.

DACANAL, José Hildebrando. (organizador). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

DAMIANI, Nadir Lurdes. **Reduções Jesuítas, resumo – 1º e 2º período**. Publicado em: 12 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1420/reducoes-jesuitas-%E2%80%93-resumo---1%C2%BA-e-2%C2%BA-periodo.html>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/UCS, 1979.

DE PARIS, Assunta. História sobre Bento Gonçalves. In: CINI, Aldo; ROCHA, Ana Augusta; PARIS, Assunta de. **Século XX: memórias de Bento Gonçalves**. São Paulo: Auana, 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasdebento.com.br//>>. Acesso em: 16 out. 2021.

DE PARIS, Assunta. **Memórias: Bento Gonçalves: RS: fundamentação histórica**. Bento Gonçalves: Arquivo Histórico Municipal, 2006.

DELFINO, Henrique C.; CARLOS, Caio J.. O guardião dos campos: um estudo sobre o comportamento do quero-quero *Vanellus chilensis* (Aves: *Charadriiformes*) no sul do Brasil. **Revista Iheringia, Série Zoologia**, v. 110, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/isz/a/yWpVLgpTzqnbnvs58CDqgc5z/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 out. 2021

DIAS, Maria Alice Medeiros; DILIGENTI, Marcos Pereira. **O laçador: espectro de significação e identidade. Revista Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 36, p. 209-227, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/...>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O consumo de música regional como mediador da identidade**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6294/DIAS%2c%20VALTON%20NETO%20CHAVES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 maio 2021.

DILMANN, Mauro. (org.). **Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 4): matriz afro-brasileira**. São Paulo: ANPUH, 2016.

DOMINGUES, Beatriz Helena. As missões jesuítas entre os guaranis no contexto da ilustração. **Revista História**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 44-69, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/znv4fFBMQX6r7jYqxZbpPYR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 out. 2021.

DORNELLES, Jonas Kunzler Moreira. Viagens pelo sul em três tempos. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 58, p. 150-162. out. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/91879>>. Acesso em: 22 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

DORNELLES, Laura de Leão. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais (RBHCS)**, v. 2, n. 4, dez., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/download/10409/6755/30540>>. Acesso em: 14 out. 2021.

DREHER, Martin Norberto **Igreja e germanidade**: um estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo/Porto Alegre/Caxias do Sul: Sinodal/EST/EDUCS, 1984.

DUTRA, Kelly Janaina. **Consumo, cultura e identidade**: a indumentária sul-rio-grandense. 2014. 125 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2014. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5765/3/AP_CODEM_2014_2_10.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

ECKER, Adari. **Símbolos oficiais do Rio Grande do Sul**. Publicado em: 29 jul. 2017. Disponível em: <<https://gazeta670.com.br/coluna?id=1610>>. Acesso em: 19 set. 2020.

ESCOLA MESTRE SANTA BÁRBARA. **Projeto Tertúlia Mestre**. Bento Gonçalves. 2015; 2019; 2020.

ESTIMA, Vinícius Marquesa **História da literatura do Rio Grande do Sul, de Guilhermino Cesar**: o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense. 2009. 181f. Mestrado (Letras: História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande do FURG. Rio Grande, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2735/viniucsestima.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 out. 2021.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Curso de tradicionalismo gaúcho**. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1995. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/hist/crono.htm>>. Acesso em: 22 out. 2021.

FÁVERO, Ivane Maria Remus. **O planejamento do turismo e sua influência na competitividade do destino turístico**: o caso de Bento Gonsalves – Serra Gaúcha. 2011. 146 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal). Bento Gonçalves, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71752/000874216.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 out. 2021.

FERNANDES, Claudio. **Revolução Farroupilha**. Publicado em: 26 jan. 2012. Disponível em: <<http://claudiohistoria.blogspot.com/2012/01/revolucao-farroupilha.html>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecília Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil**: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro>. Acesso em: 03 ago. 2021.

FERTIG, André. A guarda nacional do Rio Grande do Sul nas Guerras do Prata:1850-1873. In: POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIERA.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021. p. 131.

FILATOW, Fabian. **Do Sagrado à heresia**: o caso dos monges barbudos (1935-1938). 2002. 144 f. Mestrado (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165946/000330694.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16. out. 2021.

FILATOW, Fabian. **O movimento religioso dos monges barbudos e suas fontes**. In: XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS, Santa Cruz do Sul, p. 1-16. 18-21 jul. 2016a. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1468713196_ARQUIVO_FabianFilatow-ArtigoCompleto-ANPUH-RS2016.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

FILATOW, Fabian. A heresia política dos monges barbudos no período de consolidação do Estado Novo: fontes, historiografia, contexto. **Revista História Unicap**, v. 3 , n. 6, jul./dez., 2016b. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4021>>. Acesso em: 16 out. 2021.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. (organizador). **Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 3)**: manifestações da religiosidade indígena. São Paulo: ANPUH, 2014.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ZANOTTO, Gizele. (orgs.). **Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 6)**: campo religioso sul-rio-grandense. São Paulo: ANPUH, 2018.

FLORES, Moacyr (organizador). **1893-1895: a revolução dos Maragatos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

FLORES, Moacyr. **Cultura sul riograndense**. EST Edições e ICP e CIPEL., 1981.

FLORES, Moacyr. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 10 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2018.

FONTANA, André. **Identidades gaúchas: serranos, pampeanos, missioneiros e outras variações em o Tempo e o Vento**. 2007. 194 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1014/Dissertacao%20Andre%20Fontana.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2021.

FRANCESCON, Maryanne. **A gaita ponto na Região Sul do Brasil**: relação dialética entre seus aspectos socioculturais e técnico musicais. 2017. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Música – Pesquisa em Música). Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3194/TCC%20-%20Maryanne%20Francescon.pdf?sequence=4&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 out. 2021.

FRANCHI, Diones Piazer. **O ensino da história através da tv e as mídias digitais**. 2016. 104 f. Mestrado Profissional (História). Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande. 2016. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistema/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

FRAZÃO, Mateus. **Símbolo de revolução econômica na região, estação ferroviária de Bento Gonçalves completa 100 anos**. Publicado em: 10 ago. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2019/8/simbolo-de-revolucao-economica-na-regiao-estacao-ferroviaria-de-bento-goncalves-completa-100-anos>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Revista Educação**, Ano XXVII, v. 2, n. 53, p. 263-281, maio/ago., 2004. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/382/279>>. Acesso em: 18 set. 2020.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA ESTATÍSTICA – FEE. **RS em números**. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/20170918rs-em-numeros-2017.pdf>>. Acesso em: 21. out. 2021.

GASPAR, Waleska Sheila. Discurso e imprensa: interpretações sobre a Revolução Federalista no jornal o Estado de São Paulo (1893-1895). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 154, p. 115-141, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/...>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

GERHARDT, Marcos. Colonos Ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. **Revista Esboços**, v. 18, n. 25, p. 73-95, ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/download/2175-7976.2011v18n25p73/21533/78434>>. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

GERTZ, René E.. Colonização: segunda fase. In: CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Corag, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS>. Acesso em: 02 maio 2021.

GHISOLFI, Alda Maria do Couto. A palavra de Erico Verissimo e a trajetória do mito do gaúcho heroico na literatura rio-grandense. **Revista Travessia**, v. 11, n. 9, jul./dez., 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/>>. Acesso em: 22 out. 2021.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Política luso-espanhola para a Região do Rio da Prata na 2ª metade do século XVIII**: Rio Pardo e a defesa das fronteiras. 2019. 43 f. Artigo (Especialização História Militar). Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/9216/RIOPARDOArtDefUnisul.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa. **Colônia**: um conceito controverso. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GIRON, Loraine S.; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.

GIRON, Loraine Slomp. **Presença africana na serra gaúcha**: subsídios. Porto Alegre: Suliani, 2009.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. A destruição do espaço missionário. In: POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIERA.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2021.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. **Revista Navigator**, v. 7, n. 14, p. 46-58, 2011. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/442/423>>. Acesso em: 14 out. 2021.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **Cartografia e combate naval na reconquista do Rio Grande**: 19 de fevereiro de 1776. In: V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://popa.com.br/acervo/_2014/DIVERSOS/1776-02-19-cartografia-e-combate-naval-tau-golin_1378738038.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **A guerra guaranítica**: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

GOMES, Ana Carolina Rios. **Patrimônio cultural imaterial**: o tradicionalismo sul-rio-grandense e a multiterritorialização da identidade gaúcha. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, SP, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95565/.pdf...>>. Acesso em: 05 maio 2021.

GOMES, Ana Carolina Rios; BERG, Tiago José. Semana Farroupilha e o 20 de setembro no Rio Grande do Sul: discutindo patrimônio memória e simbolismo. **Revista Espaço & Geografia**, v. 16, n. 2, p. 719-745, 2013. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/view/275/0>>. Acesso em: 04 maio 2021.

GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma cronologia atlântica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (organizadores). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <<http://www.joinville.ifsc.edu.br/...pdf>>. Acesso em: 14 out. 2021.

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa; RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie; ECKERT, Cornelia. Etnografias DA duração e os desejos de memória ferroviária no sul do Brasil. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 11, n.1, p. 83-109, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/6652/5617>>. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

- GRECCO, Gabriela de Lima. Identidade e cânone gaúcho: uma análise da construção identitária sul-rio-grandense através da obra 'Breviário das terras do Brasil' de Luiz Antônio de Assis Brasil. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 51, p. 113-133, dez., 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/54979>>. Acesso em: 06 22 out. 2021.
- GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (org.). **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GRZYBOVSKI, Denize; PEREIRA, André da Silva. Desenvolvimento econômico na região colonial no Rio Grande do Sul: uma análise histórica das implicações da constituição econômica de 1891 nas empresas familiares. **Revista Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, ano 11, n. 24, set./dez., 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/528/2508>>. Acesso em: 02 maio 2021.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. **Revista Topoi**, v. 10, n. 19, p. 70-89. jul./dez., 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/QMDFcXgHHQN3yTFSrm5Q3Yr/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- GUTIERREZ, Jaína Funes; FERREIRA, Paulo Amaro; GIRON, Loraine Slomp. **Negros na Serra gaúcha**. In: XVIII Encontro de Jovens Pesquisadores. Universidade de Caxias do Sul, 21-23 set. 2010. Disponível em: <https://www.uces.br/ucs/tplJovensPesquisadores2010/pesquisa/jovens_pesquisadores2010/resumos/resumo/humanas/Jaina%20Funes%20Gutierrez_419.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.
- HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. **O sistema de parceria e a imigração europeia**. Rio Grande do Norte: Unigráfica, 2014.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**. 9. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (organizadores). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.
- IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: FROSI, Vitalina Maria; MISTURINI, Bruno (organizadores). **Imigração italiana: estudos e pesquisas**. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Rio Grande do Sul: panorama**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>>. Acesso em: 21 out. 2021.
- IOTTI, Luiza Horn. **Os estados brasileiros e italiano e a imigração italiana no RS**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, p. 1-11, jul. 2011. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299600613_ARQUIVO_textoanpuhsaopaulo.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.
- JOHANN, Natália Martins dos Santos. **A representação do gaúcho nos livros didáticos: a influência do tradicionalismo na educação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/205508>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- KEGLES, Nataniel. **Opinião: porque música gaúcha/nativista não prospera**. Publicado em: 05 dez. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@nkegles/opini%C3%A3o-porqu%C3%AA-m%C3%BA-sica-ga%C3%BA-cha-nativista-n%C3%A3o-prospera-32490c747cf2>>. Acesso em: 05 maio 2021.
- KNECHT, Viane. **A atividade tropeiro em Nova Bréscia/RS (1930-1960)**. 2014. 36 f. Monografia (História). Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/705/1/2014....pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS

KONFLANZ, Celso. **A moderna tradição gaúcha**: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho. 2013. 180 f. Dissertação (Mestre). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://tede2...puhrs.br/tede2/bitstream/tede/4715/1/448318.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2021.

KOPP, Maria da Glória Lopes. **A chave do céu e a porta do inferno**: os monges barbudos de Soledade e Sobradinho. 2014. 281 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2014. Disponível em: <<https://repositorio.puhrs.br/dspace/bitstream/10923/6697/1/000459210-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

KÜHN, Fábio. A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII. **Revista Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 25 n. 2, p. 91-112, dez. 1999. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.puhrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/25507/14904>>. Acesso em: 14 out. 2021.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

KUJAWA, Henrique Aniceto. **Cultura e religiosidade cabocla**: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul, 1938. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo (UPF). 2001.

KUJAWA, Henrique Aniceto. Movimento dos Monges Barbudos: representações do monge João Maria como processo identitário da cultura gaúcha. **Revista Esboços**, v. 19, n. 28, p. 151-168, dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n28p151/25636>>. Acesso em: 16 out. 2021.

KUNZ, Marinês Andrea. Jacobina Mentz Maurer: a representação de uma líder. **Protestantismo em Revista: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP)**. Escola Superior de Teologia, v. 2, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2172/2077>>. Acesso em: 03 maio 2021.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Os nativos charrua/minuano, guarani e *kaingang*: do protagonismo indígena e as relações interculturais em territórios de planície, serra e planalto do Rio Grande do Sul. In: CARELLI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/35348048/Livro_Digital_Hist%C3%B3ria_do_RS>. Acesso em: 06 ago. 2021.

LAYTANO, Dante de. A alimentação do gaúcho brasileiro. **Revista Ciência & Trópico**, Recife, v. 8, n. 2, p. 137-159, jul./dez., 1980. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/239/135>>. Acesso em: 15 out. 2021.

LAYTANO, Dante de. **Folclore do Rio Grande do Sul**: costumes e tradições gaúchas. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

LEAL, Tiago Pereira. **Continuidade versus ruptura**: a tipificação do gaúcho pelo MTG. Publicado em: 23 maio 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/26497329/...C3%A7%C3%A3o_do_ga%C3%BAcho_pelo_MTG>. Acesso em: 03 abr. 2020.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. In: Coletâneas da Legislação Tradicionalista. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 1999.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**: como surgiu o Rio Grande. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2002.

LIMA, Luiz Octavio de. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Planeta, 2016.

(continuação)

REFERÊNCIAS

LIMA, Maurício Lopes. **O mal estar de uma identidade regional**: representações do trabalhador negro escravizado e seus descendentes na historiografia Rio-grandense: Assis Brasil, Alcides Lima, Salis Goulart e Dante de Laytano. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado História). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/179/1/2014MauricioLopesLima.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

LORENSI, Deise Caroline Trindade. **Geografia cultural e música gaúcha**: a construção da paisagem cantada da 13ª Região Tradicionalista do Rio Grande do Sul. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14366/...=y>>. Acesso em: 20 set. 2021.

LORSCHIEDER, Guilherme Milani. **Brasão do Rio Grande do Sul**: entenda seu significado! Publicado em: 16 de maio de 2016. Disponível em: <<https://estanciavirtual.com.br/inicial/2016-05-10-1-s-c3-8dmbolos-do-nosso-rio-grande-bras-c3-83o-do-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 16 set. 2020.

LORSCHIEDER, Guilherme Milani. **Culinária gaúcha**: cultura e folclore do rio grande do sul. Publicado em: 21 fev. 2018. Disponível em: <<https://estanciavirtual.com.br/inicial/2018-02-21-culin-c3-81ria-ga-c3-9acha-cultura...>>. Acesso em: 03 maio 2021.

LORSCHIEDER, Guilherme Milano. **Símbolos do Rio Grande do Sul**. Publicado em: 21 abr. 2019. Disponível em: <<https://estanciavirtual.com.br/inicial/simbolos-do-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 16 set. 2020.

LORSCHIEDER, Guilherme Milani. **Guia de estudos de danças folclóricas e tradicionais gaúchas**. Publicado em: 11 de abril de 2020. Disponível em: <<https://estanciavirtual.com.br/inicial/dancas-folcloricas-e-tradicionais-gauchas/>>. Acesso em: 05 maio 2021.

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUFT, Marcos Vinícios. **"Essa guerra desgraçada"**: recrutamento militar para a Guerra da Cisplatina (1825-1828). 2013. 238 f. Mestrado (História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76239/...pdf=>>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

LUNELLI, Diego Conto. **Performance e religiosidade: ritmo, canto e poesia oral nos rituais de batuque e umbanda em Caxias do Sul/RS**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura). Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3379/...>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/364142.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/365320.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2020.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. A dança e o movimento tradicionalista gaúcho: entrevista com Paixão Côrtes. **Revista Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 295-304, set., 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042...>>. Acesso em: 04 maio 2021.

MACEDO, José Rivair. Entendendo a diáspora africana no Brasil. In: FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecilia Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil**: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), p. 21-42. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro-da-africa-aos-indigenas-do-brasil-1>. Acesso em: 06 ago. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

MACHADO, Mariângela. **Projeto Memórias da Revolução Farroupilha é destaque no Memorial do RS**. Publicado em: 02 set. 2018. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/memorias-da-revolucao-farroupilha-e-destaque...>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004.

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. **Revista de Humanidades**, v. 07, n. 18, p. 439-460, out./nov., 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187466/000562307.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 out. 2021.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Gauchismo, tradição e tradicionalismo. **Cadernos IHU Ideias**, n. 87, 2007. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/087_cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MAESTTRI, Mário. **Breve histórico da escravidão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. (Série Revisão, v. 25).

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (UPF), 2010a.

MAESTRI, Mário. A região colonial italiana do Rio Grande do Sul: a construção da memória. In: TEDESCO, João Carlos; ZANINI, Maria Catarina C.. (organizadores). **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2010b. Disponível em: <https://www.academia.edu/11555338/A_Regi%C3%A3o_Colonial_Italiana_do_Rio_Grande_do_Sul_A_Constru%C3%A7%C3%A3o_da_Mem%C3%B3ria>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MAESTRI, Mário. Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 297-331.

MAESTTRI, Mário. **História e historiografia do trabalhador escravizado no RS: 1819-2006**. *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Centro de Estudios Avanzados. Programa de Estudios Africanos*, p. 53-88, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/coediciones/20100823031132/06mae.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MAESTRI, Mário. O tempo, o vento e o negro: consolidação literária do mito da democracia pastoril: o cativo, em *O Continente*, de Érico Veríssimo. **Revista Espaço da Sophia**, Ano II, n. 30, p. 1-17. set., 2009. Disponível em: <<https://www.academia.edu/11199835/...>>. Acesso em: 23 out. 2021.

MAESTRI, Mário. (organizador). **Peões, gaúchos, vaqueiros, cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril no Brasil. v. 1. Passo Fundo: UPF, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/11344497/...v_1>. Acesso em: 23 out. 2021.

MAESTRI, Mário. Guerra Farroupilha: história e mito. **Revista Espaço Acadêmico**, Ano II, n. 21, fev. 2003. Disponível em: <https://www.academia.edu/27571735/Guerra_Farroupilha_Hist%C3%B3ria_e_Mito_REA_n_21_fevereiro_de_2003>. Acesso em: 23 out. 2021.

MAESTRI, Mário. **O plano de guerra paraguaio em uma guerra assimétrica: 1865**. In: IV Encontro Internacional de História sobre a Guerra da Tríplice Aliança, Corrientes, Argentina, 8-10 nov. 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/10966036/O_...>. Acesso em: 23 out. 2020.

MAESTRI, Mário. **A intervenção do Brasil no Uruguai e a Guerra do Paraguai**: a missão Saraiva. In: *V Encuentro sobre las Operaciones Belicas Durante la Fuerra de la Triple Alianza*. República del Uruguay, Montevideo, 23-25 out. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/10994719/A_...>. Acesso em: 23 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

MAESTRI, Mário. As espadas do Império: a Guerra do Paraguai e a gênese de um exército nacional profissional. **Diálogos – Revista do Departamento de História**, v. 19, n. 3, p. 981-1016, set./dez., 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3_055_4330200_5>. Acesso em: 23 out. 2021.

MARTINS, Jefferson Teles. **A questão da identidade regional**: historiografia e a definição do "campo" historiográfico rio-grandense. In: X Encontro Estadual de História, Santa Maria, 26-30 jul., 2010. Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278972363_ARQUIVO_.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAZOCCO, Franciele Secco. **O comportamento do consumidor de churrasco em churrascarias no Rio Grande do Sul**. 2016. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148396/001002574.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 out. 2021.

MEDEIROS, Saul de. **Umbanda**: um encontro na diversidade racial: uma instituição a serviço do bem. São Paulo: Ícone, 2011.

MEDINA, Ricardo Teles Sinval. **Saga**: retrato das colônias alemãs no Brasil. São Paulo: Terra Virgem, 1997.

MEINERZ, Carla Beatriz. Prefácio. In: FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecilia Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil**: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), p. 6-11. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro-da-africa-aos-indigenas-do-brasil-1>. Acesso em: 03 ago. 2021.

MEIRA, Ana Lúcia Goetzer. **O patrimônio histórico e artístico nacional no Rio Grande do Sul no século XX**: atribuição de valores e critérios de intervenção. 2008. 483 f. Tese de Doutorado (Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14319>>. Acesso em: 16 out. 2021.

MENEZES, Alfredo de Mota. **Guerra do Paraguai**: como construímos o conflito. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.

MESSIAS, Talita Alves de. A guerra grande e a Província de São Pedro (1839-1852). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 154, p. 89-114, jul. 2018. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewfile/84238/49031>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MICHELIN, Rita Lourdes; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Cultura gaúcha: a percepção dos frequentadores da XXIX semana farroupilha do CTG Nova Querência - Boa Vista - Roraima. **Revista Cultur – Revista de Cultura e Turismo**, ano 11, n. 3, out, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/1163>>. Acesso em: 04 maio 2021.

MILANESI, Dálcio Aurélio. Sobre a Guerra do Paraguai. **Revista Urutágua**, v. 2, n. 5, p. 1-11, dez./jan./fev./mar. 2021. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53505661/06his_milanesi-with-cover-page-v2.pdf...>. Acesso em: 15 out. 2021.

MIRANDA, Marcia Eckert, **Fiscalidade e Guerra**: o Rio Grande do Sul e o Brasil na Guerra da Cisplatina. In: IX Encontro Estadual de História. 2008. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1210594110_ARQUIVO_Artigo-IXEEHANPUH-2008.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

MOELLMANN, Leatrice. As migrações dos séculos XIX e XX, parte I - os alemães. **Revista Ágora**, n. 35, p. 9-26. Publicado em: 23 maio 2011. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/download/224/pdf/793>>. Acesso em: 24 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

MORAIS, Raquel. **Historiador diz que arquivos secretos da Guerra do Paraguai são 'míticos'**. Publicado em: 13 dez. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/12/historiador-diz-que-arquivos-secretos-da-guerra-do-paraguai-sao-miticos.html>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MOREIRA, Igor. **O espaço Rio-grandense**. São Paulo: Ática, 2007.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Sobre fronteira e liberdade: representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864/1870). **Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 6, n. 9, p. 119-149, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6208>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Seduções, boatos e insurreições escravas no Rio Grande do Sul na segunda metade dos oitocentos**. In: V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Publicado em: 10 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/moreira%20paulo%20roberto%20staudt.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Voluntários Negros da Pátria: o recrutamento de escravos e libertos na Guerra do Paraguai. In: POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira: estudos de história militar do Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/...pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; MATHEUS, Marcelo Santos. Processo e estrutura: o fim da escravidão e a persistência dos castigos físicos (Rio Grande do Sul, final do século XIX). **Revista História Unisinos**, v. 24, n. 2, p. 269-281, maio/ago., 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist...242.08/60747715>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOREIRA, Maria Eunice; PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma revolução pelas palavras: histórica revista do Partenon Literário, que completa 150 anos, ganha reprodução online**. Publicado em: 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/04/uma-revolucao-pelas-palavras-historica-revista-do-partenon-literario-que-completa-150-anos-ganha-reproducao-online-cjuy3tw7c01a101ro8w9kkngy.html>>. Acesso em: 16 out. 2021.

MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 24, p. 243-254, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/R6CtMNFZpZnNrB6HLZ4QRN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2021.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. Invasão paraguaia no Rio Grande do Sul: aspectos navais. **Revista Navigator**, v. 11, n. 22, p. 70-74, 2015. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/574>>. Acesso em: 14 out. 2021.

NEUBERGER, Francielle; VISENTINI, Monize Sâmara; CHAGAS, Fernanda Bard. A tradição gaúcha de tomar chimarrão refletida nos hábitos de consumo de erva-mate em diferentes classes sociais. **RAIMED - Revista de Administração IMED**, v. 6, n. 2, p. 118-148, jul./dez., 2016. Disponível em: <<http://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/1299/990>>. Acesso em: 15 out. 2021.

NEUMANN, Eduardo Santos. **O trabalho guarani missioneiro no Rio da Prata colonial, 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NONNENMACHER, Marisa Schneider. **Aldeamentos kaingang no Rio Grande do Sul: século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

OLIVEIRA, Thaís de. **O gaúcho/gaúcho e a literatura gauchesca**. Publicado em: 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://facnpar.com.br/conteudo-arquivos/arquivo-2019-08-29-156709551397662.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil nação. 2. Ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORO, Ari Pedro. O atual campo afro-religioso gaúcho. **Revista Civitas**, v. 12, n. 3, p. 556-565, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106591/000935607.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/MHgZxZM6Nw5qzMqZHyy7dQg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 2021.

PAULA, Amadeu Garrido de. **A quem cabe o reconhecimento de comunidades quilombolas**. Publicado em: 02 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/a-quem-cabe-o-reconhecimento-de-comunidades-quilombolas-02042015>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra A.. Equitação no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a configuração da vertente rural. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 2, p. 155- 175, 2019. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/08/1009428/equitacao-no-rio-grande-do-sul-um-estudo.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 2. p. 383-396, 1993. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/1617/1985>>. Acesso em: 13 out. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (organizadoras). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PESSI, Bruno Stelmach. O fim do tráfico e a organização do trabalho nas charqueadas pelotenses: ofícios e avaliação dos escravos arrolados nos inventários de charqueadores. **Revista do Corpo Discente (REDOS)**, v. 2, n. 4, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/11190/6898>>. Acesso em: 24 out. 2021.

PIASSINI, Carlos Eduardo. **Imigração alemã e política**: os deputados provinciais Koseritz, Kahlden, Haensel, Brüggem e Bartholomay. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

PIAZZETTA Luiz Carlos B.. **A emigração Vêneta**. Publicado em: 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://emigracioneaveneta.blogspot.com/2018/06/imigracao-dos-venetos-no-rio-grande-do.html>>. Acesso em: 07 maio 2021.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2010 (Repensando a História).

PITANO, Sandro de Castro; ROMIG, Karen Laiz Krause. A influência da cultura pomerana na transformação do espaço geográfico no extremo sul do Rio Grande do Sul. **Revista Formação**, v. 25, n. 46, p. 109-128, 2018. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/5248/4705>> Acesso em: 27 out. 2021.

PIVARI, Marcos. **Charqueadas**: um pedaço de nossa história no RS. Publicado em: 22 mar. 2016. Disponível em: <<https://macamp.com.br/charqueadas-um-pedaco-de-nossa-historia/>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS

POSSAMAI, Paulo (organizador). **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nphr/files/2017/08/GENTE-DE-GUERRA-E-FRONTIEIRA.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura**: Periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2018.

PREFEITURA DE DOM PEDRO DE ALCÂNTARA. **Histórico**: os alemães e a cachaça. Publicado em: 08 ago. 2016. Disponível em: <<https://dompedrodealcantara.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>>. Acesso em: 02 maio 2021.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e história**: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra...>. Acesso em: 23 out. 2021.

QUADROS, Jocelito Silva de. **O estudo da história do Rio Grande do Sul a partir das coreografias dos centros de tradições gaúchas**. 2017. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso Especialização em Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170441>>. Acesso em: 04 maio 2020.

QUEVEDO, Júlio R. A Guerra Guaranítica: a rebelião colonial das missões. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XX, n.2, p. 5-26, dez., 1994. Disponível em: <<https://revistas.eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/28934/16058/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo A. (organizadores). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: UFFS, 2015. Disponível em: <<https://d1wtxts1xzle7.cloudfront.net/48893824/...page=73>>. Acesso em: 14 out. 2021.

RADÜNZ, Roberto; GIRON, Loraine Slomp. (organizadores). **Negros**: da África à Serra Gaúcha. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Imigração e sociedade**: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil. Caxias do Sul: EducS, 2015.

RADÜNZ, Roberto; LIA, Cristine Fortes. Luteranos como protestantes no período imperial no sul do Brasil. In: BORIN, Marta A. (org.). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul**. 1. ed. São Paulo: ANPUH, 2017, v. 5, p. 17-34.

RAMOS, Andrea Regina; SMANIOTTO, Elaine. Quilombos e quilombolas: a trajetória de resistência e luta na comunidade remanescente do Paredão Baixo em Taquara/RS. **Revista Universo Acadêmico**, v. 7, n. 1, p. 215-230, jan./dez. 2014. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/12_quilombos.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

RANSOLIN, Antonio Francisco. **Ferrovias no Rio Grande do Sul**. Publicado em: 29 maio 2006. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/media/431665/Ferrovias_no_Rio_Grande_do_Sul_Antonio_Francisco_Ransolin.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

RETTENMAIER, Miguel; VERANDI, Fabiane (organizadores). **Literatura gaúcha**: cena contemporânea. Passo Fundo: UPF, 2021. Disponível em: <http://editora.upf.br/images/ebook/literatura_gaucha.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

REVERBEL, Carlos. **Maragatos e Pica Paus**: guerra civil e degola no Rio Grande. Porto Alegre: L&pm, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Global, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 38.400 de 16 de abril de 1998**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=6844&hTexto=&Hid_IDNorma=6844>. Acesso em: 17 ago. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 4.850 de 11 de dezembro de 1964**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2004.850.pdf>>. Acesso em 04 maio 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 5.213, de 5 de janeiro de 1966 (atualizada até a Lei nº 12.072, de 22 de abril de 2004)**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%205.213.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 7.439, de 08 de dezembro de 1980**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/m010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=25602&hTexto=&Hid_IDNorma=25602#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.439%2C%20DE%208,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.>. Acesso em: 19 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=19552&hTexto=&Hid_IDNorma=19552>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 9.405 de 25 de outubro de 1991**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/m010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=16623&hTexto=&Hid_IDNorma=16623>. Acesso em: 14 out. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002**. 2002a. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.826.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 11.858, de 05 de dezembro de 2002**. 2002b. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-11858-2002-rio-grande-do-sul-institui-a-planta-medicinal-simbolo-do-estado-do-rio-grande-do-sul-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 22 out. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 11.929, de 20 de junho de 2003**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 12.072, de 22 de abril de 2004**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.072.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 12.372, de 16 de novembro de 2005**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-12372-2005-rio-grande-do-sul-reconhece-como-integrantes-do-patrimonio-cultural-imaterial-do-estado-as-dancas-tradicionais-gauchas-e-respectivas-musicas-e-letras>>. Acesso em 11 ago. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 12.992, de 13 de junho de 2008**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=51798&hTexto=&Hid_IDNorma=51798>. Acesso em: 17 ago. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.600 de 30 de dezembro de 2010**. 2010a. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.600.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.513, de 08 de setembro de 2010**. 2010b. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.513.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Símbolos**. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/simbolos>>. Acesso em: 08 maio 2021.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Karen Domingues. **Danças tradicionais gaúchas**: (de) compndo sua movimentação. 2016. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/TCC-Karen-Domingues-Rodrigues-FINAL-em-CD-15-de-Julho-UFPEL.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS

ROSA, Lilian. **A trajetória do setor ervateiro na Província do Rio Grande do Sul**. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. (UNICAMP), Campinas, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/286460/1/Rosa_Lilianda_M.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. **Em que espécie de *hombr*e o gaúcho se transformou?** (o regionalismo nos contos gaúchos do século XX). Tese Doutorado (Literatura Brasileira). 2010. 204. f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28002/000766991.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 out. 2021.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 5, n. 10, p. 203-225. dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/download/10541/6883>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

SANT'ANA, Elma. Jacobina: a líder dos Muckers. **Protestantismo em Revista: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP)**. Escola Superior de Teologia, v. 2, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/2170/2075>>. Acesso em: 03 maio 2021.

SANTI, Álvaro. **Canto livre?** O nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. 1999. 288 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura). Programa de Pós-Graduação e, Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/93345>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, Corcino Medeiros dos. **Economia e sociedade do Rio Grande do Sul: século XVIII**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/428/1/379%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2021.

SANTOS, Lisiane; ISSE, Silvane Fensterseifer. Coreografias de entrada e seus cruzamentos. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/406/398>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANTOS, Luiz Carlos Borges dos. O mito fundacional na cultura gaúcha: uma interpretação à luz de Stuart Hall. **Form@ção de Professores em Revista**, Taquara, v. 1, n. 2, p. 108-122, jul./dez., 2020. Disponível em: <<http://seer.faccat.br/index.php/...>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANTOS, Pedro H. Soares. **Nos rastros da mudança: o Exército de cidadãos no contexto da Guerra da Cisplatina (1825-1828)**. 2012. 53 f. Mestrado (História). Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4532/1/2012_PedroHenriqueSoaresSantos.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

SAPIENTIA. **Guerra contra Rosas e Oribe**. Publicado em: 25 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.cursosapientia.com.br/conteudo/noticias/guerra-contra-rosas-e-oribe>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SARMENTO, Érica; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. (eds.). **Brazil-Poland: Focus on Migration**. 1. ed. Niterói, RJ: ASOEC-UNIVERSO; Warsaw: ASC-UW, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/-Dadalto/publication/337821763_...pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

SATHLER, Evandro Bastos. **Tropeiros & outros viajantes**. Niterói: PPGSD-UFF, 2003. 370 p. (Série Pesquisas n.º 1).

SCHERER, Bruno Cortês; WEBER, Beatriz Teixeira. **A organização do movimento espírita rio-grandense através do periódico a reencarnação (1934-1949)**. In: I Encontro de Pesquisas Históricas – PUORS, Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, p. 35-53, 2014, Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/download/18950/12014/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

SCHINOFF, Roberto Amaral; DE BEM, Judite Sanson. A etnicidade dos imigrantes italianos representada pela Ferrovia do Vinho de Bento Gonçalves. **Revista Mouseion**, n. 38, p. 1-12, set. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/8249/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SCHUPP, Ambrósio. **Os Muckers**: episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Brasília: Senado Federal, 2004. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1093/710311.pdf...>>. Acesso em: 03 maio 2021.

SCHWARCZ,, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (organizadores). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Disponível em: <https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/SCHWARCZ_-_GOMES-2018.-Dicion%C3%A1rio-da-escravid%C3%A3o-e-liberdade.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SECRETARIA DE TURISMO DE BENTO GONÇALVES – SEMTUR. Nossa história: história do município de Bento Gonçalves. 2021. Disponível em: <<https://bento.tur.br/nossa-historia-bento-goncalves/>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SECRETARIA DE TURISMO E COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Mapa do Rio Grande do Sul**. Publicado em: 07 abr. 2012. Disponível em: <<https://www.assuntoscriativos.com.br/2012/04/romeu-julietta-cria-nova-representacao.html>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SEIDL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. 2003. 463 f. Tese de Doutorado (Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2677/1/FPF_PTPF_17_0027.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990.

SILVA, Adriana Fraga da. **Estratégias materiais e espacialidade**: uma arqueologia da paisagem do tropeirismo nos Campos de Cima da Serra/RS. Jaguarão/RS: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2010. Disponível em: <https://books.google.com/books/about/Estrat%C3%A9gias_materiais_e_espacialidade_u.html?id=fehoEOJevAYC>. Acesso em: 18 set. 2020.

SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa, Empresa literária fluminense. Edição 9. 1877.

SILVA, Danilo Kuhn da. **O gesto musical gauchesco na composição de música contemporânea**. 2010. 379 f. Dissertação (Mestrado em música). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervo.digital.ufpr.br/handle/1884/25988?show=full>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, Dario Luiz da; MOURA FILHO, José Luiz de; TELLES, Cassiano. O surgimento da identidade gaúcha no contexto do platino e disputa cultural. **Revista Gestão Universitária**. Publicado em: 06 maio. 2014. Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-surgimento-da-identidade-gaucha-no-contexto-do-platino-e-disputa-cultural>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, Dijalma Barbosa da; VIEIRA, Roberto Fontes; BRINGEL JR., João Bernardo de A.; MELO, Luis Alberto Martins P de; Alves, Rosa de Belem N. Coleta, Conservação e cultivo experimental de macela (*Achyrocline spp.* – *Asteraceae*), na região do cerrado. **Circular Técnica n. 94**. Brasília, nov. 2019. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1115372/1/circular9411.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, Jéssica Dalcin da. **Proposta de manutenção social dos simbolismos sul-rio-grandenses pela aplicação destes em um calçado feminino**. 2016. 100 f. Mestrado (Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11062/SILVA%2C%20JESSICA%20DALCIN%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

SILVA, Jéssica de Freitas e Gonzaga da. A guerra como instrumento da política imperial brasileira na Bacia do Prata (1852-1858). **Revista História Unisinos**, v. 23, n. 3, p. 324-331, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5798/579865457002/html/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da. Imagens de gaúcho: modo de falar, arte de vestir. **Revista Linguagem**, v. 21, n. 13, p. 1-14, 2013. Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1320/813>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Marcio Antônio Both da. **Notas sobre a Revolução Federalista**: o norte do Rio grande do Sul entre 1893 a 1895. In: XII Encontro Regional de história – ANPUH-RJ, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marcio%20Antonio%20Both%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

SILVA, Daniel da. **De colonos do vinho a agricultores do turismo: a identidade em transformação no distrito de São Pedro, Bento Gonçalves (RS)**. 2019. 123 f. Mestrado (História). Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5147/Dissertacao%20Daniel%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SILVEIRA, Alexandre Barcelos. **Colônia africana e a construção do território negro em Porto Alegre**. In: XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS, 11-14 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/...pdf>>. Acesso em: 24 out. 2021.

SOARES, Álvaro Teixeira. **Diplomacia do Império no Rio da Prata (até 1865)**. 2. ed. rev. Brasília: FUNAG, 2021. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/diplomacia_do_imperio_no_rio_da_prata_ate_1865.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

SOCOLOSKI, Thaimon da Silva; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Cultura e território da imigração polonesa no município de Áurea/RS. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 32, p. 196-209, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/44128/28557>>. Acesso em: 06 maio 2021.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Indígenas no Rio Grande do Sul. In: FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecília Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. **Da África aos indígenas do Brasil**: caminhos para o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena. 1. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), p. 43-63. 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/deds/copy_of_imagens/livro-brasil-1>. Acesso em: 23 out. 2021.

SPADA, Anaize; GASTAL, Susana. **Turismo e tradicionalismo gaúcho**: os festejos farroupilhas. In: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS). 16-17 nov. 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/02_Spada_Gastal.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

SPADA, Anaize. **Turismo e eventos**: os festejos farroupilhas de Caxias do Sul-RS. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/741/Dissertacao%20Anaize%20Spada.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 maio 2021.

SPERONI, Aline. **Religiões afro-gaúchas no ensino de história**: batuque, umbanda e linha cruzada. Dissertação (Mestrado História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, 2018a. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3842/...pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

SPERONI, Aline. **As religiões afro-gaúchas**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul (UCS)/Fox Design. Publicado em: 04 jul. 2018b. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/produto-as-religioes-afro-gauchas.pdf>>. Acesso em; 15 set. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul: 1875-1975**. 2. ed. Porto Alegre: EST/UCS. Caxias do Sul, 1999.

STEFANELLO, Belair Aparecida; MATTE, Dulci Claudete; LUCKMANN, Sandro. **Povos indígenas no Noroeste do Rio Grande do Sul: 2015-2016**. In: Exposição itinerante pluralidade Cultural. Publicado em: 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.unijui.>>. Acesso em: 01 out. 2021.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul. **Revista Debates do NER**, Ano 5, n. 5, p. 9-30, jun. 2004. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26588/000427154.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 ago., 2021.

STEIL, Carlos. Entrevista. In: WOLFART, Graziela. O perfil religioso do povo gaúcho. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**, ed. 264, 30 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1949-carlos-steil-2>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 308-344, 1991. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/836/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

TATSCH, Juliane. O discurso regional na constituição da identidade do gaúcho. **Revista Escrita**, n. 19. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23762/23762.PDF>>. Acesso em: 14 out. 2021.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **Cavalo crioulo: o símbolo do Rio Grande do Sul**, 3. ed. Porto Alegre: Estúdio de ideias – Conteúdos e Imagens, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/analuciatx/docs/livrocavalocrioulo_demo3>. Acesso em: 16 out. 2021.

THESING, Neandro Vieira. **Fronteira, identidade gaúcha, essência: a busca das origens do Rio Grande do Sul em gaúchos beduínos de Manoelito de Ornellas**. 2015. 124 f. Mestrado (História). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9666/THESING%2c%20NEANDRO%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2021.

THIESEN, Beatriz Valladão; MOLET, Claudia Daiane; KUNIOCHI, Marcia Naomi. **Charqueada e escravidão em Rio Grande**. In: V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Publicado em: 11 abr. 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/thiessen%20beatriz%20valadao_%20molet%20claudia%20daiane%20e%20kunicochi%20marcia%20naomi.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

THIESEN, Roberto. **Aspectos simbólicos do uso do acordeão na música fandanguera do Rio Grande do Sul**. 2009. 255 f. Tese doutorado (Música). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12681/1/TESE%20ROBERTO%20THIESEN.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

THOMÉ, Nilson. Caminhos de tropeiros nos séculos XVIII e XIX como fatores pioneiros de desbravamento do Contestado. **Revista DRd – Desenvolvimento Regional em Debate**, Ano 2, n. 1, p. 5-30, jul., 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/174>>. Acesso em: 17 set. 2020.

TORRES, Luiz Henrique. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). **Biblos – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 16, p. 177-189, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

TORRES, Luiz Henrique. **Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das missões jesuítico-guaranis na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)**. 1997. 211 f. Tese (Doutorado História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19115>. Acesso em: 14 abr. 2020.

(continuação)

REFERÊNCIAS

TORRES, Luiz Henrique. O poente e o nascente: do projeto luso-brasileiro (1763-1777). **BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 22, n. 2, p. 19-25, 2008. Disponível em: <[https://periodicos.furg.br/biblos/...](https://periodicos.furg.br/biblos/)>. Acesso em: 16 out. 2021.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. Trabalho indígena na dinâmica de controle das reduções de Maynas no Marañón do século XVII. **Revista História**, v. 25, n. 1, p. 15-43, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/MNYqDNbtkLqdWhHDGKZbx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 2021.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg; PAULI, Rita Inês Paetzhold. A participação dos espanhóis no contexto migratório do estado do Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS)**, Porto Alegre, n. 149, p. 149-169, dez., 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/>>. Acesso em: 06 maio 2021.

VALDEZ, Luísa Caiaffo. **Desertores portugueses no Rio Grande de São Pedro Espanhol: Análise de casos em uma região de fronteira (1763-1776)**. In: Anais do VII Encontro Internacional de História Colonial, p. Mossoró – RN: EDUERN, p. 25-43, 2018. Disponível em: <<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67260892/2018...>>. Acesso em: 14 out. 2021.

VARGAS, Jonas Moreira; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Charqueada escravista. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (organizadores). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. Companhia das Letras, 2010. Disponível em: <<http://www.joinville.ifsc.edu.br/...pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

VENÇO, Andressa. **Diferentes abordagens historiográficas sobre a escravidão negra durante a "Revolução Farroupilha" (1835-1845)**. 2015. 66 f. Monografia (Licenciatura em História). Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/836/1/2015Andressa.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2021.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento, parte I: O Continente 1/O Continente 2**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

VIEIRA, Alexandre. **Pensamento político na guerra guaranítica justificção e resistência ao absolutismo ibérico no século dezoito**. 2005. 180 f. Tese Doutorado (Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102712/230079.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 out. 2021.

VILANI, Tadeu. **O polônês**. 2021. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/157626055678174977/>>. Acesso em: 02 maio 2021.

WACHOLZ, Leticia. **Campanha virtual vai marcar o dia do churrasco e chimarrão**. Publicado em: 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://folhadomate.com/opiniao/colonistas/mateando/...>>. Acesso em: 22 out. 2021.

WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele. (orgs.). **Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 2): espiritismo e religiões mediúnicas**. São Paulo: ANPUH, 2013.

WEBER, Cátia Antonieta Brizola. **Sombra do Ferrabrás: história(s) da(s) História(s)**. 1999. 252 f. Mestrado (História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/...pdf>>. Acesso em: 16 out. 2021.

WEBER, Regina, WENCZENOVICZ, Thaís J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. **Revista História UNISINOS**. São Leopoldo, RS, v. 16, n. 1, p. 159-170. jan./abr., 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165076/000850534.pdf?1>>. Acesso em: 15 set. 2021.

WEBER, Regina. Imigração polonesa no Brasil meridional em quatro temas. In: REWERA, Witold; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. (organizadores). **Polscy Brazylijczycy/Brasileiro-Poloneses**. 1 ed. Lublin (Polônia): Wydawnictwo UMCS, p. 65-84, 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Cultura, identidade(s) e memória na imigração polonesa no Rio Grande do Sul. **Revista História Debates e Tendências**. Passo Fundo, v. 20, n. 3, p. 135-152, set./dez., 2020. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/11655/114115367>>. Acesso em: 02 maio 2021.

WESTIN, Ricardo. **Na Revolução Federalista, em 1893, senadores chegaram a pegar em armas**. Publicado em: 03 ago. 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/08/03/na-revolucao-federalista-em-1893-senadores-chegaram-a-pegar-em-armas>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Disponível em: <<http://brasiliadigital.com.br/obras/.../pagina/11/texto>> Acesso em: 15 set. 2021.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã** (Rio Grande do Sul - Século XIX). Tese (Doutorado História). 2008. 428 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2546/1/397526.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. A conquista do "País da Solidão": Luiz Carlos Barbosa Lessa e a invenção do Rio Grande do Sul. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 7., Ano VII, n. 1, p. 1-21, jan./abr., 2010a. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/download/245/230/>>. Acesso em: 13 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. O gaúcho de José de Alencar e a nação como projeto: "romantismo político" à brasileira?. **Revista Nau Literária**, v. 6, n. 2, jul./dez., 2010b Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/16084/11864>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Política do mito: debate e apropriação na elaboração do projeto tradicionalista gaúcho de Luiz Carlos Barbosa Lessa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 176-202, dez. 2010c. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p176>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

ZALLA Jocelito; MENEGAT. Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/xxQSzmDf7tjfMc67ZN7...>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito; ROSSATO. Maíra Suertegaray Para repensar a região: uma proposta de ensino integrado de Geografia e História. **Cadernos do Aplicação**, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/37238/29300>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

ZALLA, Jocelito. Quando a literatura fala à história: a ficção de Barbosa Lessa e a memória pública no Rio Grande do Sul. **Revista História Historiografia**, n. 16, p. 37-54, dez., 2014. Disponível em: <https://professor.ufrgs.br/jocelitozalla/files/800-texto_do_artigo-3347-1-10-20141228.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Memória e identidade no sul do Brasil: o ensaio histórico de Simões Lopes Neto. **Revista Tempos Históricos**, v. 19, p. 208-227, 2015a. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11728>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Rio Grande da Globo: temporalidades regionalistas e edição de livros (1924-1960). **Revista História Unisinos**, v. 19, n. 3. p. 313-324, set./dez., 2015b. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.193.05/5089>>. Acesso em: 23 out. 2021.

ZALLA, Jocelito. Os homens-fronteira: problemas históricos e soluções ficcionais em Erico Verissimo. **Revista Remate de Males**, v. 36, n. 2. p. 461-479, jun./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8647911/14937>>. Acesso em: 23 out. 2021.

(continuação)

REFERÊNCIAS
ZALLA, Jocelito. O centauro e a pena : Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018a. Disponível em: < http://livraria.ufrgs.br/produto/15277/o-centauro-e-a-pena-barbosa-lessa-e-a-invencao-das-tradicoes-gauchas >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZALLA, Jocelito. Historiadores e memória da historiografia no Rio Grande do Sul: a edição póstuma de Terra Gaúcha (1955), de Simões Lopes Neto. Revista História da Historiografia , n. 26, p. 148-170. jan./abr., 2018b. Disponível em: < https://www.historiada-historiografia.com.br/revista/article/view/1144/718 >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZALLA, Jocelito. A invenção de Simões Lopes Neto : literatura e memória histórica no sul do Brasil. 2018. 522 f. Tese Doutorado (História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018c. Disponível em: < https://professor.ufrgs.br/jocelitozalla/files/tese_jocelito_zalla_final_ufrj.pdf >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZANOTTO, Gizele. (organizador). Religiões e religiosidade no Rio Grande do Sul (Volume 1) . São Paulo: ANPUH, 2012.
ZAPAROLI, Ana. A influência da pilcha gaúcha no mundo atual da moda . Publicado em: 18 set. 2015. Disponível em: < https://surfari.me/a-influencia-da-pilcha-gaucha-no-mundo-atual-da-moda/ >. Acesso em: 20 set. 2020.
ZARTH, Paulo Afonso. História agrária do planalto gaúcho 1850-1920 . Ijuí: UNIJUÍ, 1997. (Coleção Ciências Sociais). Disponível em < https://www.academia.edu/2109944 >. Acesso em: 23 out. 2021.
ZAT, Neura; PASSARIN, Eliana (organizadoras). Este chão é Bento : livro em homenagem ao aniversário de 120 anos de Bento Gonçalves. Bento Gonçalves: SINDISERP, 2010. Disponível em: < https://amo20181.websiteseuro.com/wp-content/uploads/2017/05/chao-bento1245.pdf >. Acesso em: 19 ago. 2021.
ZATTERA, Véra Stedile. Gaúcho : vestuário tradicional e costumes. Porto Alegre: Pallotti, 1995a.
ZATTERA, Véra Stedile. Gaúcho : iconografia (séculos XIX e XX). Porto Alegre: Pallotti, 1995b.
ZATTERA, Véra Stedile. Gaúcho : indumentária & prataria. Caxias do Sul: Véra Stedile, 2016.
ZIMMERMANN, Florisbela Carneiro. Biribas : a contribuição do tropeiro à formação histórico-cultural do Planalto Médio Sul-rio-grandense. Sorocaba: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1991.

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.1.8 Projeto Tertúlia Mestre: Anexo A

No ‘Roteiro Proposto em seu Anexo A serão apresentadas as principais características do Projeto Tertúlia Mestre que foi criado e organizado pelos professores de História da Escola Santa Bárbara, e, também, é detalhado o cronograma de atividades do referido projeto, como detalhado na Figura 18.

Figura 18 –Projeto Tertúlia Mestre – Anexo A

(continua)

ANEXO A – PROJETO TERTÚLIA MESTRE

O Projeto Tertúlia Mestre foi criado no ano de 2014 pela Escola Mestre Santa Bárbara, o qual é realizado anualmente, e tem por finalidade desenvolver a interação da comunidade escolar por meio da realização de pesquisas histórica, social e cultural sobre o Rio Grande do Sul e, também, por meio da prática de apresentações artísticas.²⁷⁵

As pesquisas desenvolvidas para o Projeto Tertúlia Mestre são organizadas pela direção da Escola Mestre Santa Bárbara e pelos demais professores, que monitoram e orientam as turmas para a escolha dos temas que serão desenvolvidos para a construção dos trabalhos de pesquisa e, posterior, apresentação artística. Na ilustração a seguir é possível observar uma coreografia da Guerra Guaranítica que fora apresentada no Evento Tertúlia Mestre, realizado no ano de 2015.²⁷⁶



Fonte: Acervo da Escola Mestre Santa Bárbara (2015).²⁷⁷

O Projeto Tertúlia Mestre faz parte do calendário escolar da Escola Mestre Santa Bárbara, iniciando no mês de março e é finalizado até o mês de outubro de cada ano e prima pelo aprendizado integral dos alunos, incluindo o crescimento em termos pedagógicos, culturais e sociais. Os participantes do Projeto Tertúlia Mestre são as turmas do Ensino Médio, abrangendo alunos na faixa etária entre 14 a 19 anos. O professor de História é o responsável em ministrar as aulas e as palestras durante o Projeto, referente aos temas da História do Rio Grande do Sul e do processo de construção da tradição.²⁷⁸

Os alunos escolhem o tema de pesquisa referente à cultura do Estado do Rio Grande do Sul para elaborar os trabalhos de pesquisa. No que diz respeito à escrita e à organização dos trabalhos de pesquisa, os alunos contam com o auxílio da equipe diretiva e dos demais professores.²⁷⁹

(continuação)

Os trabalhos de pesquisa finalizados são compilados, catalogados e ficam à disposição na Biblioteca da Escola; e, também, os trabalhos melhores avaliados são enviados à Biblioteca Pública de Bento Gonçalves/RS, para a Secretaria de Cultura do Município e para as Escolas Públicas do Município.²⁸⁰

Cronograma do Projeto Tertúlia Mestre

Projeto Tertúlia Mestre – Cronograma			
Etapas	Atividades	Responsável	Período
1ª	Preparação de aulas e palestras sobre a história do RS e o processo de construção da cultura.	Professor de História	Março
2ª	Aulas quanto aos temas específicos de cada turma para orientação de pesquisa.	Professor de História	Março e Abril
3ª	Realização da pesquisa.	Alunos	Abril a Agosto
4ª	Criação de coreografias e figurinos.	Alunos	
5ª	Apresentação oral dos trabalhos de pesquisa.	Alunos	Agosto
6ª	Catologação e compilação dos trabalhos de pesquisas realizados pelos alunos.	Professores	Agosto e Setembro
7ª	Impressão e encadernação dos projetos de pesquisa organizados e compilados.	Professores/ Alunos	Setembro
8ª	Mostra das coreografias e dos figurinos criados durante o PTM.	Alunos	Setembro
9ª	Demonstração dos resultados do PTM em Escolas do Município.	Professores/ Alunos	Setembro
10ª	Entrega de cópias dos projetos para as Escolas Públicas, à Secretaria de Cultura e à Biblioteca Pública Municipal de Bento Gonçalves/RS.	Professores/ Alunos	Outubro

Fonte: Acervo da Escola Mestre Santa Bárbara (2020).²⁸¹

Nota de referência

275 a 280. ESCOLA MESTRE SANTA BÁRBARA. 2015; 2020.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Projeto Tertúlia Mestre (2021).

5.1.9 Linha do tempo da formação do Rio Grande do Sul: Anexo B

A estrutura da obra proposta também contará com o Anexo B mediante a apresentação da Linha do Tempo indicando a formação do Rio Grande do Sul com a finalidade de descrever os principais fatos históricos ocorridos no período de 1501 a 1930, conforme Figura 19.

Figura 19 – Linha do tempo da formação do Rio Grande do Sul: Anexo B

(continua)

ANEXO B – LINHA DO TEMPO DO RIO GRANDE DO SUL	
Período	Acontecimentos Históricos²⁸²
1501	Chegada das primeiras caravelas portuguesas nas costas gaúchas e depois chegaram as caravelas espanholas, porém não houve desembarque, pois as praias eram consideradas perigosas e não tinha portos naturais.
1531	Os navegantes portugueses, Martim Afonso de Souza e Pero Lopes, mesmo não desembarcando nas praias gaúchas, denominaram o local de 'Rio Grande de São Pedro', cuja Barra permitiu posteriormente a passagem dos navios entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos.
1626	O padre jesuíta, Roque Gonzalez de Santa Cruz, oriundo do Paraguai, atravessou o Rio Uruguai e fundou o povo de São Nicolau, oficializando a chegada do homem branco em território gaúcho.
1634	O padre jesuíta, Cristobal de Mendonza Orellana, ou mais conhecido como Cristóvão de Mendonza, introduziu o gado nas Missões Orientais, o que justificou depois o surgimento do gaúcho.
1641	Os jesuítas fundaram 18 reduções ou povos, mas foram expulsos do Rio Grande do Sul pelos bandeirantes. As aldeias foram destruídas e uma parte do gado foi levada para Vacaria dos Pinhais; outra parte foi levada para a Argentina; e a maior parte do gado se tornou selvagem, sendo que o gado que não apresentava marca ou sinal era denominado 'orelhano' por Cristóvão de Mendonza.
1682	Os bandeirantes estavam mais ocupados com a exploração do ouro e das pedras preciosas das Minas Gerais; e não deram mais tanta importância aos jesuítas e índios aqui residentes. Desse modo, os jesuítas espanhóis voltaram ao solo gaúcho e fundaram primeiramente São Francisco de Borja, atual cidade de São Borja, sendo o antigo núcleo urbano do Estado.
1682 a 1701	Fundação de oito povos e destes sete prosperaram e se tornaram os 'Sete Povos das Missões' denominados de: São Francisco de Borja; São Nicolau; São Luiz Gonzaga; São Miguel Arcanjo; São Lourenço Martin; São João Batista; e Santo Ângelo Custódio.
1750	Foi assinado o Tratado de Madri entre a Espanha e Portugal. Os portugueses ofereceram aos espanhóis a Colônia de Sacramento e receberam em troca os Sete Povos das Missões. Os padres jesuítas espanhóis não aceitaram cordialmente a troca e os índios missioneiros se revoltaram, desencadeando a Guerra das Missões.
1756	Em fevereiro, o índio José Tiaraju, mais conhecido como 'Sepé', foi morto pelas forças espanholas e portuguesas e logo em seguida ocorreu o massacre de Caiboaté, em que em uma hora os exércitos de Espanha e Portugal mataram em torno de 1.500 índios e tiveram apenas quatro baixas. Em Caiboaté foi vencida a resistência missioneira definitivamente e ao abandonarem as Missões, os jesuítas carregaram o que puderam e incendiaram lavouras, casas e até as igrejas locais.
1763	As tropas espanholas invadiram o Brasil, apoderando-se do Forte de Santa Tereza e das cidades de Rio Grande e de São José do Norte. No período de dominação espanhola surgiu um herói autenticamente gaúcho, Rafael Pinto Bandeira.
1776	Os espanhóis foram expulsos de Rio Grande, porém o Forte de Santa Tereza não foi recuperado e se tornou território uruguaio.

(continuação)

Período	Acontecimentos Históricos
1780	Proveniente do Ceará, o português José Pinto Martins fundou em Pelotas a primeira charqueada apresentando características empresariais. As charqueadas passaram a ser essenciais para a economia gaúcha. O negro entrou maciçamente no Rio Grande do Sul, como escravo das charqueadas.
1811	Pedro José Vieira, conhecido como 'Perico, elBailarín', gaúcho de Viamão, acompanhado pelo uruguaio, Venâncio Benavidez aclamaram o 'Grito de Asencio', primeiro grito da independência do Uruguai e surgiu o herói uruguaio 'José Artigas'.
1815	As tropas brasileiras e portuguesas tomaram posse de Montevidéu anexando o Uruguai ao Brasil com o nome de Província Cisplatina.
1824	Em julho desembarcam em Porto Alegre os primeiros colonos alemães que se instalaram nas margens do Rio dos Sinos, na Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual cidade de São Leopoldo.
1835	Inicia a Revolta Farroupilha, em 20 de setembro, os revolucionários comandados por Bento Gonçalves da Silva, tomaram Porto Alegre, que era a capital da Província. As causas foram políticas, econômicas, sociais e militares. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul estava arrasada pelas guerras e praticamente abandonada pelo Império do Brasil, após a volta de Dom Pedro I a Portugal.
1836	Em 11 de setembro, o coronel farroupilha, Antonio de Souza Neto, depois da vitória sobre as forças imperiais brasileiras no Seival, proclamou a República Rio-Grandense. Bento Gonçalves da Silva foi preso da batalha da ilha do Fanfa e enviado com muitos oficiais farrapos ao Rio de Janeiro e, posteriormente levados ao Forte do Mar, na Bahia. O governo da Nova República se instalou em Piratini e Bento Gonçalves da Silva foi eleito presidente, mas como estava preso, José Gomes de Vasconcelos Jardim assumiu em seu lugar. A época Piratini era a capital.
1837	Inicia a organização do governo republicano com a nomeação dos generais: Antonio de Souza Neto, João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva e depois David Canabarro, Bento Manoel Ribeiro e João Antonio da Silveira. Em todo o período da República Rio-grandense houve seis generais. Neste período, a maçonaria conseguiu a fuga para Bento Gonçalves que voltou ao Rio Grande e assumiu a Presidência da República em definitivo.
1839	A República parecia consolidada e a marinha de guerra estava sob o comando efetivo de José Garibaldi, corsário italiano trazido ao Rio Grande pelo Conde Livio Zambecari, por meio da maçonaria. Os farrapos decidiram levar a república ao Brasil. Desse modo, um exército comandado por David Canabarro e apoiado pela Marinha de Garibaldi proclamou em Santa Catarina a República Juliana. À época, a capital da República Rio-grandense passou a ser Caçapava.
1841	A capital da República Rio-Grandense passou a ser Alegrete, onde foi instalada a Assembleia Nacional Constituinte.
1842	Bento Gonçalves da Silva duelou com Onofre Pires que faleceu devido aos graves ferimentos. Após o duelo, Bento Gonçalves da Silva entregou o governo e o comando do exército republicano.
1845	No dia 28 de fevereiro, os farrapos assinaram a paz com o Império do Brasil no acampamento do Ponche Verde, em Dom Pedrito. Assim, o Rio Grande do Sul voltou a fazer parte do Brasil.
1847	Faleceu Bento Gonçalves da Silva, em Pedras Brancas, atual município de Guaíba. Ele se encontrava pobre e doente quando findou a Guerra dos Farrapos.
1851	Os antigos farrapos passaram a fazer parte do exército imperial brasileiro, e derrotaram o ditador, Rosas da Argentina.

(continuação)

Período	Acontecimentos Históricos
1852	Iniciou a primeira pesquisa sobre o folclore gaúcho, compreendendo uma coleção de vocábulos e frases organizados por Antonio Alvares Ferreira Coruja.
1857	Intelectuais gaúchos imigrados na Corte fundaram no Rio de Janeiro, a primeira entidade tradicionalista gaúcha, denominada 'Sociedade Sul-Rio-Grandense', que perdura até os dias atuais.
1864	Os gaúchos participaram na invasão do Uruguai e na derrota de Oribe.
1865	Em função da Guerra no Uruguai, o ditador paraguaio Francisco Solano Lopes, declarou guerra ao Brasil, invadindo o Rio Grande do Sul, em São Borja, iniciando a Guerra do Paraguai. O Brasil fez aliança com o Uruguai e Argentina e os paraguaios invasores foram cercados em Uruguaiana, se rendendo às tropas da Tríplice Aliança.
1868	Fundação da Sociedade Partenon Literário, em Porto Alegre, sendo decisiva para o regionalismo gaúcho, compostos por: CaldreFião, Apolinário Porto Alegre, Taveira Junior e Múcio Teixeira. Iniciou o movimento messiânico dos Muckers, em Sapiranga, sendo liderado por Jacobina Metz Maurer.
1870	Final da Guerra do Paraguai com o falecimento de Francisco Solano Lopes. À época mais de 1/3 das tropas brasileiras era constituída por gaúchos, inclusive, David Canabarro e Antonio de Souza Neto.
1874	Os Muckers, depois de três ataques do exército brasileiro e da Guarda Nacional, foram vencidos em sua resistência.
1875	Iniciou a imigração italiana no Rio Grande do Sul; e como os imigrantes alemães já haviam ocupado os férteis vales fluviais, os italianos ocuparam as encostas da Região da Serra do Rio Grande do Sul.
1880	Iniciou no Rio Grande do Sul a propaganda republicana brasileira, que aproveitou os antigos símbolos do republicanismo farrapo.
1888	A abolição da escravatura foi proclamada no Brasil quando no Rio Grande do Sul já não existiam mais escravos.
1889	Foi proclamada a República no Brasil. O Rio Grande do Sul era comandado por Júlio Prates de Castilhos. Por sua vez, o Partido Republicano Rio-Grandense, que não esperava a proclamação tão cedo, não estava preparado para assumir o poder. Assim sendo, o Rio Grande do Sul, com a Proclamação da República no Brasil, deixou de ser Província e passou a ser considerado um Estado do Brasil.
1893	Revolução Federalista contra o Governo Republicano sob o comando de Júlio de Castilhos. Os revolucionários tomaram parte na Revolução de 1893 sendo muitos uruguaios, alguns do Departamento de San José, denominados de 'Maragatos', o termo passou a ser utilizado para designar todos os revolucionários, que usavam o lenço vermelho ao pescoço como símbolo. Por sua vez, os guerrilheiros que lutaram a favor do governo usavam o lenço branco e às vezes vestiam farda azul com gorro da mesma corencimado por uma borla vermelha, eram denominados de 'Pica-Paus'.
1894	Fundação em Montevideú, no circo dos irmãos Podestá, da Sociedade La Criolla, entidade tradicionalista existente até os dias atuais.
1895	Foi assinada a paz entre os 'Pica-Paus' e os 'Maragatos' e terminou a denominada Revolução de 1893, sendo sangrenta e brutal e com muitas degolas.
1897	Foi vencida a resistência de Canudos, na Bahia, onde Antonio Conselheiro, com os seus jagunços, enfrentou com êxito o exército brasileiro. A vitória foi alcançada com uma carga de lança dos cavalarianos gaúchos do Coronel Carlos Teles, de Bagé.
1898	Fundação em Porto Alegre, do Grêmio Gaúcho, liderado pelo Major João Cezimbra Jacques, inspirado na Sociedade <i>La Criolla</i> de Montevideú. Foi a primeira entidade tradicionalista no Rio Grande do Sul existe até os dias atuais, mesmo que tenha perdido o caráter tradicionalista. O Major João Cezimbra Jacques foi o Patrono do Tradicionalismo do Rio Grande do Sul.

(continuação)

Período	Acontecimentos Históricos
1899	Em 10 de setembro foi fundada em Pelotas, a União Gaúcha e o líder foi o escritor Simões Lopes Neto. Durante muitos anos a União Gaúcha paralisou as suas atividades e ressurgiu adotando a denominação de 'União Gaúcha J. Simões Lopes'.
1901	Em 19 de outubro foi fundado, em Santa Maria, o Grêmio Gaúcho, por Cezimbra Jacques que se inspirou na entidade de Porto Alegre.
1902	O movimento messiânico denominado 'Os Monges do Pinheirinho', em Encantado foi massacrado pela Brigada Militar.
1917	Fundação do primeiro frigorífico no Rio Grande do Sul, aproveitando a oportunidade econômica oferecida pela Primeira Guerra Mundial, substituindo as atividades das antigas charqueadas.
1923	A Aliança Liberal, chefiada por Assis Brasil, deflagrou uma revolução contra o Governo Republicano de Borges de Medeiros. As lutas se deram com os 'Maragatos' e governistas denominados 'Chimangos'. A paz foi alcançada somente ao fim do ano no Castelo de Assis Brasil, em Pedras Altas, em Pelotas.
1924	Os jovens tenentes liderados pelo Capitão Luiz Carlos Prestes iniciaram um movimento de revoltas nas missões militares e civis contra o governo brasileiro, de Artur Bernardes, denominado odisseia da 'Coluna Prestes'. A Brigada Militar viajou de navio para o nordeste brasileiro para auxiliar nas buscas da 'Coluna Prestes'.
1926	A Coluna Prestes persistiu com a sua marca invicta pelos sertões do Brasil. No Rio Grande do Sul, em Santa Maria, os irmãos Etchegoyen atacaram os militares e os civis em armas contra o governo. Mesmo com as vitórias iniciais o referido movimento se dissolveu não apresentando maiores consequências.
1928	Foram registrados movimentos armados em Bom Jesus.
1930	Os 'Chimangos' e os 'Maragatos' marcharam lado a lado na revolução que derrubou o presidente brasileiro, Washington Luiz e colocou no poder, Getúlio Vargas.
Nota de referência	
282. FAGUNDES. 1995. p. 1-6.	

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Fagundes (1995).

5.1.10 Símbolos cívicos do Rio Grande do Sul – Anexo C

No "Roteiro Proposto" constarão no Anexo C, os símbolos cívicos oficiais do Rio Grande do Sul que remetem à sua História representados pelo Hino Rio-Grandense; pela Bandeira; e pelo Brasão de Armas, como detalhados na Figura 20,

Figura 20 – Símbolos cívicos do Rio Grande do Sul – Anexo C

(continua)

ANEXO C - SÍMBOLOS DO RIO GRANDE DO SUL

Os símbolos fazem parte do senso comum público majoritário no Estado do Rio Grande do Sul, fortemente marcado por uma visão tradicionalista dentro da lógica exposta por Hobsbawm e Ranger (2008) da tradição inventada, pois sempre será possível encontrar na história das sociedades um vasto repertório de práticas e de símbolos que servem de base para a invenção das tradições, tornando o passado histórico intenso.²⁸³

No Rio Grande do Sul os símbolos oficiais são: o Hino Rio-Grandense, a Bandeira, e o Brasão de Armas. O Hino do Estado do Rio Grande do Sul consiste no hino oficial da República do Rio Grande do Sul, remontando à época dos Farroupilhas. A letra foi composta por Francisco Pinto da Fontoura (Chiquinho da Vovó), a música foi criada pelo Comendador Maestro Joaquim José Mendanha, imperial que foi aprisionado pelos Farroupilhas juntamente com a sua banda, na Batalha do Barro Vermelho, próximo ao atual município de Rio Pardo; e a harmonização foi desenvolvida por Antônio Corte Real. A obra original apresentava uma estrofe que foi suprimida.²⁸⁴

O Hino foi oficializado pela Lei nº 5.213, de 05 de janeiro de 1966, denominado de Hino Farroupilha e/ou Hino Rio-Grandense.²⁸⁵

Hino Rio-Grandense²⁸⁶

Como a aurora precursora
do farol da divindade,
foi o Vinte de Setembro
o precursor da liberdade.

Mostremos valor, constância,
Nesta ímpia e injusta guerra,
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra,
De modelo a toda terra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra.

Mas não basta pra ser livre
ser forte, aguerrido e bravo,
povo que não tem virtude
acaba por ser escravo.

Mostremos valor, constância,
Nesta ímpia e injusta guerra,
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra,
De modelo a toda terra.
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra.

(continuação)

Notas de referências

283. HOBBSAWM; RANGER. 2008. p. 18.

284. ECKER. 2017. p. 2.

285. RIO GRANDE DO SUL. 1966; 2004. p. 2.

286. RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 3-4.

Bandeira do Rio Grande do SulFonte: Rio Grande do Sul (2020).²⁸⁷

A Bandeira do Rio Grande do Sul foi utilizada primeiramente no dia 12 de novembro de 1836 e a sua oficialização como símbolo do Estado foi instituída pela Lei nº 5.213, de 05 de janeiro de 1966 e atualizada pela Lei nº 12.072, de 22 de abril de 2004.²⁸⁸

A Bandeira compõe-se de três panos: cor verde que fica na parte superior; cor vermelha ao centro e cor amarela que fica na parte inferior, apresentando uma elipse vertical em pano branco, com a inserção do brasão de armas.²⁸⁹

As cores, verde e amarelo, da Bandeira do Rio Grande do Sul se derivam da Bandeira do Brasil; e a faixa vermelha que atravessa a Bandeira gaúcha na diagonal remete ao símbolo da República e da Federação e, também, simboliza o sangue derramado pelos gaúchos nas revoltas em busca da liberdade. Para alguns historiadores a Bandeira do Rio Grande do Sul foi concebida pelos farroupilhas: Bernardo Pires e José Mariano de Mattros.²⁹⁰

(continuação)

Notas de referências

287. RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 1.

288. RIO GRANDE DO SUL. 1966; 2004. p. 2.

289. ECKER. 2017. p. 2.

290. RIO GRANDE DO SUL. 1966; 2004. p. 2.

Brasão de Armas do Rio Grande do SulFonte: Rio Grande do Sul (2020).²⁹¹

O Brasão de Armas é um dos símbolos do Rio Grande do Sul que foi oficializado pela Lei nº 5.213, de 05 de janeiro de 1966 e atualizado por meio da Lei nº 12.072, de 22 de abril de 2004.²⁹²

(continuação)

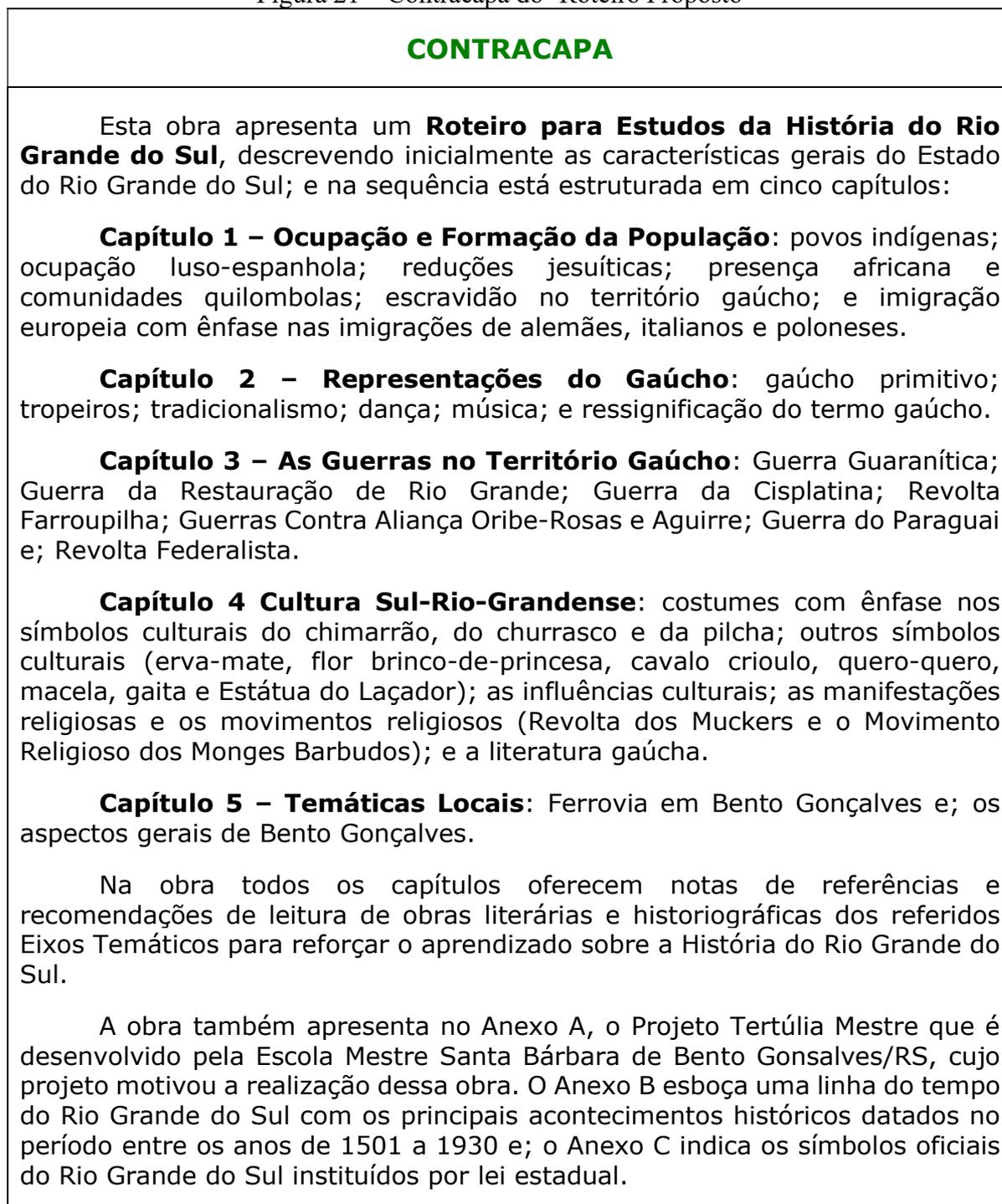
Composição do Brasão²⁹³
<ul style="list-style-type: none"> • Escudo oval em prata com um quadrilátero em sabre de ouro sendo sustentado na ponta por um barrete frígio vermelho, entre os ramos de fumo e de erva-mate (verde), atravessado sobre o punho do sabre. • Um losango verde com duas estrelas de cinco pontas de ouro nos ângulos superiores e inferiores e rodeado por duas colunas jônicas em capitel e três anéis no terço inferior de fuste liso em ouro, e em cima consta a bala de canhão antigo em preto, assentadas sobre um campo ondulado, de verde em ponta. • Ao redor do escudo apresenta um bordado em azul com a inscrição 'REPÚBLICA RIO-GRANDENSE' e a data de '20 DE SETEMBRO DE 1835', em outro, que são separadas por duas estrelas de cinco pontas em ouro. • O escudo está sobreposto a quatro bandeiras nas cores verde, vermelho e amarelo, entrelaçadas duas a duas com hastes rematadas em flor de lis invertidas em ouro, sendo que as duas bandeiras dos extremos são decoradas com uma fita vermelha com bordas de ouro, e atadas junto à ponta. • No centro consta uma lança da cavalaria em vermelho sendo rematada por uma flor de lis em ouro, entre quatro fuzis armados de baionetas em ouro; e na base do conjunto estão os troféus de armas, dois tubos-canhão em preto, entrelaçados semicobertos pelas bandeiras. • Um listel em prata com a legenda 'Liberdade, Igualdade, Humanidade', escrito em preto.
Notas de referências
291. RIO GRANDE DO SUL. 2021. p. 2.
292. RIO GRANDE DO SUL. 1966; 2004. p. 2.
293. LORSCHIEDER. 2016. p. 2-3.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em *site* oficial do Estado do Rio Grande do Sul (2021).

5.1.11 Contracapa do 'Roteiro Proposto'

O 'Roteiro Proposto' será finalizado com uma contracapa que indicará uma síntese da obra, para despertar o interesse das pessoas para a sua leitura e; para os alunos da Escola Mestre Santa Bárbara, como apresentada na Figura 21.

Figura 21 – Contracapa do ‘Roteiro Proposto’



Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

5.2 DIVULGAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ‘ROTEIRO PROPOSTO’

Para a divulgação do ‘Roteiro Proposto’, neste estudo, é sugerido que seja apresentado antes do início do próximo Evento Tertúlia Mestre, cujo Evento está previsto para ocorrer no ano de 2022 sob a aprovação da direção da Escola Mestre Santa Bárbara; e se não houver

nenhum tipo de objeção e/ou impedimento pelos órgãos públicos de saúde em função da pandemia de Covid-19 ou outro acontecimento que impeça aglomeração de pessoas.

O ‘Roteiro Proposto’ será apresentado como um material de apoio às escolhas de temas a serem trabalhados e as referências bibliográficas para os mesmos, nos próximos eventos do Projeto Tertúlia Mestre. A divulgação deverá ser realizada em três etapas. Primeiramente, a divulgação do ‘Roteiro Proposto’ será realizada de maneira formal para a Escola Mestre Santa Bárbara representada pela gestão escolar e pelos professores conselheiros.

Assim sendo, na primeira etapa de divulgação é sugerida uma apresentação do ‘Roteiro Proposto’ pelo pesquisador deste estudo, no mesmo período que será realizado o encontro do planejamento anual da Escola, sendo que neste contexto também é organizado o Projeto Tertúlia Mestre, cujos participantes são normalmente a direção da Escola e os professores conselheiros.

Na segunda etapa da divulgação é sugerida a apresentação do ‘Roteiro Proposto’ para todos os educadores da Escola, no mesmo momento em que será realizada a reunião dos professores conselheiros e demais educadores da Escola. Cabe destacar, que a referida reunião ocorre anualmente na Escola, sendo que os professores conselheiros repassam aos educandos as decisões do planejamento anual da Escola e, também, as diretrizes do Projeto Tertúlia Mestre para a realização do Evento Tertúlia Mestre anual.

Na terceira etapa de divulgação sugere-se a apresentação do ‘Roteiro Proposto’ para os alunos de Ensino Médio nas aulas de História sob a responsabilidade dos professores de História da Escola em conjunto com o pesquisador deste estudo, ressaltando aqui que o material poderá servir de norte para o desenvolvimento do Projeto Tertúlia Mestre, escolha dos temas e bibliografia indicada para eles. Além disso, a divulgação também poderá ser realizada durante as palestras ministradas pelos professores de História para a preparação dos eventos do Projeto Tertúlia Mestre.

Em síntese, o ‘Roteiro Proposto’ servirá de base para a realização dos trabalhos escritos pelos alunos das Turmas do Ensino Médio direcionados aos eventos do Projeto Tertúlia Mestre; um roteiro para os alunos utilizarem nas disciplinas de História; um material de leitura e, também, um material de consulta para identificar as obras historiográficas sobre a História do Rio Grande do Sul.

Como referido anteriormente o ‘Roteiro Proposto’ será disponibilizado no formato de *E-book* com acesso para alunos e professores e sob a responsabilidade dos professores de História da Escola Mestre Santa Bárbara, que permitirão o acesso ao referido *E-book*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo consistiu em realizar uma análise dos trabalhos de pesquisa que são desenvolvidos pelos alunos das Turmas de Ensino Médio pertencentes à Escola Mestre Santa Bárbara e que são apresentados no evento para o Projeto Tertúlia Mestre, em específico, foi analisado o Evento Tertúlia Mestre referente ao ano de 2016.

Como verificado no estudo, o Projeto Tertúlia Mestre desenvolvido na Escola Mestre Santa Bárbara vai além do ensino da História do Rio Grande do Sul, pois abarca as questões da literatura mediante o desenvolvimento dos trabalhos escritos; e as questões da música e da dança representados nas coreografias durante as apresentações artísticas, legitimando o movimento tradicionalista até certo ponto, o que o torna um projeto cultural e como tal se caracteriza como um projeto interdisciplinar.

O Projeto Tertúlia Mestre ao se caracterizar como um projeto interdisciplinar dialoga com os temas históricos e não históricos mais vinculados ao tradicionalismo e à literatura gaúcha, indicando o seu cunho cultural, bem como a sua corporeidade e a expressão corporal por meio da organização do trabalho em grupo e com a realização das pesquisas pelos alunos.

Como identificado, alguns alunos viajam para obter as informações em outros lugares e em outros espaços do Rio Grande do Sul para compor os temas escolhidos, sendo acompanhados pelos professores orientadores e em alguns casos realizam entrevistas com várias pessoas nos locais de visita para qualificar os trabalhos escritos desenvolvidos.

O que demonstra a iniciativa desses alunos e acaba por desenvolver nos estudantes outras habilidades que não estão essencialmente atreladas somente aos conhecimentos históricos, o que se configura como uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa no Projeto Tertúlia Mestre é representada como uma aprendizagem indisciplinar, pois envolve o enriquecimento cultural, promovido pela capacidade dos alunos em trabalhar em grupo, apresentando o envolvimento e a responsabilidade. Logicamente, surgem lideranças nesses grupos para orientar os demais alunos, além disso, as turmas são apoiadas pela direção e pelos professores da Escola Mestre Santa Bárbara e, também, conta com a participação de toda a comunidade local.

Os resultados do estudo indicaram também que, o grande problema do Evento Tertúlia Mestre do ano de 2016 esteve relacionado às fontes de pesquisa que são consultadas e utilizadas pelos alunos para o desenvolvimento dos trabalhos escritos. Verificou-se que 60,34% das fontes consultadas eram de *sites* não científicos e não historiográficos, os quais acabam por vezes reforçando um pouco, apenas a questão do tradicionalismo. Portanto, esse foi um dos principais

problemas verificados no Evento Tertúlia Mestre 2016, pois nem todas as turmas, nem todos os alunos conseguem chegar a uma pesquisa que seja um pouco mais concreta e um pouco mais historiográfica.

Acrescenta-se que, a pesquisa realizada pelos alunos nessas fontes não historiográficas acaba fortalecendo alguns termos, mais ligados ao senso comum, à memória coletiva e ao tradicionalismo que é a grande questão que precisa ser resolvida com uma orientação de um professor de História.

Com os resultados obtidos optou-se pela realização de um ‘Roteiro Proposto’ intitulado como ‘**Roteiro para Estudos da História do Rio Grande do Sul**’, servindo como um orientador, composto por temas dos principais eixos temáticos que são pesquisados pelos alunos para a composição dos trabalhos escritos que são apresentados nos eventos do Projeto Tertúlia Mestre. O ‘Roteiro Proposto’ também apresenta as indicações de leitura das fontes historiográficas para fomentar as pesquisas dos alunos direcionadas ao estudo da História do Rio Grande do Sul.

Diante do exposto, acredita-se que o ‘Roteiro Proposto’ aqui sugerido, se aprovado, será muito útil também para os professores que atuam na pedagogia, em especial, os professores que lecionam História em outras escolas municipais do Estado do Rio Grande do Sul, que poderá se transformar em um livro didático de apoio pedagógico para o ensino da História.

Por sua vez, as limitações encontradas para o desenvolvimento do estudo estiveram atreladas ao fato de ser um tema muito delicado, pois existe a disputa entre o tradicionalismo e a historiografia para a assertividade da identidade do gaúcho e, também, em relação ao imaginário popular e senso comum sobre a diferença entre a tradição e a historiografia.

Outra limitação verificada foi a falta de publicação de referências bibliográficas e trabalhos científicos sobre o ensino da História do Rio Grande do Sul nas escolas, pois na maioria das vezes os materiais bibliográficos e científicos publicados estão mais direcionados à História do Brasil e à História Global nas escolas.

Um das recomendações compreende a divulgação anual dos resultados obtidos com a realização dos Eventos Tertúlia Mestre sob a responsabilidade da direção da Escola Mestre Santa Bárbara para o conhecimento e o estímulo para outras escolas do município de Bento Gonçalves/RS e, também, de outras escolas municipais do Estado, com a finalidade de desenvolver ações direcionadas para o ensino da História do Rio Grande do Sul nas escolas em geral do Estado, buscando também incentivar a comunidade em geral a participar do Evento Tertúlia Mestre promovido pela Escola Mestre Santa Bárbara anualmente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J.. **O gaúcho**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. Disponível em: <<http://www.domíniopublico.gov.br/download/texto/bv000134.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ARENDE, J. C.. O imaginário social em João Simões Lopes Neto. **Revista MÉTIS: História & Cultura**. v. 2, n. 4, p. 107-118, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1128/770>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

AUSUBEL, D. P.. *The psychology of meaningful verbal learning*. New York, Grune and Stratton, 1963.

_____. *Educational psychology: a cognitive view*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.

_____. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

_____. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução de *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*. Kluwer Academic Publishers, 2000.

_____. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J.; HANESIAN, H.. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

_____. *Educational psychology*. New York: Holt, Rinehart and Winston. Publicado em português pela Editora Interamericana, Rio de Janeiro, 1980. Em espanhol por Editorial Trillas, México, 1981. Reimpresso em inglês por Werbel & Peck, New York, 1986.

BACHELARD, G.. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTHES, R. **Mitologias**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BROM, L. G.; AGUIAR, T.. **Educação, mito e ficção**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522126460/cfi/0!4/4@0.00:32.9>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BRUM, C. K.. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n138/v39n138a05.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

_____. **“Educar para ser gaúcho”**: breves apontamentos sobre as relações entre movimento tradicionalista gaúcho e a escola. In: IX Congresso Argentino de Antropologia Social, 2008. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-080/145.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021.

CÔRTEZ, P.; LESSA, B. **Manual de danças gaúchas**. 7. ed. São Paulo, SP: Irmãos Vitale, 1997. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=TYb39ILcgTwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 02 maio.2021.

DELGADO, L. A. N.. **História oral: memória, tempo, identidades**, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582179208/cfi/4!/4/4@0.00:42.6>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

DUTRA, C. A. S. **A outra face do Rio Grande: ideologia e mitificação do gaúcho**. 2. ed. Brasilândia, MS: Clube e Autores, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=...>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

ESCOLA MESTRE SANTA BÁRBARA. **Projeto Tertúlia Mestre**. Bento Gonçalves, 2015; 2019; 2021.

ELIADE, M.. **Aspectos do mito**. Rio de Janeiro: Edições 70, p. 12-13, 1989.

FAZENDA, I. C. A.. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 93-103, jan./jun.2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/File/4146/3191>>. Acesso em: 25 abr., 2021.

GHISOLFI, A. M. C.. A palavra de Erico Verissimo e a trajetória do mito do gaúcho heroico na literatura rio-grandense. **Revista Travessia**, v. 11, n. 9, jul./dez., 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17555/16129>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GOMES, C. R. A. S.; TRINDADE, D. A.; ECOTEN, M. C. F.. BONETE, W. J. **Metodologia do ensino de história**. Porto Alegre: SAGAH, 2016. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582179208/cfi/4!/4/4@0.00:42.6>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GOMES, C.R.A.S.. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso – um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)**. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.

GONZAGA, S.. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: BACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (organizadores). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

GOWIN, D. B.. **Educating. Ithaca**, New York, *Cornell University Press*, 1981.

GUEDES, B. L.. O mito do Gaúcho e suas repercussões na História da Educação do Rio Grande do Sul. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 2, p. 53-68, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/download/2203/1874/0>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GUTFREIND, I.. O gaúcho e sua cultura. In. BOEIRA, N.; GOLIN, T.. **Colônia**. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2006.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D.P.&A, 2006.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (organizadores). **A invenção das tradições**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOWES NETO, G.. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/ce/wp-content/uploads/sites/373/2019/04/guilherme-de-bota-e-bombacha.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KONFLANZ, C.. **A moderna tradição gaúcha**: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho. 2013. 180 f. Dissertação (Mestre). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4715/1/448318.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

LE GOFF, J.. **História e memória**. Traduzido por Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 2003.

LESSA, L. C. B.. **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: LPM, 1985.

MACEDO, H. A. M.. De como se constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização no ensino da história. In: ALVEAL, C. M. O.; FAGUNDES, J. E.; ROCHA, R. N. A.. (organizadores). **Reflexões sobre a história local e produção de material didático**. Natal: EDUFERN, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23433/10/Reflex%C3%B5es%20sobre%20hist%C3%B3ria%20local%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20material%20did%C3%A1tico.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2021.

MENDONÇA, P. F.. **Pajador do Brasil**: estudo sobre a poesia oral improvisada. Porto Alegre: Evangraf, FUMPROARTE, 2009.

MEYER, A.. **Prosa dos pagos**. 4. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM)**. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: um conceito subjacente. *Revista Meaningful Learning*, v. 1, n. 3. p. 25-46, 2011. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsig-support.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

NECCHI, V.. A necessidade da desconstrução do machismo no universo regional: entrevista Jocelito Zalla. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, n. 493, Ano XVI, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/560186-a-necessidade-da-desconstrucao-do-machismo-no-universo-regional-entrevista-especial-com-jocelito-zalla>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B.. **Aprender a aprender**. Traduzido por Carla Valadares (*Learning How to Learn*), Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1999.

OLIVEIRA, R. S.; ALMEIDA, V. L.; FONSECA, V. A.; CANO, M. R. O.. **História**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática no ensino). Disponível em: <<https://integrada>>.

minhabiblioteca.com.br/#/books/9788521206750/cfi/19!/4/4@0.00:61.6>. Acesso em: 22 mar. 2020.

OLIVEN, R. G.. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil nação. Petrópolis, RJ, Vozes, 2006.

PELIZZARI, A.; KRIEGL, M. L.; BARON, M. P.; FINCK, N. T. L.; DOROCINSKI, S. I.. Teoria da aprendizagem segundo Ausubel. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2002. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PESAVENTO, S. J.. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 383-396, 1993. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1617/1985>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

POLLAK, M.. Memórias, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

RICOEUR, P.. **Tempo e narrativa**: Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 5.213, de 5 de janeiro de 1966 (atualizada até a Lei nº 12.072, de 22 de abril de 2004)**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%205.213.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

_____. **Lei nº 11.826, de 26 de agosto de 2002**. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/11.826.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B.. **História oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção Práticas Docentes). Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582174302/cfi/4!/4/4@0.00:33.0>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SEFFNER, F.. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: GIACOMONI, Marcelo Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Jogos e ensino da história**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lhiste/download/419/>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

WOODWARD, K.. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K.. **Revista Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZALLA, J.. **O centauro e a pena**: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas. Porto Alegre, 2010. 320 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24048>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

_____. Da memória ao ensino de história: uma abordagem crítica do regionalismo gaúcho na sala de aula. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, p. 903-919, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/lhiste/.../>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

_____. **A invenção de Simões Lopes Neto literatura e memória histórica no sul do Brasil**. 2018a. 522 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social. Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018a. Disponível em: <https://www.academia.edu/38843495/a_inven%C3%87%C3%83o_de_sim%C3%95es_lopes_netto_literatura_e_mem%C3%B3ria_hist%C3%B3rica_no_sul_do_Brasil>. Acesso em: 22 mar. 2020.

_____. **O centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018b. Disponível em: <<https://www.academia.edu/38918562/...pdf>> . Acesso em: 28 mar. 2020.

ZALLA, J.; ROSSATO, M. S.. Para repensar a região: uma proposta de ensino integrado de geografia e história. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/d453/3db43d2fe0173371b1dfef6bcf5cdb530652.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

ZORZAN, A. L.. O conhecimento científico em Bachelard. **Revista de Ciências Humanas**. Frederico Westphalen/RS, v. 6, n. 7, p. 85-100, 2006. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/270/498>>. Acesso em: Acesso em: 10 abr. 2017.

ANEXO A - CERIMONIAL DO EVENTO TERTÚLIA MESTRE 2016

EVENTO TERTÚLIA MESTRE 2016
<p>Dia 16 de setembro de 2016, Sexta-feira Ginásio Municipal de Esportes – 19h.</p>
<p>Boa Noite, Senhoras e Senhores! Sejam todos bem-vindos à segunda etapa da 8ª TERTÚLIA MESTRE 2016.</p>
<p>A cultura e a arte são manifestações importantes na construção da identidade humana, pois oferecem a oportunidade de perceber o que temos de singular e, também, amplia nossa visão de mundo. A cultura é tudo aquilo que não vem da própria natureza, mas, sim, é produzido. A arte vem da capacidade de reunir todas as dimensões humanas: a emotiva, a racional, a mística, a corporal.</p> <p>A união da cultura e da arte proporciona uma experiência única, e não pode ser substituída por nenhuma outra do conhecimento humano.</p> <p>Quando aliamos a arte e a cultura à busca de maior conhecimento das próprias raízes, tornamos ainda maior a riqueza dessa vivência, pois proporciona a cada um maior entendimento de si mesmo e do mundo que o cerca.</p> <p>Nós, da Escola Mestre Santa Bárbara, temos a honra de apresentar à comunidade de Bento Gonçalves a produção de cultura e arte, a partir de estudo e pesquisa sobre a tradição gaúcha, produzida por jovens meninos e meninas cheios de vida, juntamente com seus professores, especialmente os conselheiros, que, com muito esforço e dedicação, farão aqui o que de melhor podem oferecer.</p>
<p>Ressaltamos que, o que será apresentado nesta noite é o resultado de inúmeras horas de dedicação e trabalho em equipe.</p>
<p>O Projeto Tertúlia Mestre neste ano de 2016 envolve as vinte e duas turmas do Ensino Médio da escola, e busca, além de divulgar a cultura gaúcha, incentivar o trabalho pedagógico através do estudo, da cooperação e conseqüentemente da construção do conhecimento nas diferentes áreas da aprendizagem.</p> <p>Tendo em vista que o projeto é parte do calendário escolar de uma Instituição de Ensino, deve zelar pelo aprendizado integral dos alunos, ou seja, seu crescimento em termos pedagógicos, culturais e sociais. Portanto, a partir deste ano, foi avaliado considerando-se o desempenho das turmas em três quesitos: trabalho escrito de pesquisa e apresentação oral, apresentação artística e rendimento escolar da turma.</p>
<p>As apresentações artísticas desta noite serão avaliadas observando-se cinco critérios: Fidelidade ao tema escolhido; criatividade; caracterização: cenário e figurino; música e; dança: coreografia e harmonia.</p>
<p>Antes do início das apresentações, convidamos a todos para ouvirmos o Hino Nacional.</p>
<p>Lembramos ainda que cada turma, junto de seu Conselheiro e Comissão de Pais, deverá deixar os espaços que utilizar (arquibancada, quadra, palco, e outros) limpos e organizados, sem qualquer material usado na apresentação. A turma perderá o equivalente a 1 ponto na apresentação artística, caso não cumpra este critério.</p>

Para avaliar as apresentações, convidamos, mais uma vez, para compor a mesa de jurados:

- A representante da 16ª Coordenadoria Regional de Educação, senhorita Verônica Borges;
- Senhor Evandro Mattana: formado em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS); especializado em gestão e administração escolar; especializado em gestão pública; atuou como professor do Grupo Educacional Mutirão por 25 anos, nas unidades do Colégio Objetivo, Pré-Vestibular e Educação de Jovens e Adultos (EJA); atuou no Colégio Scalabriniano Medianeira nos anos de 2009 a 2012; atuou também no Pré-Vestibular Cursão e Escola Apoio Pré-Vestibular por disciplina em Caxias do Sul, pré-vestibular mutirão em Bento, Caxias, Veranópolis e Guaporé. Coordenou a Biblioteca Pública Castro Alves no ano de 2013. Atualmente, atua como coordenador cultural na Fundação Casa das Artes;
- Senhora Rosana Carlet: Licenciada em Geografia pela UCS, atuou como professora do Ensino Fundamental, Médio e EJA na rede estadual e particular; fez especialização em Orientação Educacional, área em que também atuou no Estado e, atualmente, exerce função de Orientadora Educacional junto ao Centro de Formação Profissional SENAI Nilo Peçanha, na cidade de Caxias do Sul;
- Senhor Eduardo Corbelini: ensaiador e instrutor em alguns CTGs da região; finalista no concurso de dança de salão do ENART 2009; formação pelo MTG como instrutor de danças de salão e danças tradicionais; peão Farroupilha do Rio Grande do Sul na gestão 2010/2011; 3º lugar em declamação ENART 2012 e; 3º lugar em declamação ENART 2013;
- Senhora Raquel de Marco: trabalhou durante oito anos na Coordenação de Projetos Sociais no Instituto Tarcísio Michelon, com foco em atividades ligadas ao desenvolvimento cultural de crianças e adolescentes; atualmente trabalha como produtora cultural, desenvolvendo e atuando em projetos das mais diversas áreas da cultura.

* Apresentações das turmas na seguinte ordem:

Professores

Num rápido e singelo olhar sobre as mulheres da nossa terra, descortinamos momentos de sua intimidade. Num ambiente perfumado e romântico revela-se a natureza feminina em intuição e sensibilidade.

Composição coreográfica de Leandro Antônio Padilha, música de Alexandre Brunetto, um arranjo coletivo e inserções melódicas do grupo adulto do CTG Aldeia dos Anjos e da composição “O Pastor” de Pedro Aires Ferreira Magalhães.

Convidamos, neste momento, as alunas Laura De Costa e Larissa Rustick Dalmas, para cantar o Hino Rio-grandense.

ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS TURMAS EM 16/09/2016**1ª TURMA**

Turma: 12M

Professora conselheira: Laís Viel

Música: Queixinho da Merência

Letra: Tiago Quimaia Iparaguirre

Coreografia: Priscila Marcon

O tema escolhido pela Turma 12M é a lenda “Queixinho da Merência”, muito conhecida aos moradores de Rosário do Sul, cidade situada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, na Serra do Caverá. Essa história se passou no final do século XIX, início do século XX, em um Brasil eminentemente rural, em que o patriarca ditava as leis e a família se submetia a elas. Um relacionamento não aceito pelo patriarca não era o ideal familiar da época.

A lenda conta a história de um romance proibido entre dois jovens, um homem rico e uma moça pobre. O relacionamento não era aceito pelo pai do rapaz, um rico estancieiro. O pai avisa e ameaça o filho sobre as consequências desse namoro, mas de nada adianta: os dois estavam apaixonados e dispostos a qualquer coisa.

Do amor dos jovens, apesar das incansáveis tentativas para alcançar a aceitação da família, restou apenas a saudade.

Com letra de Tiago Quimaia Iparaguirre e coreografia de Priscila Marcon, a Turma 12M adentra ao palco da Tertúlia Mestre 2016 para contar essa história trágica e emocionante.

*“E em pedaços seu corpo ficou no banhado,
o preconceito acabou com seu sonho dourado,
e em um triste amanhecer
a poesia abandonou os campos...”*.

Com vocês, a Turma 12M!

2ª TURMA

Turma: 22N

Professora conselheira: Lisângela Balotin

Coreografia: Daniel de Almeida

Música: Enchendo os olhos de campo

Letra: Gujo Teixeira

Boa noite a todos aqui presentes neste momento especial para a Escola Mestre. A Turma 22 do noturno escolheu, para este momento, a música ‘Enchendo os olhos de campo’. É uma obra de substância ímpar, preocupada com a autenticidade, fiel à raiz campeira, que se faz universal por ser identificada com a sua terra e o seu povo. Ela resgata, nos galpões, as vozes reportadas pelo silêncio das ausências que, de novo, acendem o fogo, desencilham os cavalos e tomam posse das terras transformadas pelo progresso.

Na letra de Gujo Teixeira, a poesia tem sotaque de querência e de saudades:

*“Partiram pra longe, feito tantos do campo, feito tantos dos meus
Que por conta de Deus e a procura de mais encilharam cavalos
E rumaram para sempre, deixando o galpão, saudade e um mate
Pra depois n'outro embate, pelear por um sonho e talvez encontrá-lo”.*

Na melodia e na voz de Luiz Marengo, o Rio Grande reconhece o próprio canto, afinado pelos sons do campo. É muito gratificante escutar essa verdadeira poesia gaúcha cantada e apresentar este trabalho que NOS ENCHE OS OLHOS DE CAMPO!!!

3ª TURMA

Turma: 21N

Professor conselheiro: Jader

Coreografia: Jean

Música: Contos, lendas e cantigas

Letra: Jorge Marino

A Turma 21N do noturno vai apresentar a música ‘Contos, lendas e cantigas’ de Jorge Marino. Essa música retrata as belezas do nosso Rio Grande do Sul, com sua cultura, músicas tradicionalistas, danças, suas mais variadas cantigas e diversas lendas.

Com vocês, a turma 21N!

4ª TURMA

Turma: 16M

Professora conselheira: Mônica Zanchetta

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

Música: O Rei do Gado

Quando aqui cheguei, muitas promessas me foram feitas, terras, fortunas e um lar para morar... Mas não era exatamente isso o que acontecera, cortei mato, rocei o campo e abri pastagens, por anos sofri a saudade das lonjuras e aos poucos fui criando algumas reses... Mas lhe digo meus amigos... Eu não parei por aí... E me fortaleço ao lembrar que: “Deus, quando fez o mundo, não deu terra pra ninguém, porque todos os que aqui nascem são seus filhos. Mas só as merece aquele que a faz produzir, para si e para os seus semelhantes. O melhor adubo da terra é o suor daqueles que trabalham nela”. E é com essa garra que a Turma 16M vem ao palco derramar o seu suor e bater no peito pra aclamar: Que nós seremos os verdadeiros reis do gado!!

5ª TURMA

Turma: 36M

Professora conselheira: Élide Bortolon

Coreografia: William Silva e André Santa Lucia

Música: Alma Charrua

Letra: Alexandre Brunetto

A Turma 36M nessa Tertúlia Mestre 2016 vem contar a história dos índios Charruas, com música de autoria de Alexandre Brunetto e coreografada anteriormente pelo CTG Ronda Charrua. Os Charruas são considerados os primeiros habitantes do Pampa Sulino, índios de cabelos lisos, olhos amendoados e praticantes de rituais vistos como bárbaros e demoníacos. Povo guerreiro e muito resistente à colonização europeia que ocupou nossas terras a partir do século XVI, povo que não aceitou perder sua terra, sua cultura, sua religião, povo que lutou contra a catequização, a escravidão e a ocupação de suas terras. Por serem grandes guerreiros, foram convidados por seus colonizadores a lutar a seu lado, mas esse convite para lutarem juntos não passava de uma traição, uma traição para tentar eliminar os verdadeiros donos dos pampas, que acabaram mortos por seus novos aliados. Porém, seus rituais e sua crença na vida após a morte os trouxe até aqui para defender suas terras, para mostrar sua alma guerreira, sua alma charrua, A ALMA DA TURMA 36 M!

6ª TURMA

Turma: 31M

Professora conselheira: Giordana Tigre

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

Música: No compasso do coração

Letra: Alexandre Brunetto

“Um dia cansei de andar,

Por buscar o esquecimento

Desejei ser como o vento

Que vai passando sozinho

Sem repisar o caminho

Sem conhecer paradeiro...

E sobre esse desafio,

Eu sou meu próprio desafio

De ter esse mundo por um fio

Como um rio caudaloso...

Rompendo as correntes

Para proteger-me do frio

Desafio incerto por estar certo de um novo horizonte

Trazendo luz, olhos marejados, calafrios...

Faço em mim a minha crença, faço a sutil diferença

De ter aos meus pés o meu próprio desafio...”.

E por isso a Turma 31M lhes convida para conhecerem a rotina dos trabalhadores durante a Revolução Industrial quando surgiram os primeiros sapateados em desafio.

7ª TURMA

Turma: 32M

Professora conselheira: Vanesa Colle

Música: Liberdade, Igualdade.

Coreografia: Willian e André

Em 1888, a Lei Áurea põe fim ao trabalho escravo e às vantagens dos estancieiros, libertando todos os homens de seus cativos. Assim, é que se inicia a igualdade entre os homens. Todos deveriam ter os mesmos direitos, mas essa lei não vale para todos, já que os negros têm que lutar para serem livres, mas isso é “mais que um sonho, um ideal, de ter paz para viver”. Para isso, é preciso dar o devido destaque para o papel do negro e mostrar que a cor de um homem não o classifica. Muito pelo contrário, a cor, a cultura só incentiva a igualdade entre diferentes raças étnicas e fortalece o laço do gaúcho com sua história. Por isso, a 32M vem apresentar a história do negro no Rio Grande do Sul.

8ª TURMA
<p>Turma: 33M</p> <p>Professora conselheira: Silvana Zanin</p> <p>Coreografia: Guilherme Greselle e Suelen Marini.</p> <p>Música: ‘Tropeiro de Pai pra Filho’, autoria de Lucas Contini</p> <p>A Turma 33M traz ao palco os momentos de lazer vividos pelos tropeiros quando saíam em tropeadas, bem como ataques de índios nativos, obrigando-os a manter constante guarda. Em contraponto, mostramos a saudade infinda das mulheres, guardando anseios pela chegada de seus filhos e seus amores. Com letra e música de Lucas Contini, coreografia de Guilherme Greselle e Suelen Marini, com os senhores, os tropeiros da Turma 33M!</p>
9ª TURMA
<p>Turma: 23M</p> <p>Professora conselheira: Luciana Bonato Lovato</p> <p>Música: Batalha do Barro Vermelho e Sentimento Gaúcho</p> <p>Letra: Juliano Elói</p> <p>Coreografia: Norton e Marjan</p> <p>“Quem nunca cantou de peito aberto nosso hino? Gritou suas frases em defesa do nosso chão? Amar o Rio Grande é uma questão de honra! Nosso hino nos representa, nos reafirma e nos faz retratar a história de quem lutou pelo que somos. Foram os lendários Farrapos que com a glória das guerras, derramaram seu sangue pelo nosso rincão. A aurora que brota no olhar de cada gaúcho ao amanhecer é a mesma que pensa no futuro dos seus e na função de cultivar nossas Raízes. Nosso hino, nosso maior patrimônio, nossa IDENTIDADE!”</p> <p>A Turma 23M vem a essa Tertúlia expressar através da dança com as músicas ‘Batalha do Barro Vermelho’ e ‘Sentimento Gaúcho’ de autoria de Juliano Elói, o amor ao nosso Rio Grande, contando a história do nosso hino. ‘E que sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra’.</p>
10ª TURMA
<p>Turma: 12N</p> <p>Professor conselheiro: Eduardo</p> <p>Música: Morte de Jacobina Mentz</p> <p>Coreografia: Daian Audibert e Gabriel Rodrigues</p> <p>E é com imensa honra que chamamos a Turma 12N para apresentar sua performance gauchesca em que será contada e interpretada a história de vida da curandeira Jacobina Mentz Mauer.</p>

11ª TURMA

Turma: 34M

Professora conselheira: Silmara Argenton

Música: Gaúcha Viagem

Coreografia: Márcio Dorneles

Em 1919, foi inaugurada no município de Bento Gonçalves a primeira estação ferroviária. Tal construção proporcionou ao município e à região um transporte mais ágil, um aprimoramento econômico e o progresso industrial e comercial. As linhas férreas facilitaram o escoamento dos produtos agrícolas e possibilitaram a inserção de escolas, armazéns e ambulatórios. Tendo os trabalhos iniciados pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul e concluídos pelo Primeiro Batalhão Ferroviário, esse marco da história de Bento Gonçalves e do nosso amado Estado renasce hoje através da Turma 34M! E dê-lhe apito, maquinista! E dê-lhe fogo na caldeira!!

12ª TURMA

Turma: 35M

Professora Conselheira: Silvana Zanin

Coreografia: Fábio Franceschini

A Turma 35M fará sua apresentação com música ao vivo, montagem de Fábio Franceschini e trilha sonora de Bruno Salvagni.

13ª TURMA

Turma: 22M

Professores conselheiros: Allan Guerra e Paulo

Música: Poema Solar da Baronesa

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

Os bailes são considerados forte manifestação da aristocracia pelotense. Destinados exclusivamente aos nobres, ocorriam em salões de festa com decorações majestosas. O principal objetivo deles era expor sua elegância e riqueza, com danças minuciosas e trajes nobres. A dança em destaque foi chamada minueto, a dança dos passos miúdos, muito popular na corte de Luís XIV e caracterizada pela delicadeza nos passos. E hoje, diretamente da cidade de Pelotas, apresentamos os aristocratas da Turma 22M, que demonstrarão, através do minueto, a fineza e elegância em seus passos, destacando a diversidade na cultura gaúcha.

14ª TURMA

Turma: 11M

Professoras conselheiras: Marciela Gabana e Flávia

Música: A rosa e o florete

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

Boa noite a todos, é com grande orgulho que a Turma 11M vem a palco para contar uma história pós-revolução. Uma história de amor. Entre duelos de espada, e os preparativos para a revolução nos bailes do suntuoso palácio Farroupilha, Florete, como era conhecido por suas habilidades nos campos de Batalha, um belo rapaz, conhece Rosa, filha de um comandante da Guarda Real... Esse encontro irá moldar sua juventude, pois perceberá que além das lutas que trava com seu Florete, terá que lutar com seu coração, que também fora incendiado por um breve instante. E perdendo seus sentidos, resolve desafiar seu comando em nome de um amor. Num misto de sonhos e realidade, ordem e revolução, indica Rosa para duelar, chocando a todos. E então, quando a Rosa e o Florete se encontram, entrelaçam gestos e movimentos com olhares apaixonados ao ritmo do pulsar de seus corações. Em busca de um amor impossível que atravessava dois mundos.

15ª TURMA

Turma: 14M

Professora conselheira: Caroline Machado

Música: Motivos para Voltar

Letra: Fábio Soares.

Coreografia: Evandro e Suelen

Os alunos da Turma 14M trazem em cena o tema ‘tropeirismo’, em que demonstram o retorno das viagens dos bravos tropeiros, que desbravaram matas, rios e inúmeros caminhos até então intocados pelo homem, fomentando, desta maneira, o comércio brasileiro. E depois de uma longa e dura jornada, a saudade, antes tanto sentida por esses corajosos homens, agora dará lugar à felicidade ao se reencontrarem com suas amadas na encenação do seu regresso através da música ‘Motivos para Voltar’, composta por Fábio Soares.

16ª TURMA

Turma: 15M

Professoras conselheiras: Luciana Bonato Lovato e Franciele Grecza

Música: Sentimento Gaúcho

Coreografia: Márcio

Boa noite! Neste mês, em que festejamos a Semana Farroupilha, contar a história do Hino e da Bandeira Rio-grandense, é uma forma de homenagear um povo que tanto lutou por liberdade e que não pode deixar preso o orgulho de ser Gaúcho. Senhoras e Senhores, apresentamos a vocês a Turma 15M, com a música ‘Sentimento Gaúcho’, autoria de Juliano Elói.

17ª TURMA

Turma: 24M

Tema: Tropeiros

Professor conselheiro: Eduardo Pompermayer

Coreógrafo: William Silva

A Turma 24M traz para essa Tertúlia Mestre 2016, com música de Juliano Eloy, produzida para o GTCN Velha Carreta, parte do cotidiano dos desbravadores do nosso atual território, os Tropeiros. Viajantes destemidos que abriram os caminhos para nosso Estado, trazendo o desenvolvimento para as nossas vilas e crescimento para o comércio e economia de todo o país levando gado, cavalos e mulas para abastecer as regiões mais ao norte. Esses homens valentes deixavam suas casas para se aventurar nas extensas florestas que cobriam o nosso território, enfrentando o frio, a chuva, o sol e os perigos e surpresas que a mata guardava para eles. Muitas vezes além das tropas de animais, levavam escravos, os patrões e até mesmo suas famílias se necessário, abrindo caminhos e ligando nosso atual Rio Grande do Sul ao Brasil, caminhos esses que até hoje são usados por nós. E não só os caminhos, mas muito dos costumes, roupas, alimentos, lazeres e práticas da lida com o gado foram incorporados pelos nossos peões rio-grandenses. São esses personagens destemidos, aventureiros e desbravadores que são representados hoje pelos TROPEIROS DA TURMA 24M!

18ª TURMA

Turma: 32N

Professor conselheiro: Giovanni

Música: Abrindo caminho

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

A Turma 32N vem a palco para resgatar um dos temas mais importantes na formação do Rio Grande do Sul, os Gaúchos e seus Cavalos:

“Os pensamentos são como vento...

Cavalos selvagens nos campos da tempestade dos nossos sonhos.

São a força da fonte dos desafios... Dos aromas empolgantes, viagens bravias segredo, liberdade infindável dos andantes.

Rostos a resgatar memórias de um possível passado, passado escrito no fogo donde o próprio tempo não conseguirá apagar...”. E COM OS SENHORES A TURMA 32N.

19ª TURMA
<p>Turma: 11N</p> <p>Professora conselheira: Élide</p> <p>Música: Gaúcho largado e Adeus Mariana.</p> <p>Letra: Pedro Raimundo.</p> <p>Coreografia:</p> <p>A Turma 11N tem como tema as músicas ‘Gaúcho largado’ e ‘Baile da Mariana’, de autoria do saudoso Pedro Raimundo. É a história de um gaúcho largado que estava sempre nos bailes, literalmente largado sem eira e nem beira. Em um desses bailes, ele conhece a linda Mariana, uma moça de família rígida, criada no sistema antigo, na rédea curta, porém com um gênio muito forte, sempre desconfiada do gaúcho por ele ser desse jeito largado.</p> <p>A Turma 11N interpreta em forma de paródia como eram os bailes de antigamente. Senhoras e senhores, com vocês a turma 11N.</p>
20ª TURMA
<p>Turma: 31N</p> <p>Professora conselheira: Jucele</p> <p>Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)</p> <p>Foi nas longas viagens nos navios com destino à América prometida, que vênnetos, trentinos e lombardos começaram a cultivar a ideia da italianidade, como é conhecida hoje no Rio Grande do Sul. Empurrados pela pobreza e perseguições, os imigrantes passaram a se sentir parte de uma mesma identidade étnica. Na travessia do Oceano Atlântico, no final do século XIX, uma Itália passava a ser construída... fora da Itália.</p> <p>E é com muito orgulho que a Turma 31 N vem a palco contar a história de uma gente, a história do meu povo.</p>
21ª TURMA
<p>Turma: 21M</p> <p>Professor conselheiro: Nasser Lanza</p> <p>Música: Los Camiluchos</p> <p>Coreografia: Daian Audibert e Gabriel Rodrigues</p> <p>No dia de hoje desvendaremos um mito, contaremos a história do verdadeiro gaúcho, o gaúcho camilucho, não aquele que vemos hoje com seus trajes atuais bem arrumados, mas o gaúcho que foi rejeitado pela sociedade, por ser um ícone de má índole, um homem sem rumo sem dono, que roubava por honra e por glória, com seu jeito valente, destemido e aguerrido e que era muitas vezes a solução dos problemas da época.</p> <p>A história conta a recuperação de um roubo, onde a milícia espanhola que aqui no Rio Grande residia, tomou o gado do povo, sem dó nem piedade, aí surge o camilucho bandoleiro, que vivia sem pago e fazia todos os tipos de serviços pela prata e por glória, e acabaram por ficar com fama de bandidos para os espanhóis e de heróis para o povo gaúcho... viemos aqui para mostrar os dois lados desta moeda, e esperamos que por si próprios se ‘Los Camiluchos’ são bandidos ou se são heróis.</p>

22ª TURMA

Turma: 13M

Professor conselheiro: Jader

Música: Escravo de Senzala e saladeiro

Coreografia: Fábio Franceschini (Gringo)

O Negro Saladeiro

*“Havia gemidos na ala escura da fazenda.
Através da fenda mais obscura via-se a dor
E, para aqueles que ali ficavam
Só restava o clamor.
Não tinham renda,
Muito menos direito ao amor.
Não pensavam que tinha alma
O negro do tambor
Pois muitos acreditavam ser maldição a sua cor”.*

Abram bem os seus olhos, senhoras e senhores, que a Turma 13M vem ao palco para bradar por um grito de Liberdade...

AGRADECIMENTOS FINAIS

Agradecemos, a atenção e a colaboração de todos os presentes e de todos os envolvidos neste projeto que, pelo que vimos hoje, será lembrado com muitas alegrias e emoções por todos. Aos nossos jurados, um agradecimento especial pela disponibilidade e comprometimento de passar mais este momento conosco.

A todos os professores e professores Conselheiros, alunos nossa gratidão e tenham certeza de dever cumprido.

Bom descanso a todos. Obrigada!

ANEXO B – DEPOIMENTOS SOBRE O PROJETO TERTÚLIA MESTRE**ALUNA I**

“Após participar três vezes do projeto ‘Tertúlia Mestre’, desenvolvido pela escola estadual Metre Santa Bárbara, cujo objetivo expande as apresentações artísticas e procura a compreensão e o ensino dos alunos sobre os temas relacionados à cultura gaúcha, percebo a relevância do projeto na aprendizagem em diversos campos. Não devendo, no entanto, ocultar pontos consideravelmente desagradáveis. A Tertúlia permite uma interação e integração entre os alunos da turma, que desenvolve-se, sobretudo durante os ensaios que antecedem a apresentação artística, mas que também ocorrem na preparação de cenários e preparações para a apresentação teórica. Além disso, também entendo como importante, em relação à parte artística, o contato com a dança e, a partir das práticas bem administradas, os seus bons resultados. Já, o trabalho teórico, que não apenas familiariza os alunos a produções acadêmicas, permite uma ampliação de visão da história Rio Grande do Sul. E para isso demanda a atenção principalmente dos professores de história (que, por sorte, tive no primeiro ano de ensino médio), para que não se fique preso a ideias fantasiosas de que se oculte parte da história, somente para embelezar o trabalho. Acredito que, dentro das problemáticas, a maioria seja em decorrência do peso da competição e do tempo destinado ao projeto, que por vezes ultrapassa o desejado e sobrepõem-se a outros estudos ou afazeres. Não posso deixar de lamentar quando as notas da turma passaram a ser desconsideradas, já que o projeto impulsionava iniciativas como grupos de estudo. Contudo, não ignoro o fato de que a possibilidade de estar em contato com diversas formas de aprendizagem é a principal engrenagem para o bom entendimento” (ALUNA I).

ALUNA II

“O projeto Tertúlia da Escola Mestre Santa Bárbara proporcionou-me a oportunidade de aprofundar conhecimentos importantes sobre a cultura gaúcha, o que contribuiu para agregar em minha formação escolar. O projeto consiste em duas apresentações: uma teórica, em que cada turma apresenta seu tema escolhido a uma banca de jurados que avaliará critérios como a justificativa do tema escolhido e sua relação com a cultura gaúcha, assim como o contexto histórico e cultural, entre outros quesitos. Nesse primeiro momento passamos por um processo de intensa preparação em que íamos desbravando os saberes acerca de tal tema, sempre nos baseando em materiais acadêmicos, livros, artigos científicos, entrevistas com pessoas da área e visitas a lugares que guardam tais histórias como museus, parques e até mesmo propriedades familiares. Todavia, desde a escolha do tema começávamos também a preparação para a apresentação artística (a segunda forma de avaliação) em que precisávamos interpretar através da dança nosso tema com muita criatividade e fidelidade. Com a junção destas duas apresentações foi possível aprender mais profundamente, nos permitindo conhecer melhor e de forma mais ‘prática’ já que adentrávamos nessa atmosfera com muito orgulho de nossas raízes. Mas nem sempre era fácil chegarmos a um consenso, já que muitas vezes discutíamos pelos choques de ideias e pelas diferentes personalidades que precisavam chegar a um ‘meio termo’ para que de fato houvesse um bom andamento do nosso trabalho. Porém, com a ajuda de nossos mestres fomos aprendendo, a cada ano que passava a importância de escutar o outro, respeitando e levando em consideração sua perspectiva, que muito ajudava para nosso crescimento pessoal inclusive. Desafios sempre nos eram impostos, mas a vontade de conhecer nossa história e representar aqueles que antes de nós tornaram o que hoje conhecemos como sendo o nosso Rio Grande do Sul, superava qualquer obstáculo. Aprendemos a respeitar e nos orgulhar de todos os grupos que formaram nossas raízes culturais e, conseqüentemente suas tradições que foram deixadas e pensadas por gerações e que ainda hoje muito influenciam em nosso cotidiano. A união que ficava e os laços que se formaram ao final de cada trabalho nos dava a plena certeza de que trilhávamos o caminho certo, contribuindo inclusive para levar adiante esses conhecimentos, o que permitiu mudar nossa visão pré-concebida dos fatos e da história. A história ganhou sentido. O sentimento de ‘ser gaúcho’ e fazer parte deste povo, desta cultura tão vasta e bela, atrelado ao nosso maior entendimento ganhou mais forma e sentido. O sentimento que fica após esta experiência é o da gratidão e satisfação à instituição, aos professores e demais indivíduos envolvidos que nos possibilitaram tal vivência tão enriquecedora” (ALUNA II).

ALUNA III

“Aluna do Mestre Santa Bárbara durante meus três anos de ensino médio, fui participante do maior projeto da escola chamado Tertúlia, que busca na ludicidade o máximo aprendizado dos alunos sobre a verdadeira história do nosso estado. O projeto é dividido em duas modalidades, sendo elas: teórica e artística. Na apresentação teórica, os alunos devem apresentar a um grupo de jurados, toda informação que puderem recolher sobre o tema escolhido pela turma que será representado por meio de uma apresentação artística no Ginásio Municipal da cidade ao mesmo corpo de jurados. Creio que o maior benefício que o projeto traz aos educandos, seja a quantidade de informações novas e aprendizados que são adquiridos pelos alunos em suas pesquisas sobre o tema, que buscam fontes confiáveis, principalmente em artigos acadêmicos, aprofundando ao máximo seus saberes que são levados por cada um por toda sua vida. Estudar a história do estado tão detalhadamente, traz novas visões sobre o RS, que por diversas vezes foi mitificada. Ao final, o esforço coletivo é representado nas apresentações. Ademais, a apresentação artística também demanda conhecimento e aprendizagem, que pelo esforço coletivo necessário resultam em uma união única da turma. Logo, apesar de o projeto demandar tempo, dedicação e esforço dos alunos, traz consigo uma nova visão de nossa história, cultura e ensino, além da união” (ALUNA III).